

GARTH NIX

As Chaves do Reino

Sr. Segunda-Peira



FUNDAMENTO



GARTH NIX

As Chaves do Reino

Sr. Segunda-Feira

EDITORIA
FUNDAMENTO

Editor e edição de texto: Editora Fundamento
Capa e editoração eletrônica: Desdobra — Design do Brasil
CTP e impressão: Sociedade Vicente Pallotti
Produzido originalmente por Scholastic Press.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nix, Garth

As Chaves do Reino: Senhor Segunda-Feira/Garth Nix; [versão brasileira: Editora Fundamento] — 1. ed. —

Título original: The keys to the kingdom: Mister Monday

1. Ficção — Literatura infanto-juvenil
2. Literatura infanto-juvenil I. Título.

07-10426 CDD-028. 5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028. 5
2. Literatura juvenil 028. 5

Fundação Biblioteca Nacional

Impresso no Brasil

Digitalização e Revisão: Yuna

Prólogo

Eles tentaram destruir o Testamento, mas isso estava além de seus poderes. Então, resolveram quebrá-lo de duas maneiras. Foi quebrado fisicamente, rasgado, e os fragmentos do pergaminho rústico foram espalhados pelo espaço e pelo tempo. Foi quebrado em espírito, porque não teve nenhuma de suas cláusulas cumprida.

Se os traiçoeiros Curadores agissem a seu modo, nenhuma cláusula do Testamento seria cumprida. Para garantir isso, todos os sete fragmentos foram habilmente escondidos.

O primeiro e menor deles foi muito bem amassado dentro de um pedaço de cristal claríssimo, mais duro que um diamante. Depois, o cristal foi guardado em uma caixa de vidro inquebrável. A caixa foi trancada em uma gaiola de prata e malaquita, que foi presa à superfície de um sol morto, no finzinho do Tempo.

Em torno da gaiola, 12 Sentinelas de metal montavam guarda, cada uma posicionada na direção de um dos números de um mostrador de relógio esculpido com luz permanente na matéria escura da estrela morta.

As Sentinelas tinham sido criadas especialmente para guardar os fragmentos. Eram vagamente humanas na aparência, embora com o dobro da altura e com a pele feita de aço luminoso. Rápidas e flexíveis como gatos, possuíam, no lugar das mãos, lâminas que saíam dos pulsos. Cada Sentinela era responsável pelo espaço entre sua hora e a seguinte. A líder ficava entre o 12 e o 1, de onde comandava todas as outras.

Elas eram vigiadas por um corpo de Inspetores, cuidadosamente escolhido, seres inferiores que não ousariam questionar os violadores do Testamento. De 100 em 100 anos, um desses Inspetores aparecia para verificar se tudo estava bem e se o fragmento continuava guardado em segurança.

Em períodos de tempo recentes, os Inspetores foram se tornando negligentes, raramente fazendo mais do que aparecer, dar uma olhada na gaiola, na caixa e no cristal, saudar as Sentinelas e desaparecer. As Sentinelas, que por 10 mil anos tinham se dedicado a marchar entre as divisões do relógio, não aprovavam aquele descuido com o dever. Mas não era de sua natureza reclamar, nem havia como fazer isso. No máximo, se necessário, poderiam acionar o alarme.

Elas tinham visto muitos Inspetores chegar e ir embora. Jamais tinha havido outras visitas. Ninguém havia tentado roubar ou resgatar o pedaço do Testamento. Em resumo: nada tinha acontecido naqueles 10 mil anos.

Então, em um dia absolutamente igual aos 3,5 milhões de dias anteriores, chegou um Inspetor que levava seus deveres mais a sério. Ele apareceu, simplesmente, na placa de transferência diante do mostrador do relógio, o chapéu meio torto, segurando a autorização oficial com firmeza, de

modo que o brilhante selo dourado fosse visto claramente. As Sentinelas se empertigaram à sua chegada, com as lâminas tremendo de ansiedade. A autorização e o selo eram apenas uma parte dos requisitos necessários à aproximação do Inspetor. Sempre havia a possibilidade de que a senha deixada pelo visitante anterior não fosse proferida corretamente, e as lâminas das Sentinelas tivessem afinal de entrar em ação, cortando.

Claro que elas deviam conceder ao Inspetor a graça de um minuto. Não seria difícil que a transferência entre tempo e espaço confundisse por alguns momentos as idéias de qualquer ser, imortal ou não.

Aquele Inspetor parecia um tanto malvestido. Tinha uma forma humana razoavelmente padrão, como a de um homem de meia-idade que viesse rapidamente engrossando a cintura. Seu corpo se espremia em uma sobrecasaca azul, lustrosa nos cotovelos e suja de tinta no punho direito. A camisa branca não era lá muito branca, e a gravata verde mal-arrumada não disfarçava o colarinho desabotoado. O chapéu, com bastante uso, estava amassado e caído para a esquerda; quando o tirou para cumprimentar as Sentinelas, deixou cair um sanduíche embrulhado em jornal. Rapidamente agarrou o embrulho e o escondeu no bolso interno do casaco, antes de dizer a senha.

— Incenso, enxofre e arruda, sou um Inspetor, honesto e verdadeiro — recitou meticulosamente, tornando a mostrar o selo da autorização.

A Sentinela das Doze Horas voltou para o lugar em resposta à senha e ao selo, cruzando as lâminas, o que provocou um ruído semelhante ao amolar de facas. O Inspetor estremeceu e fez uma saudação.

— Aproxime-se, Inspetor — entouou a Sentinela, que era de poucas palavras.

O Inspetor fez que sim com a cabeça e, cautelosamente, passou da placa de transferência para a escuridão pesada da estrela morta. Ele havia tomado a precaução de usar Botas Imateriais (disfarçadas de pantufas) para neutralizar o desnível da matéria escura da estrela morta, embora seu superior tivesse garantido que a autorização e o selo seriam proteção suficiente. Fez uma pausa para apanhar a placa de transferência, porque gostava dela: uma grande travessa de porcelana branca, delicada, com estampa de frutas, em vez do disco brilhante, mais comum, feito de uma liga de metal composta de ouro e prata. Era arriscado usar uma placa de porcelana, que poderia quebrar-se facilmente, mas o Inspetor dava importância à beleza.

Nem os Inspetores tinham permissão de ultrapassar o aro interno do mostrador do relógio, onde uma linha dourada percorria a base dos números. Por isso, ele caminhou cuidadosamente em direção à Sentinela das Doze Horas e parou junto da linha. A gaiola de prata parecia segura, como sempre, e a caixa de vidro continuava intacta em sua bela transparência. Via-se com clareza o cristal dentro dela, exatamente onde deveria estar.

— Tudo, ahm, parece em ordem — o Inspetor resmungou. Aliviado, tirou uma caixinha do bolso do casaco, abriu-a e, com a agilidade conseguida

pela prática, aplicou uma pitada de rapé à narina direita. Era um rapé novo, presente de uma autoridade.

— Tudo, ahhh, ahhh, em ordem — ele repetiu, soltando em seguida um estrondoso espirro que lhe sacudiu o corpo todo e, por um momento, ameaçou desequilibrá-lo, jogando-o além da linha dourada.

As sentinelas saltaram à frente, deixando a posição regular. As lâminas da Sentinela das Doze Horas movimentaram-se com rapidez, chegando pertinho do rosto do Inspetor, que agitava os braços desesperadamente, para recuperar o equilíbrio. Finalmente, ele conseguiu e manteve-se do lado direito da linha.

— Lamento muitíssimo, é um hábito terrível! — ele exclamou, atirando longe a caixa de rapé. — Sou um Inspetor, lembra? Aqui está a autorização! Vejam o selo!

As Sentinelas se acalmaram e retomaram a posição habitual. Os braços da Sentinela das Doze Horas voltaram a ficar ao longo do corpo, afastando a ameaça das lâminas.

O Inspetor tirou da manga um enorme lenço remendado e esfregou-o no rosto. Mas, enquanto enxugava o suor, teve a impressão de ver algo se mover na superfície do mostrador do relógio. Alguma coisa pequena, fina e escura. Ao afastar o lenço e piscar os olhos, porém, não viu mais nada.

— Será que existe algo a relatar? — perguntou nervosamente.

Era Inspetor há pouco tempo. Até 4 séculos menos 1 década atrás, não passava de um Inspetor da Quarta Ordem. Na maior parte da sua carreira, praticamente desde o Início do Tempo, tinha atuado como Terceiro Porteiro do Salão dos Fundos.

— Nada a relatar — disse a Sentinela das Doze Horas, esgotando seu vocabulário-padrão.

O Inspetor gentilmente tocou o chapéu, cumprimentando a Sentinela, mas estava preocupado. Sentia algo no ar. Alguma coisa não ia bem. Contudo, o castigo por alarme falso era terrível. Ele podia ser rebaixado a Porteiro de Salão ou, pior, ser “corporizado”, privado de sua memória e de seus poderes e enviado a algum ponto dos Reinos Secundários como um simples bebê.

Claro que o castigo por deixar passar um fato importante era ainda pior. Ele poderia ser corporizado, mas sob uma forma nem vagamente humana, ou ser enviado a um mundo onde não houvesse vida inteligente. E havia possibilidades ainda mais terríveis, porém ele se recusava a pensar nelas.

O Inspetor examinou novamente a gaiola, a caixa de vidro e o cristal. Tirou um pequeno binóculo de um bolso interno e olhou através dele. Mais uma vez, não percebeu coisa alguma fora de ordem. “Com certeza”, disse para si mesmo, “as Sentinelas saberiam se algo estivesse errado”.

Deu um passo para trás, deixando o mostrador do relógio, e limpou a garganta.

— Tudo certo. Bom trabalho, Sentinelas — falou. — A senha para o próximo Inspetor será “cardo, palmeira, carvalho e teixo; sou um Inspetor honesto e verdadeiro”. Entendeu? Excelente. Vou embora.

A Sentinela das Doze Horas fez uma saudação. O Inspetor tocou o chapéu mais uma vez, girou sobre os calcanhares e posicionou a placa de transferência, entoando as palavras que o levariam à Casa. De acordo com o regulamento, ele deveria reportar-se ao Escritório de Atividades Extraordinárias, no 4.015º andar, mas estava em dúvida, louco para chegar a seu estúdio no 2.010º andar e tomar uma boa xícara de chá.

— Da escuridão da estrela morta à luz brilhante da lâmpada, de volta aos meus aposentos, longe da noite!

Antes que ele subisse na placa, uma coisa pequena, fina e muito escura ultrapassou correndo a linha dourada e, esgueirando-se entre as pernas da Sentinela das Doze Horas e sobre a Bota Imaterial esquerda do Inspetor, subiu na placa. A fruta pintada de azul e verde luziu como vidro, e a placa, em meio a uma nuvem escura, desapareceu em um sopro de fumaça densa e malcheirosa.

— Alarme! Alarme! — gritaram as Sentinelas, deixando o mostrador do relógio para se aglomerar em torno do local onde estava a placa, com as lâminas a faiscar em todas as direções, ao som incrivelmente alto de 12 despertadores, que tocavam em algum ponto de seus corpos de metal. O Inspetor se encolheu diante das Sentinelas, começou a soluçar e morder a ponta do lenço. Ele sabia o que era aquela nuvem preta. Aterrorizado, ao vê-la de relance ele a tinha reconhecido.

Era uma linha de um texto escrito à mão. O texto do fragmento que deveria estar amassado dentro do cristal, trancado na caixa inquebrável, guardada na gaiola de prata e malaquita, presa à superfície de um sol morto e vigiada por Sentinelas de metal.

Naquele momento, porém, nada era como deveria ser.

Um dos pedaços do Testamento havia escapado: tudo por culpa dele.

E, pior, tinha tocado nele, batido em sua pele através da Bota Imaterial. Por isso, ele sabia o que estava escrito no pedaço de pergaminho. Mas não deveria saber. O mais chocante, ainda, foi o fato de o Testamento tê-lo feito lembrar-se de seu dever. Pela primeira vez em milênios, ele tinha consciência de como as coisas estavam erradas.

— Ao meu bom Segunda-Feira, entrego em confiança a administração da Casa Inferior — o Inspetor murmurou. — Até o momento em que o Herdeiro ou seus representantes o procurem para renunciar, Segunda-Feira mantém em confiança escritórios, propriedades, direitos e pertences.

As Sentinelas não o compreenderam ou não conseguiram ouvi-lo devido ao barulho provocado por seus alarmes internos. Elas haviam se espalhado, esquadrinhando em vão a superfície da estrela morta. Para isso, cortavam a escuridão com facho de intensa luz que saíam de seus olhos. A estrela não era grande: cerca de 900 metros de diâmetro, mas o fragmento estava longe. O Inspetor sabia que ele já havia deixado seus aposentos e entrado na Casa propriamente dita.

— Tenho de voltar — disse para si mesmo. — O Testamento vai precisar de ajuda. Sem a placa de transferência, tem de ser pelo caminho mais

longo.

O Inspetor tirou do casaco um par de asas quase da sua altura, encardidas e mofadas. Como não as usava há muito tempo, surpreendeu-se com a situação em que estavam. As plumas amareladas não pareciam nem um pouco confiáveis. Ele as prendeu nas costas e experimentou alguns movimentos, para ver se ainda funcionavam.

Distraído com as asas, não percebeu um súbito facho de luz a cortar a superfície do relógio, nem as duas figuras que apareceram. Tinham formas humanas também, tal como na Casa. Mas eram mais altas, mais magras e mais bonitas. Usavam sobrecasacas pretas e limpas sobre camisas brancas bem-arrumadas, de colarinho alto, e belas gravatas vermelho-escuras, só um pouquinho mais claras do que os coletes de seda. Os chapéus eram de um preto brilhante. E traziam bengalas trabalhadas, feitas de ébano, com belos cabos de prata.

— Aonde pensa que vai, Inspetor? — perguntou o mais alto dos recém-chegados.

O Inspetor se voltou surpreso, e suas asas ficaram ainda mais murchas.

— Vou fazer um relatório, senhor — respondeu com voz fraca —, como pode ver. Aos... meus superiores imediatos... e a... a Aurora de Segunda-Feira ou mesmo ao Sr. Segunda-Feira, se ele quiser...

— O Sr. Segunda-Feira logo será informado — interrompeu o cavalheiro mais alto. — Sabe quem somos?

O Inspetor fez que não com a cabeça. Pelas roupas e pelo poder que transmitiam, via-se que ocupavam altas posições na Firma. Mas ele não os conhecia, nem pelo nome, nem pelo cargo.

— São do 6.000º andar? Do quadro de funcionários executivos do Sr. Segunda-Feira?

O cavalheiro mais alto sorriu e tirou do bolso do colete um papel que se desenrolou sozinho. O selo que havia nele brilhava tanto que o Inspetor teve de abaixar a cabeça e proteger o rosto com o braço.

— Como vê, servimos a um senhor mais alto do que Segunda-Feira — disse o cavalheiro. — Você vem conosco.

O Inspetor engoliu em seco e cambaleou para a frente. Um dos senhores calçou depressa um par de luvas impecavelmente brancas e deu um tapinha nas asas do Inspetor. Depois de esperar que encolhessem até ficarem do tamanho de asas de pombo, ele as guardou em um envelope de couro que surgira do nada. Em seguida, pressionou o envelope com o calor de seu polegar, lacrando-o, e o entregou ao Inspetor. Quando este o apertou contra o peito, em meio a olhares nervosos lançados aos dois cavalheiros, a palavra EVIDENCIA apareceu escrita no envelope.

Juntos e com o auxílio das bengalas, os dois desenharam no ar uma entrada. Quando terminaram, o espaço luziu fracamente por um momento, solidificando-se em seguida em forma de uma porta de elevador, com uma grade corrediça de metal e um botão de chamada em bronze. Um dos

cavalheiros pressionou o botão e, do nada, surgiu subitamente, atrás da grade, a cabine de um elevador.

— Não estou autorizado a andar de elevador para executivos, a subir além dos Arquivos, seja de escada, elevador ou caminho sobrenatural — falou rapidamente o Inspetor. — E, definitivamente, não estou autorizado a... descer abaixo dos Depósitos de Tinta.

Os dois cavalheiros abriram a grade e fizeram um gesto para o Inspetor, indicando que entrasse. A cabine era forrada de veludo verde-escuro e tinha uma das paredes inteiramente coberta de pequenos botões de bronze.

— Não vamos descer, vamos? — o Inspetor perguntou com um fiozinho de voz.

O cavalheiro mais alto sorriu, um sorriso frio que não chegava aos olhos. Ele esticou o braço, que cresceu quase 2 metros, provocando estalos horríveis, para alcançar um botão que ficava bem no alto, à direita.

— Lá? — o Inspetor perguntou em tom respeitoso, apesar do medo.

Ele podia sentir dentro de si a influência do Testamento e sabia que não havia como evitar. As palavras fujonas teriam de se arranjar.

— Até em cima? — insistiu.

— Sim — responderam em coro os dois cavalheiros, enquanto puxavam a grade de metal, que se fechou ao som de rangidos.

Capítulo 1

Era o primeiro dia de Artur Penhaligon na escola, e as coisas não iam bem. Começar depois de duas semanas de aula já era suficientemente ruim, mas havia mais. Para ele, tudo era absolutamente novo. Sua família acabara de se mudar para a cidade. Portanto, não conhecia ninguém e, para complicar-lhe a vida, não sabia nada sobre o local.

Não sabia que a 7ª série participava de uma corrida através de bosques, campos e trilhas, toda segunda-feira, antes do almoço. E era segunda-feira. E a participação era obrigatória, a não ser que os pais do estudante combinassem o contrário com a escola. Com antecedência.

Artur tentou explicar ao professor de educação física que vinha de uma série de graves crises de asma e que havia sido hospitalizado poucas semanas antes. Além do mais, vestia aquele ridículo uniforme de calças cinzentas, camisa branca, gravata e sapatos de couro. Ele não poderia correr vestido daquele jeito.

Por alguma razão, talvez a gritaria e a confusão causadas pelos outros 40 estudantes, somente a segunda parte da reclamação chegou aos ouvidos do professor, o sr. Weightman.

— Escute, garoto, a regra é: todo mundo corre, qualquer que seja a roupa que esteja usando! — disparou o professor. — A menos que você esteja doente.

— Eu estou doente! — protestou Artur.

Mas suas palavras se perderam em meio à gritaria provocada por duas garotas que se agarravam pelos cabelos, tentando chutar as canelas uma da outra, o que forçou o professor a falar alto e apitar.

— Calma, Susan! Largue a Tanya agora! Muito bem, vocês conhecem o trajeto. À direita pelo caminho oval, atravessem o parque, contornem a estátua, saiam pela parte de trás e voltem pelo outro lado do caminho oval. Os três primeiros vão almoçar mais cedo, os três últimos vão varrer o ginásio. Em formação! Eu disse em formação! Chega de barulho! Volte aqui, Rick! Prontos? Atenção ao apito.

“Não, eu não estou pronto”, pensou Artur. Entretanto, ele não tinha a intenção de chamar a atenção dos outros, reclamando ou simplesmente deixando de participar. Sentia-se um forasteiro e não queria parecer retraído. Era um otimista. Conseguiria administrar a corrida.

Artur examinou atentamente a floresta densa que chamavam de parque, atrás do caminho oval. Parecia mais uma selva. Ali, tudo podia acontecer. Ele até poderia descansar. Conseguiria chegar lá sem problemas, disse para si mesmo.

Somente por precaução, apalpou o bolso à procura do aparelho de inalação e apertou entre os dedos o reconfortante e frio objeto feito de metal e

plástico. Não queria usar aquilo. Não queria ficar dependente da medicação. Mas na última vez tinha acabado no hospital por haver esperado demais. E prometera aos pais não repetir a situação.

Weightman soprou o apito, um silvo longo que provocou muitas respostas diferentes. O grupo dos rapazes “fortões” disparou como balas de espingarda, com os garotos se chocando, aos gritos, enquanto aceleravam. Alguns segundos mais tarde, eles foram ultrapassados por um bando de garotas atléticas, mais altas e de pernas mais longas do que os rapazes da mesma idade. Elas iam de nariz empinado, como se desdenhassem os paspalhos com quem eram obrigadas a dividir a classe.

Grupos menores de garotos ou garotas, nunca misturados, seguiam atrás, demonstrando mais ou menos entusiasmo. Na parte final, vinham os pouco atléticos, os desinteressados e os “moderninhos” demais para correrem até onde quer que fosse, embora Artur não soubesse identificar a que categoria cada um pertencia.

Artur começou a correr porque não teve coragem de caminhar simplesmente. Não queria ser tomado por alguém desanimado demais para participar. Além do mais, o sr. Weightman já voltava para repreender severamente os “caminhantes”.

— Estou vendo a não-participação de vocês! — gritou Weightman. — Vocês *vão ser* reprovados nesta matéria se não tomarem jeito!

Artur olhou por cima do ombro, para ver se a repreensão dera resultado. Um dos garotos começou a correr, meio cambaleante, mas os outros ignoraram completamente o professor. Weightman deu as costas aos alunos e voltou a correr. Ultrapassou Artur, no grupo do meio, e logo alcançou o pessoal da dianteira. Artur não pôde deixar de pensar, meio azedo, que aquele era o tipo de professor que gosta de vencer a garotada na corrida. “Provavelmente porque não consegue vencer outros corredores adultos”.

Pelos 3 ou 4 minutos seguintes à intervenção de Weightman, Artur conseguiu acompanhar o último grupo de corredores, bem à frente dos que caminhavam. Mas, como temia, sua respiração foi ficando cada vez mais difícil. Os pulmões não se expandiam, como se estivessem cheios de alguma coisa e não sobrasse espaço para o ar. Sem o oxigênio necessário, ele foi diminuindo o ritmo até ficar praticamente junto com os caminhantes. A respiração ficava cada vez mais curta, e o mundo parecia se fechar em torno dele, a ponto de sua única preocupação ser respirar razoavelmente e colocar um pé mais ou menos à frente do outro.

Então, sem qualquer intenção consciente, as pernas de Artur deixaram de se mover e, de repente, ele se viu olhando para o céu. Estava caído de costas na grama. Teve a vaga impressão de haver “apagado” e caído.

— Ei, está só descansando ou teve algum problema? — perguntou alguém.

Ele tentou dizer que estava bem, embora outra parte de seu cérebro soasse como uma sirene de carro do corpo de bombeiros gritando que não

estava nada bem. Palavra alguma saiu de sua boca, porém. Apenas um chiado estridente.

“Inalador! Inalador! Inalador!”, gritou a sirene interna do cérebro. Artur apalpou o bolso desajeitadamente à procura do cilindro de metal com o bocal de plástico. Tentou levar a mão à boca, mas em vão. Estava vazia. Ele tinha deixado cair o inalador.

Então, alguém forçou o bocal entre seus lábios, e uma nuvem fresca lhe encheu a boca e a garganta.

— Quantas bombadas? — perguntou a voz.

“Três”, Artur pensou. Três seriam suficientes para fazê-lo respirar ou pelo menos para mantê-lo vivo. Mesmo assim, provavelmente teria de voltar ao hospital e depois passar uma ou duas semanas em casa, em recuperação.

— Quantas bombadas?

Artur concluiu que não tinha respondido. Com dificuldade, levantou três dedos e foi recompensado com outras duas nuvens de remédio. Estava começando a fazer efeito. A respiração curta e difícil levava um pouco de ar aos pulmões e, conseqüentemente, algum oxigênio ao sangue e ao cérebro.

O mundo escuro e confuso em que tinha penetrado começava a se abrir, como o cenário que se revela ao se afastarem as cortinas no palco. Em vez do céu azul cercado de escuridão, Artur via um casal de jovens agachados ao lado dele. Eram dois dos que caminhavam, os que tinham se recusado a correr. Uma garota e um garoto, desafiadoramente sem o uniforme escolar nem roupa de ginástica — de calça jeans preta, camiseta com uma inscrição que ele não conhecia e óculos escuros. Deviam ser muito interessados e ativos ou exatamente o oposto. Artur era novo demais na escola e na cidade, para saber.

A garota tinha cabelos curtos e pintados de um loiro muito claro, quase branco; o garoto, cabelos compridos e tingidos de preto. Apesar dessa diferença, eram muito parecidos. A mente confusa de Artur só precisou de um segundo para concluir que deviam ser gêmeos ou, pelo menos, irmãos. Talvez um deles tivesse repetido uma das séries.

— Ed, chame a emergência — comandou a garota. Ela havia aplicado o inalador em Artur.

— O Octopus confiscou meu telefone — respondeu o garoto, Ed.

— Tudo bem, então corra até o ginásio. Eu vou buscar o Weightman.

— Para quê? — perguntou Ed. — Não seria melhor você ficar aqui?

— Não. O melhor é buscar ajuda — a garota respondeu. — Weightman tem telefone. E provavelmente vem por aí de volta. E você fique deitado e continue respirando.

As últimas palavras foram dirigidas a Artur. Ele concordou fracamente com a cabeça e fez um sinal com a mão, dizendo aos dois que fossem. Seu cérebro tinha voltado a funcionar, ao menos em parte, e ele se sentia terrivelmente sem graça. Primeiro dia na escola e não tinha conseguido chegar nem ao intervalo para o almoço. A volta seria ainda mais embaraçosa. Iam considerá-lo um completo perdedor. E mais: decorrido um mês do semestre, seria impossível alcançar a turma ou fazer amigos.

“Pelo menos, estou vivo”, ele disse para si mesmo. Tinha de ser grato por isso. Ainda não respirava bem e se sentia incrivelmente fraco, mas conseguiu se apoiar em um cotovelo e olhar em volta.

O casalzinho vestido de preto mostrou que podia correr quando queria. A garota, a toda velocidade, atravessou um grupo de caminhantes, abriu espaço como um corvo que mergulha na direção de pardais e desapareceu entre as árvores. Na direção contrária, Ed estava a ponto de sumir atrás da parede branca do ginásio, que escondia o prédio da escola.

A ajuda logo chegaria. Artur procurou se acalmar. Com esforço, conseguiu ficar sentado e se concentrou em respirar lentamente, o mais fundo possível. Com um pouco de sorte, manteria a consciência. O principal era não entrar em pânico. Já tinha passado por aquilo e ia se sair bem. O inalador estava em sua mão. Bastava ficar quieto, em silêncio, sem medo ou sobressalto.

De repente, um fecho de luz atingiu o canto do olho de Artur, desviando sua atenção até então inteiramente voltada para a contagem do número de respirações. Ele se virou para ver o que era. Por um momento, pensou se tratar de um novo desmaio, que o fizera cair, ficando de frente para o sol. Nada disso. Com os olhos meio fechados, percebeu que, o que quer que fosse aquela luz ofuscante, vinha do chão e estava muito perto.

Na verdade, a luz se movia, avançando pela grama em direção a ele e perdendo o brilho à medida que se aproximava. Artur observava surpreso, quando uma silhueta escura se destacou. Então, a luz se apagou, revelando um homem em roupas esquisitas, acomodado em um tipo estranhíssimo de cadeira de rodas, empurrada sobre a grama por um acompanhante de aparência igualmente estranha.

A cadeira de rodas era longa e estreita, como uma banheira, feita de vime trançado. Tinha uma roda pequena na frente e duas rodas grandes atrás. As três rodas terminavam em aros de metal, sem qualquer pneu, seja de borracha ou qualquer outro material. Assim, a cadeira de rodas — ou banheira de rodas, ou cadeira-banheira, ou o que quer que fosse — afundava pesadamente na grama.

O homem deitado na cadeira-banheira era magro e pálido. Sua pele parecia feita de lenço de papel. Aparentava ser jovem e não teria mais de 20 anos. E era bastante bonito, de traços harmoniosos e olhos azuis, que, no entanto, trazia fechados, como se estivesse muito cansado. Usava um estranho chapéu redondo, com uma borla que lhe caía sobre a cabeça loura, e vestia uma espécie de quimono de kung fu em seda vermelha estampada com dragões azuis. Tinha sobre as pernas uma manta de lã xadrez que deixava à mostra os pés calçados com pantufas. Estas eram também de seda vermelha e brilhavam fracamente ao sol, com um padrão que Artur não conseguiu identificar.

O homem que empurrava a cadeira parecia ainda mais deslocado, em tempo e lugar. Lembrava um mordomo de filme antigo ou o Nestor, da série *As Aventuras de Tintim*, embora nada tivesse de elegante. Vestia um casaco preto, grande demais, com caudas ridiculamente longas que quase tocavam o

chão. O peito branco da camisa era tão duro que dava a impressão de ser feito de plástico. Usava luvas de malha tricotada bastante desfiadas, o que fazia com que fiapos de lã caíssem dos dedos, deixando aparecer as unhas compridas e amareladas, como os dentes. Era bem mais velho do que o outro que ocupava a cadeira. A face enrugada e marcada e os cabelos brancos e longos que só cresciam na parte de trás da cabeça, indicavam que teria, pelo menos, 80 anos. Apesar disso, não encontrava dificuldade em empurrar a cadeira-banheira na direção de Artur, que observava a cena com certo desagrado.

Os dois homens se aproximaram, sempre conversando. Pareciam completamente alheios à presença de Artur ou desinteressados dele.

— Não sei para que mantenho você lá em cima, Espirrador — disse o homem na cadeira-banheira. — Nem sei por que concordo com os seus planos ridículos.

— Veja, senhor — respondeu o “mordomo”, que obviamente se chamava Espirrador.

Com a aproximação dos dois, Artur reparou que o nariz de Espirrador era bem vermelho, com um bolo de veias aparentes sob a pele.

— Não é um plano. É precaução. Não queremos ser perturbados pelo Testamento, queremos?

— Suponho que não — resmungou o mais jovem, soltando um grande bocejo e fechando os olhos. — Está certo de que vamos encontrar alguém adequado aqui?

— Tão certo como ovos são ovos — respondeu o Espirrador. — Aliás, mais certo ainda, pois os ovos nem sempre são o que se espera. Eu mesmo preparei as coisas para encontrar alguém adequado na borda do infinito. O senhor entrega a Chave a ele, ele morre, o senhor a pega de volta. Mais 10 mil anos sem problemas, e o Testamento não pode reclamar, porque a chave *foi* entregue a alguém na linha de sucessão.

— Muito perturbador — disse o jovem, bocejando outra vez. — Estou exausto com essa movimentação e por ainda ter de responder àqueles ridículos interrogatórios do pessoal de cima. Como eu poderia saber que aquele pedacinho de Testamento escapou? Você sabe que não vou escrever relatório algum. Não tenho disposição.

Na verdade, preciso mesmo é de uma soneca...

— Agora não, senhor, agora não — interrompeu o mais velho. Espirrador protegeu os olhos com a mão meio coberta pela luva suja e observou o ambiente em volta. Estranhamente, ainda não parecia enxergar Artur, embora estivesse exatamente na frente dele.

— Estamos quase lá — disse.

— Estamos lá — corrigiu o jovem friamente.

Ele apontou para Artur, como se este tivesse acabado de surgir ali.

— É este?

Espirrador largou a cadeira-banheira e caminhou na direção de Artur. Sua tentativa de sorrir deixou à mostra dentes ainda mais amarelados, alguns quebrados, todos pontudos como caninos.

— Olá, meu rapaz — cumprimentou. — Uma reverência para o Sr. Segunda-Feira.

Artur olhou para ele. “Deve ser algum efeito colateral desconhecido”, pensou. “Falta de oxigênio. Alucinação”.

No momento seguinte, sentiu na cabeça a pegada firme e ossuda da mão do outro, forçando-a para a frente várias vezes, em saudação ao homem na cadeira-banheira. O susto e o incômodo do toque fizeram Artur tossir e perder o controle sobre a respiração, alcançado a duras penas. Estava entrando em pânico e não conseguia respirar.

— Traga-o até aqui — ordenou o Sr. Segunda-Feira.

Com um suspiro fraco, inclinou-se para a lateral da cadeira-banheira, enquanto, sem esforço algum, Espirrador arrastava Artur, pegando-o pela parte de trás do pescoço com apenas dois dedos.

— Tem certeza de que este morre logo? — perguntou o Sr. Segunda-Feira, esticando o braço para levantar o queixo de Artur e observá-lo melhor.

Ao contrário de Espirrador, as mãos de Segunda-Feira estavam limpas, com as unhas aparadas. O toque era leve, mas Artur não conseguia se mexer, como se o outro lhe tivesse pressionado um nervo, provocando paralisia no corpo inteiro.

Espirrador remexeu no bolso com uma das mãos, continuando a segurar o pescoço de Artur com a outra. Tirou uma meia dúzia de pedaços de papel amarfanhados que ficaram parados no ar, como se estivessem sobre uma mesa invisível. Depois de um rápido exame, ele alisou um e segurou sobre o rosto de Artur. O papel brilhou com uma luz azul, e o nome do garoto apareceu nele em letras douradas.

— É ele, sem dúvida alguma — disse Espirrador.

Enfiou o papel de volta no bolso, e todos os outros pedacinhos foram atrás, como se um fio os unisse.

— Artur Penhaligon. Previsto para morrer a qualquer momento. É melhor entregar a Chave a ele, senhor.

O Sr. Segunda-Feira bocejou mais uma vez e largou o queixo de Artur. Então, lentamente, meteu a mão na manga esquerda do quimono e tirou de lá um objeto pontudo de metal. Parecia uma faca de lâmina fina, mas sem cabo. Artur apenas olhou. Tinha a mente e a visão outra vez confusas por falta de oxigênio. Em algum ponto de sua cabeça, embaixo daquela confusão, uma voz em pânico, a mesma que tinha pedido o inalador, gritava: *Fuja! Fuja! Fuja!*

Embora estivesse livre da estranha paralisia causada pelo toque de Segunda-Feira, a mão de Espirrador não o largava, e Artur não tinha forças para fugir.

— Pelos poderes a mim investidos sob o programa de ação assumido, blablablá... — murmurou o Sr. Segunda-Feira.

A fala era rápida demais para que Artur pudesse entender. Somente as palavras finais foram pronunciadas mais devagar:

— E que se cumpra o Testamento.

Ao terminar, Segunda-Feira estendeu a lâmina a Artur. Ao mesmo tempo, Espirrador o soltou, e ele caiu na grama. Segunda-Feira sorriu enfadado e colocou a lâmina na mão aberta de Artur. Na mesma hora, Espirrador fechou os dedos do garoto em volta do objeto com tanta força que o metal lhe cortou a pele. A dor veio acompanhada de outro susto: Artur descobriu que podia respirar. Era como se uma tranca tivesse sido aberta em seus pulmões, deixando o ar entrar.

— E o outro? — insistiu Espirrador. — Ele tem que ficar com tudo.

Segunda-Feira encarou o servo e franziu a testa. Ia bocejar, mas conteve-se, fazendo cara feia.

— Você está muito interessado em que eu abra mão da Chave, ainda que por alguns minutos... — disse.

Ele ia tirar alguma coisa da outra manga, mas hesitou e continuou:

— ...e em me servir brandy quente com água. Muito brandy quente com água. Talvez, em meu cansaço, eu não tenha prestado atenção suficiente ao assunto...

— Se Will, o Testamento, o encontrar, e o senhor não tiver entregado a Chave a um Herdeiro adequado...

— Se o Testamento me encontrar... — refletiu Segunda-Feira. — E daí? Se o relatório estiver correto, somente algumas linhas escaparam da prisão. Quanto poder terão?

— É melhor não arriscar — opinou Espirrador, limpando o nariz na manga.

Obviamente, a ansiedade fazia seu nariz escorrer.

— De posse da Chave completa, o garoto poderia sobreviver — observou Segunda-Feira.

Pela primeira vez, ele se sentou ereto na cadeira-banheira, perdendo o ar sonolento.

— Além do mais, Espirrador, acho muito estranho este seu plano.

— Como assim, senhor? — perguntou Espirrador.

Ele tentou insinuar um sorriso, mas o resultado foi repulsivo.

— Porque você costuma ser um idiota! — gritou Segunda-Feira furioso.

Ao mover um dedo, ele provocou uma força invisível que jogou Espirrador e Artur na grama, aos trambolhões.

— Qual é o seu jogo, Espirrador? Você está de acordo com os Dias Seguintes, não é? Você, o Inspetor e o Testamento em segurança, como sempre? Pretende tomar posse do meu escritório?

— Não — respondeu Espirrador.

Dizendo isso, ele se levantou devagar e começou a avançar em direção à cadeira-banheira. A cada passo, sua voz mudava, sempre mais alta e clara, ecoando na distância. Trombetas soaram, e Artur viu letras em tinta muito preta formarem-se sobre sua pele. As letras dançaram e combinaram-se, cobrindo o rosto de Espirrador como tatuagens vivas e brilhantes.

— Em confiança do meu bom Segunda-Feira, estabeleço a administração da Casa Inferior — disseram ao mesmo tempo as letras e a voz

trovejante que saía da boca de Espirrador, mas não era dele. — Até...

Artur não podia acreditar que o fraco Segunda-Feira pudesse se movimentar tão depressa. Ele tirou alguma coisa da manga, um objeto brilhante que apontou para Espirrador, enquanto gritava palavras atordoantes que mais pareciam trovões. A vibração de seus gritos golpeava o ar e sacudia o chão onde Artur estava deitado.

Ao mesmo tempo, um facho de luz surgiu, um choque abalou a terra e um grito ecoou. Artur não conseguiu identificar quem gritou, se Espirrador ou o Sr. Segunda-Feira.

O garoto fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, tinham desaparecido a cadeira-banheira, o Sr. Segunda-Feira e Espirrador, mas ainda havia letras correndo em linha pelo ar, depressa demais para serem lidas. Em espiral, as letras rodopiavam sobre Artur, formando um redemoinho de letras brilhantes. Alguma coisa pesada se materializou entre as linhas e caiu, bem na cabeça dele.

Era um livro, um caderninho de anotações, encadernado em tecido verde que cabia na mão de Artur. Distraidamente, ele o pegou e guardou no bolso da camisa. Ainda olhou em volta e para cima, mas as letras haviam sumido. Tinha conseguido identificar apenas algumas palavras: *Herdeiro*, *Segunda-Feira* e *O Testamento*.

Artur viu de um lado o sr. Weightman correndo em direção a ele, com o telefone no ouvido e, do outro, a enfermeira do colégio, que saía do ginásio trazendo um tubo de oxigênio. Atrás de Weightman, vinha a turma toda. Até os que só caminhavam estavam correndo.

Artur olhou para eles e teria gemido, se algum ar saísse de seus pulmões. Ia morrer, e o pior, na frente de todo mundo! Os colegas seriam entrevistados pela televisão e diriam palavras gentis, mas na verdade estariam pensando nele como um perdedor idiota.

Foi quando percebeu que *podia* respirar. Por alguns momentos, seu cérebro tinha “viajado” por falta de oxigênio, com visões e tudo o mais, mas o inalador havia funcionado o suficiente, afastando o pior. Ele conseguia respirar um pouquinho, apesar da dor na mão...

Artur olhou para a mão. Ainda estava fechada com força, e um filete de sangue escorria do dedo mindinho. Pensou que estivesse segurando o inalador, mas não. Segurava um misterioso objeto de metal, pontudo em uma extremidade e com uma espécie de presilha na outra. Era pesado, feito de prata, com uma bela decoração de espirais e arabescos dourados.

Ele teve de olhar o objeto por alguns segundos até entender que se tratava do ponteiro dos minutos de algum tipo de relógio antigo. Era real, assim como o caderninho de anotações que guardara no bolso. O Sr. Segunda-Feira e Espirrador tinham estado ali. Artur não havia sofrido uma alucinação causada pela falta de oxigênio.

Weightman e a enfermeira estariam junto dele em um minuto. Artur olhou em volta ansiosamente, tentando pensar em um lugar onde pudesse

esconder o ponteiro de relógio. Se o mantivesse na mão, alguém o tomaria dele, com certeza.

A alguns passos de distância, um pedaço do gramado parecia mais claro. Artur se arrastou até lá e enfiou o ponteiro na terra, de modo que somente o círculo da base ficasse de fora, sendo então escondido por um tufo de grama amarelada.

Assim que percebeu o ponteiro dentro da terra, ele sentiu o peito se apertar e fechar novamente. Faltou-lhe o ar. Artur se arrastou pelo chão para se afastar do ponteiro. Não queria que fosse encontrado.

Ele voltaria para recuperá-lo assim que pudesse.

Se sobrevivesse.

Capítulo 2

Decorridas vinte e quatro horas dos estranhos acontecimentos da manhã de segunda-feira, Artur ainda estava hospitalizado. Tinha ficado inconsciente a maior parte do tempo e se sentia tonto e confuso. Embora já conseguisse respirar razoavelmente bem, os médicos conheciam sua história e preferiam mantê-lo no hospital por mais alguns dias.

Felizmente, a mãe de Artur era uma conceituada médica e pesquisadora que trabalhava para o governo, o que garantia bom atendimento a toda a família. Médicos do país inteiro conheciam a dra. Emily Penhaligon e seu trabalho. Artur sempre foi bem tratado e, às vezes, ficava algum tempo hospitalizado em condições que levariam à alta, caso o paciente fosse outro. Ele geralmente se sentia mal ao pensar nisso mais tarde, mas, durante o tratamento, estava doente demais para se preocupar.

O pai de Artur era músico: um ótimo músico que, no entanto, não dava importância ao sucesso comercial. Ele compunha canções lindas e depois as deixava de lado. Tinha sido guitarrista de uma banda famosa — The Ratz — 25 anos antes, e alguns antigos fãs ainda o reconheciam. Na época, era conhecido como Rato da Peste, mas há muito voltara a usar seu nome verdadeiro, Robert “Bob” Penhaligon. Bob recebia um bom dinheiro pelo fato de ser autor da maior parte das músicas da banda, muitas delas premiadas com discos de platina. As rádios costumavam tocar seus sucessos, e novas bandas utilizavam trechos deles, em especial os solos de guitarra.

No momento, Bob Penhaligon cuidava da família e, para compor, usava um de seus três pianos ou uma de suas doze guitarras. Enquanto isso, Emily Penhaligon passava no laboratório mais tempo do que desejaria, às vezes com pesquisas sobre DNA e computadores, pelo bem da raça humana.

Artur tinha seis irmãos. Os três mais velhos — dois rapazes e uma moça — eram fruto de relacionamentos de Bob com três mulheres diferentes, durante as excursões com a banda The Ratz. O quarto era do primeiro casamento de Emily. O quinto e o sexto eram filhos de Bob e Emily.

E então havia Artur. Ele era adotado. Seus pais biológicos foram médicos, colegas de trabalho de Emily, e tinham morrido na última grande epidemia de gripe, finalmente controlada por uma nova droga em que haviam trabalhado como parte da equipe de Emily. Artur tinha apenas uma semana de idade quando os pais morreram. Sobreviveu à gripe, mas provavelmente se tornou asmático em consequência dela. E, como não tinha outros parentes além dos pais, Emily e Bob foram aprovados como adotantes.

Para Artur, ter sido adotado não tinha importância. De vez em quando, porém, ele folheava o álbum de fotografias, uma das duas lembranças que tinha dos pais biológicos. A outra era um vídeo bem curto, feito no dia do casamento deles, ao qual era doloroso demais assistir. A gripe os havia levado

apenas 18 meses depois e, mesmo para Artur, pareciam terrivelmente jovens. A ele agradava o fato de perceber-se cada vez mais parecido com o pai e com a mãe, em diversos aspectos. Seus pais viviam nele portanto.

Artur soube desde muito pequenino que era adotado. Bob e Emily tratavam todos os filhos da mesma maneira, e eles se consideravam irmãos. Nunca se apresentavam como “meio-irmão” ou “meia-irmã” e nunca entravam em detalhes para explicar a diferença de 20 anos entre o mais velho, Erazmuz (nascido no auge da carreira de roqueiro de Bob) e o mais novo, Artur. Também não explicavam as diferenças de aparência, cor da pele ou o que quer que fosse. Simplesmente formavam uma família, embora apenas os três mais novos permanecessem em casa.

Os quatro mais velhos eram Erazmuz, major do Exército, já com filhos; Staria, uma dedicada atriz de teatro; Eminor, músico, que havia adotado o nome artístico de Patrick; e Suzanne, que estava na universidade. Os três que ainda moravam com os pais eram Michaeli, estudante de uma faculdade local; Eric, que cursava a última série do ensino médio; e Artur.

Michaeli, Eric e o pai de Artur tinham ido visitá-lo na noite anterior. A mãe apareceu de manhã cedo, para ver se estava tudo em ordem. Depois de se tranquilizar, ela passou um sermão no filho, dizendo que seria melhor aparecer aos olhos de todos como um completo perdedor do que estar morto.

Artur sempre sabia quando a mãe estava para chegar, porque médicos e enfermeiros surgiam de todos os lados, obrigando a dra. Emily a abrir caminho entre os jalecos brancos. Artur estava acostumado a ser filho de uma lenda da Medicina e de uma ex-lenda da música.

Já que todos os membros da família que moravam na cidade tinham ido vê-lo, foi uma surpresa para Artur receber outras duas visitas no início da tarde de terça-feira; gente da idade dele. Por um segundo, ele não soube quem eram as visitas, porque não estavam usando roupas de cor preta. Em seguida, porém, reconheceu Ed e a garota que o tinha ajudado a usar o inalador. Os dois vestiam uniforme escolar: calça cinza, camisa branca e gravata azul.

— Oi! — a garota cumprimentou da porta. — Podemos entrar?

— C-Claro! — gaguejou Artur.

O que poderiam querer aqueles dois?

— Não nos apresentamos direito ontem — falou a garota. — Meu nome é Folha.

— Flora? — estranhou Artur.

— Não. Folha. *Como as das árvores* — explicou ela com certa relutância.

— Nossos pais mudaram os nomes deles para refletir seu compromisso com o meio ambiente.

— Papai se chama Arbusto — disse o garoto. — Eu deveria ser Ramo, mas não uso esse nome. Pode me chamar de Ed.

— Certo — disse Artur. — Folha e Ed. Meu pai era chamado de Rato da Peste.

— Não! — exclamou Folha. — Você quer dizer da banda The Ratz?

— É.

Artur estava surpreso. Normalmente, só pessoas mais velhas sabiam os nomes dos integrantes da banda.

— Somos loucos por música — apressou-se Folha a esclarecer, vendo a cara de espanto do colega.

Ela olhou para o próprio uniforme e continuou:

— Por isso estávamos sem uniforme ontem. Zeus Suit ia fazer uma apresentação no centro comercial, na hora do almoço, e não queríamos parecer bobocas.

— Mas acabamos perdendo — disse Ed. — Por sua causa.

— O quê? — perguntou Artur ansiosamente. — Muito obrigado a vocês...

— Está tudo bem — interrompeu Folha. — Ed quer dizer que perdemos o show de Zeus Suit porque tínhamos coisa mais importante a fazer, depois que... quer dizer... depois que eu vi aqueles dois sujeitos estranhos e aquela cadeira de rodas esquisita.

— Cadeira de rodas esquisita? Sujeitos estranhos? — repetiu Artur.

Ele havia se convencido de que tudo não passava de imaginação de sua cabeça confusa. Só não tinha coragem de verificar se o caderno de anotações estava no bolso da camisa do uniforme, pendurada no armário.

— É, muito estranhos — Folha concordou. — Vi quando apareceram em um fecho de luz e desapareceram do mesmo jeito, pouco antes de voltarmos para junto de você. Foi estranhíssimo, mas ninguém mais percebeu. Suponho que seja porque sou vidente. Herdei a vidência da minha trisavó, uma bruxa irlandesa.

— Irlandesa, pelo menos, ela era — falou Ed. — Eu não vi o que Folha diz que viu. Mas voltamos lá para dar uma olhada. Estávamos distraídos, procurando alguma coisa há uns 5 minutos, quando chegaram uns caras estranhos gritando: “Vão embora! Vão embora!” Eram muito estranhos mesmo.

— Cara de cachorro, bochechudos, olhinhos malvados como os de cães de caça — interrompeu Folha. — Pareciam ter o nariz entupido e não paravam de dizer: “Vão embora!”

— É, fungavam sem parar — continuou Ed. — Vi um se abaixar para cheirar o chão quando já íamos embora. Eram muitos, uns 12 pelo menos, usando uma espécie de... roupa de Charlie Chaplin e chapéu-coco. Como eram estranhos e assustadores, fomos à sala do Octopus e dissemos que os limites da escola estavam sendo invadidos. O Octopus foi verificar, mas não conseguiu ver as criaturas e me deu uma semana de suspensão por “desperdiçar seu tempo valioso”.

— Para mim, foram só três dias — acrescentou Folha.

— O Octopus? — perguntou Artur fracamente.

— O diretor-adjunto Doyle. É chamado de Octopus, como o arquiinimigo do Homem-Aranha, porque gosta de confiscar coisas.

— O que está acontecendo, Artur? — foi a vez de Folha perguntar. — Quem eram os dois sujeitos?

— Não sei — respondeu ele, sacudindo a cabeça, como se quisesse pôr as idéias em ordem. — Eu... eu pensei que fosse alucinação.

— Talvez tenha sido — sugeriu Ed. — Só vocês viram.

Folha lhe deu uma cotovelada no braço. Ed recuou. “Definitivamente irmãos”, Artur pensou.

— Claro que isso não explica por que o Octopus não viu os homens de chapéu-coco — Ed se apressou em corrigir, esfregando o braço. — A não ser que nós três tenhamos sido afetados por algum gás ou um tipo estranho de pólen.

— Se não foi alucinação, há um caderninho de anotações na minha camisa — disse Artur. — Pendurada no armário.

Folha correu para o armário e abriu a porta, mas então hesitou.

— Vá em frente — incentivou Artur. — Só usei a camisa por umas horinhas e quase não corri.

— Eu não estava preocupada com o cheiro — disse ela, esticando a mão para apalpar o bolso. — Se o caderno estiver aqui, eu *vi* alguma coisa, e os sujeitos com cara de cachorro eram assustadores, mesmo à luz do dia e na companhia de Ed.

Ela interrompeu o que dizia e recolheu a mão. Trazia o caderninho bem apertado nela. Artur reparou nas unhas da garota, pintadas de preto com riscos vermelhos. Exatamente como seu pai usava nos tempos dos Ratz.

— Estranho — disse Folha baixinho. — Parece eletrificado. Espeta.

— O que diz na capa? — perguntou Ed.

— Não sei — respondeu Folha.

A capa trazia uns símbolos que não faziam sentido; pareciam fora de foco. A garota sentiu uma necessidade incontrollável de entregar o caderno de anotações a Artur.

— Tome. É seu.

— Na verdade, ele caiu do céu — explicou Artur ao pegá-lo. — Ou de uma espécie de redemoinho de letras... que veio girando no ar.

Ele olhou para o caderno. Tinha capa dura, encadernada em tecido verde, com letras em relevo, como os livros de bibliotecas antigas. As letras douradas lentamente entraram em foco e se arrumaram. Artur piscou os olhos, ao ver as letras se amontoarem e se empurrarem para que as palavras se formassem.

— Aqui diz *Atlas Completo da Casa e do Entorno* — Artur leu em voz alta.

— As letras mudaram de lugar.

— Alta tecnologia — falou Ed, mas não pareceu muito convencido nem foi muito convincente.

— É mágica — opinou Folha bastante prática. — Abra.

Artur tentou abrir, mas capa e contracapa não se moveram. Pareciam estar grudadas. Ele via as folhas se agitando, mas simplesmente não conseguia abrir; ainda que empregasse força capaz de rasgar a capa de um livro normal.

O súbito esforço fez Artur tossir, tirando-lhe o fôlego. Pelo aperto nos pulmões, ele podia sentir mais um ataque de asma se aproximando. O bip do

monitor que verifica o nível de oxigênio no sangue soou, e logo se fizeram ouvir os passos apressados das enfermeiras no corredor.

— Uh-uh, acho que o nosso turno acabou — disse Folha.

— Você viu se os homens com cara de cachorro encontraram alguma coisa? — perguntou Artur. — Um pedaço de metal?

— Como o quê?

— Como o ponteiro dos minutos de um relógio — respondeu Artur com dificuldade. — De prata, com enfeites dourados.

Ed e Folha negaram com a cabeça.

— Muito bem, a visita acabou — falou a enfermeira com voz firme ao entrar no quarto. — Mestre Penhaligon não pode se emocionar.

Artur fez uma careta ao ser chamado de “Mestre Penhaligon”. Ed e Folha o imitaram, e a garota emitia um som engraçado.

— Certo, Artur — continuou a enfermeira, que não se deixava enganar.

— Lamento. Estive na enfermaria das crianças a manhã toda. Agora vocês dois podem ir.

— Não vimos nada parecido com o que você falou — respondeu Ed.

— E os caras de... os cachorros não estavam lá esta manhã. Mas todo o caminho oval foi remexido. Trocaram a grama. Fizeram um bom trabalho. De longe, nem se nota. É difícil acreditar que trabalharam tão depressa.

— O caminho oval todo? — perguntou Artur.

Aquilo não fazia sentido. Ele havia enterrado o ponteiro em algum lugar, na parte do meio. Se encontrassem alguma coisa, teriam parado de cavar? Ou estariam escondendo o que fizeram?

— Fora! — ordenou a enfermeira. — Tenho de aplicar uma injeção em Artur.

— O caminho todinho — confirmou Folha, já na porta. — Mais tarde voltamos para ver você outra vez!

— Amanhã — avisou a enfermeira séria.

Artur acenou em despedida, as idéias em turbilhão. Mal prestou atenção às instruções da enfermeira para virar de bruços e levantar a ridícula roupa que os pacientes internados vestem no hospital, de modo que ela pudesse esfregar a área onde seria aplicada a injeção.

O Sr. Segunda-Feira e Espirrador. Quem poderiam ser eles? Pelo que disseram, o ponteiro de minutos fazia parte de uma certa Chave que o senhor Segunda-Feira tinha entregue a Artur, na esperança de que ele morresse, para então pegá-la de volta. O plano tinha sido criado por Espirrador, mas havia alguma traição envolvida. No final, Espirrador estava sob o poder de outra criatura. As palavras brilhantes. As mesmas que lhe tinham dado o livrinho. O *Atlas Completo* que ele não conseguia abrir. Então, qual a importância de ser “completo” ou não?

Artur recebera o ponteiro, que decidiu chamar de Chave, e não tinha morrido. Então, ele tinha a impressão de ser dono daquilo que não sabia bem o que era. Os homens de cara de cachorro e chapéu-coco provavelmente

trabalhavam para o Sr. Segunda-Feira. Se haviam esquadrinhado todo o caminho oval, com certeza encontraram a Chave e a devolveram ao patrão.

Talvez aquele fosse o fim do mistério, mas Artur não acreditava nisso. Tinha a profunda certeza de que alguma coisa estava apenas começando. Ele recebera a Chave e o Atlas por alguma razão e descobriria qual era. Em sua família, todos o chamavam de curioso. E ele nunca havia encontrado alguma coisa que lhe despertasse tanta curiosidade.

“Para começar, vou pegar a Chave de volta”, pensou decidido, enfiando as mãos com força embaixo do travesseiro, quando a picada da agulha o chamou de volta à realidade imediata.

Ao sentir o líquido injetado penetrar, Artur esticou os dedos — e tocou um objeto frio e metálico. Por um instante, pensou que fosse a cabeceira da cama. Mas a forma e a sensação provocada eram completamente diferentes. Então, ele percebeu do que se tratava.

O ponteiro de minutos. A Chave. Definitivamente, aquilo não estava ali há apenas alguns minutos. Artur sempre colocava as mãos embaixo do travesseiro ao se deitar. Quem sabe, havia se materializado no momento em que Folha lhe entregou o Atlas? Não era assim nas histórias em que os objetos mágicos seguiam os donos por toda parte?

Acontece que, nas histórias, a maior parte dos objetos é encantada, e as pessoas não conseguem se livrar deles, mesmo que queiram.

— Fique quieto — ordenou a enfermeira. — Você nunca foi medroso.

Capítulo 3

Artur foi para casa na sexta-feira à tarde, com a Chave e o Atlas bem embrulhados em uma camisa, dentro de um saco plástico. Por alguma razão, Ed e Folha não retornaram ao hospital. Artur pensou em telefonar, mas não sabia o sobrenome deles e não teve como descobrir o número. Chegou a perguntar à enfermeira Thomas se os conhecia. No entanto, além de não saber quem eram os dois jovens, ela ficou cada vez mais ocupada durante a semana.

Seu pai foi buscá-lo no hospital e o levou para casa, cantarolando uma melodia enquanto dirigia. Artur olhava para fora sem ver. Seus pensamentos, tal como havia acontecido durante a semana toda, estavam voltados para a Chave, o Atlas e o Sr. Segunda-Feira.

Quase chegando em casa, Artur foi despertado de seus devaneios. Passavam pela penúltima esquina antes da rua onde moravam e de repente ele viu. Um pouco adiante, uma casa enorme, em estilo antigo, ocupava todo o quarteirão.

Era uma construção grandiosa, feita de pedra, em blocos de formatos e tamanhos diferentes e vigas de cores e espécies variadas. Parecia ter sido ampliada sem muito critério, em estilos de arquitetura misturados. Tinha arcos, galerias e abóbadas; torreões, campanários e pilastras; chaminés, ameias e cúpulas; galerias e calhas; pilares e portas levadiças; terraços e torres pequenas.

A casa parecia totalmente deslocada no meio daquele bairro moderno.

Artur sabia que aquilo tinha uma razão.

A casa enorme e maluca não estava ali quando ele foi para a escola, na sexta-feira anterior.

— O que é aquilo? — perguntou ele, apontando.

— O quê? — estranhou Bob.

Ele diminuiu a velocidade e olhou pelo pára-brisa.

— Aquele lugar! É enorme e... não estava ali!

— Onde? — insistiu Bob, enquanto examinava as casas. — Tudo está no mesmo lugar. Do mesmo tamanho. Por isso nos mudamos para cá. Quero dizer: se você quer um quintal, que seja um bom quintal, certo? Você quer dizer aquela com o jipe parado em frente? Acho que eles pintaram a porta da garagem. É por isso que parece diferente.

Artur concordou em silêncio. Estava claro que seu pai não podia ver a casa enorme, o verdadeiro castelo que se erguia na frente. Ele só via o que sempre esteve lá.

“Ou talvez esteja tudo como sempre, e eu veja em outra dimensão ou algo assim”, pensou Artur. Não fossem o Atlas, a Chave e a conversa com Ed e Folha, talvez ele pensasse estar enlouquecendo.

Quando passaram em frente, Artur reparou que a casa (ou a Casa, como ele achava melhor dizer) tinha um muro em volta. Um muro liso, de mármore,

com mais de 3 metros de altura, que parecia muito difícil de escalar. Não havia portão algum à vista, pelo menos voltado para o lado onde estavam.

A casa nova de Artur ficava a mais de um quilômetro, depois do próximo cruzamento, em uma área de transição entre os bairros e o campo. Os Penhaligons possuíam uma propriedade bem grande, a maior parte, ocupada por vegetação que tinha nascido naturalmente. Bob dizia adorar jardinagem, mas gostava mesmo era de planejar o que iria plantar, não de executar. Ele e Emily tinham comprado o terreno e ajeitado o quintal muitos anos antes e só recentemente resolveram construir a casa.

Era uma casa novinha, terminada há poucos meses. Bombeiros e eletricitistas ainda andavam por lá, de vez em quando, cuidando dos acabamentos. Um arquiteto famoso tinha projetado uma construção em quatro níveis, encravada na colina. O primeiro era o maior, com garagem, oficina, um estúdio para Bob e um escritório para Emily. No segundo, ficavam as áreas de estar e a cozinha. No terceiro, havia quartos (um para Bob e Emily e dois para hóspedes) e banheiros. O último nível era o menor. Lá ficavam os quartos de Michaeli, Eric e Artur — e somente um banheiro, que era causa de disputas ou permanecia trancado, obrigando-os a usar um do andar de baixo.

Quando Artur e o pai chegaram, ninguém estava em casa. Na porta da geladeira podiam ser vistas as mensagens e os e-mails dos vários membros da família. Emily tinha ficado presa no laboratório, Michaeli havia saído, simplesmente, e voltaria “mais tarde”, e Eric tinha ido jogar basquete.

— Quer sair para jantar? Só nós dois? — Bob convidou.

Ele cantarolava outra vez, sinal seguro de composição iminente. Aquele convite era um sacrifício, levando-se em conta que estava louco para chegar ao teclado ou pegar a guitarra.

— Não, obrigado, papai — respondeu Artur.

Na verdade, ele queria ficar sozinho para examinar a Chave e o Atlas.

— Mais tarde eu como qualquer coisa, se não houver problema. Quero dar uma olhada no meu quarto para ver se os outros não fizeram bagunça enquanto fiquei fora.

Ambos sabiam que Artur estava sendo generoso deixando que Bob cuidasse de sua canção. Mas tudo bem para os dois.

— Então, estou no estúdio — falou Bob. — Pode me chamar se precisar de alguma coisa. Está com o inalador?

Artur fez que sim.

— Mais tarde, podemos pedir uma pizza — gritou Bob, enquanto descia as escadas. — Não conte para a mamãe.

Artur subiu as escadas devagar em direção ao quarto. Respirava bem, mas se sentia fraco depois de cinco dias de internação. Mesmo poucos lances de escada representavam uma tarefa árdua.

Depois de trancar a porta, para o caso de os irmãos retornarem, Artur colocou o Atlas e a Chave sobre a cama. Então, sem saber por que, apagou a luz.

O luar entrou pela janela aberta, mas estava bastante escuro. E estaria ainda mais escuro, se a Chave e o Atlas não irradiassem uma estranha luz azul, brilhante como água cristalina. Artur pegou a Chave com a mão esquerda e o Atlas com a direita.

Sem que fosse preciso qualquer esforço, o Atlas se abriu. Com o susto, Artur deixou o livrinho cair de volta na cama. Ele se manteve aberto e foi crescendo em largura e comprimento até ficar mais ou menos do tamanho do travesseiro.

No começo, as páginas abertas estavam em branco. Aos poucos, porém, as letras apareceram, como se fossem escritas por um artista invisível. As linhas vinham fortes e seguras e surgiam cada vez mais depressa diante dos olhos de Artur. Bastaram alguns segundos para ele perceber que olhava para um desenho da casa que tinha visto. Um desenho tão bem-feito que mais parecia uma fotografia.

Junto à imagem, apareceu uma nota manuscrita:

A CASA: Aspecto Externo Conforme Aparece em Muitos Reinos Secundários.

Então, outras palavras apareceram, em tipos muito menores. Artur esticou o pescoço para ver melhor uma seta que apontava para um quadrado no muro marcado com tinta.

“*Postern* de Segunda-Feira”, Artur leu em voz alta. “O que é *postern*?”

Na prateleira, acima da mesa, havia um dicionário, que Artur pegou, sem tirar um olho do Atlas, para o caso de acontecer alguma coisa interessante.

E aconteceu. Como o dicionário estava espremido entre outros livros, Artur teve que largar a Chave sobre a mesa. Assim que ele fez isso, o Atlas se fechou, deixando escapar toda a vida que tinha. Em menos de um segundo, havia encolhido, assumindo de volta seu tamanho de bolso.

“Quer dizer que a Chave é necessária para que o Atlas se abra”, Artur pensou. Deixou a Chave onde estava e foi procurar “*postern*” no dicionário.

Postern s. 1. Portão ou porta dos fundos 2. Entrada particular ou secundária.

Então, havia um portão para Segunda-Feira no que parecia um muro sem aberturas. Artur guardou o dicionário de volta na prateleira e pôs-se a pensar. O desenho da Casa e a indicação de uma entrada eram claramente um convite disfarçado. Alguém... ou alguma coisa... queria que ele entrasse na Casa. Mas o Atlas seria confiável? Artur estava certo de que o Sr. Segunda-Feira e Espirrador eram inimigos ou, pelo menos, não eram amigos. Não tinha certeza, porém, quanto às letras que, em turbilhão, tinham levado Espirrador e trazido o Atlas. Acreditava que as letras deveriam ter lhe entregado também a Chave ou convencido o Sr. Segunda-Feira a fazê-lo. Mas seria esse o propósito delas?

Só havia um meio de descobrir: dar uma olhada na Casa assim que fosse possível — talvez no dia seguinte ou no domingo — e tentar passar pelo

Postem de Segunda-Feira. Dependendo do que visse lá, pediria ajuda a Ed e Folha. Eles provavelmente conseguiriam enxergar o lugar. Afinal, tinham visto as criaturas com cara de cachorro; e o diretor-adjunto, não.

Até lá, manteria a Chave e o Atlas no melhor esconderijo que conhecia: a barriga do dragão-de-komodo em tamanho natural que ficava guardado no sótão, bem acima de seu quarto. O dragão — na verdade um grande lagarto de cerâmica — era oco, mas a abertura de sua boca era pequena; impossível mãos maiores do que as de Artur passarem por ela.

Assim que o garoto cumpriu essa tarefa, sua mãe chegou em casa, transformando imediatamente o local de retiro silencioso em lar. Depois de verificar se estava tudo em ordem com Artur, ela insistiu com Bob para que deixasse o estúdio e se juntasse a eles para jantar. Emily se sentia feliz e relaxada, porque o filho estava bem e porque, pela primeira vez em anos, não tinha que trabalhar freneticamente para desenvolver uma vacina ou a cura de algum novo tipo de gripe. O inverno vinha chegando, mas prometia ser razoavelmente tranquilo em relação a doenças.

O plano de Artur de observar a Casa falhou em primeira instância, porque foi proibido de deixar a própria casa.

— Você tem que ir devagar — a mãe aconselhou. — Ler, ver televisão, usar o computador e só. Pelo menos por alguns dias. Na próxima semana, avaliamos a situação novamente.

Artur não gostou, mas sabia que não havia o que discutir. A idéia de a Casa estar lá, à espera dele, ia deixá-lo maluco, mas não tinha escolha. Se saísse sem autorização, corria o risco de ficar de castigo por um mês. Ou por um ano.

— Sei que é difícil a falta de atividade — Emily disse, com um abraço. — Mas é só por enquanto. Espere ficar mais forte. Acho que ir à aula na segunda-feira é suficiente para você.

Proibido de fazer qualquer coisa útil, Artur viu o fim de semana se arrastar. Seus dois irmãos mais velhos se dedicavam a seus costumeiros e misteriosos afazeres, Bob compunha e Emily foi chamada ao trabalho para verificar umas internações estranhas nos hospitais locais. Ela sempre era chamada quando pacientes apresentavam sintomas incomuns. Artur sentia um alívio tremendo quando a mãe voltava para casa dizendo que não era nada sério. A perda dos pais o tornou muito consciente de uma potencial tragédia em cada relatório de uma nova epidemia de gripe ou da erupção de um vírus desconhecido.

Na manhã de domingo, Artur não conseguiu resistir à tentação de pegar o Atlas e a Chave guardados no dragão-de-komodo. Mais uma vez, segurou a Chave, fazendo com que o Atlas se abrisse na página dupla que continha o desenho da Casa. Embora não houvesse detalhes nem explicações acerca do *Postem* de Segunda-Feira, ele ficou horas olhando, na tentativa de entender como aquilo se formara e como seria a construção por dentro.

Finalmente, chegou a noite de domingo. Artur devolveu a Chave e o Atlas às entranhas do lagarto e foi para a cama cedo, na esperança de que o

sono chegasse e fizesse o tempo passar mais depressa. Claro que isso não aconteceu. Ele se virou e revirou na cama, sem conseguir dormir. Depois de ler quase um livro inteiro, ficou lá, deitado, pensando.

Quando conseguiu pegar no sono, foi por pouco tempo. Alguma coisa o acordou. Por um segundo, ele não identificou de que se tratava. Virou a cabeça e viu os números em vermelho, no relógio digital: 00: 01.

Um minuto depois da meia-noite. Madrugada de segunda-feira.

Artur ouviu um ruído, vindo da janela. Como se um galho de árvore arranhasse a vidraça. Mas não havia no quintal árvore tão alta ou tão próxima para alcançar a janela do quarto.

Ele se sentou e acendeu a luz, com o coração subitamente disparado. Sua respiração começou a ficar mais difícil e curta.

“Controle-se”, Artur pensou. “Calma. Respire devagar”.

“Olhe para a janela”.

Ele olhou e deu um salto para trás, caindo sobre a cama. A poucos centímetros da janela, havia um homem de asas, pairando no ar, a uns 15 metros de altura. Um homem feio, gordo e baixo, bochechudo como um cão de caça. Um homem com cara de cachorro. Até suas asas, que batiam rapidamente, embora emplumadas, pareciam feias e desgrenhadas, de um cinza encardido, à luz que saía do quarto de Artur.

O homenzinho vestia um terno escuro antiquado e trazia na mão um chapéu-coco. Usava a parte de cima do chapéu para bater na janela.

— Deixe-me entrar.

A voz chegava distorcida pelo vidro, mas percebia-se que era baixa, áspera e carregada de ameaça.

— Deixe-me entrar.

— Não — sussurrou Artur.

Naquele momento, passaram por sua cabeça os filmes de vampiro a que tinha assistido. Aquele não era um vampiro, mas pedia para entrar, portanto o mesmo princípio se aplicava. Ele só poderia entrar se fosse convidado. Embora, nos filmes, os vampiros sempre hipnotizassem alguém para isso...

A porta do quarto se abriu.

Artur sentiu como se o coração estivesse congelado no peito.

Alguém já tinha sido hipnotizado! Ia deixar os caras de cachorro entrar!

Uma longa língua bifurcada se moveu pela porta aberta, como se quisesse experimentar o gosto do ar. Artur pegou o dicionário que havia deixado sobre a cama e ergueu bem alto.

Uma cabeça repulsiva entrou depois da língua, seguida por garras afiadas. Artur abaixou um pouco o dicionário. Era o dragão-de-komodo. Tinha descido do sótão e não era mais de cerâmica — ou talvez fosse, mas estava vivo e se movia rapidamente.

Devagar, Artur subiu na cama e se espremeu contra a parede, pronto para atirar o dicionário se fosse preciso. De que lado o komodo estaria?

— Deixe-me entrar.

O grande lagarto soltou uma espécie de assobio e avançou, surpreendentemente depressa, até ficar em frente à janela, quando parou e se ergueu nas patas traseiras. Em seguida, abriu a boca, deixando sair uma luz branca e brilhante, tão forte quanto um holofote. O homem com cara de cachorro gritou e levantou os braços, agitando o chapéu-coco no ar. Sem parar de gritar, recuou rapidamente, a agitar as asas, e desapareceu em um rolo de fumaça, preto como carvão.

O lagarto fechou a boca de uma vez, deixando de emitir luz. Então, bem devagar, afastou-se da janela e caminhou pesadamente até o pé da cama de Artur, onde parou e tomou a posição de sempre. Sua pele pareceu enrugada, como se de repente todos os seus músculos se retesassem. Em seguida, ficou imóvel. Totalmente de cerâmica.

Artur largou o dicionário, pegou o inalador e deu várias bombadas. Quando se encaminhou para fechar a porta, teve a surpresa de sentir as pernas trêmulas, como se mal suportassem o peso do corpo. Ao voltar para a cama, deu um tapinha na cabeça do dragão-de-komodo e chegou a pensar em verificar se a Chave e o Atlas ainda estavam dentro dele. Mas achou melhor deixar para a manhã seguinte.

De volta à cama, Artur tornou a olhar para o relógio e puxou as cobertas. Com certeza não tinha sido por acaso que aqueles foram os primeiros acontecimentos da segunda-feira.

“Vai ser um dia interessante”, ele pensou. Decidido, afastou-se da janela e, para não sofrer a tentação de olhar para fora, fechou os olhos.

E deixou a luz acesa.

Capítulo 4

Na segunda-feira de manhã, Artur não estava especialmente ansioso para chegar à escola. Depois dos acontecimentos daquela noite, ele só tinha conseguido dormir por pequenos períodos. Acordou mais ou menos de hora em hora, com uma sensação de pânico, a respiração difícil, e em todas as vezes verificou se a luz continuava acesa, se a noite estava tranqüila, se não havia novidades. O dragão-de-komodo permanecia imóvel ao pé da cama. Com o quarto tomado pela claridade do sol, ficava difícil crer que o lagarto tivesse criado vida e afugentado a coisa repugnante que voara até a janela.

Artur desejou poder acreditar que tudo não passara de um pesadelo e esquecer. Mas sabia que era verdade. A Chave e o Atlas serviam de prova. A princípio, pensou em deixar os dois objetos dentro do lagarto de cerâmica, mas depois do café resolveu pegá-los e guardar na mochila da escola. Então, olhou pela janela, observando cuidadosamente o quintal, antes de correr até o carro onde sua mãe o esperava.

Na cidade em que morava anteriormente, Artur ia a pé para a escola. Na casa nova, às vezes ia de bicicleta. Mas seus pais achavam cedo demais para ele fazer esforço, e ficou combinado que a mãe o deixaria na escola, a caminho do laboratório.

Normalmente, Artur daria um show de independência, em especial diante do irmão, Eric, por quem tinha certo respeito. Eric era um astro tanto no basquete como na corrida e não teve problema algum de adaptação na nova escola. Já começava a se destacar e provavelmente seria chamado a integrar o time principal de basquete. Além do mais, já tinha carro, comprado com o salário de seu trabalho como garçom nos fins de semana, mas ficou combinado que ele não levaria Artur à escola, a não ser em caso de extrema necessidade. Ser visto na companhia do irmão muito mais novo prejudicaria sua imagem. Apesar desse seu discurso, havia interferido em várias situações importantes da vida de Artur, espantando brigões que o intimidavam ou ajudando-o quando caía da bicicleta.

Artur ficou feliz por ter a companhia da mãe naquela manhã. Desconfiava seriamente de que os homens com cara de cachorro e chapéu-coco — ou seriam humanóides? — pudessem estar à espera na escola. Tinha passado boa parte de suas horas de insônia preocupado em como se proteger contra eles. A empreitada seria especialmente difícil se os adultos não pudessem vê-los. E isso, pelo que Ed havia dito, era bem possível.

O trajeto até a escola foi feito sem problemas, embora ele mais uma vez passasse pela estranha monstruosidade parecida com um castelo, que ocupava o lugar de várias casas do bairro. Para descobrir se sua mãe conseguia ver a Casa, Artur comentou sobre o tamanho do prédio. No entanto, exatamente como seu pai, ela só enxergou as construções normais. Artur se lembrava bem

do aspecto anterior daquela área, mas, por mais que tentasse, por mais que forçasse a vista ou esticasse a cabeça, só via a Casa.

Ao olhar diretamente, notou como a construção era confusa, complexa e estranha em muitos detalhes. Os estilos de arquitetura e os acréscimos irregulares eram muitos. Artur chegou a ficar atordoado, tentando identificar as partes da Casa e descobrir como se combinavam. Enquanto observava uma torre, por exemplo, tinha a atenção despertada por um caminho coberto, uma abertura na parede ou outra idéia estranha.

Ele também achou difícil olhar duas vezes exatamente para o mesmo lugar. Ou a casa mudava quando ele desviava os olhos, ou o carro passava depressa demais, e a complexidade e a espessura das várias partes que compunham o prédio impossibilitavam o reajuste do foco.

Depois que passaram pela Casa, Artur relaxou um pouco, devido à normalidade do resto do trajeto. Parecia uma manhã como qualquer outra, com o tráfego, as crianças e os pedestres costumeiros. Não havia sinal estranho algum, quando entraram na rua onde ficava a escola. Artur se sentiu aliviado com a mesmice e a normalidade da cena. O sol brilhava; havia gente por toda parte. Com certeza, nada poderia acontecer naquele momento, não é mesmo?

No entanto, assim que saltou do carro em frente à entrada principal e sua mãe foi embora, Artur viu cinco homens de terno preto e chapéu-coco surgirem como marionetes entre os carros do estacionamento dos professores, à direita. Os homens também o viram e começaram a avançar em sua direção, pelas fileiras de carros. Eles andavam estranhamente em linha reta, mudando o rumo em ângulo também reto para evitar alunos e professores, embora não fossem vistos por eles.

Outros caras de cachorro apareceram à esquerda. Artur os viu brotar do chão como uma fumaça negra que em um segundo se solidificava sob a forma de um homem com cara de cachorro, terno preto e chapéu-coco.

Caras de cachorro à esquerda. Caras de cachorro à direita. Nenhum à frente, porém. Artur apressou o passo, a respiração suspensa. Sabia que não podia correr o risco de outro ataque de asma. Andou mais devagar, com os olhos a se mover rapidamente entre um e outro grupo de caras de cachorro, cada vez mais próximos. Seu cérebro rapidamente calculou velocidade e direção.

Se subisse depressa na calçada principal e as escadas, estaria dentro da escola antes de ser alcançado pelas criaturas.

Andou rápido, desviando dos alunos que iam devagar. Pela primeira vez, agradeceu por não ser conhecido na escola; por não ter colegas tentando interceptá-lo para conversar ou chamando “Espere aí, Artur!” No colégio onde estudava antes, isso certamente teria acontecido.

Conseguiu chegar aos degraus. Os caras de cachorro se aproximavam. Estavam apenas a uns 10 ou 15 metros atrás dele, e a escada estava apinhada, principalmente com alunos mais velhos. Para não forçar passagem, Artur foi

ziguezagando, abrindo caminho enquanto dizia “Desculpe!” e “Com licença!”

Estava quase alcançando a entrada principal e o que esperava que fosse a segurança, quando alguém agarrou sua mochila, obrigando-o a parar.

Por um instante, Artur pensou que fossem os caras de cachorro. Então, ouviu palavras que o tranquilizaram, apesar do tom ameaçador.

— Você esbarrou no cara, agora tem que pagar por isso!

O garoto que segurava a mochila de Artur era muito maior que ele, mas não parecia zangado. É difícil parecer muito bravo quando se veste uniforme escolar. Até o nó da gravata estava perfeito. Artur logo viu que se tratava de um falso valentão.

— Vou vomitar! — ele ameaçou, tapando a boca com a mão e inflando as bochechas.

O garoto que tentava parecer durão largou Artur tão de repente que ambos perderam o equilíbrio. Como Artur já esperava que isso fosse acontecer, recuperou-se primeiro. Com uma só passada, subiu mais três degraus, poucos metros à frente de um bando de caras de cachorro com chapéu-coco. Eles estavam por toda parte, como uma revoada de corvos prestes a atacar um pedaço de carne. Alunos e professores abriam caminho sem saber por que, parecendo confusos com os próprios movimentos.

Por um segundo, Artur pensou que não fosse conseguir. Os caras de cachorro estavam em seus calcanhares. Podia ouvi-los arquejando e bufando. Podia sentir até o bafo, como Folha tinha dito. O cheiro era de carne podre, pior do que um beco cheio de latas de lixo, nos fundos de um restaurante. O mau cheiro e o som de passos deram velocidade extra a Artur. Ele subiu aos saltos os últimos degraus, foi de encontro à porta de vaivém e caiu dentro da escola.

Em um instante, estava de pé novamente, pronto para correr, a respiração já encurtada e os pulmões se apertando. Sentia-se dominado pelo medo de ver os caras de cachorro passarem pela porta, de sofrer um ataque de asma e não conseguir oferecer resistência.

Mas os caras de cachorro não ultrapassaram a porta de entrada. Ficaram amontoados junto dela, pressionando as caras achatadas contra os painéis de vidro. Pareciam realmente um cruzamento de cão de caça com ser humano: olhinhos cobiçosos, expressão ansiosa, bochechas caídas e língua pendurada, que lambuzava os vidros. Uma espécie de Winston Churchill em um dia péssimo. Estranhamente, todos haviam tirado o chapéu da cabeça e acomodado embaixo do braço esquerdo. A aparência não era das melhores. Os cabelos iguais ficavam à mostra: curtos e castanhos. Como pêlo de cachorro.

— Deixe-nos entrar, Artur — pediu um deles com voz estridente. Logo outros fizeram coro, criando uma dissonância horrorosa em que as palavras se misturavam: “entrar, deixe, nos, Artur, Artur, deixe, deixe, Artur, entrar, entrar...”

Artur tapou os ouvidos e seguiu em frente, tomando o corredor central. Concentrou-se em estabilizar a respiração em um ritmo seguro. Aos poucos,

os latidos desapareceram.

Ele virou no fim do corredor.

Os caras de cachorro tinham desaparecido. Estudantes e funcionários circulavam, rindo e conversando. O sol brilhava. Tudo parecia normal.

— O que tem nas orelhas? — perguntou uma voz em tom de interesse.

Meio sem graça, Artur tirou as mãos dos ouvidos.

Obviamente, os caras de cachorro não podiam alcançá-lo dentro do prédio. Ele estava livre para se concentrar nos problemas ligados à escola, pelo menos até o fim do dia. E poderia tentar encontrar Ed e Folha. Queria contar o que aconteceu e ver se os dois conseguiam enxergar os caras de cachorro. Quem sabe, teriam alguma idéia quanto ao que fazer?

Artur tinha a esperança de encontrá-los no ginásio, preparando-se para a corrida. Ele levava um atestado para não participar, mas precisava entregá-lo ao sr. Weightman. Antes disso, porém, teria de suportar uma manhã inteira de Matemática, Ciências e Inglês, matérias em que era bom quando estava disposto — mas não naquele dia. Ao chegar ao ginásio, fazendo questão de ir por dentro da escola, e não pela quadra, teve a surpresa de ver que a turma estava reduzida a dois terços do que era na semana anterior. Faltavam pelo menos 15 alunos, inclusive Ed e Folha.

O sr. Weightman não ficou satisfeito em ver Artur. Sem uma palavra, pegou o atestado, leu e devolveu, dirigindo-se ao restante da turma.

— Alguém mais tem atestado? Alguma aula atrasou? Onde está todo mundo?

— Doente — resmungou um dos garotos.

— Todos? — Weightman perguntou. — Ainda nem estamos no inverno! Se isso for algum tipo de brincadeira, vai haver sérias conseqüências.

— Não, senhor, eles estão doentes mesmo — explicou um dos atletas sérios. — Muita gente pegou uma espécie de gripe.

— Tudo bem. Acredito em você, Rick — disse Weightman. Artur olhou para Rick. Era um garoto bem proporcionado: um atleta, com certeza. Parecia saído de um comercial de pasta de dentes ou tênis de corrida. Não admira que Weightman acreditasse nele.

De todo modo, era estranho haver tantos alunos afastados por doença naquela época do ano. Em especial porque a vacinação contra gripe, feita semestralmente, tinha se tornado obrigatória há 5 anos. Todo mundo recebera vacina, há apenas 2 meses, o que geralmente garantia proteção total contra viroses sérias.

Artur percebeu uma sensação de medo familiar crescer dentro dele. O medo que o acompanhava desde que se entendia por gente: de que outra epidemia de gripe levasse aqueles a quem amava.

— Muito bem, vamos começar com alguns exercícios de aquecimento — Weightman chamou.

Finalmente, ele olhou para Artur e dispensou-o com um gesto.

— Você, Penhaligon, pode ir brincar de jogar pedrinhas ou o que quer que seja. Só não me cause problemas.

Artur fez que sim com a cabeça, sem coragem de falar. Era bastante ruim quando os colegas debochavam dele, mas pelo menos tinha a possibilidade de responder à altura ou levar na brincadeira. Com o professor, a situação ficava bem mais complicada.

Ele se virou e foi andando em direção à saída. Estava na metade do caminho quando ouviu passos atrás dele e sentiu um toque no braço. Ele se encolheu, com medo de que fossem os caras de cachorro. Mas era apenas uma garota, alguém que ele não conhecia. Uma garota de brilhantes cabelos vermelhos.

— Você é Artur Penhaligon? — ela perguntou, tentando se fazer ouvir em meio a risinhos do resto da turma, que tinha visto o susto que ele levou.

— Sou.

— Folha me mandou um e-mail para passar para você — ela disse, entregando um pedaço de papel dobrado.

Artur pegou o papel, ignorando os assobios dos garotos.

— Não ligue para aqueles mutantes — a garota falou em voz alta. Ela sorriu e correu de volta para seu grupinho de garotas altas, de ar aborrecido.

Artur guardou o papel no bolso e saiu do ginásio, com o rosto pegando fogo. Não sabia o que o tinha deixado mais sem graça: ser mandado jogar pedrinhas por Weightman ou receber um bilhete de uma garota na frente de todo mundo.

Foi procurar refúgio na biblioteca. Depois de explicar à bibliotecária que estava liberado da aula de Educação Física e de mostrar o atestado, deu uma olhada no ambiente e decidiu se sentar em uma das mesas do segundo piso, perto de uma janela que dava para a frente da escola e para a rua.

A primeira providência que tomou foi de pegar livros de consulta bem grandes e construir com eles um cantinho privativo. Assim, ninguém poderia ver o que ele fosse ler, a não ser que olhasse por cima de seu ombro.

Então, tirou da mochila o Atlas e a Chave e colocou sobre a mesa, perto do e-mail de Folha. Imediatamente, percebeu com o canto do olho um movimento. Olhou para fora pela janela e, como já desconfiava que fosse acontecer, viu os caras de cachorro esgueirando-se entre as árvores e os carros estacionados. Artur se inclinou um pouco para a frente para espiar melhor. Eles sabiam exatamente onde o garoto estava.

Artur pensou que fosse se sentir mais seguro ao vê-los. Pensou que fosse se sentir mais corajoso ao aparecer na janela. Mas não foi assim. Ele estremeceu quando as criaturas se uniram em bando, mudas, sem tirar os olhos dele. Até então, nenhuma delas tinha mostrado asas, como aquela que voara até a janela do quarto, na noite anterior. Mas talvez fosse apenas uma questão de tempo.

Naquele momento, ele se imaginou um ratinho branco tentando fugir do olhar de uma cobra naja. Se conseguisse, teria como escapar.

Artur foi tomado por um forte desejo de correr para dentro da biblioteca, de se esconder entre as pilhas de livros. Mas sabia que não adiantaria. Ali, pelo menos, ele tinha certeza de onde os caras de cachorro se

encontravam. *O que* eram eles, eis aí outra questão — uma das muitas que formavam a lista mental que Artur vinha elaborando.

Ele desdobrou o papel onde estava impresso o e-mail de Folha e leu:

Para: cabeçavermelha55tepidmail-com

De: equipeprep20amebio.gov

Oi, Allie

Sou eu, Folha. pode passar esta mensagem para artur penhaligon? o garoto que caiu na corrida, segunda-feira passada? ele é claro e magro, mais ou menos da altura de ed e tem os cabelos como os de gary krag. muito importante. rápido. obrigada.

Folha

Oi, art

lamento não termos voltado ao hospital para ver você. ed ficou doente na terça-feira à noite, depois mamãe + papai + tia manga (este não é seu nome verdadeiro). eu não estou doente, mas nossa casa está de quarentena. muitos policiais-médicos vieram aqui, com roupas especiais, com cara de preocupação. eles acham que é um novo tipo de gripe. as vacinas NÃO FUNCIONAM. na verdade, ninguém está doente, mas, se chego perto de ed e dos outros, sinto aquele cheiro horrível dos SUJEITOS COM CARA DE CACHORRO, quando juntos. os médicos não sentem o cheiro. ed e os meus pais também não, já que estão com o nariz escorrendo. os médicos têm máquinas para sentir o cheiro por eles e dizem que está tudo bem. mas é claro que não está. ninguém acredita em mim.

acho que o vírus vem dos caras de cachorro. ESPERO que você descubra quem são. DEPENDO DE VOCÊ!

internet e telefone foram cortados para que o pânico não se espalhe. esta mensagem vai pelo palmtop que peguei de um dos médicos, sem que ele visse, mas ele vai descobrir.

estou com medo.

Capítulo 5

Por alguns segundos, Artur olhou fixamente aquelas últimas palavras: *estou com medo*.

Ele estremeceu, dobrou a folha impressa e a colocou de volta no bolso. Ao sentir a respiração começar a ficar difícil, concentrou-se em um ritmo lento e constante. Inspire lentamente, prenda, expire lentamente. Mas sua mente corria o tempo todo. Estava sendo pior do que pensava.

Todos os medos que tinha conseguido manter sob controle ameaçavam explodir, deixando-o em pânico total. O velho medo de uma nova epidemia. E o novo medo dos caras de cachorro, do Sr. Segunda-Feira e até da Chave.

“Respire”, comandou Artur. “E pense”.

Ele tinha recebido a Chave... E o Atlas? Quem... ou o que... eram o Sr. Segunda-Feira e os caras de cachorro? Teriam eles alguma ligação com o súbito aparecimento de um tipo de gripe resistente aos tratamentos? Seria uma epidemia? Talvez apenas a família de Ed e Folha fossem afetadas...

Artur olhou outra vez pela janela, para os caras de cachorro, e acidentalmente tocou ao mesmo tempo a Chave e o Atlas, que se encontravam sobre a mesa. Nesse momento, sentiu um choque elétrico agudo e viu o Atlas se abrir de uma vez, o que o fez saltar como um gato assustado. Como havia acontecido antes, o Atlas cresceu até ocupar quase todo o espaço da mesa delimitado pela trincheira de livros.

Dessa vez, o Atlas não mostrou o desenho da Casa. Em seu lugar, surgiu um rápido esboço de um dos caras de cachorro, mas sem chapéu-coco, camisa suja ou terno preto fora de moda. Este usava apenas um manto, mas o rosto não deixava dúvidas.

Palavras apareceram perto da ilustração, escritas por uma espécie de mão invisível, em um alfabeto estranho que Artur não conseguia identificar e muito menos ler. No entanto, sob o olhar do garoto, foram se arrumando em seu idioma, embora com tipos aparentemente antiquados. De vez em quando, um borrão de tinta surgia sobre uma palavra, mas logo sumia. Então, o texto pareceu pronto, e Artur se pôs a ler.

A CASA foi construída do Nada, e SUAS fundações se apoiam sobre Nada. Assim, como Nada é para sempre, e A CASA é apenas eterna, as fundações lentamente afundam no Nada em que A CASA foi construída, e Nada tem impacto sobre A CASA. Dos depósitos, esgotos e calabouços mais profundos da CASA, é possível tirar algo do Nada e dar-lhe forma, usando apenas o pensamento, caso este seja suficientemente forte. Proibido pelo uso, se não pela lei, isso é tentado com frequência por aqueles que devem saber mais, embora não seja alta traição negociar com os Nadicas, coisinhas teimosas que ocasionalmente emergem do Nada, sem qualquer ligação com o tempo e a razão.

Uma típica formação do Nada é o Buscador, aparição aqui ilustrada. O Buscador é uma criatura de baixíssimo grau, em geral moldada com determinado objetivo. Embora este seja um procedimento contrário à Lei Original, tais criaturas são freqüentemente empregadas em tarefas servis fora da própria CASA, em Reinos Secundários, por serem extremamente duráveis e menos hostis à vida mortal do que a maior parte DAS criaturas do Nada (ou àqueles de dentro da CASA, pertencentes a ordens superiores). No entanto, são restringidas por certas limitações, como a incapacidade de atravessar soleiras, se não forem convidadas, e o fato de poderem ser afastadas facilmente com o uso de sal ou de outros recursos triviais de magia.

Talvez um em um milhão de Buscadores consiga iluminação superior a seu estágio, tendo garantido emprego na CASA. Cumprida a tarefa, eles, em sua maioria, retornam ao Nada primordial de onde vieram.

Buscadores jamais devem receber asas ou armas, mas devem sempre receber ordens claras.

Artur pensou novamente na horrenda face na janela, espremida contra a vidraça, com as asas batendo furiosamente. Alguém havia ignorado o aviso acerca de não dar asas aos Buscadores. Ele não se surpreenderia se aqueles que o esperavam do lado de fora possuísem armas, embora não quisesse nem pensar no tipo de armas que seria.

Artur tentou virar a página do Atlas em busca de mais informações, mas não conseguiu. O Atlas tinha muitas páginas, que, no entanto, pareciam coladas, formando um só bloco. Nem uma unha penetrava entre elas.

Ele desistiu e desviou o olhar para fora, quando viu com surpresa que os Buscadores haviam mudado de lugar, nos poucos minutos que dedicara à leitura do Atlas. Formaram um círculo na rua e olhavam para cima. Dois carros estavam parados por causa deles, embora os motoristas obviamente não vissem o que impedia a passagem. Artur ouviu a distância, através da camada dupla de vidro da janela, a reclamação de um deles:

— Tire esse lixo daí! Eu não tenho o dia todo!

Os Buscadores olhavam fixamente para o céu. Artur olhou também, mas não viu nada. Parte dele preferia não ver, porque o medo crescia.

“Não olhe”, dizia uma parte de seu cérebro. “Quando não vemos os problemas, eles não existem”.

“Mas eles existem”, pensou Artur, tentando dominar o medo. “Continue respirando devagar. Você tem de enfrentar os seus medos. Tem de lidar com eles”.

Ele manteve o olhar fixo na cena lá de fora, até que uma luz branca e intensa surgiu bem acima do círculo. Artur fechou os olhos e protegeu o rosto. Quando voltou a olhar, pontos pretos dançavam à sua frente, e ele precisou de alguns segundos para enxergar claramente outra vez.

O espaço no centro do círculo não estava mais vazio. Tinha aparecido um homem. Ou não se tratava exatamente de um homem, já que grandes asas pendiam de seus ombros. Artur piscou várias vezes, tentando fazer a visão entrar em foco. As asas eram brancas, mas salpicadas de uma coisa escura e

feia. Então, elas se dobraram nas costas da aparição e, em instantes, tinham sumido, deixando apenas um belo homem alto, de cerca de 30 anos. Ele usava camisa branca de colarinho pontudo que lhe chegava ao queixo, gravata vermelha, um colete dourado sob um casaco verde-garrafa e calças marrom-claras que caíam sobre botas de verniz marrom-escuro: um conjunto que tinha saído de moda há pelo menos 150 anos.

— Oh, não! — exclamou alguém atrás de Artur. — Exatamente como sempre imaginei o sr. Darcy. Deve ser um ator! Por que está vestido daquele jeito?

Era a bibliotecária, a sra. Banber, que tinha se aproximado enquanto Artur estava distraído.

— E quem são aqueles de terno preto? — ela continuou. — Aqueles rostos não podem ser reais! Será que estão filmando?

— A senhora está vendo os caras de cachorro? — perguntou Artur espantado. — Quero dizer, os Buscadores?

— Estou — ela respondeu distraída, sem tirar os olhos da cena. — Mas, agora que você falou, acho que preciso ir ao oftalmologista. Parece que as minhas lentes de contato não estão boas. A imagem está meio borrada.

Pela primeira vez, ela olhou direito para Artur e viu a muralha de livros.

— Mas você eu vejo bem, rapazinho. O que está fazendo com todos estes livros? E o que é isso? — perguntou a bibliotecária, apontando para o Atlas.

— Nada! — respondeu ele prontamente.

E, dizendo isso, fechou o Atlas e largou a Chave, o que foi um erro. O Atlas imediatamente encolheu, voltando ao tamanho de bolso.

— Como aconteceu isso? — perguntou a sra. Banber.

— Não posso explicar — se apressou em dizer.

Não havia tempo! O homem bonito se encaminhava para a biblioteca, com os Buscadores atrás. Ele se parecia um pouco com o Sr. Segunda-Feira, embora muito mais energético, e Artur não tinha certeza se as restrições impostas aos Buscadores quanto a atravessar soleiras de porta se aplicavam a ele.

— A senhora tem sal aí? — perguntou Artur ansioso.

— O quê? — estranhou a sra. Banber.

Ela continuava a olhar para fora, enquanto alisava os cabelos. Seus olhos pareciam perdidos e sonhadores.

— Ele vem aí! — disse ela.

Artur agarrou o Atlas e a Chave e as escondeu na mochila. Os dois objetos brilharam com uma luz suave e amarelada que, por um instante, iluminou o rosto da bibliotecária.

— Não diga a ele que estou aqui! — pediu Artur. — Não diga!

Não se sabe se foi o medo na voz de Artur ou a luz emitida pelo Atlas e pela Chave o que chamou a atenção da sra. Banber. Só se sabe que, de repente, ela pareceu menos sonhadora.

— Não sei o que está acontecendo, mas não estou gostando — ela disparou. — Ninguém vai entrar na minha biblioteca sem autorização! Vá se esconder atrás dos livros de Zoologia. Eu me entendo com aquela pessoa!

Artur não precisou de um segundo convite. Ele se afastou da janela, metendo-se no labirinto de prateleiras de livros o mais depressa que pôde. Sentia os pulmões se apertando, perdendo a flexibilidade. Eram o estresse e o medo alimentando a asma.

Ele parou atrás das prateleiras dos livros de Zoologia, abaixando-se de modo a ver a porta de entrada da biblioteca, onde a sra. Banber montava guarda em sua mesa. Ela verificava os livros com um scanner, que apitava toda vez que o sensor infravermelho encontrava um código de barras.

Artur procurou manter lenta a respiração. Talvez o homem bonito não conseguisse entrar. Se ele ficasse esperando do lado de fora, Artur poderia escapar pela entrada dos funcionários, que tinha visto nos fundos.

Uma sombra se projetou sobre a porta. Artur interrompeu a respiração. Pensou que fosse sufocar, mas foi só um momento de pânico. Assim que se recuperou, viu o homem bonito do lado de fora.

Com a mão enluvada, ele empurrou a porta. Por um instante, Artur teve a esperança de que ele não conseguisse entrar. Mas ele entrou, fazendo soar melancolicamente o sensor anti-roubo e apagarem-se as luzes verdes acima do portal.

Em uma fração de segundo, a sra. Banber estava diante do recém-chegado.

— Isto aqui é uma biblioteca escolar — avisou friamente. — Visitantes devem se identificar primeiro na portaria.

— Meu nome é Meio-Dia — apresentou-se o homem.

Sua voz era profunda e musical, como a de um ator inglês famoso. Qualquer ator inglês.

— Sou secretário particular e copeiro do Sr. Segunda-Feira. Procuro um garoto. Ar-tor.

Artur viu que o homem tinha a língua prateada, literalmente prateada, brilhante. As palavras saíam como que lisas e brilhantes também. Ele teve vontade de aparecer e dizer: “Estou aqui”.

A sra. Banber obviamente sentia o mesmo. Artur pôde ver que ela tremia ao levantar a mão, como se fosse apontar para o local onde ele estava escondido. Mas alguma coisa pareceu forçá-la a não fazer isso.

— Por mim... tudo bem — disse ela, subitamente com a voz enfraquecida e parecendo diminuir de tamanho. — Você tem... tem que se apresentar...

— É mesmo? Não pode permitir que eu troque algumas palavras...

— Não, não — sussurrou a sra. Banber.

— Que pena — disse Meio-Dia.

Sua voz foi ficando cada vez mais fria, autoritária, ameaçadora. Ele sorriu, mas um sorriso cruel que não ia além dos lábios. Em seguida, correu o

dedo enluvado ao longo de uma vitrine e o mostrou à bibliotecária: sujo de poeira cinzenta.

Ela olhou fixamente, como se estivesse sendo examinada pelo oftalmologista.

— Está precisando de uma faxina — continuou Meio-Dia.

Ele soprou, e uma nuvem de poeira atingiu o rosto da sra. Banber. Ela piscou uma vez, fungou duas vezes e caiu no chão.

Horrorizado, Artur viu Meio-Dia pular cuidadosamente por sobre o corpo da bibliotecária e se aproximar, em silêncio, da mesa. Por um segundo, pensou que a moça estivesse morta, mas logo viu que ela tentava se levantar.

— Ar-tor — chamou Meio-Dia com voz suave, a língua prateada a se movimentar rapidamente.

Ele tinha parado junto da mesa e corria os olhos pelas prateleiras, em atitude de visível suspeita.

— Apareça, Ar-tor. Eu só quero conversar com você. Ar-tor!

A voz se tornou mais enérgica, e outra vez Artur teve vontade de sair do esconderijo e fugir. Mas sentiu uma força contrária, vinda da Chave e do Atlas guardados na mochila, uma vibração suave como o ronronar de um gatinho, que reduzia a força das palavras de Meio-Dia. Artur abriu a mochila, pegou a Chave e guardou o Atlas no bolso da camisa. Os dois objetos lhe transmitiam um conforto imenso. Ele teve mesmo a impressão de que conseguia respirar com mais facilidade.

Meio-Dia fez uma expressão de desagrado, e uma feiúra momentânea tomou seu rosto. Então, estendeu a mão calçada de luva branca e abriu um armário pequeno que se materializou no ar. Dentro, havia um telefone antigo, com um fone preso ao fio e um bocal.

— O Sr. Segunda-Feira — ele disse no bocal. Artur ouviu sons vindos do outro lado.

— Isto é assunto oficial, idiota — disparou Meio-Dia. — Informe o seu nome e número.

Outros sons vieram do outro lado. Meio-Dia tornou a franzir a testa e então, lenta e deliberadamente, colocou o fone no gancho, deixou-o ficar lá por um momento e o pegou outra vez.

— Telefonista? O Sr. Segunda-Feira. Sim, imediatamente. Eu sei de onde estou falando! Aqui é Meio-Dia de Segunda-Feira. Obrigado.

Depois de uma pausa, para que o Sr. Segunda-Feira atendesse, ele continuou:

— Senhor? Achei o garoto.

Artur ouviu claramente o Sr. Segunda-Feira bocejar antes de responder. Sua voz não apenas saía pelo fone, mas ecoava por toda a biblioteca.

— Pegou a Chave, o Ponteiro dos Minutos? Traga-os imediatamente!

— Ainda não, senhor — respondeu Meio-Dia. — O garoto está escondido em... uma biblioteca.

— Não me importa onde ele está escondido — gritou Segunda-Feira. — Pegue a Chave!

— Uma biblioteca, senhor — Meio-Dia explicou pacientemente.
— Há muitas letras impressas. O Testamento pode estar aqui também...
— O Testamento! O Testamento! Estou enjoado desta conversa! Faça o que tiver que fazer! Você tem plenos poderes! Use-os!
— Preciso disso por escrito, senhor — Meio-Dia falou calmamente.
— Os Dias Seguintes...

Depois de um som que parecia a meio caminho entre o rosnado e o bocejo, um papel bem enroladinho saiu do bocal como uma flecha. Com um movimento tão rápido que escapou aos olhos de Artur, Meio-Dia se desviou para o lado e, com a mão livre, agarrou o rolo de papel que passava.

— Obrigado, senhor — disse e parou, esperando. Não houve resposta. Apenas um longo ronco.

Meio-Dia desligou o telefone e fechou o armário com cuidado, fazendo-o dissolver-se no ar imediatamente.

Em seguida, desenrolou e leu o documento. Dessa vez, um sorriso verdadeiro atravessou seu rosto e uma luz vermelha faiscou em seus olhos.

— Esta é a sua última chance de aparecer — avisou Meio-Dia, tentando convencer Artur. — Posso fazer os Buscadores entrarem agora. Eles logo vão tirar você daí, Ar-tor.

O garoto não respondeu. Meio-Dia continuou no mesmo lugar, dando tapinhas na coxa com o rolo de papel. Atrás dele, a bibliotecária alcançou a mesa e pegou o telefone. Artur observava em pânico, sem saber o que fazer. Deveria ajudar a sra. Banber? Deveria se entregar? Talvez, se desse a Chave para Meio-Dia, ele o deixasse em paz.

A sra. Banber tinha as mãos tão trêmulas que mal conseguia digitar os números. Ao ouvir o bip das teclas, Meio-Dia se virou rapidamente. Suas asas como que explodiram, atrás e nas costas dele. Asas enormes, emplumadas, que um dia foram brancas e lustrosas, mas que agora estavam sujas, com manchas escuras horríveis, de alguma coisa que parecia sangue ressecado.

Quando Meio-Dia esticou o braço e flexionou os dedos, suas asas lançaram uma sombra assustadora sobre a bibliotecária. Então, apareceu em sua mão uma espada de fogo, com a qual ele golpeou o telefone. A lâmina flamejante imediatamente fez o aparelho derreter e os papéis que estavam sobre a mesa pegar fogo. A sra. Banber cambaleou e caiu perto da porta, enquanto a fumaça subia em direção ao teto.

— Chega! — disse Meio-Dia.

Ele se aproximou da entrada com passos firmes, com as asas ainda em arco, e abriu a porta.

— Entrem, meus Buscadores! Venham e encontrem o garoto! Venham e encontrem Ar-tor!

Capítulo 6

A fumaça preta encheu o cômodo. Em segundos, um alarme de incêndio começou a soar lá fora, acompanhado pela “gritaria” da sirene que anunciava a desocupação da área. Ao ouvir o som, os Buscadores entraram na biblioteca, todos ao mesmo tempo, latindo de alegria por terem sido convidados a passar pela porta.

Meio-Dia apontou para as prateleiras, e os Buscadores se encaminharam para lá, muitos deles curvados para cheirar melhor o chão, a língua pendurada e o nariz à procura de alguma coisa. Farejavam a caça: Artur.

Mas Artur não os esperou. Correu para a porta dos fundos. Estava trancada. No entanto, dentro de uma caixa de vidro cheia de sinais de advertência que restringiam sua utilização a casos de incêndio, havia um botão que abria a porta.

O incêndio existia. Artur bateu com a mochila na caixa e quebrou o vidro, que não se estilhaçou, mas se dividiu em muitos pedacinhos. Com a mão esquerda, apertou o botão, porque não queria largar a Chave, que mantinha apertada na direita. De algum modo, ela o ajudava a respirar, e esta era sua maior necessidade no momento. Artur ouvia nitidamente o grunhir e o resmungar dos Buscadores percorrendo os corredores formados pelas prateleiras arrumadas de acordo com o sistema decimal Dewey de classificação de livros, parando em cada interseção.

A porta não se abriu. Com mão trêmula, ele apertou novamente o botão. Nada aconteceu. Artur chutou e chutou, mas a porta não se moveu um milímetro. Então, uma chama avermelhada percorreu o portal. Uma chama com o mesmo vermelho rico e profundo que ele tinha visto na espada flamejante de Meio-Dia.

— A porta dos fundos, meus Buscadores! Ar-tor está tentando fugir pela porta dos fundos!

A voz de Meio-Dia soou acima do alarme de incêndio, da sirene e dos latidos dos Buscadores. Artur entendeu imediatamente que ele havia usado seus poderes para travar a porta. Mas Artur tinha a própria magia. Ou pelo menos possuía uma coisa poderosa, embora não soubesse exatamente o que era nem como usar. A Chave.

Artur tocou a porta com a extremidade do ponteiro dos minutos e gritou: “Abra!” Em seguida, viu surgir um facho de luz branca e sentiu um calor no rosto. Então, a porta se abriu em duas. Um novo alarme soou, em meio à barulheira já instalada. Ele correu para a escada de incêndio, saltando os dois primeiros degraus. De repente, porém, parou, deu meia-volta e retornou. Tinha de fechar as portas atrás dele ou os Buscadores com certeza logo o alcançariam. Mas havia desperdiçado segundos preciosos. Daria tempo?

Artur se atirou às portas e fechou-as, bem no momento em que dois Buscadores chegavam. Mas foi jogado para trás pelas portas novamente abertas, empurradas pelos Buscadores, que uivavam, rosnavam e tentavam agarrá-lo. Dedos rasgaram sua camisa e arrancaram os botões, mas ele deu um golpe com a Chave, fazendo com que as criaturas o largassem, em meio a horríveis gritos agudos.

Depois de fechar novamente as portas, Artur fez nelas uma cruz com a Chave, enquanto gritava: “Feche! Tranque! Trave!”

Não se sabe se foi o corte ou se foram as palavras, só se sabe que a porta se manteve fechada, apesar de os Buscadores jogarem os corpos contra ela, provocando baques facilmente ouvidos do lado de fora. Mas Artur não perdeu tempo. Ele sabia que nenhuma porta era capaz de deter Meio-Dia.

Mal o garoto chegou ao corredor estreito que separava a biblioteca do refeitório da escola, houve uma explosão acima dele. Ele se abaixou a tempo de ver as chamas se projetando em todas as direções. As portas voaram, indo cair perto do laboratório de Ciências, bem afastado. Com espirais de fumaça sobre a cabeça e os Buscadores amontoados atrás dele, Meio-Dia alcançou a escada de incêndio. Naquele momento, as criaturas tinham uma aparência menos humana; pareciam cachorros meio humanizados, com seus ternos pretos em farrapos, tendo deixado os chapéus-coco esquecidos em algum ponto da biblioteca em chamas.

Artur voltou a correr, mas, depois de percorrer alguns metros, percebeu acima dele o rufar e bater de asas gigantes. Uma sombra fria passou sobre sua cabeça, e Meio-Dia aterrissou bem na frente dele, asas abertas e a espada flamejante na mão, apontada para sua garganta.

— Entregue a Chave — Meio-Dia ordenou calmamente.

— Não — sussurrou Artur. — É minha.

— Foi um engano, garoto boboca — disse Meio-Dia, de cara feia, observando o sol por uma vidraça. — Entregue com a ponta redonda virada para mim. Não tenho o dia todo.

Alguma coisa na expressão de Meio-Dia e no modo como pronunciou as últimas palavras despertaram uma idéia na mente de Artur. Ele abaixou os olhos, como se estivesse em dúvida entre obedecer ou não. Na verdade, olhava para o relógio que trazia no pulso. Faltava um minuto para as 13 horas.

— Não sei se devo... — o garoto falou baixinho.

Ele olhou em volta desesperadamente. Ouvia os Buscadores se aproximando por trás. A espada flamejante estava tão perto que dava para sentir o calor. O suor lhe escorria pela testa, fazendo arder seus olhos. Ao menos conseguia respirar, embora fosse praticamente certo que ficaria sem fôlego, caso perdesse a Chave.

— Entregue a Chave!

— Venha buscar! — gritou o garoto.

Artur se virou como um lançador de disco e atirou a Chave pelo corredor, em direção à porta mais próxima, correndo atrás dela.

A pontinha da espada flamejante conseguiu atingi-lo no braço, produzindo uma linha de dor intensa, do ombro ao cotovelo. Meio-Dia gritou qualquer coisa que Artur não ouviu. Seus pulmões congelaram no curto espaço de tempo em que perdeu o contato com a Chave e, de repente, ele não conseguia respirar. Tinha a impressão de não poder dar nem mais um passo.

A idéia de Artur era que a Chave batesse na porta e voltasse às suas mãos, mas o ponteiro dos minutos voou como um punhal e passou pelo espaço estreito entre a porta e a parede. Assim, mais uma vez, suas expectativas não se concretizaram: ele bateu violentamente na porta e caiu no chão. Por sorte, sua mão aberta bateu na Chave, que ele apertou entre os dedos com o máximo de força possível. Com isso, a respiração se normalizou, e a queimadura do braço se reduziu a uma dorzinha à toa.

— De nada adiantam as suas ridículas acrobacias — disse Meio-Dia, entrando na sala onde Artur havia caído. — Entregue a Chave e deixo você se arrastar para fora. Senão, vou cortar sua mão.

Artur olhou para o relógio. O ponteiro dos segundos caminhava em direção ao 12. Eram quase 13 horas. Seu relógio era muito preciso e tinha sido acertado há uma semana, mais ou menos.

Lentamente, ele foi abrindo a mão, como se pretendesse obedecer e soltar a chave. Logo seus pulmões se apertaram, e a queimadura no braço voltou a doer.

— Ande logo! — gritou Meio-Dia.

Ele levantou a espada, e as chamas ganharam vida nova.

O ponteiro dos segundos estava na altura do 11. Artur engoliu em seco, ao pensar que estava prestes a apostar a mão — e a *vida* — em uma suposição. A suposição de que Meio-Dia só poderia permanecer em seu mundo por 60 minutos, entre o meio-dia e as 13 horas.

— Não!

Artur gritou, tornou a agarrar a Chave, recuou e fechou os olhos. A última coisa que viu foi o reflexo vermelho nos olhos de Meio-Dia e a espada flamejante se movendo rápida e violentamente na direção de sua mão.

Mas a dor não veio. Artur abriu os olhos. O ponteiro dos segundos tinha acabado de passar pelo 12. O ponteiro das horas e o dos minutos marcavam o 13. Não havia sinal de Meio-Dia de Segunda-Feira, e os Buscadores se mantinham em silêncio, babando, além da porta. Uma linha de cinzas ainda em brasa se estendia ao longo do chão, a poucos centímetros dos dedos de Artur. Ele pensou: “Como Meio-Dia podia ter errado?”

O alarme de incêndio ainda soava, e a sirene repetia seu grito constante. Artur ouvia, a distância, outras sirenes ainda mais estridentes. Eram os carros do corpo de bombeiros que chegavam à escola.

Devagar, Artur se levantou e olhou em volta. Estava nos fundos do refeitório, na verdade perto da entrada dos funcionários e do material. Não havia ninguém à vista, embora se pudesse deduzir, pelas refeições em preparação, pelos ingredientes separados, pelas panelas soltando fumaça e

pelos pratos girando no forno de microondas, que os funcionários tinham acabado de sair, em resposta ao alarme de desocupação.

Pela porta aberta, ele tornou a olhar para os Buscadores. Estavam em silêncio, organizados em fileiras. De algum modo, tinham recuperado os chapéus-coco, e os ternos pretos estavam inteiros novamente. Outra vez, eles se pareciam mais com homens muito feios do que com cachorros.

Um deles deu um passo à frente e abriu a boca, mostrando grandes caninos. Em seguida, emitiu um curioso som repetitivo, semelhante a grunhidos. Artur demorou alguns momentos para descobrir que aquilo pretendia ser uma risada. Mas que razão teria um Buscador para rir?

Somente então ele viu o que a criatura segurava na mão curta, grossa e de unhas compridas. O Atlas! Artur levou rapidamente a mão ao bolso da camisa e achou apenas um farrapo de tecido. O bolso tinha sido arrancado pelos Buscadores, quando o atacaram na biblioteca. Seu peito estava arranhado, embora ele não tivesse notado até aquele momento. Doía. Mas não tanto quanto a perda do Atlas.

Todos os Buscadores começaram a rir, se é que se pode chamar de riso uma série irregular de grunhidos. Artur recuou ao sentir o bafo fedorento e enjoativo que cada grunhido liberava. Eles obviamente consideravam uma vitória o fato de terem tomado um objeto muito importante.

Embora a contragosto, Artur teve de reconhecer que se tratava realmente de uma vitória. Para entender o que acontecia, ele precisava do Atlas. Tinha de consegui-lo de volta. O que dizia o Atlas a respeito dos Buscadores? Que não podiam atravessar soleiras de portas e...

Sal! Artur se encaminhou para as prateleiras da cozinha. Devia haver sal por lá, e muito. Aquela era uma cozinha comercial. Ele percorreu as prateleiras. Com a Chave presa em uma das mãos, usou a outra para virar sacos e despejar o conteúdo de potes. Açúcar, quatro tipos diferentes de farinha, temperos de várias espécies, outros grãos, frutas secas... sal! Havia um grande pote de sal comum e um saco pequeno de sal-gema.

Artur hesitou, mas em seguida enfiou a Chave por dentro do cinto, como se fosse um punhal. Assim que perdeu o contato com ela, a asma voltou. A respiração profunda de momentos atrás deixou de ser possível. No entanto, algum alívio ele ainda sentia. Talvez a proximidade fosse melhor do que nada.

Ele guardou o sal-gema na mochila, que voltou a acomodar nas costas, e pegou o pote de sal refinado, tirando-lhe a tampa. O pote continha dois terços de sua capacidade. Com a mão esquerda Artur pegou o pote pela alça e encheu a direita de sal.

Então, encaminhou-se para a porta, um tanto ofegante, mas preparado para a batalha. Imaginou que, se conseguisse surpreendê-los, atirando sal nos que formavam a fila da frente, poderia investir contra eles e tomar o Atlas, quando... bem, quando acontecesse o que quer que fosse, por causa do sal.

No fundo de seu pensamento, porém, uma dúvida surgiu imediatamente. E se o sal apenas fizesse as criaturas ficarem com raiva e

investirem contra ele, aos socos, mordidas e arranhões?

Artur não tinha a resposta. Forçou-se a focar um ponto: conseguir o Atlas de volta. De posse dele, poderia fazer outras perguntas.

Essas idéias lhe tumultuavam a mente, quando Artur alcançou a extremidade das prateleiras. Engoliu em seco, respirou o mais fundo que pôde e saltou em frente da porta, jogando sal e gritando:

— Iahhhhh!

Capítulo 7

O sal que Artur atirou na primeira fila de Buscadores interrompeu instantaneamente suas risadas, que se transformaram em gritos e lamentos. Ao serem atingidos, eles entraram em pânico, caindo uns sobre os outros em uma tentativa desesperada de escapar. Os braços, as pernas e as caras feias se misturaram, em uma confusão que só servia para facilitar a tarefa do garoto, que atirava punhados e punhados sobre as criaturas.

O sal chiava como fritura ao tocar os Buscadores. Seus corpos e suas roupas derretiam como se estivessem sendo corroídos pelo mais potente ácido que se possa imaginar. A mínima pitada provocava uma reação em cadeia que, em questão de segundos, reduzia a criatura a um monte de uma horrorosa espuma borbulhante.

Depois que Artur atirou nove ou dez punhados, acabaram-se os Buscadores. Sobraram apenas 14 montinhos do tamanho de calotas de carro de uma coisa malcheirosa, que parecia um cruzamento de bosta de elefante com alcatrão quente.

O garoto observou a cena com o sal ainda a escorrer entre os dedos. Sentindo os pulmões se apertarem, ele tirou a Chave do cinto. Foi o bastante para que o peito se abrisse, tornando a respiração livre e desimpedida. Artur sabia que a asma poderia voltar a qualquer momento, mas o estranho poder da Chave mantinha a doença sob controle.

Ele também sabia que a crise de asma era uma reação aos acontecimentos. O efeito do sal sobre as criaturas tinha sido um choque e lhe trouxera a lembrança desagradável da ocasião em que teve de jogar sal nos carrapatos agarrados às suas pernas, depois de uma caminhada no verão anterior.

Outra idéia que o incomodava era pensar que teria de remexer nos montinhos de espuma para procurar o Atlas.

De modo algum, ele encostaria nos tais montinhos com as mãos desprotegidas. Respirando pela boca, cuidadosamente tocou com o bico do sapato o montinho mais próximo. Mas, assim que foi tocada, a matéria espumante estremeceu e se transformou em uma coluna de fumaça tão preta e brilhante quanto seus sapatos escolares. Artur deu um salto para trás, ao ver a fumaça tomar a forma de uma pequena réplica do Buscador. A pequena réplica girou, girou e... desapareceu!

Em segundos, o mesmo aconteceu com todos os montinhos. Enquanto Artur chutava desesperadamente, a última pilha de espuma sumiu em um rolo de fumaça.

Sobrou somente o chão de concreto. Dos Buscadores, nem sinal. Para onde quer que tenham ido os restos salgados, levaram o Atlas com eles.

As sirenes e os alarmes de incêndio continuavam a tocar alto, o que em nada ajudava o processo de raciocínio de Artur. E outras sirenes se juntaram à barulheira, somadas ao que lhe pareceu o som de helicópteros. O incêndio devia ser pior do que ele supunha.

De repente, Artur se lembrou da sra. Banber. Ela estava inconsciente na entrada da biblioteca! Preocupado em fugir de Meio-Dia e dos Buscadores, ele tinha se esquecido dela!

Então, voltou ao corredor e olhou para cima. Como temia, grossas nuvens de fumaça saíam pelas portas quebradas e pelo teto da biblioteca. Provavelmente, o fogo se espalhara a uma velocidade incrível.

Artur tomou o rumo da escada. Achava que, se a Chave era capaz de fazê-lo respirar apesar da asma, também o ajudaria a respirar em meio à fumaça. Talvez até o protegesse do fogo, já que havia curado instantaneamente o ferimento provocado pela espada flamejante de Meio-Dia.

Artur tinha esperança de obter proteção.

Enquanto subia a escada, ele ouvia o crepitar do fogo. Um som terrível, assustador, que as cores trêmulas e sombrias a escaparem pela porta, iluminando a fumaça escura, tornavam ainda pior.

Artur estava quase no topo da escada, quando sentiu alguma coisa agarrar seu tornozelo. Ao se desequilibrar, caiu um pouco para a frente e perdeu por um instante o contato com a Chave, sendo imediatamente tomado pelo pânico e por um calor terrível. Seus pulmões sofreram um aperto mortal. Em seguida, porém, tornou a pegá-la e logo veio o alívio. Com a Chave bem presa na mão, ele se virou, pronto para o ataque, pensando que ia encontrar um Buscador agarrado à perna.

Mas não encontrou. Artur viu uma roupa em amarelo brilhante, um capacete vermelho e a forma vaga de uma face humana atrás do visor do equipamento de respiração de um bombeiro.

— Tudo bem, peguei você! — gritou o bombeiro, em voz que parecia abafada e distante.

Ele levantou Artur e o colocou sobre o ombro. Outros bombeiros passaram por eles, também usando roupas protetoras e equipamentos de respiração. Alguns carregavam machados e extintores; outros arrastavam mangueiras.

— A sra. Banber! — Artur conseguiu dizer, cutucando o cotovelo de um bombeiro que passava.

Ele não conseguia nem ver o rosto daquele que o carregava sobre o ombro. O afastamento momentâneo da Chave tinha deixado a fumaça entrar em seus pulmões. Artur sentia a melhora, mas a Chave obviamente precisava de tempo.

— Ela está na mesa de recepção!

O segundo bombeiro parou.

— O quê? — perguntou ele, esforçando-se por se fazer ouvir através da máscara.

— A bibliotecária — gritou Artur. — Na mesa de recepção!

— Nós já a tiramos de lá — informou o outro. — Há mais alguém lá dentro?

— Não — respondeu Artur.

Não havia mais ninguém lá dentro, tinha certeza, a não ser que se escondesse entre as prateleiras, como ele mesmo fizera para fugir de Meio-Dia.

— Acho que não.

— Você vai ficar bem! — gritou o bombeiro, antes de desaparecer em direção à fumaça e ao brilho do fogo.

O bombeiro que carregava Artur desceu a escada e chegou ao corredor, então cheio de outros bombeiros, mangueiras e equipamentos, alcançando a parte lateral da biblioteca e a frente da escola. O local estava apinhado, com homens que combatiam a fogo, quatro carros de bombeiros, três ambulâncias, seis carros de polícia e, estacionados atrás deles, uma fileira de ônibus antigos. Em um segundo, Artur havia percebido que os ônibus não tinham janelas nem identificação.

O bombeiro carregou Artur até uma área do estacionamento onde já havia macas estendidas e colocou-o sobre uma delas. Em seguida, deu-lhe um tapinha no ombro e sorriu. O garoto retribuiu o sorriso e só então percebeu que olhava para o rosto de uma mulher, que imediatamente voltou para o fogo.

As outras macas estavam vazias. Provavelmente a sra. Banber já tinha sido levada para o hospital.

Artur permaneceu deitado de costas. Subitamente se sentiu meio tonto e muito cansado. Tudo havia acontecido tão depressa! Mantinha a Chave bem apertada na mão, mas empurrou-a mais para junto da perna, de modo que não pudesse ser vista.

Três helicópteros pairavam no céu azul, quase diretamente acima de Artur. Pensou que fossem equipes de reportagem para a televisão, mas não eram...

Artur se sentou. Um helicóptero era verde-escuro e tinha a palavra EXERCITO pintada embaixo. Os outros dois eram pintados de laranja brilhante e traziam a letra Q, bem grande, nos lados e embaixo.

Q de quarentena.

Artur olhou em volta e viu paramédicos vindo apressados em sua direção, carregando caixas de primeiros socorros marcadas com cruzes vermelhas brilhantes. Normal. Mas eles usavam trajes completos de proteção contra ameaças biológicas, com equipamento de respiração semelhante ao dos bombeiros. Isso não era normal.

Definitivamente.

Artur sentiu o medo que sempre o acompanhava se transformar em outra coisa. Aquilo era realidade, e não uma emoção desgastante que ele conseguia sufocar.

Os policiais usavam roupas protetoras azuis, e os soldados vestiam roupas protetoras com estampa de camuflagem. Estes últimos eram responsáveis pela instalação de aparelhos, inclusive chuveiros portáteis para descontaminação. Policiais estendiam fitas de isolamento em torno do prédio

da escola e orientavam a saída da última turma em direção aos ônibus sem janelas. Os alunos saíam em silêncio e de cabeça baixa, sem o alvoroço e a falação que acompanham toda oportunidade de fuga à rotina escolar.

Artur entendeu o que acontecia. Ele era jovem demais para ter presenciado cenas como aquela, mas havia assistido a muitos documentários, visto fotografias e lido livros sobre o assunto. Desde muito cedo, Emily tinha conversado com ele para ajudá-lo a entender o que acontecera com seus pais biológicos e com o mundo.

Aquilo era restrição biológica (isolamento de materiais perigosos ou potencialmente danosos à vida) e quarentena. A escola estava sendo lacrada, e todos os que lá se encontravam seriam levados a um hospital seguro. Quer dizer: a autoridade federal de biocontrole tinha reconhecido a existência de uma epidemia e assumido o comando da situação. Esse fato significava que a escola havia sido considerada a origem do vírus ou a principal fonte de portadores.

Talvez algumas pessoas tivessem morrido por causa do vírus desconhecido. Artur se lembrou de Ed e do e-mail de Folha. Se ela estivesse certa, e os caras de cachorro... os Buscadores tivessem espalhado o vírus...

Artur fechou os olhos, recordando o que tinha lido no Atlas a respeito dos Buscadores.

“Menos hostis à vida mortal do que a maior parte das criaturas do Nada...”

Hostil significa prejudicial, e menos hostil queria dizer apenas que eles não eram tão ameaçadores quanto outros perigos. Tal como um terremoto leve é melhor do que outro mais forte. Desde que você não esteja no meio dele. Os Buscadores provavelmente *tinham* espalhado uma doença terrível. Uma doença para a qual a mãe de Artur estaria buscando tratamento ou uma vacina. Ela não teria chance, porém, se a fonte fosse em outro lugar. Em outro mundo.

E se o tal vírus ultrapassasse todas as medidas protetoras e restritivas, chegando ao laboratório de Emily? Artur poderia perdê-la. Perder a única mãe que havia conhecido. E com certeza Bob também seria contaminado, e depois seus irmãos e irmãs...

— Tudo bem? Respire, que eu quero ver.

Artur abriu os olhos. Outro visor de máscara. Outra face pouco definida. Outra voz abafada.

— Estou bem, sim — respondeu fracamente.

“Ao menos fisicamente”, pensou, sufocando o pânico que ameaçava tomar conta dele. E respirou mais uma vez, surpreso com a facilidade que a Chave lhe proporcionava.

— Você inalou fumaça?

Artur fez que não com a cabeça.

— Tem alguma queimadura? Sente alguma dor?

— Não, estou bem — respondeu Artur. — De verdade. Já estava fora quando o fogo começou.

O paramédico examinou rapidamente os olhos de Artur, prendeu em seu pescoço uma espécie de pequeno dispositivo eletrônico para diagnóstico e examinou a pele sob a camisa rasgada.

— Levante o braço. O que é isso? — perguntou, indicando a Chave.

— Meu trabalho em metal. Se eu perder, vou ser reprovado.

— Certo — concordou o paramédico. — Levante o braço. Mexa os dedos. Levante os pés.

Artur seguiu as instruções, sentindo-se uma verdadeira marionete.

— Você está em muito melhor forma do que seria de se esperar ao sair de lá — concluiu o paramédico, após ler o resultado da verificação feita pelo aparelho preso no pescoço do garoto.

Os dois olharam para a biblioteca em chamas. Uma coluna de fumaça de mais de 30 metros de altura saía de lá.

— É, existe gente de sorte... — comentou o paramédico. — Mas nem tanta assim — emendou, ao ver um policial estender com dificuldade uma fita de isolamento marcada com o trevo fluorescente indicativo de risco de vida.

— Lamento dizer que a sua escola foi incluída sob o Creighton Act, como potencial ameaça biológica...

— Uma área perigosa — interrompeu Artur.

As palavras o ajudaram a manter o medo sob controle, a fazer aquela sensação vaga e indefinida se tornar um problema real, algo que podia ser analisado e a que era possível reagir.

— Vamos todos ficar de quarentena?

— É isso mesmo. Espere aí. Tenho de ler os seus direitos como cidadão em quarentena.

O paramédico pegou um cartão de plástico, aproximou da parte da frente do capacete e apertou os olhos para ler melhor.

— Muito bem. Vamos lá: “Você está sob o Creighton Act. Durante a quarentena, tem o direito a se comunicar eletronicamente e a apelar da situação. Você não pode ficar em quarentena por mais de 365 dias a partir do período de incubação da doença ou do agente causador sem uma extensão formal emitida pelo governo federal. Durante o período, qualquer ação que viole a quarentena ou exponha a perigo a saúde alheia será considerada ofensa federal, pela qual pode ser aplicada qualquer pena, inclusive a pena de morte”. Entendeu?

— Entendi — respondeu Artur lentamente.

A palavra “entendi” pareceu pairar no ar, pesada, entre eles. Artur sabia que aquela era uma das declarações mais importantes que já tinha feito.

Ele havia aprendido sobre o Creighton Act na escola. Era uma consequência da epidemia de gripe que matara seus pais biológicos. Várias vezes esteve para ser revogado: em primeiro lugar porque nenhuma epidemia tinha surgido desde então; e em segundo lugar porque concedia ao governo poderes enormes sobre os cidadãos em quarentena. A parte final, que tratava da pena de morte, era especialmente controversa, já que havia sido usada para justificar os tiros disparados contra quem tentasse escapar.

“É o que vai acontecer comigo, se eu tentar fugir agora”, pensou Artur. Mas, se ele não chegasse à Casa para descobrir o que estava acontecendo, talvez nunca fosse descoberta a cura para o vírus que os Buscadores tinham espalhado.

— Por que estamos de quarentena? — perguntou Artur, escorregando da maca e pondo-se de pé.

— Ainda não sabemos — respondeu o paramédico.

Ele olhava para longe, e sua voz vinha pouco nítida através da máscara.

— Começa como uma gripe forte, que dura alguns dias. Depois, o doente dorme.

— Não parece tão ruim.

— E não acorda mais — explicou o paramédico. — Nada o faz acordar.

— Mas dormir é bom... — Artur começou a argumentar, tentando aparentar despreocupação e convencer a si mesmo.

— Ele não come, nem bebe, nem absorve medicação alguma ministrada por via intravenosa — continuou o paramédico. — Não se sabe por quê.

Artur olhou fixamente o profissional diante de si. Mesmo através da máscara, podia perceber que o homem estava com medo.

— Todos os casos têm ligação com esta escola. Eu não devia lhe dizer isso. Mas não se preocupe. A quarentena vai funcionar. Vamos encontrar a cura.

“Ele não acredita nisso. Ele acha que todos nós vamos morrer”, pensou Artur.

O paramédico tirou a unidade de diagnóstico do pescoço de Artur, verificou novamente a marcação e jogou o aparelhinho em uma caixa marcada com o trevo indicativo de lixo potencialmente perigoso. Sua mão tremia, quando ele apontou para os ônibus e disse:

— Vá, apresente-se ao sargento Hu, ali perto do ônibus.

— Sim, senhor.

Artur caminhou devagar em direção ao policial que, junto com três ou quatro garotos, montava guarda na porta do último ônibus. Sua mente trabalhava sem parar. Ele tinha de agir. Era a única pessoa capaz de fazer alguma coisa em relação à epidemia. Mas o quê?

Ele olhou mais uma vez para a biblioteca em chamas, enquanto tentava desesperadamente elaborar um plano. A coluna de fumaça ainda era bastante grossa, mas um rolo pareceu se desviar para um lado, como um fio de algodão doce sendo puxado. Então, o tal fio se esticou, torceu e dobrou, como não aconteceria à fumaça comum.

Estavam se formando letras de fumaça! Palavras completas! Artur rapidamente examinou o ambiente em volta. Ninguém olhava na mesma direção. Talvez, tal como no caso dos Buscadores, só ele pudesse ver o que acontecia.

De início, as palavras se amontoaram, dificultando a leitura. Mas logo tudo ficou claro:

Artur, chegue perto da CASA, e eu o ajudarei. Will, o Testamento

— Falar é fácil — resmungou Artur.

Em seguida, as palavras se desmancharam, tomando outra vez o aspecto de rolos de fumaça.

Era *muito* mais fácil dizer do que fazer. Primeiro, Artur tinha de fugir da quarentena sem levar um tiro ou ser apanhado. E, depois que entrasse naquele ônibus, seria praticamente impossível escapar.

Todas as possibilidades passaram por sua cabeça — a maior parte delas cenas imaginárias em que se via fugindo do ônibus, com policiais e soldados gritando e correndo atrás, até que um deles finalmente saca um revólver e dispara uma saraivada de tiros.

Tinha de haver outro jeito. Artur retardou o passo, de modo que tivesse mais tempo para pensar. Estava a meio caminho do ônibus. Só lhe restava menos de um minuto de liberdade, portanto. Cadê a resposta? A Chave poderia ser usada de algum modo?

Ele olhou para a Chave, que guardava junto do corpo, e concluiu que tinha outro problema. O policial revistava todos os que entravam no ônibus e já havia reunido a seus pés uma pilha de canivetes, sprays e outros objetos. Uma pilha muito menor do que a que resultaria de uma busca na antiga escola de Artur; não seriam encontrados revólveres, mas muitas outras armas mortais.

Pelos padrões do policial, a Chave não seria um trabalho escolar feito em metal, mas uma faca comprida e fina, de feitio estranho, que lhe seria tomada, com certeza. E então...

Artur teria uma crise de asma. Ainda tinha o inalador, mas, depois de correr, lutar e aspirar fumaça, não acreditava que adiantasse de alguma coisa.

De repente, ele percebeu que só continuava vivo por causa da Chave.

— Ei, garoto! Ande logo! — gritou o policial.

Capítulo 8

A voz chegava grave e abafada, muito menos humana e muito mais ameaçadora. O último estudante tinha acabado de entrar no ônibus, e toda a atenção do policial se concentrava em Artur.

Aquele grito atingiu em cheio a mente de Artur, fazendo brotar um plano. Um plano que, sem pensar muito, ele pôs em ação.

— Eu... — disse. — Eu sou...

Artur empurrou a Chave mais para o fundo do bolso da calça, de modo que a ponta de metal furasse o tecido e tocasse sua perna. Então, tirou a mão.

O efeito foi instantâneo. A respiração dele ficou diferente, embora mantivesse um leve contato com a Chave. Era como se, de repente, estivesse muito cansado, com a capacidade pulmonar reduzida a 50%.

— Asmático! — ele afinal completou a frase, caindo no chão a dez passos do sargento.

Apesar da explicação de Artur e da roupa protetora, a reação do policial foi saltar para trás e subir no primeiro degrau do ônibus, como se tivesse visto o vírus em ação.

Artur apalpou o outro bolso, à procura do inalador, que levou à boca. Ao mesmo tempo, rolou no chão, de modo que a Chave aumentasse o contato com seu corpo. Metade dela tinha ultrapassado o bolso, levando-lhe alívio aos pulmões. Ele esperava que a parte circular na base da Chave a impedisse de cair no chão, caso ele se levantasse.

— Médico! — gritou o policial.

Ao mesmo tempo, o homem abriu o coldre e segurou o cabo da pistola.

— Médico! — tornou a gritar.

— Asma! — insistiu Artur, com voz fraca.

Ele deu duas bombadas na boca e manteve o inalador suspenso, de modo que o policial pudesse ver. Artur não imaginava que ele tivesse tanto medo do vírus, a ponto de ser capaz de atirar.

O paramédico que havia examinado Artur um minuto antes veio correndo, acompanhado por um colega, vários policiais e dois soldados. Era como se a súbita queda de Artur fosse o sinal que todos esperavam para agir. O garoto desejou que os soldados, que portavam submetralhadoras moderníssimas, não fossem tão nervosos quanto o policial.

O primeiro a chegar foi o paramédico. Ele pegou o inalador e ajudou Artur a dar algumas bombadas, enquanto abria e examinava rapidamente sua mochila. Apesar da máscara, dava para perceber sua expressão aborrecida.

— Por que não disse logo que era asmático? — perguntou. — Está tudo bem, sargento. Ele tem asma, e não a praga do sono. Além disso, atirar nos doentes só serviria para espalhar material infectante. Eu não recomendo.

— L... la... lamento — falou Artur com dificuldade.

— Tudo bem. Relaxe — respondeu o paramédico. E, voltando-se para o colega, continuou:

— Acho melhor levar este aqui. Traga a maca, por favor.

Num instante, os dois paramédicos tinham injetado em Artur alguma coisa que o fez respirar muito melhor, apesar de causar uma certa sonolência, contra a qual ele teve de lutar. Então, os dois o prenderam à maca, atravessaram a rua com ele e o empurraram para dentro da ambulância, com maca e tudo.

Em três minutos, estavam na estrada, ultrapassando os ônibus, a caminho do hospital designado para receber os doentes em quarentena. Artur imaginava estar indo para o East Area Hospital, na zona leste, o mais próximo da escola. Também ficava perto da Casa e, se ele estivesse certo, passariam pelo estranho prédio, embora por um caminho diferente daquele que costumava fazer ao ir para o lugar onde morava.

Artur contava também com a prometida intervenção de “Will”, que supunha ser a mesma pessoa ou entidade a que o Sr. Segunda-Feira e Espirrador se referiram como “O Testamento” — provavelmente o responsável pela entrega do Atlas. Artur imaginava que, se conseguisse chegar perto da Casa, seria ajudado, de alguma forma, a entrar.

Infelizmente, nada conseguia ver de dentro da ambulância. Estava preso à maca, de modo que não podia se sentar, e o veículo tinha apenas uma janela, na porta de trás.

— Aonde vamos? — perguntou Artur.

— East Area — respondeu o paramédico sentado ao lado dele. — Não fale. Poupe a respiração.

Artur sorriu. Pelo menos aquela parte do plano estava dando certo. Dali a uns cinco minutos estariam na Parks Way, que margeia a Casa. Então, alguma coisa aconteceria. Com certeza.

A ambulância avançou, sem ligar a sirene. Alguns minutos — ou o que pareceram minutos — se passaram, e Artur começou a ficar ansioso. E se ele estivesse errado? Teve a impressão de já ter passado pela Parks Way e estar prestes a entrar no hospital. Talvez estivesse enganado quanto à ajuda de Will. Ou, quem sabe, Will não tivesse conseguido. Talvez os subordinados do Sr. Segunda-Feira estivessem armando algum esquema para recuperar a Chave...

Então, houve um barulho no teto da ambulância, e o motorista parou de repente, exclamando, com a voz abafada pela máscara:

— Céus, o que é isso?

O outro paramédico passou por cima de Artur para espiar pelo pára-brisa dianteiro. Artur aproveitou para pegar com força a Chave no bolso, o que fez desaparecerem todos os sintomas da asma.

A ambulância continuou parada, sob o martelar constante no teto e o rugir das ondas que se formaram.

— É um aguaceiro localizado! — gritou o paramédico para o motorista.

Ele continuava inclinado para a frente. Somente suas pernas continuavam na parte de trás da ambulância.

— Vamos esperar. O garoto está bem.

Artur respirou fundo e tocou com a Chave a tira que o prendia à maca.

— Solte. Largue. Abra. — falou baixinho, esperando que funcionasse.

A tira realmente se soltou, ao som de um clique abafado pela barulheira da chuva sobre o teto da ambulância. Artur repetiu o processo para abrir a outra tira. Então, sentou-se e liberou as pernas.

Em seguida, projetou-se para a frente, agarrou a maçaneta, abriu a porta, e é difícil dizer se pulou ou caiu. Pronto. Estava debaixo da chuva mais forte que já vira. A chuva chegava a machucar, tão grandes eram os pingos — quase do tamanho de sua mão fechada. Tão grandes que Artur teve a impressão de que poderia se afogar neles.

A princípio, ele não conseguiu enxergar coisa alguma. Com dificuldade, rodeou a ambulância e tomou o que esperava que fosse a direção certa. Os ralos da rua não davam vazão ao escoamento da água, que já lhe chegava aos joelhos.

Com a Chave bem segura, ele caminhou, de queixo abaixado até encostar o peito, para evitar que a chuva torrencial lhe entrasse pelos olhos, pelo nariz e pela boca. Foi quando ouviu um grito abafado vindo da ambulância.

Então, de repente, a chuva parou. Artur levantou a cabeça e olhou em volta, para descobrir que ainda chovia. Mas não onde ele estava. A alguns passos de distância, o aguaceiro continuava a cair. Uma nuvem escura pairava sobre a ambulância, pouco mais extensa do que ela.

Era difícil ver o que se passava dentro da incrível chuvarada restrita, mas Artur conseguiu perceber uma sombra saltar pelos fundos da ambulância. Era o paramédico que vinha atrás dele!

Artur se preparou para correr, mas o paramédico pouco avançou. A chuva se intensificou de tal modo que não havia mais pingos, mas uma sólida massa de água que o céu descarregava horizontalmente. Assustado, o homem foi arrastado aos trambolhões, como uma rolha de cortiça. Artur chegou a pensar que, felizmente, a roupa especial que usava, com suprimento de oxigênio, impediria que o paramédico se afogasse.

No momento seguinte, a ambulância escorregou de lado, ao som do cantar de pneus, para seguir lentamente o paramédico pela rua. Artur viu homem e veículo arrastados pela estranhíssima enchente repentina. Não seriam levados até muito longe, apenas o suficiente para Artur escapar. A nuvem começava a diminuir, e a chuva a enfraquecer.

Ele dobrou a esquina. Conforme esperava e desejava, viu aparecer o mármore frio do muro que cercava a louca arquitetura da Casa.

Embora tivesse perdido o Atlas, Artur ainda se lembrava do mapa. Havia estudado o desenho detidamente e sabia bem onde encontrar o local marcado como *Postem* de Segunda-Feira. Depois que passasse por ele, precisaria apenas caminhar até o ponto indicado como PORTA DA FRENTE em um dos prédios alongados que compunham a parte central da Casa. E depois da Porta da Frente...

Depois o quê? Artur não fazia idéia. Mas sabia que não tinha como voltar. Precisava encontrar a cura para o mal que o paramédico havia chamado de praga do sono — ou pelo menos aprender mais sobre a doença. E precisava também descobrir por que a Chave e o Atlas tinham sido entregues a ele.

Todas as respostas estavam dentro da Casa. Portanto, era para lá que ele iria. Artur caminhou rente ao muro, mantendo um dedo encostado à superfície de pedra, e tomou a direção sul, onde, acreditava, estava o *Postern* de Segunda-Feira.

Em 10 minutos, estava na parte sudoeste. Tinha feito uma descoberta interessante: enquanto tocava a parede, não via ou ouvia o tráfego da Parks Way, nem enxergava as pessoas nas casas que ficavam do outro lado. Era como se a rua e as casas fossem apenas um cenário à espera da apresentação dos artistas.

No entanto, bastava se afastar da parede e deixar de correr o dedo por ela que carros e pessoas surgiam diante de seus olhos. Até o latido dos cachorros e os gritos das crianças ele conseguia ouvir. E, acima de tudo, ouvia as sirenes e o ruído dos helicópteros a distância.

Tudo indicava que a quarentena tinha sido estendida para além dos limites da escola.

Então, Artur manteve o dedo em contato com a parede. Descobriu que, se não visse ou escutasse as outras pessoas, não seria visto ou ouvido por elas.

O *Postern* de Segunda-Feira ficava na parede sul, a poucas centenas de metros da esquina oeste. Quando estava quase chegando ao local onde pretendia ir, Artur se afastou da parede. Mas, ao procurar uma porta, um portão ou qualquer tipo de entrada, não encontrou. Havia apenas o mármore frio, liso e brilhante.

Sério, ele procurou se aproximar. Mas ainda não via nada. Então, ergueu a Chave e tocou o muro.

O efeito foi imediato. O mármore, tocado pela Chave, brilhou. Os veios escuros começaram a pulsar e se mover, como se criassem vida. Dez ou 12 passos adiante, surgiu a sombra escura de uma porta.

Artur não gostou do que viu, mas se aproximou, mantendo a Chave em contato com a parede. Conforme avançava, o muro criava vida, enquanto o que ficava para trás se aquietava.

A entrada era tão escura que o garoto não conseguia identificar se estava aberta ou fechada. De algum modo, ela absorvia a luz, tornando-se extremamente sombria. Tanto podia ser uma imagem quanto um caminho para qualquer lugar.

Artur estremeceu ao se aproximar do *Postern*. Um tremor incontrollável. Mas ele tinha de passar por ali para penetrar na Casa e encontrar a Porta da Frente.

A primeira providência era descobrir se a tal entrada estava aberta ou não.

Com certa hesitação, Artur estendeu a Chave. Não houve resistência. O ponteiro de relógio em prata e ouro continuou a brilhar ao mergulhar na escuridão, embora não iluminasse o espaço em torno.

Ele sentiu uma espécie de choque elétrico fraco na mão e no pulso, mas não doeu. Então, esticou o braço e o viu desaparecer até o cotovelo na escuridão. Mais uma vez, não sentiu nada. Não houve resistência. A Chave não encontrou coisa alguma.

Artur trouxe a mão de volta e a examinou. A Chave e o braço pareciam exatamente iguais ao que eram antes. Sua pele não tinha ferimento ou transformação visíveis.

Ainda assim, ele hesitou. Sentia-se assustado por não saber o que o aguardava na escuridão. Além do mais, tinha perdido a mochila e o sal, sua defesa contra os Buscadores. Provavelmente tinham ficado na ambulância.

No entanto, ainda possuía a Chave e não conseguia evitar certa ansiedade, certo entusiasmo, apesar do medo. A Casa e seus mistérios — e respostas — estavam atrás do muro. Pelo que ele sabia, o *Postern* de Segunda-Feira era a única entrada.

Ele tinha de atravessá-lo.

Artur respirou fundo, o que nem sempre era possível. Ele gostava de sentir os pulmões se expandirem até a capacidade máxima. Então, segurando a Chave à frente como um espadachim pronto para o duelo, entrou de corpo inteiro.

Capítulo 9

Artur deu um passo à frente, mas não encontrou chão firme. Aliás, não encontrou chão algum. Ele gritou ao perceber que caía e que o *Postern* de Segunda-Feira não estava atrás dele, mas acima; era uma abertura brilhante em meio à escuridão total. Uma abertura que parecia mais distante a cada segundo.

O grito de Artur desapareceu na garganta quando ele notou que já não caía tão depressa. Era como se tivesse mergulhado na água, embora não se sentisse molhado nem com dificuldade de respirar. Ele tentou alguns chutes, na esperança de retardar a queda. Ficava difícil garantir, uma vez que a abertura distante era seu único ponto de referência, mas teve a impressão de que se afastava mais lentamente.

Depois de outros chutes e alguns socos com a mão livre, que pareciam dar resultado, ele pensava em guardar a Chave no cinto e tentar alguns movimentos de natação, quando a Chave subitamente estremeceu em sua mão. E, um segundo depois, estremeceu novamente, dessa vez com muito mais força, como se um pescador a puxasse pela linha, tal qual um peixe. E então, a Chave simplesmente disparou para a frente, quase se soltando da mão de Artur. Se não estivesse bem presa, ele a teria perdido e voltaria a cair.

Agarrou a Chave com as duas mãos, a ponto de fazer doerem os músculos do antebraço. Ela acelerava como um pequeno foguete, felizmente sem a descarga de chamas, carregando Artur pela escuridão.

Ainda não dava para ver nada. Sem a sensação do ar em movimento ou um ponto de referência, ficava difícil avaliar a velocidade em que se moviam. Mas, de algum modo, ele sentia a Chave cada vez mais veloz. Depois de algum tempo — não saberia dizer quanto — a extremidade ficou avermelhada pelo calor e começou a soltar faíscas. Artur recuou a cabeça e virou o rosto, mas não seria preciso: a base da Chave permaneceu fria, e as faíscas se desviavam, como se uma espécie de escudo o protegesse.

Um longo tempo se passou. Artur tentou ver que horas eram, mas seu relógio tinha escorregado para a parte de baixo do pulso, e ele não ousaria usar uma das mãos para colocá-lo no lugar. Ainda tentou marcar mentalmente segundos e minutos, mas perdeu a conta.

Finalmente desistiu. Pelo menos uma hora tinha se passado, disso estava certo. Sentia os dedos e os ombros duros e doloridos. Contudo, pelo esforço que fizera, o desconforto deveria ser muito maior. Mais uma vez, confirmou o poder que a Chave tinha de aliviar a dor e a tensão, assim como o havia ajudado a respirar.

A viagem acabou por deixá-lo entediado, e ele começou a examinar o espaço em volta, para ver se enxergava alguma coisa. Qualquer coisa. Mas, fora o brilho da Chave e as faíscas, não havia luz. Uma vez ou outra, uma faísca parecia riscar lá longe a escuridão, e Artur teve a impressão de perceber

sombras se movendo paralelamente a ele. No entanto, quando forçou a vista, nada descobriu.

Então, quando começou a sentir medo novamente, pensando que não chegaria a lugar algum, a Chave subitamente mudou de direção. O movimento brusco fez Artur gritar, por causa do esforço para manter os braços esticados, e fez suas pernas se dobrarem involuntariamente.

Somente então conseguiu ver alguma coisa. Primeiro, um fiapo, depois um ponto e, por fim, um retângulo de luz que se aproximava com alarmante rapidez. Era outra porta iluminada — esta muito, muito maior do que o *Postern* de Segunda-Feira. Ele ia bater em cheio nela em altíssima velocidade. Estava a 160 quilômetros por hora, pelo menos, e seria transformado em pasta...

Artur fechou os olhos na hora da batida... e caiu sobre alguma coisa, tal como teria acontecido se tropeçasse em seu quarto de dormir e caísse com o nariz enfiado em um livro aberto.

Ele abriu os olhos, mexeu os braços e voltou a se deitar no chão. Ficou quieto durante alguns segundos, aliviado por sentir uma base sólida, real, sob as mãos. Ainda tinha a Chave, que não brilhava mais, e a ausência de dores mais fortes sugeria não haver ossos quebrados nem danos mais graves.

Mas onde estava? Via e sentia grama sob o corpo. Lentamente, ficou de pé e olhou em volta. A primeira coisa em que reparou foi uma luz estranha, pálida e fria, de um rosa alaranjado, como o pôr-do-sol. Mas não havia sol.

Artur estava de pé em uma colina alta e deserta, de grama baixa, que se debruçava sobre um mar... não, não era mar. Uma neblina cerrada se estendia até onde a vista alcançava. E formas mal definidas, que ele não conseguia identificar, destacavam-se na neblina. Pareciam torres a furar a cerração acinzentada, mas nenhuma suficientemente perto.

Em seguida, Artur olhou para cima, esperando ver o céu. Mas a visão que teve o fez se abaixar instintivamente.

Não havia céu. Em vez disso, ele viu um teto, um vasto teto abaulado, de uma cor prateada sem brilho, que se estendia por quilômetros em todas as direções. O ponto central ficava a mais de 180 metros, diretamente acima da colina onde ele estava. Redemoinhos púrpura e laranja se moviam pela superfície prateada do teto, despejando um pouco de luz.

— Bonito, não é? — perguntou uma voz atrás de Artur.

Era uma voz de homem, grave e pausada. Nada ameaçadora, porém. Apenas o tipo de comentário que, estando em um mirante, um observador da paisagem faria a outro.

Artur deu um salto e quase caiu de novo ao se voltar para ver quem falava. Mas só conseguiu encontrar uma porta enorme, envernizada em cor escura, sem coisa alguma em volta, sustentada por duas colunas de pedra branca, bem no alto da colina. Na verdade, ele chegou à conclusão de que “porta” era um nome inadequado. Aquilo era muito mais um portão, três ou quatro vezes maior do que o da garagem da casa de seus pais.

Era decorado com trepadeiras e arabescos em ferro trabalhado, que formavam padrões e desenhos diferentes conforme o ponto de observação ou

ângulo de visão. Mais ou menos como um quebra-cabeça. Em poucos segundos, Artur viu uma árvore que podia ser um cavalo-marinho, se ele inclinasse um pouco a cabeça. E o rabo do cavalo-marinho podia formar um cometa rodeado de estrelas, que se juntavam para criar um navio...

Bastava piscar e as formas mudavam. Ele desviou o olhar. A porta era perigosa. Os padrões e formas agiam como uma armadilha eterna para os olhos.

E havia a tal pessoa... ou o que quer que fosse... quem teria falado com ele? Artur olhou em volta, mas só viu a porta estranha e a colina deserta. Uma porta enorme que parecia levar a lugar nenhum, imóvel e solitária.

Artur deu a volta e se surpreendeu ao ver que o outro lado era exatamente igual. Pensou que talvez a porta fosse uma espécie de escultura, de manifestação artística. No fundo, no fundo, porém, sabia que, se fosse aberta, ele não veria o outro lado.

— Mudança de turno daqui a pouquinho — disse a voz. — Então, você verá algo que vale a pena.

— Onde você está? — perguntou Artur.

— Onde? — a voz pareceu surpresa. — Ah, não exatamente... espere um momento... um passinho para a esquerda...

A decoração que havia na porta emitiu uma luz fraca, e os padrões formaram a figura de um homem. O ferro se transformou em carne e osso. O homem deu um passo à frente. Então, Artur viu diante de si um indivíduo alto, de expressão calma, que aparentava mais ou menos a mesma idade de Bob, seu pai. De diferente, tinha longos cabelos brancos, caídos sobre os ombros. Tal como o Sr. Segunda-Feira, Espirrador e Meio-Dia, usava roupas completamente fora de moda. No caso, um fraque azul de botões dourados com uma dragona de ouro só no ombro esquerdo, sobre uma camisa bem branquinha, calças marrom-claras que iam até a altura dos joelhos, onde se encontravam com as botas lustrosas de pontas viradas. Na mão esquerda, trazia uma espada embainhada que segurava despreocupadamente abaixo do cabo, fazendo com que duas borlas douradas lhe caíssem sobre o pulso. Não parecia disposto a sacar a arma.

— Desculpe — começou a figura. — Às vezes, esqueço as apresentações. Sou o Tenente Guardião da Porta da Frente. Permita-me saudar o portador da Chave Menor da Casa Inferior.

Em posição de sentido, ele fez continência e estendeu a mão.

— Artur Penhaligon — respondeu o garoto.

Os dois automaticamente trocaram apertos de mão. A pele do Tenente Guardião parecia estranha, lisa e fria, mas não repulsiva. Artur teve o cuidado de passar a Chave para a mão esquerda sem perder o contato com ela, enquanto pensava no motivo que teria levado aquela estranha figura a chamá-la de Chave Menor.

— Onde estou?

— Bem, está no Pátio Inferior da Casa — explicou o Tenente Guardião.
— Na Colina da Porta Aberta.

— Certo.

Artur ia fazer outra pergunta, mas seu pensamento foi desviado por um feixe de luz brilhante que, de repente, surgiu do pé da colina, iluminando todo o caminho até o teto. No momento seguinte, um raio de luz desceu e logo muitas luzes subiam e desciam, como se centenas ou milhares de interruptores fossem ligados ao mesmo tempo. Toda aquela iluminação imitava a luz do dia. Mas não era a mesma coisa.

Somente então Artur conseguiu enxergar através da neblina, que aos poucos se dissipava. Abaixo da montanha, havia uma cidade cuja arquitetura lembrava nitidamente a Casa no mundo dele, embora os prédios estivessem separados por ruas largas, e não misturados em um só bloco.

— O que... o que são aqueles feixes de luz?

— Elevadores. É a mudança de turno — explicou o Tenente Guardião.

— O fim da noite e a chegada da luz. Há trabalho a ser feito, e os elevadores levam os trabalhadores de cima para baixo e vice-versa. O pessoal da noite vai descansar e transmite todas as informações para quem chega.

— Que trabalho? O quê? Quem?

— Não tenho tempo para responder — interrompeu o Tenente Guardião. — É mudança de turno e não tiro folga há 10 mil anos. O Capitão Guardião não tem feito ronda. Devo retornar ao meu posto. O perigo é maior na hora da mudança de turno, e devo estar pronto. Mas vou lhe dar um conselho: proteja a Chave de olhares cobiçosos. Fique com esta camisa extra e esta touca que tenho, para não parecer muito diferente dos outros. Boa sorte, Artur Penhaligon.

Ele fez outra continência, voltou para a porta e se transformou em ferro novamente. Em um segundo, a figura do homem se diluía em muitas formas. Artur teve de fazer força para que seu olhar não ficasse preso às imagens em constante mutação. Com isso, não viu os desenhos em ferro formarem uma camisa e uma touca de malha, que caíram a seus pés.

Artur vestiu a camisa por cima da roupa que usava. Era de linho branco, com caudas longas e muito, muito grande. Tinha também um estranho colarinho removível. Como não havia botões nos punhos, ele teve de dobrar as mangas várias vezes. A touca era redonda, feita de um material parecido com feltro.

“Proteja a Chave de olhares cobiçosos”. Artur pensou na frase. Parecia um bom conselho, e havia alguma coisa no Tenente Guardião da Porta da Frente da qual ele gostava e em que confiava instintivamente. Mas como esconder a Chave, se precisava segurá-la para respirar?

Precisava mesmo? Talvez as coisas fossem diferentes naquele lugar. Fosse onde fosse, com certeza não era seu mundo. Artur hesitou, mas resolveu experimentar. Aos poucos, abriu a mão e deixou que a Chave se equilibrasse sobre a palma. Não sentiu diferença alguma. Mas ainda estava em contato com o metal.

Em seguida, Artur se ajoelhou e, depois de outro momento de hesitação, depositou delicadamente a Chave sobre a grama. Teve medo de sentir os

pulmões se fecharem, mas isso não aconteceu. Sua respiração se manteve tranqüila. Não houve dor nem aperto no peito. Ele continuou o mesmo. O que, como logo verificou, significava estar muito bem: cheio de energia e com um vigor incomum.

Portanto, naquele lugar — onde quer que estivesse — ele não tinha de se manter o tempo todo em contato com a Chave. Artur a pegou de volta e, depois de pensar um pouco, enfiou-a no cinto. Como a camisa do Tenente Guardião lhe chegava quase aos joelhos, o metal brilhante do ponteiro dos minutos ficou completamente escondido.

Assim, olhou para a cidade que se estendia lá embaixo. Podia ver as pessoas andando pelas ruas e ouvir o burburinho, embora não houvesse carros nem os ruídos próprios das cidades modernas. Os únicos veículos que conseguia perceber — pouquíssimos — eram puxados por animais. Seriam cavalos? De longe, era difícil dizer, mas pareciam ter algo de diferente.

“Acho que o melhor é descer e procurar alguém que me explique... tudo”, ele pensou. Sentia-se seguro. Os estranhos facho de luz continuavam para cima e para baixo, e Artur reparou que saíam do alto dos prédios. Portanto, ainda que se tratasse da emissão de raios *laser* ou de algum tipo de raio mortal, ele conseguiria evitar. E, vistas de cima, as pessoas e a cidade pareciam comuns, embora ao estilo antigo, sem sinais de trânsito ou fios de eletricidade.

Ele só teria de estar atento aos Buscadores, a Meio-Dia, ao Sr. Segunda-Feira e a qualquer um que demonstrasse muito interesse por ele ou parecesse perigoso. Pena ele ter perdido a mochila e o sal. De qualquer modo, porém, talvez não lhe servissem de nada naquele lugar.

Artur observou as redondezas mais uma vez, mas tratava-se apenas de uma tática de retardamento. Ele não tinha escolha. Precisava descer para a cidade. Não podia voltar. Ainda que soubesse como, de que adiantaria voltar? O único meio de encontrar a cura para a praga do sono era seguir em frente.

Por um momento, Artur pensou em Ed e em Folha. Eram os melhores amigos em potencial que havia feito na escola. Isto é, se sobrevivessem à praga. Em casa, qualquer coisa podia estar acontecendo. Artur se lembrou da incrível rapidez de transmissão do vírus que tinha matado seus pais biológicos — uma verdadeira explosão, partindo de apenas um portador conhecido, para infectar mais de 5 mil pessoas nas primeiras 24 horas. No segundo dia, já havia quase 50 mil doentes. Quando a equipe de Emily encontrou a vacina, apenas 18 dias depois do primeiro caso notificado e com quarentena rigorosa, a doença tinha provocado a morte de quase um milhão de pessoas.

“Preferia não ter me lembrado dessa estatística”, pensou Artur. Mas não havia razão para ficar ali, pensando. Era preciso fazer alguma coisa.

“Rock-and-roll”, ele resmungou consigo, pensando no pai. Deu um soco no ar e desceu a colina, em direção à fileira mais próxima de edifícios e à rua pavimentada com pedras arredondadas que ficava lá embaixo.

Meia hora depois, Artur estava bem no coração da cidade e se sentia extremamente confuso. Havia gente por toda parte — pelo menos, parecia gente. Mas as pessoas se vestiam no estilo de mais de 150 anos atrás. Todos os homens usavam chapéu. E as mulheres também, mas estas preferiam gorros e toucas. Mesmo as crianças — que não eram muitas — traziam boinas, além de roupas obviamente muito usadas e grandes demais para elas. Havia uma enorme variação na qualidade das roupas. Alguns vestiam pouco mais que farrapos, o que parecia uma mistura de muitas peças absolutamente incompatíveis. Outros se apresentavam impecáveis, com casacos limpíssimos, camisas brancas de colarinho duro, cachecóis longos, coletes brilhantes e botas lustrosas. Nenhuma das crianças se enquadrava nesta última categoria. Elas sempre estavam sujas e vestidas com uma miscelânea incrível de roupas de segunda mão.

Mais estranho, porém, do que as roupas das pessoas era o que elas faziam. Artur esperava encontrar todas as atividades comuns em cidades, como lojas, restaurantes, bares, escritórios e pessoas vendendo e comprando ou, pelo menos, andando e conversando.

Não havia nada disso. Havia, sim, uma movimentação tremenda de pessoas a entrar e sair dos prédios, a falar, a carregar caixas e empurrar carrinhos, a trocar fardos, caixotes, sacos, arcas e barris. Carroças passavam puxadas por animais que, a distância, pareciam — mas não eram — cavalos. A diferença estava nas três unhas separadas em lugar dos cascos, na ausência de crina, nos olhos brilhantes em vermelho vivo e na pele que, em vez de pêlo, apresentava o brilho do metal. Definitivamente, não eram cavalos.

Mas os animais não eram o que havia de mais estranho na cidade. Ainda mais estranho era o fato de tudo se mover em torno de papel, de material semelhante a papel ou da escrita: as trocas ou o que quer que as pessoas fizessem.

Homens carregavam pilhas de papéis que, para não voarem, prendiam com o queixo. Alguns traziam os bolsos do paletó abarrotados de rolos de pergaminhos, com os selos de cera pendurados. Outros empurravam carroças lotadas de blocos de pedra com inscrições gravadas. Mulheres trocavam pastas de couro com documentos. Garotas corriam com bolsas a tiracolo cheias de envelopes e papéis soltos. Garotos se esforçavam para carregar pequenos barris onde estava escrito: TINTA AZUL CELESTE DE SEGUNDA.

Artur vagueou pela praça de um mercado onde havia uma barraca ao lado da outra, todas iguais: cortavam e vendiam penas para escrever. Enquanto isso, gansos parcialmente depenados corriam entre os pés de quem passava. Artur cruzou com uma fila de homens vestidos com aventais de couro que levavam rolos que reconheceu como manuscritos feitos em papiro. Afinal, tinha feito um trabalho sobre o Egito Antigo no semestre anterior. Quatro mulheres lutavam para carregar uma enorme chapa folheada a ouro com estranhos símbolos gravados.

Além do atropelo causado pelo transporte de materiais, para onde quer que olhasse, Artur percebia um altíssimo nível de desorganização. Era como se

as pessoas não soubessem o que faziam e fizessem apenas pelo medo de ficar sem fazer nada. Todo mundo estava ocupado, fosse com papéis, blocos de pedra, penas, tinta ou talhadeiras. Artur não viu um indivíduo parado, sentado ou conversando. Nem viu um sequer que não carregasse pelo menos um maço de papéis.

A desorganização se refletia em muitas das conversas que Artur ouvia de passagem — na maioria das vezes, discussões. Uma mulher se recusava a receber 46 descrições variadas, escritas em pele de bezerro, outra reclamava asperamente por causa da responsabilidade pelo volume de *Aaab!* até *Aaar* do Registro em Folhas Soltas de Criações Inferiores.

Uma multidão de homens e mulheres postados à porta de um prédio tentava entrar e discutia com um homem muito alto de uniforme azul. O homem tinha nas mãos um rolo de papel, onde lia alguma coisa sobre falta de renovação de licença.

Outra multidão catava pedaços de um enorme bloco de pedra que parecia ter caído de um andar superior e se despedaçado. Dois homens rodeavam uma pilha de papéis, discutindo em voz alta sobre quem seria responsável pelo fato de as folhas estarem espalhadas pela rua. Artur reparou que as tais folhas eram rapidamente recolhidas por algumas das crianças mais maltrapilhas. Mas, quando ele tentou ler o que estava escrito nelas, as crianças sumiram na multidão.

Em todos os prédios, parecia haver escritórios — pelo menos naqueles que Artur observava melhor para ver se descobria um bar, um restaurante ou um supermercado. Não que estivesse com fome, só queria encontrar alguma coisa normal.

Os edifícios tinham placas de bronze ou indicações nas portas, mas quase todas estavam tão azinhavradas que era impossível ler o que diziam. O azinhavre é uma substância esverdeada ou azulada que cobre os objetos de metal quando expostos à atmosfera por longos períodos de tempo. As poucas placas brilhantes e polidas não faziam sentido para ele. Encontrou algumas que indicavam: SUBDIVISÃO DA SEGUNDA DIRETORIA DO TERCEIRO DEPARTAMENTO DE VERIFICAÇÃO E PROCESSO DE RACIOCÍNIO LÓGICO INTERIOR — GABINETE DO PÁTIO INFERIOR e DE INICIATIVAS DO TIPO O QUE SOBE NÃO PRECISA DESCER — ANEXO DO PÁTIO INFERIOR e ASSISTENTE ASSOCIADO DO DÉCIMO PRIMEIRO REPRESENTANTE DO INQUISIDOR-GERAL ENCARGADO DAS ASAS — GABINETE DE INSPEÇÃO DO PÁTIO INFERIOR.

Outro aspecto da desorganização daquele alvoroço era o fato de ninguém reparar na presença de Artur. De touca e com uma camisa enorme, ele não parecia muito diferente das outras crianças. Mas todas mantinham distância, e ele sabia que era de propósito.

Então, tentou conversar com uma mulher que lhe deu a impressão de não estar muito ocupada. Entretanto, assim que se aproximou, dizendo “com licença”, ela deu um salto, puxou um maço de papéis da manga, colocou bem

perto dos olhos e começou a ler em voz alta, tão rapidamente que Artur não entendeu uma só palavra.

Sua segunda abordagem foi a um homem bem velhinho, que andava devagar, carregando uma cesta cheia de tablets de ouro. Artur acertou o passo com ele e, mais uma vez, disse “com licença”.

— Não tenho culpa! — exclamou o velho. — A entrada do depósito do Terceiro Arquivo Extra Inferior está trancada, e não há Arquivista de plantão faz mil anos. Diga ao seu superior.

— Só queria perguntar... — começou Artur.

Mas, antes que pudesse concluir, o velhinho apressou incrivelmente o passo e se misturou à multidão. Sua passagem provocou uma sucessão de reclamações e pequenos acidentes, e logo a rua estava coalhada de papéis, com as pessoas se esbarrando para pegá-los, enquanto outras se atiravam sobre pelo menos mil lápis que tinham caído de uma barrica virada.

Diante daquele caos, Artur se convenceu de que precisava pensar muito bem antes de tentar uma nova abordagem. Ele subiu as escadas do prédio mais próximo e se inclinou sobre mais uma placa de latão azinhavrada. Como vinha fazendo, quase de minuto em minuto, apalpou a camisa para se certificar de que a Chave continuava ali.

No momento em que a tocou, os ruídos vindos da rua aumentaram subitamente. Gritos, reclamações e discussões mudaram de tom, substituídos por exclamações de susto e medo verdadeiros. Em vez de se mover confusamente, a multidão se afastou e fugiu em direções opostas. Muitas pessoas gritavam “socorro!” e “os Nadicas!”

Artur endireitou o corpo para ver o que acontecia. Em questão de segundos, a rua estava completamente vazia. Algumas folhas de papel ficaram sobre as pedras do calçamento, encaixando-se entre as frestas, e um grande pergaminho em couro de boi com pictogramas (símbolos padronizados para transmitir informações) em amarelo avermelhado ficou abandonado.

Artur não via razão para pânico, mas sentiu um cheiro.

Um cheiro familiar. O cheiro de carne podre da respiração dos Buscadores.

Então, reparou que as rachaduras do chão lentamente se estendiam e alargavam, deixando sair uma espécie de fumaça fina, um vapor escuro, como se alguém tivesse derramado óleo sob as pedras.

Um apito soou distante, agudo e penetrante, e logo foi respondido por outros, vindos de todas as direções. Como se fosse em reação aos apitos, as rachaduras da rua se abriram ainda mais, fazendo brotar novos jatos de vapor escuro.

As colunas de vapor cresceram até uns 2 metros de altura, solidificando-se então em formas semi-humanas. Homens e mulheres disformes surgiram. Criaturas com o rosto virado para trás, articulações muito flexíveis e escamas sobre o corpo. Cópias imperfeitas das roupas usadas pelos catadores de papel da cidade completavam o modelo — casacos sem mangas, chapéus sem a

parte de cima e calças com uma perna muito mais comprida do que a outra, chegando a arrastar no chão.

A coluna de vapor que surgiu primeiro foi também a primeira a se formar completamente. Dela surgiu uma espécie de homem desajeitado, com braços que pareciam de borracha e iam até abaixo dos joelhos. No meio da testa, havia um olho de contorno vermelho. A criatura usava só uma peça de roupa, parecida com uma camisa-de-força azul, amarrada nas costas, um chapéu amassado aberto em cima e botas de tamanhos diferentes, com esporas.

Artur olhou a coisa horrorizado e sentiu que ela o olhava de volta, com uma pálpebra transparente a abrir e fechar lentamente sobre o olho contornado de vermelho. Então a criatura abriu a boca, revelando dentes caninos amarelados e a língua bifurcada que entrava e saía.

É, ele deveria ter corrido como todo mundo. Começou a descer os degraus, mas a coisa já estava lá embaixo, e seis irmãos dela começavam uma formação atrás.

Capítulo 10

Artur recuou até suas costas tocarem numa porta. Ele a forçou com o ombro, mas ela não se abriu. Sem afastar os olhos da criatura, esticou a mão e tentou desesperadamente torcer a maçaneta, porém não conseguiu nada. Por ali não havia escapatória.

Rapidamente, Artur olhou para um lado e para outro em busca de uma saída, mas as criaturas disformes estavam espalhadas por todos os prédios vizinhos, e a coisa horrorosa de um olho só subia as escadas capengando. Ela babava e passava a língua nos lábios, sem tirar do garoto o olhar faminto.

— Para trás! — gritou Artur.

Ele pegou a Chave, que por um momento aterrorizante enroscou na camisa, e a segurou como um punhal.

A criatura de um olho só soltou um silvo ao ver a Chave. Virou a cabeça, e sua boca disforme estremeceu. Então, parou e chamou os companheiros que se espalhavam pela rua. Artur desejou não ter entendido sua fala gutural. Mas entendeu.

— Coisa valiosa! Perigo! Venham me ajudar!

Todas as criaturas se voltaram na direção de Artur. A que tinha um olho só deu outro silvo e começou a avançar muito mais cautelosamente, dessa vez com o olho na Chave, e não em Artur. O ponteiro do relógio brilhou de novo, e toda a luz se juntou em um ponto. Era a Chave reunindo seu poder, tal como a criatura reunira seus aliados.

Subitamente, a criatura se abaixou, e Artur percebeu que ela ia saltar. Então, apontou a Chave para ela e soltou um grito terrível, um misto de raiva e medo.

Uma torrente do que parecia ouro derretido saiu da chave e atingiu a criatura em meio ao salto. A coisa deu um grito agudo, como o apito de um trem a vapor quando vai fazer uma parada de emergência, virou-se de lado e caiu na rua. E lá ficou, tremendo e suspirando, enquanto um rolo de fumaça saía de um buraco em seu peito. Mas havia muitas mais da mesma espécie atrás dela e, embora tivessem recuado um pouco ao ver o destino da precursora, Artur sabia que seria presa fácil, caso todas atacassem ao mesmo tempo. Então, decidiu tirar de combate quantas pudesse e apontou a Chave para a que estava mais perto.

— Ei! Idiota! Aqui!

Nesse momento, alguma coisa macia tocou a parte de trás da cabeça de Artur. Ele olhou para o alto e viu uma carinha encardida a olhar para ele por cima da calha do telhado, muitos andares acima. Abaixo da carinha e de um braço magricela coberto de trapos havia uma espécie de corda feita de pedaços emendados com nós. Foi a ponta da tal corda que bateu na cabeça dele.

— Suba logo, bobão!

Artur nunca soube como conseguiu enfiar a Chave no cinto, pular a uma altura de mais de 2 metros, agarrar a corda e subir por ela o equivalente a quatro andares: tudo isso enquanto as criaturas ainda estavam nos primeiros degraus.

— Vamos! Mais depressa! Os Nadicas conseguem subir!

Artur olhou para trás enquanto subia freneticamente, as mãos agarrando um nó depois do outro com uma rapidez que surpreenderia qualquer professor de Educação Física. “Se ao menos o sr. Weightman pudesse me ver”, ele pensou.

As criaturas realmente eram capazes de subir. Uma delas já estava na corda, que escalava com rapidez superior à de Artur. Outra subia pela parede de tijolos. Seus dedos finos pareciam se agarrar nos espaços, mas ia mais devagar.

Artur chegou ao topo e se virou. Viu um brilho de aço, e logo a corda saiu voando, cortada na parte superior. Um grito de dor indicou que a criatura que subia por ela também havia caído.

— Depressa! Pegue um pedaço de telha e jogue!

Artur viu uma pilha de telhas quebradas, pegou um pedaço e, debruçando-se na beira da calha, deixou-o cair. Seu salvador também jogava cacos de telhas, mas com pontaria muito melhor.

Artur olhou para ele... não... ela, com o canto do olho, enquanto pegava outro caco para jogar na segunda criatura escaladora.

O que ele viu foi uma garota que tinha mais ou menos a idade dele, talvez um pouco mais nova, porém vestida como um menino, com o mesmo tipo de roupa fora de moda que todos usavam por ali: chapéu gasto e amassado; casaco muitos números acima de seu tamanho, azul-escuro com remendos pretos; calças na altura dos joelhos, de tecido listrado em vários tons de cinza; meias compridas muito estranhas e diferentes uma da outra; e botas também descasadas, uma até o calcanhar e outra até a canela. Além disso, ela usava diversas camisetas de cores e tamanhos variados, tendo por cima um colete cor de amora, que, embora não fosse novo, parecia mais bem conservado que as outras peças.

— Quem é você? — perguntou Artur.

— Suzy Azul-Turquesa — respondeu a garota, enquanto atirava com satisfação uma telha inteira. — Acertei!

Com um grito longo, a criatura que subia caiu na rua, levando com ela outra que começava a escalada.

— Vamos! Temos de sair daqui antes que os Comissionários apareçam!

— Os quem?

— Comissionários! Ouve os apitos? Eles vão achar os Nadicas e vão querer prender você. Vamos!

— Espere aí! — falou Artur.

Os apitos estavam cada vez mais perto.

— Muito obrigado por me ajudar e tudo o mais, mas por que não posso conversar com os... os Comissionários? E quem são... o que são os Nadicas?

— Você é um idiota, não? — falou Suzy, revirando os olhos. — Não há tempo para perguntas.

— E por que eu deveria ir com você? — teimou Artur, sem sair do lugar.

Suzy abriu a boca, mas o que se ouviu foi uma voz que não era a dela, uma voz mais grave, acompanhada de um som estridente.

Parecia muito a voz de Espirrador, quando da discussão com o Sr. Segunda-Feira no caminho oval, naquela segunda-feira que parecia tão distante.

— Will, o Testamento, encontrou um caminho, e você faz parte dele. Não é hora de caprichos e teimosia. Siga Suzy Azul.

— Certo — disse Artur, impressionado com a voz grave que, de repente, saiu da boca da garota. — Vá na frente.

Suzy se virou rapidamente, fazendo levantar as abas do casaco, e saiu correndo pelo telhado. Apesar da inclinação, as telhas ásperas formavam quase uma escada, facilitando a subida, mas Artur não era tão rápido quanto a garota.

A parte central no alto do telhado era plana, porém estreita, com 30 centímetros de largura. Suzy correu até uma chaminé, que rodeou agarrando-se. Ela era tão inclinada que Artur sentiu o estômago revirar. Entre o telhado e o chão, havia uma boa distância.

Ele chegou à chaminé e começou a rodeá-la. Suzy já estava do outro lado, olhando para baixo, para uma sacada que se projetava do outro prédio. Eram mais ou menos 3 metros de distância e 1,80 metro de altura.

— Está brincando! Nós não vamos...

Enquanto Artur falava, Suzy pulou com agilidade, caindo no alvo perfeitamente agachada. Ela nem esperou para ver o que Artur fazia. Levantou-se de um salto e foi experimentar a porta, forçando-a e tentando girar a maçaneta.

Artur olhou para baixo. A rua ficava muito longe e, por um momento, ele sentiu um medo terrível de cair. Mas o medo desapareceu quando um fato lhe chamou sua atenção: havia uma batalha generalizada lá embaixo. Os apitos tinham sido substituídos por lamentos, berros, guinchos, urros e um ruído surdo, como um trovão constante.

As criaturas que tinham surgido da fumaça negra: os Nadicas, vindos do Nada, estavam retidas no meio da rua, completamente cercadas por um bando de disciplinados homens grandes e corpulentos que usavam chapéus brilhantes e paletós azuis, muitos ostentando, na manga, listras douradas de sargento. Artur deduziu que deviam ser os tais Comissionários. Os Sargentos tinham quase 2,5 metros. Os Comissionários comuns eram mais baixos, mediam em torno de 2 metros e faziam movimentos mais leves. Os Sargentos portavam sabres que brilhavam com uma luz interna. E os Comissionários comuns empunhavam cassetetes de madeira que emitiam pequenos raios e soavam como trovões ao atingir o alvo.

Os Nadicas, porém, não eram alvos fáceis: mordiam, arranhavam e lutavam. Volta e meia, um Comissionário saía cambaleando, com o sangue jorrando de feridas. Pelo menos, Artur imaginou que fosse sangue: o dos

Sargentos em azul brilhante, o dos Comissionários comuns em cor de prata, grosso como mercúrio.

— Venha! — ordenou Suzy.

Artur desviou o olhar da batalha e se fixou na sacada. Ele sabia que era capaz. Se não fosse uma queda tão grande, nem pensaria duas vezes. Mas a queda *era* grande...

— Depressa!

Artur se abaixou, pronto para pular. Então, lembrou-se da Chave e a pegou. A última coisa que desejava era espetar-se com ela, quando chegasse ao chão.

Com a Chave na mão, ele logo se sentiu mais confiante. Abaixou-se novamente e saltou no espaço para ser levado como uma pluma e descer na sacada, tão suavemente que quase não chegou a dobrar os joelhos. Suzy Azul já tinha ido, batendo a porta atrás de si. Artur foi atrás, não sem antes enfiar novamente a Chave no cinto e jogar a camisa por cima.

O cômodo que dava para a sacada estava arrumado como um escritório antigo, o que não foi surpresa para Artur. As mesas eram baixas e largas, de madeira polida e tampo de feltro verde. Em todas se viam papéis espalhados. Havia estantes abarrotadas de livros e mais papéis. Em cada canto, queimavam o que pareciam ser lanternas de gás. Embaixo de uma das lanternas, sobre uma mesinha, Artur viu o primeiro sinal de comida: uma chaleira de bronze com muitas torneiras, um bule de prata e várias xícaras de porcelana.

Havia também pessoas trabalhando. Elas viram Suzy e Artur passar correndo, mas nada disseram e nada fizeram para detê-los. Nem quando Artur esbarrou em uma enorme pilha de pergaminhos. O homem que estava mais perto apenas levantou os olhos, franziu a testa e continuou a rabiscar em silêncio.

Suzy saiu pela outra porta do escritório e tomou a direção da escada central. Embaixo, em vez de sair pela porta principal, meteu-se em um corredor estreito, abriu a porta do que parecia um armário de guardar vassouras e entrou. Artur foi atrás dela e descobriu que se tratava, realmente, de um armário de vassouras. Ou mais precisamente um armário de panos de chão, já que havia vários destes dentro de baldes. O lugar cheirava a umidade e mofo.

— Feche a porta! — sussurrou Suzy.

Artur obedeceu e ficaram em total escuridão.

— O que estamos fazendo aqui?

— Estamos nos escondendo. Os Comissionários vão entrar em todas as casas da Rua Perdida, à procura dos Nadicas. Vamos esperar aqui.

— Mas vão nos encontrar, com certeza! — protestou Artur. — Este é um péssimo esconderijo!

— Você está com a Chave de Segunda-Feira, não é? Pelo menos, foi o que eu soube.

— Estou — confirmou Artur.

— Então, use!

— Usar como? — perguntou Artur.

— Não sei. Se é uma Chave, por que não tranca a porta?

Artur pegou a Chave, que brilhou no escuro, dessa vez com uma fosforescência esverdeada. Ele a havia usado para fechar a porta aos Buscadores e para se soltar na ambulância, mas não sabia quais seriam suas outras utilidades.

— Como exatamente eu...

— Shhh! — fez Suzy, interrompendo-o.

Então, com aquela voz estranha e grave, ela continuou:

— Toque o trinco da porta e mande fechar.

Artur tocou a maçaneta arredondada de metal e sussurrou:

— Tranque!

Ele imediatamente ouviu o pisar de botas do lado de fora, no corredor. Seu coração martelou dentro do peito, com quase tanta força quanto as pisadas que caminhavam em direção ao esconderijo. Então, a maçaneta foi forçada uma vez... duas... mas não girou.

— Trancada, Sargento! — gritou uma voz grave.

O som era um tanto estranho, como se quem falava tivesse um funil de metal ajustado à boca. “Meio metálico”, Artur pensou. Os passos se afastaram e, segundos depois, ele os ouviu subindo a escada.

O garoto abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a menina ergueu a mão, quase toda coberta por uma luva de lã roída por traças, para impedi-lo e fez que não com a cabeça.

Passaram-se alguns minutos. Eles se mantiveram em silêncio, escutando passos e um ou outro grito. Então, houve um pisotear na escada, uma súbita movimentação, e a maçaneta foi forçada mais uma vez.

— Trancada, Sargento! — repetiu a mesma voz.

Em seguida, os passos se afastaram, e Artur ouviu a porta da frente bater.

— Eles fazem quase tudo duas vezes — explicou Suzy. — Pelo menos os de metal, os Comissionários comuns. Eles são bobos demais. Os Sargentos são diferentes. Não foram fabricados, e a maioria deles caiu lá de cima. Por isso foram rebaixados a Sargentos Comissionários, como castigo. Vamos. Podemos sair agora. Destranque a porta.

Artur tocou a porta com a Chave e disse:

— Abra.

A porta se abriu com violência, a ponto de bater com força na parede. Suzy saiu primeiro. Artur ia atrás, quando um grito de surpresa da garota serviu de aviso para que escondesse a Chave atrás das costas.

— Oh, Sargento!

Um Sargento Comissionário estava de pé no hall, com seus quase 2,5 metros, embora uma observação mais atenta mostrasse que só de chapéu eram uns 30 centímetros. Ele tinha um bigode engomado, que alisava freqüentemente, e o nariz pontudo se destacava sob penetrantes olhos azuis.

As listras douradas na manga do uniforme também azul brilhavam à luz das lanternas de gás.

— Bem, bem, bem — disse ele.

Tinha a voz grave, mas não metálica, como a do outro Comissionário. Tirou do bolso do paletó um caderninho de notas, abriu-o e pegou um toco de lápis preso à capa.

— Gostaria de saber por que aquele cômodo estava trancado. O que temos aqui? Seus nomes, números e ocupação.

— Suzy Azul-Turquesa, 182367542 e meio, em ordem de precedência, Recarregadora de Tinta de Sexta Classe, ocupada em recarga de tinta.

Enquanto a garota falava, sua voz ia assumindo o tom grave e rangente que Artur já conhecia. O Sargento parou de escrever.

— A sua voz. O que aconteceu?

— Tenho um sapo na garganta — respondeu ela com a mesma voz grave.

— Um sapo? Onde conseguiu? — perguntou o Sargento com inveja.

— Foi presente — respondeu Suzy em sua voz normal. — Não incomoda. Com sorte, deve durar um ano.

— Nunca tive um sapo na garganta — lamentou o Sargento. — Uma vez, tive uma coceirinha no nariz. Confiscada de um Porteiro, que a recebeu de um Catador de Restos de Naufrágio. Durou uns 12 meses e depois passou. Muito distinto. Não tão vistoso quanto um espirro, mas muito interessante... Onde estávamos? Ah, sim... Quem é o rapaz?

— Sou...

— É do nosso grupo — interrompeu Suzy. — Artur Noite Escura. Caiu de cabeça em uma piscina de Nada lá embaixo, há uns 200 anos, e nunca se recuperou. Sempre se perde. Por isso entrei no armário. Estava à procura dele...

— Documentos! — ordenou o Sargento, de olhos fixos em Artur.

— Ele perdeu — apressou-se Suzy a responder. — Ficou assustado com os Nadicas e, para escapar, tirou o casaco. Espero que eles *devolvem* logo.

— *Devolvam* — corrigiu o Sargento. E, olhando para Suzy, continuou:

— Não tenho nada contra os Recarregadores de Tinta, mas ordens são ordens. Vou ter de levá-lo ao Inquisidor.

— Investigações! — suspirou Suzy. — Ele pode passar anos lá. Eles vão reduzir seu pagamento. Ele precisa comprar um casaco novo. Não podemos resolver isso como cavalheiros? Você ainda não anotou nada, não é?

O Sargento franziu a testa e, devagar, guardou o lápis e fechou o caderninho.

— O que sugere, senhorita Azul?

— Este sapo — respondeu Suzy. — Você quer?

O sargento hesitou.

— De graça — explicou ela. — Você não tem como ser preso por isso. Quando foi a última Inspeção-Geral?

— Há mais de 10 mil anos — disse o Sargento cautelosamente. — Mas eu já cometi erros antes. Nem sempre fui Comissionário. Certa vez...

— Vamos — falou Suzy em um tom autoritário. — Dê uma olhada.

Ela colocou a mão em frente à boca e cuspiu na palma.

— Que horror! — exclamou Artur.

Ele se assustou ao ver que, em vez de cuspe, tinha saído da boca da garota um bonito sapinho verde-esmeralda, que se acomodou na mão dela e soltou um grito agudo.

— Experimente — convidou Suzy.

Ela tirou do bolso um lenço meio sujo e deu uma rápida lustrada no bichinho, que não se importou.

O Sargento parecia hipnotizado pelo sapo. Depois de olhar em volta, pegou o animal, observou por alguns segundos e o engoliu, como quem põe uma bala de hortelã na boca. Com a boca fechada, ele ficou petrificado.

— Ele vai ficar bem — falou Suzy em voz normal. — E eu estou livre. Portanto nada de preocupações, Artur, mas tinha de fazer isso, e tenho uma questão urgente...

Ao pronunciar as últimas palavras, a garota começou a se afastar, mas a mão do Sargento agarrou a ponta do casaco dela. Ela tentou se desvencilhar da roupa, mas não conseguiu, pois foi segura pelo pescoço.

— Ei! Ei! Me largue!

— O Testamento precisa de você, Suzy Azul — falou o Sargento. No entanto, a voz não era a dele, mas aquela que antes saía da boca da garota.

— Pode haver recompensas.

Suzy parou de se debater.

— Recompensas? *Pode haver* não é certeza...

Artur deu um passo à frente.

— Olhe, não sei o que está acontecendo aqui ou o que o Testamento quer de mim, mas é muito importante que eu descubra. Acho... Acho que muita gente pode morrer, se eu não conseguir. Portanto, preciso da sua ajuda, Suzy.

Artur falou apaixonadamente. Ele sentia dentro de si o medo e a tensão prestes a explodirem, como o vapor que sai de uma chaleira com água fervendo. Em seu mundo, em sua cidade, a zona de quarentena devia estar cada vez mais extensa, os hospitais cheios, possivelmente superlotados, tornando impossível o atendimento. Ele quase podia ver a mãe e sua equipe no laboratório a trabalhar febrilmente... febrilmente... talvez já estivessem fungando, espirrando, com os sintomas da gripe que marcava o início da praga...

— Gente? Morrer? — perguntou Suzy. — Quer dizer que você *é* mesmo de fora da Casa? Dos Reinos Secundários?

— Sou de fora da Casa — confirmou Artur. — Só não sei o que você quer dizer com “Reinos Secundários”.

— Você é um mortal? Um mortal vivo de verdade?

— Acho que sim.

— Eu também sou. Ou era — falou Suzy. Depois de hesitar, ela continuou:

— Você me ajuda a voltar? Ajuda todos nós?

— Nós quem? Todos na cidade? — perguntou Artur.

— Não! — respondeu ela um tanto impaciente. — Os adultos pertencem a este lugar. São chamados Habitantes da Casa. Estou me referindo a nós. As crianças. As que seguiram o Tocador de Gaita muitos anos atrás.

— Esta é uma questão sem importância — interrompeu o Sargento ou o que quer falasse através dele. — Artur deve encontrar um meio de trazer de volta o Testamento. O resto é consequência.

— Só ajudo se você nos ajudar — avisou Suzy. — Negócio fechado?

— Acho que sim — falou Artur. — Quer dizer, se puder, eu ajudo, sim.

A menina sorriu e estendeu a mão, que o menino apertou vigorosamente.

— Perigo — disse o Sargento, com a mão em concha junto do ouvido. — Comissionários se aproximam. Existe uma grande probabilidade de que Meio-Dia de Segunda-Feira ou Crepúsculo de Segunda-Feira saibam que Artur entrou pela Porta da Frente e o estejam procurando. Vamos sair daqui imediatamente.

— Seria melhor você deixar esse boboca aí — aconselhou Suzy. — Ele não pode ir conosco.

Não houve resposta, mas a boca do Sargento se abriu e o sapo verde saiu, deixando o homem parado como uma estátua. Em seguida, o bichinho pulou para o ombro da menina e começou a subir em direção à boca. Ela, porém, agarrou-o na mão e prendeu em um bolso interno, que abotoou em seguida.

— De novo, não, sapinho — falou. — Na segunda vez, o cuidado é dobrado. Vamos!

— Aonde vamos? — perguntou Artur.

Ele se sentia confuso. Foram tantos acontecimentos em um espaço de tempo tão curto que ele duvidava que houvesse oportunidade de fazer algumas perguntas. Ou, mais importante, de conseguir as respostas.

— Vamos para o Escritório do Promotor-Geral de Eficiência do Pátio Inferior.

— O... o quê?

— O Promotor-Geral de Eficiência tem a tarefa de fazer tudo funcionar eficientemente no Pátio Inferior — explicou Suzy, enquanto saíam por uma porta traseira e chegavam a uma ruazinha. — Só que não existe nenhum. Parece que o último foi embora e nunca foi substituído. Nem a equipe existe. É lá que eu vivo. Nas minhas folgas, é claro.

— É longe?

— Fica 3.900 andares acima — respondeu ela, apontando para cima.

Capítulo 14

—Vamos pegar o elevador de carga — comandou Suzy. Eles caminhavam com dificuldade, atrás de uma procissão de carregadores que levavam fardos de retalhos de linho para serem transformados em papel.

— Existe um na Instrumentalidade para Rápida Disseminação de Registros Excedentes.

— Os fachos de luz — perguntou Artur, apontando discretamente para um dos mais próximos — são elevadores?

— Não exatamente — explicou Suzy, séria. — Eles marcam o caminho de um elevador. Você vai dentro, como se estivesse em um cômodo pequeno. Muito chato.

— Ah, bem — concordou Artur.

Ele se tranqüilizou porque não seria transformado em uma corrente de fótons ou coisa parecida. E ainda que fosse, ele não ficaria sabendo.

— Alguns têm música ao vivo — acrescentou Suzy. — Mas só os grandes, onde cabem menestréis ou uma banda. Nós não vamos em um desses. São para os grã-finos.

— Os o quê?

— Os figurões. Os executivos. Altos funcionários da Firma.

— Da Firma? — perguntou Artur.

Enquanto conversavam, eles atravessaram a rua, tendo de se abaixar para passar sob um pergaminho muito comprido que era carregado como um tapete enrolado por um homem muito baixo e muito gordo e uma mulher muito alta e muito magra.

— A Firma. A Companhia. A Empresa — explicou Suzy. — A administração da Casa e todos os seus... não sei bem... negócios.

— O que é a Casa? E como cabe tanta coisa dentro dela?

— Vamos por aqui — ela chamou, abrindo um alçapão na parte de baixo de uma parede próxima. — Tem de rastejar um pouco.

Artur foi atrás dela por um túnel estreito que passava por baixo do prédio. O caminho descia bruscamente para depois chegar a uma superfície plana. Enquanto avançavam, Suzy aproveitou para responder à pergunta dele.

— Nunca soube bem o que é a Casa, porque sou uma espécie de imigrante e pouco conheço além do Pátio Inferior e talvez uns 12 andares. Também não estudei muito. Só sei o que li e o que me ensinaram... *unf*.

— O quê? — perguntou Artur.

— A Casa é o Epicentro de Toda a Criação — disse uma voz grave saída da escuridão.

Artur ficou espantado.

— Droga! — exclamou Suzy. Ela arrotou e continuou:

— Entrou. Quer dizer, saiu.

— Humm... Sapo, ou o que quer que seja — falou Artur nervosamente —, o que quer dizer com “Epícentro de Toda a Criação”?

— Pode me chamar de Will, o Testamento, de que sou uma fração apreciável. A Casa é o Reino de Toda a Realidade e guarda o Arquivo de Todas as Coisas.

— Muito bem. O que significa isso? Humm, sr. Will-dom.

— A Casa foi feita de Nada, pela Grande Arquiteta de Tudo, e povoada por trabalhadores que estavam a Seu serviço. Em seguida, Ela fez os Reinos Secundários, que você chama de Universo. A Casa e seus trabalhadores tinham a tarefa de registrar e observar este grande trabalho. E assim foi por incontáveis eras. Então, a Grande Arquiteta foi embora, deixando um Testamento, para garantir que Seu trabalho e o trabalho da Casa continuassem como deviam.

— Certo...

— MAS NÃO ACONTECEU ASSIM! — trovejou a voz.

— Oh, desculpe, é a minha garganta — lamentou Suzy.

— Não foi assim — continuou a voz, dessa vez mais calma. — O Testamento não foi cumprido, mas dividido em sete partes, que foram espalhadas pelos Reinos Secundários, no tempo e no espaço. Os sete Curadores romperam o compromisso e passaram a administrar a Casa, não somente para observar e registrar os fatos, mas para interferir nos Reinos Secundários. Para se intrometer na Criação!

— Deixe-me adivinhar — arriscou Artur. — O Sr. Segunda-Feira é um deles?

— É, sim, embora esse não seja seu nome verdadeiro — disse Will, com sua voz grossa. — Entre ladrões existe pouca honra, mas foi suficiente para que os sete Curadores concordassem em dividir o poder entre a Casa e os Reinos Secundários. Segunda-Feira administra a Casa Inferior. Fora dela, ele possui domínio sobre tudo, em todas as segundas-feiras.

— Aqui não é lugar para falar deste assunto — disse Suzy nervosamente. — Que tal esperarmos... *irg...*

Sua voz sumiu em um murmúrio.

— Na Casa, o tempo se move sempre para a frente, embora este seja maleável fora dela — continuou Will, o Testamento. — Agora mesmo, o Sr. Segunda-Feira procura recuperar o que perdeu: metade de uma das Sete Chaves do Reino, as Sete Chaves da Casa, as Sete Chaves da Criação!

— Metade de uma das Sete Chaves não parece grande coisa — opinou Suzy. — A meu ver...

— *Do Nada veio toda a Casa* — continuou Will, interrompendo o que a menina dizia. — Meia Chave é melhor que nada. Logo o Herdeiro Legítimo terá a outra metade, e a primeira parte de Testamento será cumprida!

— Espere aí! — exclamou Artur. — Você quer dizer “eu”? Não quero ser herdeiro de coisa alguma. Só quero conseguir a cura da praga e voltar para casa.

— Você é um herdeiro legítimo — Will falou alto. Depois, em voz um pouco mais baixa, continuou:

— Você é o único disponível, goste ou não. Vamos levar a melhor!

— Um pouco de confiança excessiva, não acha? — perguntou Suzy.

A menina tossiu. Apesar da pouca luz, Artur viu que ela massageava a garganta antes de continuar.

— Um sapo verde iludido, um visitante mortal e uma Recarregadora de Tinta de Sexta Classe não representam muito contra o Sr. Segunda-Feira e todo o sistema da Casa Inferior.

— O quê? — perguntou Artur.

— Uma coisa que ouvi dizer — respondeu ela. — Parece bonito. O *sistema da Casa*. Quer dizer: Meio-Dia de Segunda-Feira e seus valentões, os Ascensoristas, os Comissionários do Pátio, e os Carimbadores e Aferidores. Isso para não mencionar Aurora de Segunda-Feira e seu Corpo de Inspetores, e Crepúsculo de Segunda-Feira e as coisas especiais que ele comanda.

— Servos Alados da Noite — disse Will. — E Visitantes da Meia-Noite. Não... os Servos Alados obedecem ao comando do Sr. Terça-Feira e seu Crepúsculo. Eu acho.

— Nem tem certeza dos detalhes e quer ser o Chefão — falou Suzy. — Vamos sair na rua, Will, portanto fique calado!

— Sou apenas uma porção do Testamento. Logo, meu conhecimento é incompleto.

— Eu disse para ficar calado! — disparou Suzy.

Ela parou exatamente embaixo de um alçapão, que abriu um pouco, o suficiente para enfiar a cabeça e olhar em volta.

— Ótimo. Parece tudo bem. Vamos sair na esquina de um escritório de remessa de mercadorias, atrás de um engradado sem etiqueta que está lá há uns 2 séculos. Esperamos um pouco e, quando a campainha tocar, corremos para o elevador de carga. Entendeu?

— Não — disse Artur. — Quer dizer, entendi a parte da campainha e da corrida até o elevador de carga. O resto é que está complicado.

— E vai ficar pior — reconheceu Suzy com tristeza.

Enquanto saíam do alçapão e se abaixavam atrás do engradado, ela continuou:

— Sei que não devia ter acompanhado aquele maldito sapo, embora eu suponha que qualquer coisa seja melhor do que encher recipientes de tinta pelos próximos 10 mil anos. E talvez eu me livre da próxima lavagem entre as orelhas.

— Lavagem entre as orelhas? Você não quer dizer atrás? — perguntou Artur.

Pelo que ele podia ver, Suzy precisava mesmo lavar atrás das orelhas.

— Não, *entre* — confirmou ela. — A cada 100 anos, mais ou menos, todas as crianças têm a mente lavada. Não sei por quê. Incomoda como uma dor de dente. Não que eu tenha sentido dor de dente aqui. Você esquece quase tudo. Só fica o básico. Já tive de aprender a ler novamente... bem... um monte

de vezes. Assim eu nunca esqueci realmente como cheguei aqui e lembro mais ou menos como era a vida antes...

A menina ia dizer mais alguma coisa, quando uma campainha começou a tocar no escritório. Imediatamente, ela deu um salto, agarrou a mão de Artur e saiu puxando o garoto para dentro do escritório, onde abriu caminho entre um grupo de homens e mulheres que usavam aventais de couro e arrastavam caixas e engradados na direção de um elevador de carga, que esperava de porta aberta.

Suzy e Artur chegaram na frente; a menina fechou a porta diante do ar de surpresa das pessoas. Embora Artur identificasse algo de estranho na expressão delas, Suzy escolheu e apertou um botão entre as centenas ou mesmo milhares deles, todos em bronze, que cobriam por completo a parede do elevador.

— Faça isso toda hora — explicou ela.

O elevador começou a se movimentar, primeiro aos solavancos e depois suavemente. Artur se sentiu puxado para baixo, pela força da aceleração, e teve de dobrar os joelhos e se agarrar no corrimão de madeira. Ele jamais andara em um elevador tão veloz.

— Eles sempre parecem surpresos, mas acho que é só para o caso de haver alguém olhando — continuou Suzy. — Embora dessa vez eu ache que ficaram surpresos mesmo, porque costumo viajar sozinha.

— E não vai haver problema, quando o que estão esperando lá em cima não chegar? — quis saber Artur.

Suzy fez que não com a cabeça. E respondeu:

— Provavelmente ninguém vai notar. Tudo está cheio demais no Pátio Inferior. Nada funciona direito.

— Por que não?

— Não sei.

Suzy deu de ombros e continuou:

— Ouvi dizer que o Sr. Segunda-Feira não vai fazer nada para solucionar o problema... *hic*...

— Preguiça — falou Will pela boca de Suzy. — O Sr. Segunda-Feira é preguiçoso e faz tudo muito devagar na Casa Inferior. Quando o Testamento se cumprir, a preguiça será banida e o vigor retornará.

— Por que você não sai e fala por si? — protestou Suzy, massageando outra vez a garganta.

— Sim, faça isso, por favor — concordou Artur.

Era muito estranho ouvir uma voz grave sair da boca de uma garota.

— Muito bem. Já que você quer... — disse Will.

Enquanto o Testamento falava, Suzy revirou os olhos e se inclinou para a frente, apertando a garganta. Em seguida, o sapo verde saltou e grudou na parede. Ficou lá por um momento, os olhinhos agitados e brilhantes, e logo pulou para o corrimão perto de Artur.

— Às vezes, o segredo é importante — falou o sapo com a mesma voz grave. — O Sr. Segunda-Feira tem alguns poderes, e seus subalternos não são

totalmente tolos.

— Quanto tempo demora para chegarmos ao... como é mesmo o nome do lugar? — perguntou Artur.

— Um minuto, mais ou menos — respondeu Suzy. — Nunca se sabe. Às vezes, chega logo, outras vezes leva horas. Uma vez, o elevador em que eu estava teve um defeito e fiquei 14 meses esperando o conserto. Mas hoje está indo bem.

— E você não morreu presa no elevador durante 14 meses? Suzy fez que não.

— Na Casa, é muito difícil morrer. Não se morre por falta de água nem de comida. Pode-se sentir uma fome terrível ou ser morto, mas custa bastante. Existem sofrimentos terríveis e dor, mas um ferimento que poderia matar não mata. Pelo menos não os Habitantes nem as crianças do Tocador de Gaita, embora eu nunca tenha experimentado. Quanto aos Habitantes, podem até ter a cabeça cortada, mas, se conseguirem colocá-la no lugar bem depressa, ficam logo bem. As armas dos Comissionários matam, e eles as usam mesmo, quando acham necessário. E os Nadicas... um arranhão ou uma mordida de um deles, quando infecciona, transforma você em Nada. Por isso todo mundo tem medo deles. Suzy continuou:

— Mas aqui não se morre de doença nem se adoece. Não de doença verdadeira, como febre, desidratação ou febre amarela. O pessoal gosta de exibir resfriado e nariz entupido, como acontece nos Reinos. Mas não passa de um tipo de encanto que pode ser interrompido, ou de reação a algum alimento, e só dura pouco tempo. Provoca apenas espirros, tosse e olhos vermelhos. Você não se sente mal. E ninguém precisa comer ou beber, embora esteja na moda tomar chá, e as pessoas comam só para se divertir ou se exibir. Nenhum incômodo também, já que nós não... você sabe... não existem privadas na Casa. Nem precisa.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntou Artur. Foram tantas informações, que ele sentia a cabeça rodar.

— Não sei — respondeu Suzy, dando de ombros. — É a limpeza entre as orelhas. Além do mais, o Tempo da Casa é diferente.

— O Tempo da Casa é o Tempo verdadeiro — interrompeu Will. — O tempo nos Reinos Secundários é maleável até certo ponto, pelo menos no que se refere a andar para trás. Lembre-se disso, Artur. Pode ser útil. *Glip*.

— O quê? *Glip*?

— Este corpo de sapo foi feito do Nada. Embora ele seja apenas a cópia de um sapo de jade trazido do seu mundo, criado pelo próprio Horrível Terça-Feira, boa parte de sua condição de sapo e da força da pedra original foram captadas. É uma forma difícil de se habitar.

Lembre-se disso também, Artur...

— Espere aí! — interrompeu o garoto.

Depois de um suspiro profundo, ele continuou:

— Vamos esclarecer umas coisinhas. Por que você me escolheu para ser o Herdeiro Legítimo? Por que eu recebi a Chave e o Atlas, que os Buscadores

carregaram?

— Oportunidade e acaso — respondeu Will. — Vou contar. Há 12 dias, pela contagem de Tempo da Casa, consegui me livrar das algemas e limitações que me prendiam em uma estrela distante. Vim para a Casa e consegui, com astúcia, penetrar na mente de Espirrador, aquele que vive espirrando, é mordomo e “faz-tudo” do Sr. Segunda-Feira. De dentro de Espirrador, convenci Segunda-Feira a entregar a Chave a um mortal que fosse morrer logo. Ele acreditou que, assim, poderia reclamar a Chave, pois, tendo cumprido as condições do Testamento, estaria livre de sofrer qualquer castigo aplicado pelos poderes da Honradez e da Lei. Entre esses poderes, estamos eu e outras partes do Testamento que venham a escapar da prisão. Depois disso, você sabe o que aconteceu.

— Mas por que eu? E por que você quis que um mortal ficasse com a Chave?

— Você foi escolhido por mero acaso. A Arquiteta escreveu que somente um mortal poderia ser o Herdeiro Legítimo. Simplesmente consultei os registros para ver quem morreria em uma segunda-feira facilmente acessível. Queria alguém mentalmente flexível. Jovem, não muito supersticioso nem rigidamente religioso. Isso excluiu muitas segundas-feiras pelo que vocês chamam de História. Tinha de ser em uma segunda-feira, para que o Sr. Segunda-Feira e eu (disfarçado de Espirrador, naturalmente) pudéssemos entrar no seu mundo.

— Então, eu ia mesmo morrer? — perguntou Artur, falando devagar.
— De um ataque de asma?

Aquele foi mais um choque para ele.

— Ia, sim — respondeu Will. — Mas você pegou a Chave e mudou os registros.

— Não estou entendendo.

— É muito simples, Artur. Ouça com atenção. Todos os registros da Casa, sejam em pedra ou metal, estão intimamente ligados aos registros dos Reinos Secundários. Quando os registros mudam lá, também mudam aqui. Se você tiver o poder, conseguirá ver quais são as próximas mudanças e intervir. Mas o contrário também é possível. Se um registro é alterado aqui, a mudança ocorre com a pessoa, o lugar, o objeto ou o que quer que esteja registrado.

— Quer dizer que, se alguém alterasse meus registros para mostrar que eu morri, eu morreria mesmo? — perguntou Artur.

— Primeiro, o seu registro teria de ser encontrado — interrompeu Suzy.
— Nem pensar. Há séculos que procuro o meu, quando me lembro. As outras crianças também e, até agora, ninguém encontrou nada.

— Os registros estão em estado lamentável, é verdade. De todo modo, porém, são pouquíssimos os Habitantes da Casa com poder para alterar os registros — Will continuou a explicar. — As Chaves, é claro, podem ser usadas para isso. Alguns funcionários dos escritórios possuem poderes menores. Mas as alterações vão contra a Lei Original e o propósito da Casa, que é observar e registrar os Reinos Secundários, e NÃO INTERFERIR!

— Ai! — exclamaram Artur e Suzy ao mesmo tempo, tapando os ouvidos com as mãos.

— O seu povo é culpado, em parte pelo menos — falou Will com tristeza, apontando um dedo verde na direção do menino. — Ninguém se sentiu tentado a interferir, enquanto tudo não passava de um caldo biológico. Mas, passados alguns milhões de anos, aquelas células isoladas se tornaram muito interessantes. E o seu povo é tão criativo... Se ao menos a Arquiteta não tivesse resolvido ir embora...

— O que teria acontecido comigo, se eu morresse? — perguntou Artur.

— Você estaria morto — disse Will. — O que quer saber?

— Quero saber...

A voz de Artur morreu na garganta. Nem ele sabia o que queria.

— Onde estou? Existe algum tipo de vida após a morte? Se a Arquiteta criou todas as coisas...

— Que eu saiba, não existe vida posterior — falou Will. — Existe o Nada, de onde vieram todas as coisas. Existe a Casa, que é imutável. Existem os Reinos Secundários, que são passageiros. Quando você deixa os Reinos Secundários, acabou-se, embora muitos afirmem que, no fim, tudo retorna ao Nada. O registro marca a sua morte e morre também, mas fica arquivado.

— Perdido e esquecido, você quer dizer — suspirou Suzy. — Você não imagina como isso desanima. Ei, estamos parando. Segure-se bem!

Capítulo 12

Artur se agarrou ao corrimão. O elevador diminuiu a velocidade de repente e sacudiu tanto que ele e Suzy quase bateram no teto. Em seguida, deslizou suavemente, o bastante para os passageiros relaxarem, e parou. Dessa vez, jogando os dois contra a parede. Will, graças a seus dedos com ventosas, manteve-se firme no corrimão.

Quando Artur conseguiu se levantar, Suzy já estava abrindo a porta do elevador. Ele esperava ver um escritório parecido com o outro onde haviam embarcado, no Pátio, todo em madeira escura, feltro verde, iluminado por lanternas de gás. O que viu, porém, deixou-o de boca aberta.

O elevador tinha chegado a um bosque sombreado, com árvores muito altas e de troncos grossos. As árvores formavam um círculo, tendo ao centro um gramado mal aparado, onde se viam restos de uma fogueira de acampamento. Um belo riacho, estreito, mas de águas claríssimas, borbulhava delicadamente; uma ponte para pedestres o cruzava seguida de um caminho pavimentado que levava a um quiosque parecido com um coreto antigo. No quiosque, havia uma mesa de leitura, uma espreguiçadeira e algumas estantes.

— Aqui estamos — falou Suzy. — No Escritório do Promotor-Geral de Eficiência.

Artur seguiu a garota, enquanto Will pulava à frente dos dois. A porta do elevador fechava-se automaticamente atrás deles, quando uma campainha com um som meio elétrico começou a soar, fazendo-o dar um salto. Ao olhar para trás, o menino viu que a porta do elevador ficava no tronco de uma das grandes árvores. Assim fechada, mal se via sua silhueta, bem como o botão de chamada, disfarçado entre os nós da casca.

— Tem sol aqui — comentou Artur, apontando os raios que atravessavam a folhagem.

Por entre dois troncos de árvores, ele conseguiu ver, ao longe, um gramado e o céu azul.

— Vejo um céu normal e tudo o mais. Onde estamos? — perguntou o garoto.

— Ainda estamos na Casa — explicou Suzy. — Aquilo lá é como uma pintura. Não se pode ir além das árvores. Eu já tentei. Você bate em alguma coisa. É uma espécie de janela panorâmica.

Artur continuou a olhar. Via formas se movendo na grama. Animais enormes, parecidos com répteis. Criaturas pré-históricas que tinha visto em livros e museus. Aqueles, porém, não eram acinzentados como nas ilustrações, mas de um amarelo-claro listrado de azul.

— Têm dinossauros ali!

— Eles não podem entrar — tranqüilizou Will. — Suzy está certa. Existe uma janela panorâmica em torno do escritório, voltada para um

determinado lugar nos Reinos Secundários. É raro, muito difícil, ser mostrado o passado distante. Quanto maior a distância do Tempo da Casa, mais imprecisa a janela.

— Pode-se olhar para o futuro também? — perguntou Artur. — Você pode mudar a paisagem?

— Depende do que você quer dizer com “futuro” — respondeu Will. — Há muitas relações diferentes entre o Tempo da Casa e o tempo nos Reinos Secundários. Se você se refere ao futuro do seu mundo, a resposta é “não”. Como existe uma ligação estreita com o Tempo da Casa, o futuro não está acessível. Mas poderíamos olhar tudo o que aconteceu até o momento em que você chegou aqui, se tivéssemos o documento que descreve a janela. Veja: se a janela dá para os Reinos Secundários, faz parte deles e possui um registro em algum lugar da Casa. Talvez naquela mesa.

— Não precisa — disse Artur. — Eu só queria ver... verificar o que está acontecendo na minha casa. Mas, se não posso ver o que se passou depois que saí, não adianta.

“Provavelmente, é melhor não ver”, Artur pensou com desânimo. Só serviria para aumentar o medo e a tensão dentro dele.

— Vou acender o fogo — falou Suzy. — Vamos tomar chá.

“Não temos tempo para o chá!”, ele pensou. Mas preferiu não falar. Precisava esperar e ouvir o que Will tinha a dizer. E podia muito bem tomar chá e escutar, ao mesmo tempo.

Suzy foi para o espaço onde a grama estava queimada e começou a juntar uma pequena pirâmide de pedras pretas. Artur foi atrás. Bastou um segundo para ele perceber que se tratava de pedaços de carvão. Era a primeira vez que via um carvão daquele jeito, tão negro e brilhante, todas as pedras exatamente do mesmo tamanho e forma. Não podia ser uma coisa normal.

— Realmente, não entendo este lugar — falou ele. — Por que as lanternas de gás, as fogueiras de carvão, as roupas antiquadas e tudo o mais? Se aqui é o epicentro do universo, não poderia ser tudo feito por magia? E vocês poderiam ter roupas melhores.

— É a moda — respondeu Suzy. — Volta e meia muda, não sei por quê. Quando isso acontece, tudo fica diferente. Só continuam os registros, as tarefas detestáveis e as coisas que você quer e não tem. Roupas decentes, por exemplo. Nem me lembro da última moda. Foi há mais de cem anos. Muita lavagem entre as orelhas. Só me lembro vagamente de usar um chapéu pontudo.

Will continuou a explicação:

— Havia mantos e fogueiras feitas com esterco de vaca; carroças puxadas por burros em vez de elevadores. Essa era a moda antes da minha prisão. Acho que a Arquiteta gostava de copiar idéias dos Reinos Secundários, pelo menos na aparência. A moda atual é obra dos Curadores, com certeza.

— Qualquer que seja a moda, não se conseguem roupas com os fornecedores oficiais. Somos obrigados a procurar os contrabandistas — queixou-se Suzy. — Mas, para isso, é preciso ter alguma coisa para trocar ou

ouro da Casa, que é praticamente impossível de se obter. Claro que os grãos recebem casacos e camisas, chá e bolinhos amanteigados e coisas assim. De vez em quando, eles esquecem por aí um saco de carvão ou uma caixa de chá.

Suzy piscou um olho, foi até o quiosque e pegou um bule muito gasto e escurecido, que encheu com a água do riacho e ajeitou no fogo feito com carvão sobre um tripé formado por três atizadores entortados e presos com arame.

— Então, sapinho, diga o que Artur deve fazer — convidou Suzy. Ela se sentou de pernas cruzadas sobre a grama, com toda a atenção voltada para o anfíbio de olhos saltados. Artur, deitado de barriga para baixo, descansou o queixo sobre as mãos.

— Artur, você tem o Ponteiro dos Minutos, que é a metade da Chave que governa a Casa Inferior — disse Will. — Não possui tanto poder quanto o Ponteiro das Horas, que está com o Sr. Segunda-Feira, mas é mais rápido e pode ser utilizado com maior frequência. Que ele abre e fecha portas você já sabe. Os outros poderes vou explicar em ocasião oportuna. Como Will, a primeira parte do Testamento, escolhi você para ser o Herdeiro Legítimo da Casa. O Ponteiro dos Minutos é apenas o início da sua herança. O seu objetivo imediato é conseguir o Ponteiro das Horas e completar a Chave. Com ela, você facilmente derrotará o Sr. Segunda-Feira e poderá reclamar o Domínio da Casa Inferior. Os Dias Seguintes vão protestar, com certeza, mas, pelo acordo que fizeram com Segunda-Feira, não terão como interferir.

E Will continuou:

— Logo que Segunda-Feira for derrotado e você se tornar Mestre, vamos precisar operar mudanças significativas na Casa Inferior, de modo que se forme uma base sólida para a liberação das outras partes do Testamento. Aqui se vêem claramente muita estupidez e uma negligência incrível, e o pior de tudo, na minha opinião, é que está havendo interferência nos Reinos Secundários. Você vai precisar formar um gabinete; escolher a sua Aurora, o seu Meio-Dia e o seu Crepúsculo...

— Espere aí! — exclamou Artur. — Não quero ser Mestre nem o que quer que seja. Quero descobrir a cura da praga e levar para casa! Só isso!

— Eu estava discutindo grande estratégia — disse Will, torcendo o nariz. — Não estava falando de tática. No entanto, vou tentar responder as suas perguntas.

Ele juntou as mãos com membranas e inclinou-se para a frente.

— Em primeiro lugar, você deve derrotar o Sr. Segunda-Feira, se quiser ter chance de fazer alguma coisa, inclusive encontrar a cura para a tal praga. Em segundo lugar, vai entrar às escondidas na sala do Sr. Segunda-Feira, convenientemente chamada de Sala do Dia, e recuperar o Ponteiro das Horas, que lhe pertence por direito. Na verdade, quando você o encontrar e chamar, dizendo as palavras que vou lhe ensinar, ele simplesmente voará para a sua mão, a menos que Segunda-Feira o esteja segurando no momento, o que é improvável.

— Então, não há como conseguir a cura da praga sem derrotar Segunda-Feira? — perguntou Artur.

— Quando você for Mestre, tudo será possível — explicou Will.

— Terá total acesso ao Atlas, por exemplo, que é um verdadeiro depósito de um conhecimento considerável. Espero que a cura da praga esteja lá.

— Mas eu não tenho o Atlas! Os Buscadores levaram, sabe-se lá para onde!

— Os Buscadores foram banidos para o Nada, de onde vieram — disse Will. — O Atlas, porém, estará de volta ao lugar de onde saiu: a prateleira de marfim atrás da samambaia, na Sala do Dia de Segunda-Feira.

— Quer dizer que não existe outra maneira de encontrar a cura da praga e voltar para casa?

— Não — falou Will com firmeza.

— Muito bem. Se tenho de fazer, tenho de fazer — concluiu Artur.

— Como faço para entrar na Sala do Dia de Segunda-Feira sem ser notado?

— Esse é um detalhe em que ainda não pensei — disse Will. — Basta dizer que as possibilidades são várias, inclusive o uso da Escada Improvável, embora esta seja afinal...

Ele interrompeu o que dizia, virou a cabecinha verde e perguntou:

— O que foi isso?

Artur também tinha ouvido. Um rugido distante. Olhou para Suzy com ar intrigado.

— Não sei — disse ela. — Aqui os únicos sons que ouço são do riacho e da campainha do elevador.

O rugido ecoou novamente, mais alto e mais perto. Pelo espaço entre as árvores, Artur viu um monstro de listras amarelas e azuis que, a não ser pela cor, lembrava muito as gravuras do Tyrannosaurus Rex que ele tinha visto. A criatura provavelmente pesava muitas toneladas, media mais de 12 metros da cabeça à cauda e tinha dentes tão compridos quanto o braço de um ser humano. E avançava, rugindo sem parar, na direção do escritório onde eles estavam.

— Humm, tem certeza de que ele não pode entrar? — perguntou Artur. — E por que conseguimos ouvi-lo?

— Segunda-Feira. Ele usou o Ponteiro das Horas e os Sete Relógios para ligar aquela realidade a esta. Portanto, o monstro pode entrar e Segunda-Feira também! Vamos fugir e deixar a luta para outro dia! Não entregue a Chave, Artur!

O sapinho pulou imediatamente na água, e Suzy quase foi atrás, mas hesitou... Em seguida, correu para o elevador e apertou um botão. Artur seguiu a menina, pegando a Chave, que estava embaixo da camisa.

Alguns segundos depois que Artur atravessou a ponte, o imenso dinossauro amarelo surgiu em meio às árvores, espalhando galhos por todas as direções. Seus olhos grandes e redondos perceberam a fumaça que saía do

fogo, e ele avançou, rugindo e mordendo. Pedacos de carvão em brasa espalharam-se sob seus pés. Ele rugiu novamente, dessa vez de dor, e passou a morder e golpear freneticamente a fumaça e o quiosque, com sua cabeça ossuda.

Artur e Suzy passaram rastejando pela porta do elevador, junto do tronco da árvore. Ela ia se levantar para apertar o botão, mas ele não deixou.

— Não se mexa — ele falou baixinho. — O monstro pensou que a fumaça fosse um ser vivo. Portanto, deve ter vista fraca e nenhum faro. Se ficarmos quietinhos, talvez ele vá embora.

Em silêncio e horrorizados, viram o dinossauro demolir completamente o quiosque, deixando apenas as fundações. Tudo o mais ficou em pedacos, mordido e pisoteado. Furioso por não encontrar nada de comestível e queimado pelo fogo, o animal soltou um último urro, o mais alto de todos, e se jogou de encontro às árvores, desaparecendo entre elas.

— Nunca mais volto aqui — sussurrou Suzy. — Acha que já podemos nos mexer?

— Não — respondeu Artur sério.

Ele havia percebido um movimento no mesmo local onde o dinossauro aparecera. Uma fila de homens saía do meio das árvores. Lembravam um pouco os Buscadores, embora fossem altos, muito magros e de aparência mais semelhante à dos seres humanos, apesar dos olhos vermelhos e fundos e do rosto estreito e pálido. Vestiam-se inteiramente de preto, com fraques, e traziam uma faixa também preta em volta do chapéu. Todos carregavam chicotes de cabo comprido, que seguravam firmemente com as mãos enluvadas.

— Visitantes da Meia-noite — Suzy falou baixinho e assustada. — Com chicotes de pesadelo e luvas noturnas.

— Existe outra saída, sem ser o elevador? — perguntou Artur ansioso.

— Não — respondeu Suzy. — Deve haver um caminho secreto, mas eu não...

Nesse momento, a campainha soou para indicar a chegada do elevador, o que fez brotar nos dois um sorriso de alívio. Eles se levantaram e agarraram a porta, abrindo-a com tal força que fizeram o elevador bater na árvore. Com o baque, veio também um facho de luz ofuscante. Artur e Suzy cambalearam e caíram na grama.

— Então, aqui estão vocês — disse o Sr. Segunda-Feira com um bocejo.

Ele saltou do elevador. Trazia o Ponteiro das Horas em uma das mãos e um banquinho dobrável na outra. Bocejou mais uma vez, deu alguns passos lentos sobre a grama, onde fincou a ponta do banquinho, abriu o assento e se acomodou sobre ele.

Atrás dele vinha Meio-Dia, com seu sorriso perfeito. A seu lado, estava uma bela mulher toda vestida de cor-de-rosa, que parecia sua irmã. Portanto, devia ser Aurora de Segunda-Feira. Dois passos atrás vinha outro homem incrivelmente bonito, parecidíssimo com Meio-Dia. Usava um casaco preto salpicado de dourado. Devia ser Crepúsculo de Segunda-Feira.

O Sr. Segunda-Feira não queria dar chance ao acaso. Trazia seus auxiliares mais poderosos. E, como se os três não fossem suficientes, eram seguidos por um grupo de Sargentos Comissionários, outro de Comissionários e um bando de criaturas não identificáveis.

— Depressa! — ordenou Segunda-Feira. — Estou exausto. Alguém pegue o Ponteiro dos Minutos e traga aqui.

Aurora, Meio-Dia e Crepúsculo se entreolharam.

— Estou esperando!

— O Testamento... — Meio-Dia começou a dizer com cautela. Tal como seus irmãos, ele esquadrinhava o local com os olhos.

Os três mantinham as mãos abertas, como se fossem sacar armas. No entanto, não havia arma alguma à vista.

— O Testamento não pode nos enfrentar — Segunda-Feira bocejou novamente. — Espero que Will tenha fugido. Agora, vamos logo com isso!

Houve outra pequena pausa. Ninguém parecia com vontade de avançar. Finalmente Meio-Dia chamou:

— Comissionário!

E, apontando para Artur, disse: — Tome o objeto de metal do garoto.

Artur continuava deitado de costas na grama, parcialmente atordoado pela surpresa. Apenas o mover das pálpebras e do peito indicavam que estava vivo.

O Comissionário fez uma saudação e caminhou com passadas fortes, as pernas duras, as juntas de metal rangendo a cada movimento. Ele parou a um passo de Artur, batendo os pés e tomando posição de sentido. Então, dobrou-se pela cintura e estendeu o braço para pegar a Chave.

O garoto não tinha força nas mãos. Na verdade, mal percebia o que se passava. Mas a Chave não saiu do lugar. Parecia grudada na palma da mão. O Comissionário puxou com força, mas nada. Ele apoiou um joelho no chão e puxou outra vez, machucando o braço de Artur.

— Não — pediu o garoto meio inconsciente. — Por favor, não. — Arranque o braço dele — ordenou Meio-Dia. — Ou corte. O que for mais rápido.

Capítulo 13

O Comissionário recuou e lentamente desparafusou a mão direita, guardando-a no cinto. Em seguida, tirou de dentro do casaco outra mão, muito mais estranha: em vez de dedos, tinha uma única lâmina, semelhante a um cutelo de açougueiro. Ele parafusou essa mão ao pulso. Quando ficou bem presa, a lâmina começou a vibrar e a se mover para cima e para baixo, tão rapidamente que só se via uma forma difusa de aço.

O Comissionário se abaixou e apontou o objeto cortante na direção do pulso de Artur. O garoto gritou. No entanto, antes que pudesse fazer qualquer coisa ou que a máquina encostasse nele, a Chave disparou de sua mão, como uma flecha, penetrando no peito do Comissionário, saindo pelas costas e voltando para o lugar de onde tinha partido.

Não houve sangue. Um vago ar de perplexidade passou pelo rosto do Comissionário. Ele ficou de pé, deu um passo para trás e, de suas costas, veio o som do ranger das engrenagens. Então, seu casaco azul se rasgou de dentro para fora. Uma mola esgarçada saltou da parte da frente de seu corpo. Um momento mais tarde, começou um *pop-pop-pop*, como se uma chuva de dentes de engrenagens pingasse da mola quebrada e caísse no chão.

O Comissionário abaixou a cabeça lentamente para olhar o peito. Em seguida, levantou a mão normal para tocá-lo e parou, petrificado. Do canto de seus olhos e da boca, escorreu um líquido prateado.

Por um momento, fez-se silêncio. Artur olhou para o Comissionário em mau estado, para a Chave que continuava em sua mão e para os outros inimigos. Não havia como escapar. Pelo menos, não naquele momento. Então procurou Suzy Azul com o olhar. Mas a garota estava deitada de lado, com o rosto voltado em outra direção, ele não sabia se consciente ou não.

Meio-Dia, com a fisionomia carregada, fez um gesto para o Sargento Comissionário.

— Mande quatro dos seus melhores homens para pegar aquela Chave!

O Sargento fez continência e voltou-se para gritar ordens a seus subordinados de metal. Antes que começasse, porém, Crepúsculo de Segunda-Feira falou. Diferentemente de Meio-Dia, cuja língua era prateada, Crepúsculo tinha a língua negra e a voz rouca.

— Como eu previa, ele está fortemente ligado à Chave. Usar a força não vai resolver, a não ser que nosso Mestre queira arriscar a Chave Maior contra a Menor.

Meio-Dia lançou a Crepúsculo um olhar aborrecido, que desviou para o Sr. Segunda-Feira. Este parecia adormecido, precariamente equilibrado sobre o banquinho. Não houve resposta ao comentário, embora um ligeiro tique aparecesse acima de seu olho direito.

— Não é? — continuou Crepúsculo. — Por que, irmão, perder mais Comissionários, à toa? O Horrível cobra caro pela reposição.

— O que fazer, então? O garoto não vai entregar a Chave espontaneamente nem por medo. Eu já tentei.

— Deixe-o ficar com ela, por enquanto — falou Crepúsculo. — Ele não sabe usá-la. Vamos deixá-lo em um lugar seguro e desagradável. Quando tiver sofrido o suficiente, ele vai entregar a Chave.

— Que lugar estaria livre da interferência de Will, o Testamento? — perguntou Meio-Dia. — Que eu saiba, esse lugar não existe.

— Existe um lugar aonde Will não consegue ir — respondeu Crepúsculo. — Ou não tem coragem. O Depósito Profundo de Carvão. O Velho não permite que Will vá até lá.

— O Velho? — perguntou Aurora com um arrepio. Sua voz era alta e clara, e a língua, dourada. — Não devemos nos meter com ele — continuou.

— Ele está acorrentado — falou Crepúsculo, dando de ombros. — E nunca se meteu com os trabalhadores do Depósito.

— Mas e se ele conseguir a Chave? — perguntou Aurora. — Ele pode se soltar...

— Nunca — respondeu Crepúsculo. — Nem as sete Chaves juntas podem livrá-lo daquela corrente.

— Os Nadicas, as criaturas do Nada, aparecem freqüentemente nos depósitos de carvão, mesmo no Profundo — explicou Meio-Dia.

— Se um deles pegar a Chave...

— Como, se nós não conseguimos? — Crepúsculo perguntou baixinho. — Eu estudei as Chaves e posso dizer que, uma vez entregues, só podem ser devolvidas, e não tomadas. A Chave protege quem a possui de ferimentos graves, mas não completamente da dor nem do desconforto. Digo que o garoto deve ser mandado para a escuridão e o ar viciado. Ele logo vai se convencer de que a única saída é entregar a chave a nós...

— A mim — interrompeu o Sr. Segunda-Feira, endireitando-se no banquinho. — Entregar a Chave a *mim*.

Aurora, Meio-Dia e Crepúsculo sorriram e fizeram uma reverência ao Sr. Segunda-Feira, e Crepúsculo continuou:

— Exatamente, senhor. O garoto logo vai se convencer de que deve entregar a Chave ao Sr. Segunda-Feira.

— Atrasos! Dificuldades! — reclamou o Sr. Segunda-Feira. — Mas o seu plano faz sentido, Crepúsculo. Assuma. Vou tirar um cochilo.

— E eu, senhor? — Suzy subitamente voltou a falar em voz alta.

— Não fiz por querer, senhor. Foi Will, o Testamento, que me obrigou.

O Sr. Segunda-Feira não deu a menor atenção à garota. Levantou-se devagar, deixando para trás o banquinho dobrável, e caminhou a passos lentos na direção do elevador, que tinha a porta aberta. À sua passagem, Comissionários e Sargentos faziam continência, e Aurora, Meio-Dia e Crepúsculo se inclinaram. A porta do elevador se fechou e, quase imediatamente, tornou a abrir. Não havia sinal de Segunda-Feira lá dentro.

— Honestamente, senhor, não foi culpa minha! — continuou Suzy, dirigindo-se a Meio-Dia.

Ela se ajoelhou e inclinou a cabeça até quase tocar a grama. Seus dedos nervosos arranhavam a terra.

— Não me mande para o Depósito de Carvão. Por favor, me deixe voltar ao trabalho!

— Onde está Will, o Testamento? — perguntou Meio-Dia.

Ele caminhou a passos longos em direção a Suzy. Ao chegar perto dela, levantou-a pelos cabelos até fazê-la ficar na ponta dos pés, com uma careta de dor.

— Ele foi embora quando o dinossauro veio — choramingou Suzy. — Ele conhecia um caminho secreto, estreito demais para nós passarmos.

— Que forma tinha ele? — perguntou Meio-Dia. — Onde ficava esse caminho secreto?

— O Testamento... Will tinha a forma de um gato cor de laranja de orelhas compridas — ela soluçou. — Subiu na árvore e... sumiu. Eu não queria obedecer, mas ele me obrigou...

Aborrecido, Meio-Dia largou a garota.

— Vocês querem isto? — perguntou a Aurora e Crepúsculo, apontando para Suzy.

A garota estava novamente caída, imóvel, com o rosto sujo de terra que se misturava às lágrimas, formando lama.

Aurora sacudiu a cabeça. Crepúsculo não respondeu logo. Um sorriso lhe passou rapidamente pelo rosto, tão leve que Artur chegou a pensar que tivesse imaginado.

— Você é uma das crianças daquele Tocador de Flauta irresponsável, não é? — perguntou Crepúsculo. — Já foi mortal?

— Sim, Vossa Senhoria. Sou Recarregadora de Tinta, Sexta Classe.

— Uma ocupação honrada — disse Crepúsculo. — Retorne às suas funções, Suzy Azul-Turquesa. Mas primeiro lave as mãos e o rosto. O riacho é ótimo para isso.

Suzy olhou para ele desconfiada, ao ouvi-lo pronunciar seu nome. Então, fez mais uma reverência e se levantou vacilante. Somente Crepúsculo e Artur prestavam atenção quando ela chegou à beira do rio e se abaixou. Artur tinha ficado surpreso com os lamentos e pedidos da menina, mas, ao vê-la lavar o rosto no exato lugar onde Will havia mergulhado, começou a pensar de modo diferente. Ela deu as costas a todos, usando o próprio corpo para impedir que vissem o que fazia. Artur tinha a esperança de que ela pegasse Will, o Testamento, de volta — não que este pudesse fazer alguma coisa. Não com os três poderosos servos de Segunda-Feira à espreita.

— Destrua este lugar — ordenou Meio-Dia a um Sargento.

Ele pegou um caderno de notas, rabiscou alguma coisa com uma caneta que pegou no ar, rasgou a página e a entregou ao Sargento.

— Use isto para fechar a janela panorâmica.

— Eu e meus Visitantes da Meia-Noite levaremos Artur para o Depósito Profundo de Carvão — anunciou Crepúsculo.

Em seguida, ele fez um gesto para seus sombrios seguidores, que deram um passo à frente.

— Não, eles não — protestou Meio-Dia. — A obrigação é minha. Eu ainda detenho os plenos poderes de Mestre.

— Concedidos pelos Reinos Secundários, suponho — acrescentou Crepúsculo, em voz baixa.

— Esse detalhe foi omitido — respondeu Meio-Dia com um sorriso radiante.

Em seguida, voltou-se para Artur e continuou:

— Vamos, garoto. Se for obediente, não vou precisar machucá-lo. Lembre que ainda pode sofrer muito, enquanto não tivermos a Chave.

Crepúsculo olhou para Aurora, que deu de ombros.

— Meio-Dia tem esse direito — disse ela. — Concordo com ele.

— Como quiserem, irmão e irmã — falou Crepúsculo.

Então, estalou os dedos e apontou para cima. Os Visitantes da Meia-noite fizeram uma leve reverência e envolveram o corpo com as capas. Logo estavam flutuando no ar, mantendo posição de sentido enquanto levitavam em direção ao teto. Na altura das copas das árvores, desapareceram.

Artur observou a cena e em seguida virou-se para trás. Crepúsculo havia desaparecido, e Meio-Dia e Aurora olhavam para ele.

— E então, rapaz?

Artur lançou um olhar furtivo para Suzy. Ela se afastara do rio, mas não olhava na direção dele. Impossível descobrir se teria resgatado Will, o Testamento. O garoto foi tomado subitamente pela dúvida. E se a garota quisesse apenas lavar as mãos para se livrar tanto da sujeira quanto da responsabilidade sobre ele? E se ela quisesse ajudar, mas Will tivesse ido embora?

— Acho que não tenho escolha — Artur falou lentamente.

Ele se levantou e ergueu o queixo, para mostrar que não sentia medo.

— Eu vou com vocês — disse.

Enquanto falava, Artur olhou disfarçadamente mais uma vez para Suzy. Ela estava perto do rio, mas observava a cena com o canto do olho. Ele deu uma piscadela. A menina levou a mão à garganta e tossiu. Estava claro que tinha o Testamento, e Artur se sentiu um pouco confortado. Bem pouco, é verdade, mas havia esperança de ajuda.

A um gesto de Meio-Dia, os Sargentos deram ordens. Uma dúzia de Comissionários de metal cercou Artur. Estavam tão próximos e eram tão altos que ele mal podia ver o que se passava.

— Comissionários em escolta ao prisioneiro, à esquerda, devagar, marchem! — gritou um Sargento.

Os Comissionários começaram a marchar, e Artur teve de acompanhá-los para não ser empurrado ou pisoteado. Ele duvidava que a Chave fosse capaz de protegê-lo de uma pisadela no pé ou de uma cotovelada nas costelas.

Artur esperava que pelo menos uma parte da escolta ficasse para trás, na hora de entrar no elevador. Na verdade, ele não entendia como tantos tinham viajado ao mesmo tempo. Quando se aproximaram, porém, ele viu que o elevador era outro, embora estivesse exatamente no mesmo lugar daquele que Suzy e ele tinham usado. Este era muitas vezes maior. Além de ser do tamanho da sala de reuniões da escola, tinha um aspecto muito mais luxuoso, com revestimento de madeira de alto brilho e chão assoalhado.

No centro do elevador, via-se uma construção circular cercada de grades de metal. Meio-Dia e Aurora se dirigiram diretamente para lá, enquanto os outros se arrumavam em formação, voltados para o círculo central, como se estivessem em um campo de exercícios. Em uma última olhada, Artur viu Suzy conversando com o Sargento que ia destruir o escritório. Então, as portas se fecharam e a campainha soou.

Naquele momento, Artur se sentiu prisioneiro. Sozinho entre inimigos.

Meio-Dia tocou o ar diante dele e apareceu um microfone, que ele levou para perto da boca e falou:

— Pavimento Inferior 2. 012. Expresso.

Alguém ou alguma coisa deu uma resposta que fez Meio-Dia fechar a cara.

— Pois bem, mude de rota! Eu disse *expresso*!

O elevador balançou bruscamente e perdeu altura, jogando Artur contra um dos Comissionários, que permaneceu rigidamente em posição de sentido. Meio-Dia e Aurora foram atirados contra as grades. Aborrecido, Meio-Dia pegou o microfone e enfiou o dedo magro dentro dele. Suas mãos enluvadas puxaram de lá um nariz, seguido de uma boca e de um queixo, formando uma cabeça completa que usava um chapéu muito gasto. Ouviu-se um grito abafado. Como o microfone não era mais largo do que uma tigela de sopa, Artur mal podia acreditar no que via.

Em poucos segundos, Meio-Dia tinha tirado um homem do microfone, colocando-o no chão, perto da construção circular. O sujeito era baixo e gordo. Usava um paletó comprido demais, com a bainha mal costurada.

Meio-Dia olhou furiosamente para ele.

— Operador de Elevador de Sétimo Grau?

— Não, Vossa Senhoria — respondeu o homenzinho.

Artur percebeu que ele tentava parecer corajoso, ao completar:

— Operador de Elevador de Quarto Grau.

— Não é mais — disse Meio-Dia.

Ele rabiscou alguma coisa no caderninho de notas que, mais uma vez, apareceu em sua mão. Então, rasgou a folha e a deixou cair no chão.

— Oh, por favor, Digníssimo — implorou o homem. — Passei 100 anos no Quarto Grau...

O papel lhe tocou o ombro e explodiu em centelhas azuis que rodearam sua cabeça como uma coroa. As centelhas destruíram o chapéu amassado do homem, deixando-o descoberto. Em seguida, desceram, destruindo-lhe o paletó, a camisa e as calças. Artur fechou um olho, com medo de ver o que

viria a seguir. Pensou que a pele do sujeito pudesse se dissolver ou coisa parecida. Mas nada disso aconteceu. As centelhas formaram uma espécie de manto de um branco encardido, que substituiu as roupas.

— Isso não era necessário — disse o homenzinho, com considerável dignidade. — Foi difícil conseguir aquelas roupas.

Meio-Dia segurou o microfone sobre a cabeça do operador.

— Considere-se uma pessoa de sorte — disse. — Não me aborreça mais. E volte ao trabalho.

O homem suspirou, tocou a testa com os dedos, em um gesto mecânico de respeito, e levantou a mão, que entrou no microfone com facilidade, sendo seguida pelo resto do corpo, como se fosse um objeto desmontável engolido por um aspirador de pó.

Quando a operação terminou, Meio-Dia voltou a falar pelo microfone:

— Conforme conversamos. Rápido e suave. Pavimento Inferior 2.012. Entrada Superior do Depósito de Carvão.

Artur conteve um arrepio. Aquele lugar pareceu mais longe do que qualquer outro que ele já tivesse conhecido. Ele foi invadido por uma onda de negatividade. Tudo era difícil demais, complicado demais. Teve vontade de desistir.

“Como posso salvar todo mundo da praga?”, disse a parte deprimida de sua mente. “Se não consigo nem salvar a mim mesmo da prisão!”

“Pare com isso!”, Artur ordenou à sua parte deprimida. “Suzy e Will estão livres. Ainda tenho a Chave. Vai ser possível fazer alguma coisa. Tem de ser...”

Capítulo 14

A Entrada Superior do Depósito de Carvão era uma plataforma instável, feita de madeira sobre uma planície deserta. Um vasto panorama de espaço aberto, fracamente iluminado por apenas três dos quatro elevadores. Tal como no Pátio Inferior, havia um céu acima da plataforma, mas este era achatado, não em cúpula, e muito mais alto.

Artur foi conduzido à plataforma, sempre acompanhado do grupo de Comissionários. Quando seus olhos se acostumaram à pouca luz, ele viu que a planície que se estendia além da plataforma não era totalmente nua, como antes pensara. Bem no meio, havia alguma coisa.

Um espaço circular em total escuridão.

Um enorme buraco, de pelo menos 800 metros de diâmetro e profundidade insondável.

— Isso mesmo — disse Meio-Dia, que observava o garoto. — Aquele buraco é o Depósito Profundo de Carvão. Sargento! Leve o prisioneiro até a borda.

Havia um caminho ligando a plataforma ao buraco. O piso pavimentado de branco repelia a poeira preta que se espalhava por toda parte e formava ondas quando alguém passava. Artur imaginou que se tratasse de pó de carvão e desejou não estar respirando aquilo. Esperava que o pó não permanecesse em seus pulmões quando... se... voltasse para casa. Então, iria precisar da Chave, para continuar a respirar. Sem ela, seus pobres pulmões não sobreviveriam.

Enquanto marchava junto com os Comissionários, cujas pernas rangiam por falta de óleo, Artur procurou manter a calma. Suzy tinha recuperado Will, o Testamento, e certamente estariam à sua procura; embora Crepúsculo tivesse dito que Will jamais iria àquele lugar, por medo do Velho.

“Isso não me parece nada bom”, sussurrou a parte derrotista da mente de Artur. “Preso em um buraco com uma criatura chamada o ‘Velho’”.

— Você não vai ficar sozinho lá — disse Meio-Dia.

Ele dirigiu a Artur um olhar esperto, como se estivesse lendo seus pensamentos, e continuou:

— Lá embaixo, vivem alguns Habitantes da Casa que foram rebaixados, obrigados a cumprir tarefas mais desinteressantes, como quebrar pedaços de carvão ou coisa parecida. Eles não vão incomodar você. Mas existe alguém de quem deve manter distância, se der valor à vida e à saúde. É o Velho. Não o subestime. Fique longe dele, e seus únicos sofrimentos serão o frio, a umidade e a poeira de carvão.

— Como vou reconhecer o Velho? — perguntou Artur.

O garoto tentava parecer destemido, mas sua voz saiu trêmula e fraca. Ele limpou a garganta e tentou novamente:

— E como vou sair daqui, caso queira entregar a Chave ao Sr. Segunda-Feira?

— Você vai saber quem é o Velho — disse Meio-Dia. Ele deu um sorriso frio, mostrando os dentes brilhantes, e explicou: — Ele é inconfundível. Como eu disse, evite-o, se puder. Quanto a sair daqui, apenas diga o meu nome três vezes. Meio-Dia de Segunda-Feira. Virei para resgatá-lo. Ou mandarei alguém para cuidar do assunto.

Eles chegaram ao buraco exatamente quando Meio-Dia acabou de falar. Os Comissionários pararam bem na borda. Apenas alguns centímetros separavam seus pés do vazio. Artur arriscou uma olhada para a escuridão. Não se via o fundo. Nem luz alguma.

Meio-Dia pegou seu caderno de notas e rasgou uma folha, que dobrou rapidamente, formando duas asas. Com uma faquinha, serrilhou as bordas para dar a forma de penas. Então, escreveu uma palavra em cada asa de papel, que sacudiu lentamente. À medida que eram sacudidas, cresciam até ficar da altura de Artur. Eram branquinhas e brilhantes, a não ser nos locais tocados pelos dedos de Meio-Dia, de onde uma tinta preta gotejava como sangue.

— Abram caminho! — ordenou Meio-Dia aos Comissionários. Eles se afastaram, mas o que estava mais perto do buraco teve um momento de desatenção e caiu no vazio. O Comissionário não fez esforço algum para agarrar-se à borda e evitar a queda. Simplesmente mergulhou no nada, sem emitir um som. Só se ouviu o sopro do deslocamento de ar. Artur prestou atenção, mas não escutou o baque da chegada do corpo ao fundo.

Meio-Dia franziu a testa, balançou a cabeça e resmungou qualquer coisa sobre “mercadoria de má qualidade”. E, de repente, pregou as asas nas costas de Artur e o empurrou com força... para o buraco!

Artur sentiu as asas presas aos ombros. Era uma sensação estranha. Não exatamente dolorosa, mas desagradável. Mais ou menos como quando o dentista obtura um dente e aplica uma anestesia que tira a dor, mas não impede a vibração. Os dois choques seguidos: um pela presença das asas e outro por sentir sua queda retardada por elas, afastaram de sua mente o fato de ter sido empurrado para dentro do que parecia um poço sem fundo. Quando se deu conta disso, as asas já batiam com força, e ele caía lentamente, tão devagar quanto uma aranha que descesse sem pressa pela teia.

Acima dele, muito acima, Artur ouviu a risada de Meio-Dia, seguida pelos passos pesados das botas dos Comissionários de metal, que se afastavam a pisotear as pedras do chão.

— Nunca vou chamar você — murmurou Artur.

Ele apertou a Chave na mão. Sua voz voltou a sair forte, alta e decidida:

— Vou encontrar uma saída. Vou vencer você, o Sr. Segunda-Feira e todos os outros!

— É assim que se fala! — disse uma voz suave, vinda de algum ponto próximo, na escuridão.

Surpreso, Artur golpeou a esmo com a Chave, mas o metal não encontrou resistência. Ele ainda caía lentamente, mas só sentia ar e escuridão

em volta.

Ou haveria algo mais? Artur levantou a Chave e disse:

— Luz! Que venha a luz!

A Chave brilhou subitamente, criando um círculo iluminado em volta de Artur e de suas asas. À luz, ele viu outra criatura alada que descia à mesma velocidade. Era um homem todo de preto, com as asas brilhantes e escuras como as de um corvo, sem um toque sequer de branco.

— Crepúsculo de Segunda-Feira! — disse Artur atropeladamente. — O que você quer?

— Parece que você não desconhece totalmente os poderes da Chave, como pensou Meio-Dia — sussurrou Crepúsculo.

O bater contínuo das asas dos dois quase impedia que Artur ouvisse o que o outro dizia.

— Quanto ao que quero, quero ajudar você, Artur. Você foi escolhido pelo Testamento. Você tem a Chave dos Minutos da Casa Inferior.

— O quê? — estranhou Artur.

Desconfiado de alguma espécie de truque, perguntou:

— Você não é o braço direito de Segunda-Feira ou coisa parecida?

— Meio-Dia se senta à direita do Mestre. Aurora, à esquerda.

Crepúsculo fica atrás, nas sombras. Às vezes, é mais fácil enxergar a luz quando se está parcialmente no escuro. Segunda-Feira não foi sempre como é hoje. Meio-Dia e Aurora também não. A Casa Inferior não era o lugar de destruição em que se transformou. Tudo isso me fez lentamente... muito lentamente... chegar à conclusão de que alguma coisa tinha de ser feita. Ajudei Will, o Testamento, a fugir, quando dei a um Inspetor uma caixa de rapé para cheirar. Agora, vou ajudar você com alguns conselhos.

Artur suspirou. Não podia acreditar. Era tudo tão óbvio! Tinha visto aquela situação milhões de vezes em filmes na televisão. O policial bom, o policial mau. Meio-Dia tinha feito o papel do policial mau. Agora, chegava a vez de Crepúsculo. Não podia negar, porém, que a interpretação era bastante convincente.

— Você deve conversar com o Velho. Os outros esquecem que, embora contrário à Arquiteta, ele gosta do trabalho dela. Como você é uma pequena parte desse trabalho, o Velho vai se interessar e não vai lhe fazer mal. Pergunte sobre a Escada Improvável. E use o conhecimento que ele lhe transmitir.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntou Artur.

— E por que confiar em outro?

A resposta de Crepúsculo veio em voz tão baixa que Artur não ouviu e teve de repetir a pergunta. Crepúsculo chegou mais perto, a ponto de o menino poder tocar seu rosto. A cada movimento, as pontas de suas asas negras quase batiam nas asas branquinhas de Artur.

— Por que confiar em outro? — ele repetiu. — Will, o Testamento, quer do jeito dele. Segunda-Feira quer do seu jeito, tal como os Dias Seguintes. Mas quem pode dizer aonde esses caminhos vão levar? Cuidado, Artur!

Ao pronunciar as últimas palavras, Crepúsculo bateu as asas com mais força e subiu, enquanto Artur continuou a cair. Ele não tinha controle sobre as asas feitas por Meio-Dia. Elas simplesmente retardavam a queda, como se fossem um pára-quadras bem planejado.

Artur teve muito tempo para pensar no que Crepúsculo tinha dito. Suas asas batiam sem parar, e ele caía lentamente. Chegou até a se acostumar com o ritmo e a sentir um pouco de sono. O Depósito Profundo de Carvão era profundo mesmo, muito mais do que qualquer poço ou mina de que Artur tinha ouvido falar em seu mundo, exceto pelas valas oceânicas habitadas por estranhas formas de vida.

A queda que parecia interminável chegou ao fim. Artur adivinhou que isso ia acontecer quando suas asas pareceram dobrar o esforço, batendo a toda velocidade e, em seguida, parando por completo. Então, soltaram-se, deixando-o a mais ou menos 1 metro do chão áspero e úmido. Ele “aterriçou” com um baque e caiu, quase perdendo a Chave. Depois de 1 segundo, caíram perto dele dois pedaços de papel rasgado que se desmancharam em contato com a água.

A água tinha pouca profundidade. Era pouco mais que um lamaçal. Mas havia vários deles. Artur levantou a Chave para iluminar mais longe e percebeu que por toda parte havia poças de água escura e estagnada cercadas de terreno mais seco. Tudo não passava de uma mistura lodosa e turva de poeira de carvão e água.

Havia também pilhas de carvão. Inúmeras pirâmides da altura de uma pessoa, cuidadosamente erguidas a cada metro e meio, mais ou menos. Artur examinou a pilha mais próxima. Ao contrário dos pedaços uniformes que tinha visto Suzy usar para acender o fogo, os carvões ali apresentavam tamanhos variados e formas indefinidas. Depois de percorrer alguns metros, Artur reparou que as pirâmides também variavam de tamanho, e umas eram mais bem arrumadas do que outras. Algumas estavam desmanchadas, eram apenas amontoados de pedaços soltos de carvão.

Conforme Meio-Dia havia dito, o lugar era frio e úmido.

“Pelo menos a água não deixa subir a poeira de carvão”, Artur pensou. Embora um pouco de pó sempre se soltasse à sua passagem. Mas ele não podia parar de se movimentar ou sentiria frio. Se Suzy estivesse certa ao dizer que ele não precisaria comer, este não seria um problema.

A garota, porém, não tinha mencionado a necessidade de sono. E ele *estava* cansado. Havia turnos de trabalho. Portanto, presumia-se que as pessoas, ou Habitantes da Casa, dormissem.

Felizmente, a Chave o protegeria de uma gripe ou pneumonia, caso fosse possível pegar uma daquelas doenças, apesar da opinião contrária de Suzy. Mas dormir sobre uma pilha de carvão fria e úmida devia ser uma experiência horrível.

Enquanto percorria as pilhas de carvão, Artur pensava no que fazer. Deveria confiar em Crepúsculo? Uma das últimas coisas mencionadas por Will, o Testamento, tinha sido a Escada Improvável, como meio de alcançar a

Sala de Estar do Sr. Segunda-Feira. Crepúsculo também se referira à Escada Improvável. Talvez chegar aos aposentos de Segunda-Feira fosse um modo de sair dali.

Para descobrir, porém, Artur precisava encontrar o Velho e tomar coragem de falar com ele. Artur tinha percebido como Aurora e os Sargentos Comissionários estremeceram ao ser mencionado o nome do Velho. Tinham medo dele, com certeza. E, conforme Artur concluiu, Will, o Testamento, devia temer o Velho também, ou Meio-Dia e Segunda-Feira jamais permitiriam que ele ficasse lá embaixo com a Chave em seu poder.

Artur não enxergava uma alternativa. Precisava ser racional em sua busca ao Velho. O poço tinha 800 metros de diâmetro por muitos quilômetros de profundidade. Se marcasse o caminho percorrido, conseguiria esquadriñar todo o espaço. Mas seria um trabalho demorado.

A estratégia que lhe ocorreu foi tirar alguns pedaços de carvão de cada pirâmide e arrumá-los segundo determinado padrão. Assim, ao olhar para uma pirâmide, saberia se já havia passado por ali.

Artur suspirou e se aproximou de uma pirâmide. Mal esticou a mão para pegar um punhado de pedaços de carvão, surgiu alguém do outro lado, brandindo uma arma e gritando:

— Ei! Pare! Largue meu carvão, seu bandido!

Capítulo 15

— Estes carvões são meus, miserável! — continuou o homem. Nesse momento, ele viu a Chave na mão de Artur. Imediatamente mudou de tom e abaixou o estranho utensílio de metal que empunhava.

— Oh, o senhor não, quem quer que seja. Estou me referindo aos outros. Lá vai ele!

Sem entender, Artur olhou para o local apontado pelo homem, mas não viu nada.

— Já volto ao trabalho, senhor — continuou o homem.

Ele vestia o mesmo manto, semelhante a uma toga, que havia se formado no corpo do operador de elevador. A diferença é que o manto do tal homem era preto como carvão e muito rasgado. Ele era baixinho, media um palmo a menos que Artur, embora tivesse o físico bem desenvolvido de um adulto.

— Quem é você? — perguntou Artur.

— Arrumador Muito Inferior do Décimo Grau — respondeu o homem. — Número 9665785553 em ordem de precedência.

— Quero saber qual é o seu nome.

— Ah, eu não tenho nome. Não tenho mais. Poucos aqui embaixo têm nomes, Excelência. Não aquilo que o senhor chama de “nome”. Posso ir agora?

— Bem. Qual *era* o seu nome? — perguntou Artur. — E o que você era antes de vir para cá?

— Não me leve a mal, mas essa é uma pergunta cruel — disse o homem, enxugando uma lágrima. — Como o senhor tem a Chave, porém, devo responder. Eu me chamava Pravuil, senhor, Décimo Escriturado Delegado-Assistente de Estrelas. Eu contava sóis nos Reinos Secundários, senhor, e cuidava dos registros. Até que me mandaram corrigir os documentos referentes a um determinado sol. Eu... ah... recusei-me e fui jogado lá de cima.

— Não quero... não quero aborrecê-lo — disse Artur. — Mas o que faz aqui embaixo?

— Arrumo o carvão em pilhas — explicou Pravuil, apontando as pirâmides. — Então, um dos Cortadores de Carvão corta os pedaços todos do mesmo tamanho e os coloca em uma cesta, que leva o material para o local de onde veio o pedido. Provavelmente vai ser assim até que esqueçam como fazer fogo e se acostumem a sentir frio.

— Cestas? — perguntou Artur. — Que tipo de cestas? Como vão lá para cima?

— Sei em que está pensando, senhor — disse Pravuil. — Fuga. É nisso que está pensando. Negligência. Pensa em punir alguém. Mas não é assim. As cestas são pequenas e vêm com etiquetas vivas. As etiquetas levam o material

aonde ele tem de ir. E, se o senhor pensa que uma etiqueta pode ser destacada para transportar alguém, está enganado. Sem Cabeça pode confirmar, se um dia encontrar por aí a cabeça que perdeu.

— Sem Cabeça?

— É como o chamamos. Ele tirou a etiqueta de uma cesta e prendeu em volta do pescoço — contou Pravuil, com uma careta. — Eu disse a ele que era bobagem, mas ele não ouviu. A etiqueta se foi, mas não levou com ela nem um pedaço de Sem Cabeça. Em vez disso, cortou-lhe o pescoço, fazendo sua cabeça rolar, sabe-se lá para onde. Agora, seu corpo cambaleia por aí, derrubando as pilhas de carvão. Espero que um dia ele encontre a cabeça. Ou que alguém a encontre.

Artur estremeceu e olhou em volta, com certo medo de ver um homem sem cabeça tateando na escuridão, em constante procura. Ou pior: de encontrar enterrada em algum lugar a tal cabeça, com os sentidos intactos, presa sob o carvão.

— Não estou investigando coisa alguma — disse Artur. — Tenho a Chave, mas não pertenco à Casa. Nem sou amigo do Sr. Segunda-Feira. Sou um mortal. Venho de fora.

— Que seja, senhor — falou Pravuil, visivelmente desconfiado.

— Vou continuar o meu trabalho.

Ele imaginava que Artur pudesse tentar enganá-lo.

— Espere um pouco — pediu Artur. — Antes de ir, pode me dizer... ou me mostrar... onde fica o Velho?

Pravuil estremeceu e fez um gesto com a mão.

— Não chegue perto dele! — avisou. — O Velho pode acabar com o senhor para sempre. Pode reduzi-lo a Nada, a ainda menos que um Nadica, sem chance de volta!

— Mas tenho de falar com ele.

Artur disse isso devagar. Pelo menos, achava que tinha de ser assim. Não parecia haver outra saída.

— Por ali — sussurrou Pravuil, apontando. — Onde o carvão estiver desarrumado. Ninguém ousa se aproximar do Velho.

— Obrigado — disse Artur. — Espero que seja reconduzido um dia à sua posição.

Pravuil deu de ombros e voltou ao trabalho. Artur finalmente percebeu que a estranha arma usada por ele não passava de uma combinação de vassoura com frigideira que servia para amontoar pó de carvão, formando pedaços irregulares que Pravuil empilhava.

Artur partiu na direção indicada por Pravuil. Segundos depois, quando a luz da Chave não mais o iluminava, a voz do Arrumador de Carvão ecoou no escuro:

— Não passe do 12!

— O que quer dizer com isso?

Não houve resposta. Artur ainda parou, mas nada ouviu. Quando voltou pelo mesmo caminho, para insistir na pergunta, não encontrou sinal de Pravuil.

Somente a pirâmide de carvão na qual trabalhava, com alguns novos pedaços em cima.

“Maravilha”, Artur resmungou para si mesmo. “Mais conselhos. Não chegue perto do Velho. Chegue perto do Velho. Não passe de 12. Confie no Testamento. Não confie no Testamento. Gostaria que, pelo menos uma vez, alguém me dissesse alguma coisa certa”.

Ele parou, como se esperasse resposta. Mas não havia uma, com certeza. Artur balançou a cabeça e recomeçou a caminhada. Para estar certo de que encontraria o caminho de volta, se necessário, ele pegou dez pedaços de carvão da primeira pirâmide e empilhou segundo um determinado padrão. Na pirâmide seguinte pegou nove pedaços, oito na outra e assim por diante, até chegar a um, quando recomeçou, mas acrescentou um pedaço, que deixou separado, para indicar a segunda série.

Depois de repetir o processo em 126 pirâmides de carvão, Artur estava cheio de dúvidas. Primeira: se encontraria o Velho; segunda: se Pravuil havia indicado a direção certa; e terceira: se o poço onde se encontrava tinha mesmo o tamanho que parecia ter quando visto de cima.

Ele começava a sentir muito frio, apesar do constante movimento. Não estava com fome, mas gostaria de ter o que comer, na esperança de ficar mais aquecido. Ou, pelo menos, seria um alívio para a mesmice que era andar em um lugar gelado, úmido e escuro, onde havia somente carvão por toda parte.

Por causa do cansaço, Artur foi abaixando o braço que segurava a Chave, fazendo com que o círculo de luz irradiado por ela se tornasse cada vez menor, a ponto de iluminar apenas o espaço em torno de seus pés. Além da luz, havia somente escuridão. De repente, porém, ele teve uma rápida visão de algo que não era iluminado pela Chave nem a refletia. Era outra luz. Uma luz fraca e azulada como a que surge à frente um fogão a gás.

Artur levantou a Chave e andou mais depressa. Certamente o Velho se escondia ali. O garoto ficou ao mesmo tempo nervoso e agitado. Nervoso porque Aurora, os Sargentos Comissionários e Pravuil tinham do Velho um medo verdadeiro. Excitado porque veria alguma coisa diferente de poças e carvão. Talvez encontrasse comida. Ou melhor: talvez encontrasse uma saída.

Ao se aproximar da luz, Artur diminuiu o passo e levantou ainda mais a Chave. Não queria ser surpreendido. Cada sombra atrás das pirâmides parecia um tipo de emboscada. Mas as pirâmides e as poças eram cada vez mais raras. Ele chegava a um espaço aberto. A um terreno mais seco. Sob seus pés havia menos pó de carvão e mais pedras secas.

Artur se abaixou ao lado da última pirâmide de carvão para ver o que havia à frente. Piscou várias vezes para acostumar os olhos à estranha combinação da luz emitida pela Chave com o fraco brilho azulado que banhava o espaço.

Viu uma plataforma circular elevada, como se fosse um palco de pedra, de uns 20 metros de diâmetro. Em volta da borda da plataforma, havia algarismos romanos e duas longas peças de metal, uma mais comprida que a

outra, saíam do centro. Enquanto Artur observava, a peça mais comprida se moveu um pouquinho, avançando ao longo da plataforma.

Ele descobriu: um ponteiro de minutos. A plataforma circular era o mostrador de um relógio gigante. Mas não era isso o mais estranho. Correntes iam das extremidades dos ponteiros e passavam por um mecanismo de engrenagens e polias perto do centro. Artur não conseguia entender. As correntes se ligavam a algemas presas aos pulsos de um homem sentado junto do número 6. A luz fraca vinha das correntes, que pareciam feitas de aço. Mas não podiam ser. O aço não emite um azul tão vivo e fantasmagórico.

Artur pensou que, pelo tamanho, aquele não era exatamente um homem, mas um gigante de uns 2, 50 metros de altura. Lembrava uma espécie de herói bárbaro envelhecido, com músculos superdesenvolvidos nos braços e nas pernas. A pele, porém, mostrava-se enrugada e meio transparente, permitindo que se vissem as veias. Ele usava apenas uma tanga e tinha a cabeça raspada. Parecia adormecido, embora houvesse algo de estranho em seus olhos. As pálpebras estavam esfoladas e vermelhas, como se queimadas pelo sol, o que seria impossível naquele lugar. Ou em qualquer ponto da Casa, pelo que Artur sabia.

Aquele, o menino deduziu, devia ser o Velho e estava acorrentado aos ponteiros do relógio. Artur se aproximou cuidadosamente para estudar as rodas e engrenagens do mecanismo de correntes. Não era fácil entender, mas depois de alguns minutos ele concluiu que elas estariam mais frouxas às 6h30 e muito esticadas às 12h. Na verdade, ao meio-dia e à meia-noite o gigante devia ser arrastado para o centro do relógio.

Naquele momento, os ponteiros marcavam 6h35, de modo que o Velho tinha folga suficiente para se sentar junto do número 6. A julgar pelo comprimento das correntes, o prisioneiro não podia ir além da borda do mostrador do relógio.

Havia dois alçapões, um de cada lado do ponto central. Ambos tinham o tamanho de portas comuns, com a parte superior arqueada, como nos relógios de cuco. Sem saber por que, Artur suspeitava que não seriam cucos que saíam daquelas portas.

— Cuidado! — gritou o Velho de repente.

Artur saltou para trás, tropeçando em alguns pedaços de carvão soltos. Enquanto tentava se equilibrar novamente, ouviu o chocalhar de correntes. Ainda no chão, entrou em pânico.

Ele não foi suficientemente rápido. O gigante estivera segurando as correntes perto do corpo, para disfarçar o quanto podia se movimentar. Em um instante, estava de pé junto de Artur, parecendo ainda mais alto e mais ameaçador. Seus olhos abertos não tinham um aspecto muito melhor do que quando fechados. Eram vermelhos por fora e por dentro. As pupilas tinham cores diferentes: uma dourada e outra azul.

— Já viu o suficiente, portador da Chave? — perguntou o Velho. Enquanto falava, ele passou uma parte da corrente pela cabeça de Artur e apertou-lhe o pescoço. O menino tentou enfiar a Chave no gigante, mas não

lhe provocou um arranhão sequer. Não houve derramamento de fluido derretido nem se formaram centelhas ou o que quer que fosse. Era como se Artur tivesse tentado atingi-lo com um ponteiro de plástico.

— Os seus mestres não lhe ensinaram que nada que venha da Casa me atinge? — resmungou o gigante. — Tal como nada do Nada, a não ser as criaturas deste relógio, que mordem e arrancam meus olhos durante a noite? Mas eu lhe agradeço pelos momentos de diversão que vai me proporcionar, quando eu arrancar os seus membros, um por um, e entregar a sua essência ao vazio!

Capítulo 16

— Eu não pertenço à Casa — falou Artur em voz baixa e áspera. — Não sou inimigo!

O Velho resmungou alguma coisa e apertou a corrente, até machucar Artur. Então, puxou o menino para cima e cheirou o ar acima de sua cabeça. Depois de inspirar uma, duas, três vezes, afrouxou abruptamente a corrente, mas sem tirá-la do pescoço do garoto.

— É um mortal mesmo — disse em um tom ligeiramente mais amigável. — Vem de um mundo que conheço bem. Você roubou o meu divertimento, garotinho. Vai ter de me compensar. Como é que um mortal ficou com a Chave da Casa Inferior?

— O Testamento... — Arthur começou.

Mas foi interrompido pelo Velho, que subitamente levantou sobre sua cabeça a corrente, deixando-a cair. Segundos mais tarde, os ponteiros das horas e dos minutos, no relógio atrás dele, moveram-se para mais perto do 12. A corrente ficou mais apertada, obrigando o Velho a chegar para trás.

Artur engoliu em seco. Se a corrente ainda estivesse em seu pescoço, ele seria estrangulado. Ele passou a duvidar seriamente das palavras de Suzy acerca da dificuldade de morrer na Casa. Claro que o Velho podia matar. Ou provocar uma espécie de final muito parecido com a morte.

— Fale, mortal! — ordenou o Velho. — Diga o seu nome. Não tenha medo, que eu sempre fui amigo do seu povo. Minha inimiga é a Arquiteta. Não tenho má vontade alguma em relação às coisas que Ela fez. Na verdade, ajudei na sua criação, há muito tempo, embora a Arquiteta sempre procurasse negar minha obra.

— Meu nome é Artur Penhaligon — disse o garoto. Ele começou falando devagar, mas acelerou à medida que as idéias se organizavam em sua cabeça. — Não sei bem por que tenho a Chave. Will, o

Testamento, enganou o Sr. Segunda-Feira para que me desse ela, mas agora ele a quer de volta. Fui mandado para cá até resolver entregar a Chave. Mas Will disse que devo encontrar o Ponteiro das Horas e levar à Casa Inferior, porque é a única maneira de voltar para casa e acabar com a praga que os Buscadores espalharam por lá...

— Pare! — interrompeu o Velho. — A história é complicada. Comece do começo, passe pelo meio e... já vi que o fim ainda não chegou. Primeiro, vamos tomar vinho e comer bolinhos de mel.

— Eu gostaria de um bolinho — disse Artur.

Ele olhou em volta, à procura de um lugar de onde pudessem sair vinho e bolinhos, mas não havia sinal de despensa, cozinha ou garçons, embora àquela altura nada mais o surpreendesse.

O Velho levantou a mão, com a palma para baixo, e entoou:

Doces bolinhos de farinha de amêndoa, lambuzados de mel, uma dúzia deles empilhados em uma travessa de palha trançada. Um jarro de vinho das colinas beijadas pelo sol, aromatizado com resina de casca de pinheiro.

Enquanto o velho falava, Artur sentiu o chão tremer. Então, a pedra rachou e se abriu, deixando surgir lentamente um poço de escuridão que se espalhou perto de seus pés. Ele recuou, ao ver a mancha escura mudar de cor, formando um jarro de louça e uma cesta de bolinhos de aparência apetitosa.

Assim que o Velho se abaixou e pegou o vinho e os bolinhos, a rachadura se fechou em um estalo.

— De onde veio isso? — perguntou Artur.

Ele já não tinha tanta certeza de que iria comer os bolinhos.

— O Nada fica logo abaixo de nós — disse o Velho.

Ele inclinou o jarro e entornou o líquido diretamente na boca.

— Ah, quando se tem o poder ou uma ferramenta poderosa como a Chave, muitas coisas podem ser trazidas do Nada. Afinal, foi lá que tudo começou. A própria Arquiteta veio do Nada, e eu vim logo atrás. Ei, beba!

Ele passou o jarro a Artur, que tentou beber do modo como o outro tinha feito. Mas a operação era mais complicada do que parecia, e o garoto deixou cair mais bebida no queixo do que na boca. Quando engoliu, porém, chegou a desejar não ter acertado nem uma gota. O gosto era horrível, parecido com alcaçuz, e a bebida desceu queimando a garganta.

Os bolinhos de mel eram bem melhores, embora um tanto pegajosos. Macios e úmidos, tinham pedacinhos de casca de laranja. Artur comeu três, um atrás do outro. O Velho comeu os outros nove com prazer considerável.

— Agora, conte a sua história — mandou o Velho, depois de sacudir os farelos que lhe tinham caído no queixo e no peito. — Se precisar, molhe a garganta.

Artur fez que não, recusando a oferta de vinho. Mas contou tudo ao Velho, desde a primeira aparição do Sr. Segunda-Feira e de Espirrador. O gigante ouviu atentamente, sentado com uma perna dobrada para cima e o queixo apoiado no pulso. De vez em quando, mudava de posição para que as correntes não o puxassem quando os ponteiros do relógio se movessem.

Quando Artur terminou o relato, os ponteiros marcavam 8h40, e o Velho estava ajoelhado a uma pequena distância da borda do mostrador. Artur se sentava junto do número 8, do lado seguro do ponteiro dos minutos. Estava quentinho ali, um calor suave como se fosse um dia claro de inverno. O garoto se sentiu confortável... e extremamente cansado.

— História curiosa — o gigante falou com sua voz grossa. — Preciso avaliar minha parte nela. É verdade que sou inimigo da Arquiteta, cujo Testamento fez de você seu agente. Também não sou amigo do Sr. Segunda-Feira nem dos Dias Seguintes, cuja mesquinha usurpação me ofende mais do que qualquer animosidade que eu possa nutrir contra a Arquiteta. Então, devo

ajudar ou atrapalhar você? Ou devo deixar acontecer? Preciso pensar. Descanse aqui, Artur, enquanto decido.

Sonolento, Artur fez que sim. Estava muito, muito cansado. Não precisaria fazer esforço algum para se esticar e tirar um cochilo. Mas as portas no centro do relógio lhe provocavam arrepios... E havia o aviso de Pravuil... Embora a Chave lhe desse uma certa segurança, ele não queria sentir dor.

— Promete me acordar antes das 12? — perguntou.

O Velho parecia confiável, pelo menos em relação a uma promessa simples como aquela.

— Antes das 12? — perguntou o Velho.

E, depois de olhar rapidamente para as portas, continuou:

— Não vou pensar por tanto tempo.

— Promete? — Artur perguntou novamente.

As palavras quase não saíam. Ele precisava fazer um grande esforço para mover o queixo, e os olhos pesados se fechavam contra sua vontade.

— Acordo você antes das 12 — confirmou o Velho.

Artur sorriu e se jogou na superfície morna do relógio. O Velho acomodou as mãos para que as correntes não fizessem barulho e ficou observando.

— Só não sei quanto tempo antes das 12 — ele disse daí a um minuto.

O Velho olhou mais uma vez para as portas e fechou os olhos.

— Devo deixar que vejam você para que eu possa dormir uma única noite sem tortura? Ou devo ajudá-lo e sofrer como sempre?

Artur foi acordado por um grito que percorreu todo o seu corpo. O som pareceu fazê-lo saltar, mas na verdade a força veio de seus músculos encharcados de adrenalina.

— Acorde, Artur! Corra! Corra, senão eles pegam você!

Por um momento que pareceu uma eternidade, Artur permaneceu parado, confuso e desorientado, o grito do Velho a ecoar em sua cabeça. Então, ouviu um som tremendamente alto, parecido com o toque de um sino, perto dele. A vibração quase o derrubou, como um tremor de terra. Ao mesmo tempo, as duas portas próximas ao centro se abriram violentamente e uma horrorosa risada aguda veio lá de dentro.

Quando se deu conta, Artur estava em plena fuga, deixando aos tropeções o mostrador do relógio e correndo o mais depressa que podia em direção ao espaço onde começavam as pirâmides de carvão.

Estava na metade do caminho quando o sino soou pela segunda vez, abalando o chão novamente. Era o relógio, que anunciava meio-dia ou meia-noite. A risada horrível continuou, acompanhada pelo som das engrenagens do mecanismo do relógio em movimento.

Bem no momento em que o relógio soava pela terceira vez, Artur alcançou uma pirâmide. Novamente o ar e o chão vibraram, fazendo cair pedaços de carvão sobre sua cabeça. Ele queria estar longe do toque do

relógio, das gargalhadas, do tique-taque enlouquecedor. O medo foi tão intenso que ele decidiu voltar a correr, usando a Chave para iluminar o caminho. Depois de alguns passos, porém, forçou-se a parar. De que estava correndo? De um barulho, nada mais. E se voltasse para junto do relógio? Ainda precisava encontrar a saída, e o Velho era sua melhor possibilidade. Não podia desistir só por causa de um barulho. Ele respirou fundo e se voltou para ver se realmente havia algo a temer.

Teve de piscar para acostumar os olhos à luz azul, que brilhava mais ainda. Os braços do Velho estavam para trás, presos pela corrente aos ponteiros do relógio, ambos no número 12. Os tornozelos pareciam presos aos pulsos, embora não se vissem amarras. A verdade é que o gigante não podia fazer movimento algum.

Então, das duas portas abertas, saltaram duas pequenas figuras: uma tomou rapidamente a direção do número 9, e a outra rumou para o lado oposto, em direção ao número 3.

A primeira figura era uma caricatura de lenhador, um homenzinho vestido de verde com uma pena no chapéu, no máximo da altura de Artur. Carregava um machado quase do tamanho dele, que movia sem parar para cima e para baixo enquanto caminhava. A segunda figura era uma mulher baixa e gorda de avental e touca de babado. Segurava um saca-rolhas enorme, de uns 60 centímetros, que girava em movimentos irregulares à medida que avançava pelo mostrador do relógio.

Os dois pareciam feitos de madeira e, ao mesmo tempo, horrivelmente vivos. Os olhos se movimentavam, e a boca era semelhante à dos seres humanos, com lábios curvos que, de segundo em segundo, soltava uma risada desagradável. Os braços, porém, não eram humanos, definitivamente. Articulados, como marionetes, moviam-se aos trancos. As pernas não se dobravam, e os bonecos seguiam como se tivessem rodas ou fossem comandados por fios ocultos.

Quando chegaram ao destino — ele ao 9 e ela ao 3 — voltaram-se para o Velho e avançaram sobre ele. Ao passar pelo 10, o lenhador começou a brandir o machado mais rapidamente. Enquanto isso, a mulher, ao passar do 2, começou a girar mais depressa o saca-rolhas.

Artur observava horrorizado. Sem possibilidade de se mover, o Velho não tinha como impedir aquelas criaturas de continuar. Artur sabia que eles pretendiam alguma coisa terrível. O que podia ele fazer, além de esperar e olhar?

Ele pegou a Chave, empunhou-a como se fosse uma faca e deu um passo à frente.

No momento em que Artur saiu de trás da pirâmide, o relógio tocou novamente. Talvez fosse a quinta das doze badaladas. Quando o eco cessou, as duas figuras estavam diante do Velho. Artur deu mais um passo, fazendo-as voltar-se para encará-lo.

— Não! Não faça isso!

Alguém agarrou Artur pela manga do casaco. Ele se virou, pronto para atacar o “inimigo” com a Chave, mas era Pravuil. O Arrumador de Carvão segurou o cotovelo do garoto, tentando levá-lo de volta para trás da pirâmide.

— É o castigo do Velho. Nada pode ser feito. Eles simplesmente tirariam os seus olhos *também* — explicou Pravuil. — E não acredito que os seus cresçam com a mesma facilidade com que crescem os do Velho. Não quando arrancados pelos que marcham no relógio.

— O quê? — perguntou Artur horrorizado. — Eles arrancam os olhos dele?

Por uma fração de segundo, voltou os olhos para a cena, mas preferia não ter visto. O lenhador e a mulher tinham chegado perto do 12. Estavam sobre o peito do Velho, olhando diretamente para o rosto dele, com o machado e o saca-rolhas prontos para descer.

— Vamos recuar um pouco — pediu Pravuil ansioso. — Sabe como é, eles podem sair do mostrador do relógio. Agora, eles tiram os olhos dele, mas por muitos séculos arrancavam seu fígado.

— O fígado?!

— É um castigo imposto pela Arquiteta — continuou a explicar Pravuil.

Enquanto falava, ele guiava Artur na direção de uma pirâmide especialmente grande, olhando constantemente por sobre o ombro.

— A cada 12 horas, por todo o sempre. Em 2 ou 3 horas os olhos crescem de novo, só para serem... ah... atacados daí a 9 horas.

— Mas o que ele fez para merecer isso? — perguntou Artur.

— Merecer? Não sei nada de *merecimento* — resmungou Pravuil. — Eu mereci ser mandado aqui para baixo? Quanto ao que ele fez, não tenho idéia. Melhor não perguntar certas coisas. Acho que tem a ver com interferência no trabalho da Arquiteta nos Reinos Inferiores. Ela é uma criadora ciumenta, você sabe. Ou era.

O relógio soou outra vez, provocando um sobressalto em Artur e em Pravuil.

— Mas, se a Arquiteta se foi, por que o Velho não está livre?

— Seu trabalho na Casa não pode ser desfeito — disse Pravuil. — Seres inferiores podem interferir nos Reinos Secundários, mas a Casa é constante. A não ser, é claro, elementos menos importantes da decoração e equipamentos, papel de parede e coisas assim. Mas coisas grandes, como o Velho e o relógio, são para sempre.

Artur estremeceu, mas não porque estivesse com frio. É que ele pensou no machado e no saca-rolhas, no Velho, acorrentado e indefeso, de olhos abertos... e no que aconteceria a cada 12 horas, pela eternidade. A idéia era ruim demais, mas não conseguia deixar de pensar nela. Precisava se distrair.

— Por que você voltou para me ajudar? — ele perguntou a Pravuil.

— Recebi uma visita de Crepúsculo de Segunda-Feira. — respondeu Pravuil.

Embora um pouco mais relaxado, ele continuava a olhar por sobre o ombro.

— Para tirar as minhas asas. Ou teria tirado, se eu tivesse asas. Mas ele foi muito gentil. Ele... humm... prometeu uns presentinhos, se eu ajudar você. É verdade que você é mortal? E tem a Chave Menor?

— É, sim — disse Artur.

— E você é o Herdeiro Legítimo da Casa Inferior?

— Bem, é o que diz o Testamento — respondeu Artur num tom meio desconfortável. — Na verdade, só quero voltar para casa com a cura...

Ele vacilou ao ouvir mais uma badalada do relógio, enquanto Pravuil se ajoelhava diante dele.

— Deixe-me jurar lealdade ao verdadeiro Mestre da Casa Inferior — pediu Pravuil. — Embora seja um simples Arrumador de Carvão, servirei ao Mestre da melhor maneira possível.

Sem saber que atitude tomar, Artur fez um gesto com a cabeça para indicar que concordava. Pravuil olhou para ele com ar curioso, como se esperasse alguma coisa. Enquanto Artur hesitava, o relógio soou mais uma vez. Ele sentia algo de suspeito em Pravuil. Algo em que instintivamente não acreditava. Mas talvez o Habitante se tornasse mais confiável se Artur o deixasse jurar lealdade...

O som do relógio fez Artur pensar em filmes de cavaleiros e reis que tinha visto. Então, ele tocou de leve cada ombro de Pravuil com a Chave. O ponteiro de relógio brilhou mais ainda ao tocar o Habitante, e um pouco da luz passou para ele.

— Aceito a sua lealdade... e agradeço — disse Artur. — E pode se levantar, humm... sir Pravuil.

— Sir Pravuil! — exclamou o homem, ao pôr-se de pé. — Coisa fina, sim, senhor. Eu gosto. Muito obrigado.

Artur olhou firme para ele. Pravuil já tinha sido um pouco mais baixo. Naquele momento, parecia vários centímetros mais alto. Estava bem ereto, mas isso não explicava o aumento da altura. A aparência também era melhor. Artur percebeu que o nariz do homem havia encolhido, e boa parte dos pedaços de carvão endurecido, antes grudada em seu rosto, tinha caído.

O relógio tocou mais uma vez. Os últimos toques tinham sido a intervalos menores. Artur havia perdido a conta, mas talvez aquele fosse o último, o de número 12. No momento seguinte, ele ouviu o barulho de portas batendo.

— Foram... aqueles que andam sobre o relógio que entraram? — perguntou.

Ele estava ansioso para voltar e perguntar ao Velho sobre a Escada Improvável. Se aquela fosse a saída, ele queria subir por ela.

— Realmente, eram as portas se fechando — respondeu Pravuil.

— Quando não retornam antes, eles sempre vão embora ao soar a décima segunda badalada. Mas é melhor não incomodar o Velho enquanto seus olhos não crescerem de novo. Quer uma xícara de chá?

— Quero — disse Artur. — Quero, sim.

— Vamos ter de caminhar um pouco, até o meu... bem... acampamento. Acho que você chamaria assim — falou Pravuil, com uma reverência exagerada. — Felizmente, a providência do Crepúsculo incluiu uma caixinha do melhor chá Ceylon e alguns biscoitos doces. Não tomo chá há... um século, pelo menos.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Há 10 mil anos, talvez um mês a mais ou a menos — respondeu Pravuil. — Muito triste, meu senhor.

— Não creio que você saiba alguma coisa sobre a Escada Improvável. Sabe? — perguntou Artur, enquanto caminhavam entre as pirâmides de carvão. — Ou sobre os poderes da minha Chave?

— Temo que não, senhor, temo que não. Sei da Escada Improvável por ouvir dizer. Dizem que era a escada privativa da Arquiteta, que a utilizava para chegar a todas as partes de Sua criação, tanto na Casa como fora dela. Mas isso é tudo o que sei. Quanto aos poderes da sua Chave, eu era apenas um catalogador de estrelas, meio inexperiente. Coisas como as Chaves do Reino estavam muito além da minha competência. Mas o Velho sabe, com certeza. Afinal, ele é o Velho, o mais velho, tirando a própria Arquiteta. Vamos dobrar à esquerda, senhor, e à esquerda novamente...

Ele parou de falar e Artur parou de andar. Ambos tinham ouvido a mesma coisa. Um som de passos furtivos, o zunido suave de uma engrenagem de relógio e o assobio do ar, que parecia ter sido cortado por algo que se movia para cima e para baixo.

Algo como um machado...

Capítulo 17

— Depressa! — falou Pravuil ofegante. — Suba na pirâmide! Antes que Artur começasse a se mover, Pravuil já havia subido na metade de uma pirâmide. Mas, quando o garoto tentou fazer o mesmo, a pilha de pedaços de carvão desabou e quase o cobriu inteiramente.

Com o coração aos pulos, Artur se atrapalhou na tentativa de se livrar dos pedaços. Havia pó de carvão por toda parte, inclusive em seus olhos e em seu rosto. Ele não enxergava coisa alguma, mas ouvia o tique-taque do relógio e o assobio provocado pelo deslocamento de ar. Então, uma lâmina surgiu bem na frente dele, descendo na direção de seu pulso.

De algum modo, Artur conseguiu aparar o golpe com a Chave. Mas sentiu o impacto no braço. Com uma pontada de medo, ele percebeu que a Chave não possuía mágica que o defendesse; não tinha força suficiente para salvá-lo daqueles monstros. A Chave era obra da Arquiteta, mas aqueles dois seres também, e sua função era arrancar os olhos e o fígado de alguém muito mais poderoso do que Artur.

— Eles não conseguem subir — gritou Pravuil, que de braços abertos se equilibrava precariamente sobre outra pirâmide. — Suba logo!

— Como? — gritou Artur.

Ele conseguiu rolar pelo chão, escapando assim de outro golpe, e pôs-se de pé num salto. O lenhador estava bem em frente a ele, mas... e a mulher do saca-rolhas?

Com o canto do olho, Artur viu alguma coisa brilhar. Instintivamente, deu um pulo, mas esbarrou em outra pirâmide. Os pedaços de carvão se espalharam em volta dele, enquanto o cruel saca-rolhas furava o ar exatamente no lugar onde o garoto estivera um segundo antes.

Artur chutou os carvões e correu a toda velocidade. Mas o lenhador avançava com uma rapidez incrível à sua direita, e novamente Artur perdeu a mulher de vista. Ele mal acreditava na rapidez com que os monstros marionetes se movimentavam. As pernas do lenhador não se dobravam, mas ele corria mais que um rato ao atravessar o chão da cozinha. Veloz demais para que Artur conseguisse escapar.

Ele pulou em outra pirâmide, fugindo de uma machadada nas pernas. Mais uma vez, porém, o carvão se espalhou, atrapalhando-o. Artur revidou o golpe com a Chave, mas só conseguiu arranhar a pele de madeira do lenhador.

O pânico começava a tomar conta do garoto, que se abaixou para evitar o machado, driblou a mulher do saca-rolhas e tornou a correr, em direção à pirâmide mais alta que viu. Precisava fazer alguma coisa para que a pilha não desmoronasse, alguma coisa que mantivesse grudados os pedaços de carvão...

— Carvão! Grude! — gritou Artur, segurando a Chave de modo que esta tocasse a pirâmide antes dele.

O carvão se manteve no mesmo lugar. Artur bateu na pirâmide e voltou, caindo bem no caminho do lenhador e da mulher do saca-rolhas. O machado desceu, mas ele conseguiu rolar no chão... e parou justamente na direção do saca-rolhas que descia.

Ele só teve tempo de aparar o golpe com a Chave e jogar longe o saca-rolhas, que furou o solo de pedra, provocando uma chuva de faíscas. A risada enlouquecida da mulher se transformou em um grito de raiva.

Artur rolou novamente e, apoiando-se nos pés e nas mãos, escalou a pirâmide fixa como um lagarto que sobe na árvore. Ao chegar lá em cima, ficou de pé e olhou para baixo, entre suspiros de alívio.

As duas marionetes rodearam a pirâmide. Elas realmente não podiam subir e também não podiam olhar para cima: tinham o pescoço tão rígido quanto as pernas.

— Muito bem, meu senhor! — gritou Pravuil, que estava algumas pirâmides adiante.

Ele segurava uma vela que iluminava muito mais do que qualquer outra na vida real. A vela toda brilhava, e a chama não se movia.

— Agora, só temos de esperar eles irem embora.

Artur suspirou e se agachou para ficar mais bem equilibrado.

— Quanto tempo vai demorar?

— Eles ficam por uma hora — disse Pravuil. — Ou menos, se pegarem alguém.

— Existem muitas... ahn... existe gente aqui embaixo? — perguntou Artur.

Pravuil deu de ombros.

— Uns 100 Arrumadores e 50 Cortadores de Carvão. E alguns que não têm ocupação.

— Temos de avisar a eles, então — disse Artur.

O lenhador e a mulher tinham desaparecido do círculo de luz projetado pela Chave. Estavam ocultos pela escuridão. Podiam facilmente atacar um Cortador ou Arrumador de Carvão que estivesse concentrado no trabalho.

— Vamos ter de gritar. O som custa a se propagar aqui — explicou Artur.

— Eu não me preocuparia — opinou Pravuil. — Se atacarem, o máximo que podem fazer é arrancar os olhos de alguém. Embora não sejamos tão fortes quanto o Velho, teríamos de volta o fígado ou os olhos em um mês ou dois. E da dor se esquece. Uma vez, há muito tempo, eles me pegaram. Claro que, então, eram abutres, o que é quase preferível àquele horror do relógio, embora fossem abutres terríveis...

— Acho que deveríamos pelo menos tentar — interrompeu Artur. A julgar pela pressa demonstrada por Pravuil para sair do caminho das figuras do relógio, ele achava que os outros trabalhadores ficariam felizes em ser avisados.

— Podemos gritar juntos — insistiu Artur. — Que tal: “Cuidado! As figuras do relógio estão soltas!”? Vou contar até três. Um... dois... três!

— As frituras do negócio estão prontas! — gritou Pravuil, meio segundo depois de Artur.

Pelo menos foi o que o garoto entendeu. Ele tentou várias vezes, mas Pravuil não acertou. Ou não quis acertar. Artur pensou que, na pior das hipóteses, o barulho podia ter servido para alertar alguém.

— Você tem amigos aqui embaixo? — ele perguntou, depois de alguns minutos de silêncio.

O frio começava a incomodar novamente, e Artur sabia que iria piorar.

— Amigos? Temo que não — suspirou Pravuil. — Somos proibidos de conversar, a não ser sobre negócios. E nunca se sabe quem pode ser espião, Inspetor visitante ou coisa parecida. Foi isso que, de início, pensei a seu respeito, meu senhor, embora minha inteligência superior logo descobrisse o seu disfarce.

— Pensei que Crepúsculo tivesse avisado quem eu sou — disse Artur.

Pravuil fez um esforço para parecer amável.

— Bem, ele avisou, mas eu já estava desconfiado.

— Fale dos Reinos Secundários — pediu Artur. — O que são, exatamente?

— Humm... Pergunta inteligente, mas difícil — respondeu Pravuil.

Ele tirou o chapéu gasto, coçou a cabeça e continuou:

— Existe a Casa, que é aqui. Existe o Nada, que não é aqui. Mas a Casa é construída sobre o Nada. E existem os Reinos Secundários, que ficam fora da Casa e não têm ligação com o Nada. Os Reinos Secundários começaram como uma espécie de Nada, que a Arquiteta deixou lá, e expandiu-se, formando estrelas, planetas e assim por diante. Então, alguns planetas continuaram a se desenvolver. Surgiram coisas vivas de que nós, da Casa, mantemos registros, juntamente com outros, mas isso é tudo. É a Lei Original. Nenhuma interferência é admissível. Observe e registre apenas! No entanto, o Velho foi lá e interferiu um bocado, por isso foi acorrentado. Eu acho bem feito para ele. Então, os Curadores interferiram quando a Arquiteta se afastou pela primeira vez. Depois, interferiram um pouco mais, e não duvido que tenham decidido uma porção de coisas. Mas, como estou preso aqui, não posso saber. E digo que, se um mortal aparece com a Chave Menor da Casa Inferior, deve ser porque está acontecendo muita coisa que não deveria acontecer.

Pravuil parou para respirar. Ia recomendar a explicação, quando um grito soou distante. Um grito que fez Artur estremecer e se sentir mal, ao identificar duas palavras:

— Meus olhos!

— Ah, bom — falou Pravuil alegremente. — Podemos descer agora. Meu acampamento não fica longe.

Artur desceu com certa relutância, embora já soubesse como impedir que a pilha de carvão desabasse, o que lhe permitiria escalar outra se necessário. E sabia que quem perdesse os olhos os teria de volta. Ainda assim, não conseguia esquecer aquele grito terrível. Nem o fato de Pravuil pouco se

importar com o que viesse a acontecer aos outros. Ele pensava nisso enquanto seguia o Arrumador de Carvão. Artur se considerava capaz de prever o que os outros iriam fazer e de perceber como eram realmente. Pravuil havia se recusado a obedecer a uma ordem e sofria por isso. Mas parecia colocar os próprios interesses em primeiro lugar. Contraste estranho — talvez explicado pelo fato de Pravuil não ser uma pessoa de verdade. Ou ser uma pessoa, mas não ser humano de verdade. Ele era um Habitante. Ninguém na casa era humano, com exceção talvez das crianças como Suzy, que tinham sido mortais. Mesmo elas, no entanto, haviam mudado. Artur não estava certo quanto ao que eram os outros, muito menos o Velho ou a Arquiteta. E também não queria insistir, em especial porque seus pensamentos tomavam uma direção que não o deixava confortável. Ninguém de sua família freqüentava a igreja, e ele sabia pouquíssimo de religião. Naquele momento, ele até desejou que não fosse assim, mas ao mesmo tempo ficou satisfeito de que fosse assim.

O acampamento de Pravuil, ao qual finalmente chegaram depois de atravessar o frio da terra devastada coberta de carvão, consistia em um baúzinho de madeira, uma poltrona puída e uma estranha urna de metal de cerca de 90 centímetros de altura com torneiras e pequenas gavetas. O objeto chegava a brilhar de tão quente, e foi com alívio que Artur aproximou dele as mãos.

Pravuil explicou que se tratava de um samovar, seu bem mais precioso, deixado por um Arrumador de Carvão que teve a sentença anulada e voltou para cima. De acordo com Pravuil, bastava colocar os ingredientes no samovar para obter bebidas quentes, como chá, vinho adoçado, café ou chocolate.

Isso se confirmou parcialmente. Pravuil encheu uma das gavetinhas com o chá que havia recebido de Crepúsculo. No entanto, depois de alguns jatos de vapor e de um bocado de ruído, ele ficou decepcionado ao perceber que das torneiras só saía uma mistura desagradável de chocolate e vinho. Após várias tentativas, Pravuil finalmente conseguiu uma coisa quente e amarelada, com um gosto que lembrava longe o de maçã. A bebida foi servida em uma estranha jarra de uns 30 centímetros de altura, com a tampa quebrada.

Artur bebeu, agradecido. Sentia frio, e o que quer que fosse aquela bebida pelo menos serviu para esquentar.

— Por que não fez o chá aparecer do Nada, como fez o Velho? — Artur perguntou, depois de uns bons goles que o reanimaram.

— Se eu pudesse... — suspirou Pravuil, com um olhar aborrecido na direção do samovar. — Trabalhar com o Nada é muito complicado. O Velho é perito nesse tipo de mágica, apesar de limitado pelas correntes. Afora ele, são poucos na Casa os que sabem trabalhar com o Nada, em especial sem o auxílio de um objeto poderoso, como a sua Chave.

— Entendo — disse Artur.

Ele se perguntava se poderia usar a Chave para fazer aparecer alguma coisa do Nada. Mas o senso comum lhe dizia que era melhor não tentar sem a ajuda de um especialista. E se ele fizesse surgir um bando de Nadicas, os seres do Nada, como aqueles que saíram das pedras do pavimento do Pátio?

A idéia da ajuda de um especialista fez Artur lembrar que precisava falar com o Velho o quanto antes. Teria passado tempo bastante para que seus olhos se formassem novamente? E ele mesmo, há quanto estaria fora de casa? Embora Will, o Testamento, tivesse afirmado que o tempo entre a Casa e os Reinos Secundários era flexível, Artur temia estar longe por um período longo demais. Se desaparecesse por um dia inteiro, seus pais ficariam terrivelmente preocupados. A menos que estivessem sofrendo da Praga do Sono... Nesse caso, um atraso de um minuto poderia ser fatal.

— Que horas são? — perguntou Artur. — Já posso me aproximar do Velho?

— Humm... Difícil dizer que horas são para o Velho — respondeu Pravuil. — Só se olharmos em seu relógio. Vamos lá olhar?

Capítulo 18

Quando se aproximavam do relógio, Pravuil foi diminuindo o passo, até parar totalmente.

— Se não se importa, vou esperar aqui, meu senhor — ele disse, de cabeça baixa, para evitar o olhar de Artur. — O Velho às vezes é um pouco rabugento. Mas não será com o senhor, Mestre, com certeza.

Desconfiado, Artur olhou para ele. Antes, Pravuil havia se aproximado sem medo. O que estaria pretendendo?

— O que quer dizer “um pouco rabugento”? — perguntou. — O que ele pode fazer?

— É muito difícil dizer...

— Que tipo de coisas ele faz? E de que ele não gosta?

— Bem, da última vez que cheguei perto dele, ameaçou arrancar a minha cabeça e chutar lá para fora. Se ele fizesse isso, eu nunca mais a teria de volta. Ficaria pior do que o Sem Cabeça.

— Mas por quê? Ele foi tão gentil comigo, depois de saber quem eu sou!

— Você é um mortal. E possui a Chave Menor — explicou Pravuil. — O Velho não gosta dos Habitantes da Casa. Ele disse que não gosta de mim, em especial. Não consigo imaginar por quê. Por isso, prefiro esperar aqui. Posso?

— Faça como achar melhor — disse Artur.

Ele continuava a achar que Pravuil tinha alguma coisa em mente, mas não havia tempo para discussões. De que adiantaria fazê-lo chegar mais perto?

— Não esqueça que prometeu me servir, sir Pravuil — despediu-se Artur.

— Ah, claro, um bom sujeito não esquece! — disse Pravuil animadamente, mas ainda evitando o olhar de Artur. — Boa sorte, meu senhor. Sir.

Artur fez que sim e começou a cruzar o espaço aberto entre as pirâmides de carvão e o relógio. Já dava para ver o Velho abaixado, pensativo, perto do número 2. As correntes ainda estavam um tanto apertadas e via-se que ele não podia ir além do primeiro quarto de hora.

Artur caminhou devagar em direção a ele. Ficou feliz ao ver fechadas as portas do relógio, embora só contasse com a palavra de Pravuil para acreditar que as horríveis marionetes tinham entrado lá.

Assim que Artur subiu no mostrador do relógio, o Velho levantou a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos, mas estavam ali. Não fosse pelos respingos de sangue ressecado nas bochechas, Artur duvidaria que os olhos do gigante tivessem sido alvo do machado do lenhador e do saca-rolhas da mulher.

— Saudações, Velho.

O Velho inclinou a cabeça no que podia ser um cumprimento discreto. Mas não falou, não sorriu nem demonstrou sinal algum de satisfação. Artur começou a ficar nervoso. Ele lembrou o que é sentir uma corrente em volta do pescoço e chegou a pensar se seria possível recolocar sua cabeça no corpo, caso fosse arrancada pelo Velho. De algum modo, a dúvida permaneceu.

— Voltei para ver se já decidiu se vai me ajudar ou não — anunciou Artur, enquanto caminhava bem devagar. — O senhor disse que não precisaria de muito tempo para pensar. Então, aquelas coisas saíram das portas...

— Foi — resmungou o Velho. — Levei tempo demais pensando e quase entreguei você a eles. Se você ficasse mais um segundo no relógio, eles teriam arrancado os seus olhos.

— Mas eles pegaram os olhos de alguém — disse Artur, contendo a raiva. — Por que não me acordou mais cedo?

— Eu quis me testar. Quis ver se teria coragem de deixar um garoto adormecido pagar pelo meu descanso noturno — falou o Velho com sua voz grossa. — Mas não consegui, afinal. Ainda bem. Você fez por merecer algumas respostas, Artur. Faça-me três perguntas, nem uma a mais, e responderei.

Artur esteve para perguntar o por quê de serem três perguntas, mas conteve-se a tempo. Com certeza, aquela seria contada como a primeira e só lhe restariam duas. Tinha de planejar com cuidado antes de falar.

— Pode começar — disse o Velho, interrompendo a linha de pensamento do garoto. — Você tem 2 minutos, contados pelo relógio.

— Dois minutos! — exclamou Artur.

Depois de pensar atropeladamente, ele fez a primeira pergunta:

— Como posso usar a Escada Improvável para ir daqui à Sala de Estar de Segunda-Feira?

— A Escada Improvável surge onde houver lugar para ela — explicou o Velho. — Você deve imaginar uma escada onde ela não existe; uma escada feita do que você estiver vendo. Pode ser um tronco de árvore dividido em três partes ou uma nuvem em forma de degraus. Então, você pisa no primeiro degrau, sem largar a Chave. Se acreditar que a escada está lá, ela estará. Pelo menos para quem possuir a Chave Menor.

E continuou:

— Uma vez na escada, continue subindo, até chegar aonde deseja. A Escada Improvável tem muitos patamares e pode ser que, em cada um deles, seja preciso encontrar os degraus novamente. Se não achar logo a continuação da escada, ficará preso no local onde parou. A Escada Improvável serpenteia pelos Reinos Secundários, no tempo e no espaço, além de percorrer a Casa. Tenha cuidado, portanto, ou talvez acabe em um lugar onde não desejaria estar. Isso pode acontecer. É da natureza da escada. Para chegar aonde se quer, é preciso força de vontade. Tenha cuidado também com outros viajantes, os Nadicas em especial, que às vezes passam por ali.

O ponteiro grande do relógio se moveu, fazendo chocalhar a corrente do Velho. Já tinha se passado um minuto!

— O que... Como vou usar os poderes da Chave Menor? — perguntou Artur.

Enquanto falava, o garoto levantou a Chave, e sua luz cintilou brevemente, embora banhada pelo estranho brilho azulado das correntes do Velho.

— São numerosos os poderes da Chave Menor — entou o Velho. — Nas mãos do possuidor certo pode fazer quase tudo o que se pede, embora em geral seja mais fraca dentro da Casa do que nos Reinos Secundários. Arte e Poder são capazes de fazer frente a ela. Pode ser utilizada para trancar, destrancar, juntar, separar, abrir, fechar, impulsionar, paralisar, iluminar, escurecer, explicar, confundir e para operar pequenos desvios e redirecionamentos de Tempo. Vai protegê-lo, até certo ponto, de danos físicos ou psíquicos, embora tenha o poder limitado pelo fato de você ser normal. Quanto ao modo de usar, você já sabe. Pergunte ou ordene, e a Chave vai obedecer, se for capaz. Ainda lhe restam 30 segundos.

Artur olhou para o ponteiro dos minutos e viu que tinha andado outra vez. Estava a meio caminho da próxima marcação. Mas ele tinha certeza de não ter utilizado 90 segundos! Em pânico, tentou pensar em uma boa pergunta — uma que provocasse uma resposta melhor do que as duas anteriores. Alguma coisa mais direta.

— O que está acontecendo em casa? Na minha casa?

— Não tenho como dizer — respondeu o Velho. — Os Reinos Secundários são proibidos para mim, e muitos, muitos anos se passaram desde a última vez que espiei o que acontece por lá. Faça outra pergunta.

— Em quem posso confiar? — Artur perguntou então.

— Naqueles que lhe querem bem — disse o velho. — E não naqueles que querem usar você. Seja um jogador, e não uma peça do jogo. Acabaram as suas perguntas e o seu tempo.

Ele levantou a mão e mandou que Artur fosse embora.

— Mas isso não é resposta. Eu quero saber em quem posso confiar em especial. Em Will, o Testamento? Em Crepúsculo de Segunda-Feira?

Artur se recusava a ir embora.

O Velho se pôs de pé, fazendo tilintarem as correntes. Então, fez uma laçada com uma delas, que sacudiu de leve no ar. Ainda assim, Artur não se moveu. Continuou de olhos fixos no gigante, com a Chave na mão. “É o mesmo que provocar uma fera”, pensou. Por dentro, estava trêmulo. Mas fazia o que tinha de fazer.

— Você mesmo deve descobrir — disse o Velho.

Ele começou a gesticular novamente, mandando Artur ir embora, mas então parou e continuou a falar:

— Vou lhe dizer mais uma coisa, embora não tenha perguntado, Artur Penhaligon. O mortal que possui a Chave e a tem como ferramenta se torna também uma ferramenta dela. Ela vai mudá-lo como pessoa, fazendo de você

uma imagem de seu criador. A Chave não combina com os mortais. Por isso, com o tempo, refaz quem a possui. Pense bem nisso, Artur. O poder nunca vem de graça. Como pode ver aqui. Agora, vá!

As duas últimas palavras soaram como um trovão, e o gigante deu um salto à frente, arrastando a corrente. Artur se desviou dos elos que vinham em sua direção e pulou para fora do relógio com o coração acelerado.

Quando chegou perto das pirâmides de carvão, não encontrou Pravuil. Ao olhar para trás, ainda viu o Velho novamente sentado, com o cotovelo sobre o joelho e a cabeça sobre o pulso. Pensando.

Pensar era algo que o próprio Artur precisava fazer, embora sua principal preocupação fosse descobrir como usar a Escada Improvável para sair daquele poço congelante e empoeirado. Mas não era simples assim. Deveria ele se arriscar pela escada quando poderia haver outra saída? Aonde deveria ir? Direto para a Sala de Estar de Segunda-Feira, para tentar conseguir o Ponteiro das Horas? E quanto a Will e Suzy Azul-Turquesa? E Crepúsculo de Segunda-Feira?

Crepúsculo de Segunda-Feira... Artur de repente pensou se Pravuil teria como se comunicar com Crepúsculo. O que, exatamente, teria Crepúsculo mandado Pravuil fazer, fora ajudá-lo e oferecer-lhe uma xícara de chá?

— Pravuil!

O grito de Artur ecoou pelas pirâmides de carvão, mas não houve resposta, nem da escuridão, nem da região iluminada de azul em volta do relógio.

— Pravuil, venha cá!

Novamente, não houve resposta. “E ele me jurou lealdade”, pensou Artur. O garoto olhou em volta, pensando se seria capaz de encontrar o acampamento de Pravuil. Ele bem que gostaria de uma xícara quente de qualquer coisa, embora o Arrumador de Carvão não estivesse ali para responder perguntas. Mas, sem pontos de referência, sabia que não conseguiria. Ele seria apenas um ponto de luz a vagar pela escuridão e só acharia o acampamento por pura sorte.

— Pravuil!

Quando o grito parou de ecoar, fez-se silêncio. E, quando Artur tomou fôlego, preparando-se para chamar mais uma vez, ouviu alguma coisa. Um ruído leve, difícil de localizar, mas que foi ficando mais forte enquanto ele usava a Chave para grudar os pedaços de carvão e subir na pirâmide. Quanto mais alto ele chegava, mais alto a luz da Chave alcançava, porém era impossível enxergar alguma coisa.

Então, ele reconheceu o ruído e olhou para cima. Era o bater de asas. Alguém... alguma coisa... vinha em sua direção!

Bem a tempo, Artur saltou da pirâmide, desviando-se de uma figura oscilante que zuniu sobre sua cabeça. Ao chegar ao chão, ouviu o barulho dos pedaços de carvão a se espalhar por toda parte. Quem quer que fosse não sabia voar direito.

Antes que a criatura se levantasse, Artur se aproximou, pronto para atacar com a Chave. Ele não acreditava que fosse Crepúsculo, pois tinha visto de relance asas brancas. Além do mais, Crepúsculo, Meio-Dia e Aurora provavelmente não teriam problemas em usar asas.

— Foi um fiasco, sem dúvida! — declarou uma voz familiar. Artur viu uma figura escurecida arrastar-se para fora de uma pilha de pedaços de carvão.

— Ninguém me avisou que o chão ia chegar tão depressa!

— Suzy Azul! — exclamou Artur.

Ele sorriu, guardou a Chave no cós da calça e se abaixou para ajudar a garota.

— O que... Como você chegou aqui?

— Will atacou o Terceiro Secretário Responsável pela Manutenção do Teto, que estava distraído, e me conseguiu estas asas — explicou Suzy.

Ela se levantou meio sem firmeza e sacudiu a roupa, espalhando pó de carvão. Trazia ainda as asas presas ao corpo, embora dobradas na parte de cima. As asas pareciam ter sido brancas, mas naquele momento apresentavam apenas pontos claros em meio à sujeira.

— Will me mandou procurar você. Ele não quis vir, porque disse que não queria chegar perto de um velho esquisito. Ainda bem que vim na direção da luz certa. O que é aquele brilho azul ali?

— É o velho esquisito — respondeu Artur. — Eu não iria lá, se fosse você. Meio-Dia deixou você vir?

— Mais ou menos — disse Suzy. — Nós escapamos dele. Faz muito frio aqui. Leia logo a mensagem para podermos ir embora.

Ela enfiou a mão dentro do colete encardido e tirou um envelope de papel grosso amarelado, fechado com uma grande gota de cera e marcado com o que parecia ser a impressão digital de um sapo.

Artur rompeu o lacre e abriu o envelope. Por um momento, ficou procurando a carta. Então, descobriu a mensagem escrita no envelope. Na verdade, a folha tinha sido dobrada em forma de envelope, como um aerograma antigo.

A mensagem era escrita em uma caligrafia bonita, com tinta verde levemente brilhante. Dizia assim:

Para Artur, Herdeiro Legítimo das Chaves do Reino e Mestre da Casa Inferior, da Casa Intermediária, da Casa Superior, das Regiões Afastadas, do Grande Labirinto, dos Jardins Incomparáveis, do Mar Fronteiriço e daqueles Territórios Infinitos além da Casa, comumente chamados de Reinos Secundários...

Saudações do seu fiel servo, Parágrafos Três a Sete do Testamento de Nossa Suprema Criadora, a Suprema Arquiteta de Tudo, transmitidas pela senhorita Suzy Azul-Turquesa, Recarregadora de Tinta, etc., etc.

Senhor, espero que esta o encontre bem e chegue a tempo de avisá-lo de que, sob hipótese alguma, deve se aproximar do gigante acorrentado ao relógio localizado na região

que o senhor, por infelicidade, ocupa temporariamente. Chamado por alguns de o “Velho”, é extremamente perigoso. Eu repito: não se aproxime dele nem do relógio!

Lamento sua prisão passageira, mas asseguro-lhe de que nossos planos, embora temporariamente suspensos, ainda estão valendo. Nosso próximo passo, se me permite sugerir, é seguir imediatamente para a Antecâmara de Segunda-Feira, pois temo que sua verdadeira Sala de Estar esteja agora mais bem defendida. Assim, precisamos de um exame mais cuidadoso antes que possamos prosseguir.

Como ir do seu depósito úmido até a Antecâmara de Segunda-Feira? Pensei em conseguir asas adicionais e enviá-las por Suzy, mas são de difícil utilização e temi um acidente. Melhor e mais adequado é usar a Escada Improvável.

— Não consigo tirar a droga destas asas! — interrompeu Suzy. Artur parou de ler a explicação sobre o uso da Escada Improvável, que era praticamente idêntica à que tinha sido dada pelo Velho. Era como se Will e o gigante tivessem lido e decorado o mesmo livro.

Na tentativa de arrancar uma asa, Suzy esticava a mão até o ombro.

— Quer ajuda? — perguntou Artur.

— Não! — exclamou Suzy. — Parece que elas cresceram aqui nas minhas costas.

— As minhas também eram assim — falou Artur. — Mas caíram e se transformaram novamente em papel pouco antes que eu chegasse ao chão.

— Asas de papel? São temporárias. Mágica simples — disse Suzy, com certo desprezo. — Estas são asas permanentes, de primeira linha. Vi quando eles colocavam e tiravam, faziam aumentar e diminuir. Deve ser algum tipo de truque.

Artur concordou com a cabeça. Se havia truque, Suzy não fazia a menor idéia de qual fosse. Ele voltou à leitura da carta de Will.

Use a ESCADA Improvável para chegar à Antecâmara de Segunda-Feira. Fiz um pequeno esboço para que possa visualizar o seu destino. Lembre que a ESCADA é voluntariosa e vai parar em muitos lugares. Não saia dela até chegar à Antecâmara de Segunda-Feira!

Artur olhou para o esboço. Tinha o tamanho aproximado da unha de seu dedo polegar, mas era incrivelmente bem-feito e detalhado, como uma gravura antiga. Mostrava o interior de um cômodo, ou melhor, de uma tenda, pois as paredes eram obviamente de tecido, e havia uma estaca no meio. Além disso, viam-se pilhas de almofadas e uma mesinha, tendo sobre ela uma jarra alta e fina e vários copos de vinho.

“Estranha antecâmara”, pensou Artur. Ele deu de ombros e voltou à leitura da carta.

Se tudo correr como espero, vou aguardar a sua chegada, com todos os aliados que conseguir reunir. Quando nos encontrarmos, revelarei a próxima etapa do meu plano.

Até lá, continuarei a ser seu servo obediente e respeitoso.

Que se cumpra o Testamento.

Artur dobrou a carta e a guardou no bolso da calça. Suzy continuava às voltas com as asas.

— O que Will lhe disse para fazer agora que me entregou a carta? — perguntou ele.

— Não sei — respondeu Suzy.

Ela desistiu de tentar arrancar as asas; enfiou as mãos embaixo dos braços para descansar e continuou:

— Ele não disse. Suponho que eu deva ir com você.

— Não sei se você pode vir comigo — disse Artur. Suzy olhou para ele zangada.

— Ah, muito bem! Eu venho até aqui, e você não pode se dar ao trabalho de me levar para a etapa seguinte!

— Vou levar, se puder — explicou Artur pacientemente. — Tenho de usar uma coisa chamada Escada Improvável e não sei se podemos ir os dois. É só isso. Não sei por que Will não lhe disse.

— Will só pensa nele mesmo — resmungou Suzy amuada. — Faça isso, faça aquilo, devemos cumprir a vontade da Arquiteta... Ele me deixa maluca. Bom, vamos em frente, antes que cheguem os capangas de Meio-Dia.

— O quê?

— Essa tal Escada Improvável. Vamos logo. Onde é que começa?

— Não é isso. O que você disse sobre capangas de Meio-Dia? — Ah, foi relativamente fácil escapar do primeiro bando mandado por Meio-Dia para nos seguir no escritório do Promotor-Geral de Eficiência. Mas, quando desci para o Depósito Superior, havia um monte de Comissionários observando em volta do buraco. Consegui passar por eles, mas acredito que alguns, a esta altura, já tenham arranjado asas. Portanto, é melhor irmos logo. A você eles não podem fazer nada, mas a mim podem.

Enquanto ela falava, Artur olhou para cima. De início, não viu coisa alguma, porém, quando afastou a Chave para que o brilho não lhe incomodasse os olhos, pôde perceber umas luzinhas que não estavam lá antes. Luzinhas que ficavam cada vez maiores e mais brilhantes.

— Lanternas — disse Suzy. — Sargentos Comissionários. Meia dúzia deles.

Artur ia responder alguma coisa, quando um rugido feroz ecoou atrás dele. Um rugido tão forte que Suzy instintivamente agarrou o chapéu, embora estivesse bem encaixado na cabeça e vento nenhum fosse capaz de arrancá-lo. O Velho também tinha visto os Comissionários.

— Segure a minha mão — disse Artur para Suzy.

Ele ofereceu a ela a mão esquerda, enquanto mantinha a Chave na direita. Suzy obedeceu com relutância, oferecendo apenas dois dedos, como faria ao pegar um rato morto.

— Não, segure direito! — insistiu Artur. — Senão, vai ficar para trás!

Suzy obedeceu. Artur esperava estar dizendo a verdade. Não tinha idéia se poderia levá-la ou não. Não sabia se encontraria a escada e muito menos se saberia usá-la.

O que tinham dito o Velho e Will? Imagine uma escada onde não houver nenhuma. Concentre-se em alguma coisa que lembre degraus e acredite.

“Lá, na escuridão acima daquela pirâmide meio torta”, pensou Artur. “É lá que a Escada vai estar. Vai continuar a partir dos degraus de carvão que se formaram quando ela ruiu parcialmente”.

“Isso mesmo”, continuou a pensar. “Uma escada larga e bem construída. Degraus de mármore luzindo na escuridão”. Em sua cabeça, ele via claramente a escada. Mas estaria ela naquele espaço escuro?

— Ei! Parem onde estão!

Um grito veio de cima, mas ainda distante. Foi respondido por um relâmpago de luz azulada que partiu do relógio, mas voltou, como se tivesse batido em um teto de vidro localizado a apenas 100 metros da estranha prisão do Velho.

Artur ignorou o grito e o relâmpago. Já podia ver a escada com degraus de mármore. Eles brilhavam acima da pirâmide. Tudo o que tinha a fazer era pular e alcançar o primeiro degrau.

— Uau! — exclamou Suzy quando Artur pulou sem avisar.

As asas da garota se agitaram, no esforço de acompanhar o salto. Mas os pés de Artur não encostaram na pirâmide. Alcançaram alguma coisa que Suzy não via, e ele pulou novamente. Ela fechou os olhos e bateu as asas com mais força. Ao sentir que Artur dava outro pulo, Suzy apertou ainda mais os olhos, imaginando o tombo terrível que levaria, com asas ou não.

Isso não aconteceu, porém. Os pés da garota tocaram alguma coisa, mas sem o impacto de uma queda.

Suzy abriu os olhos. Mármore branco brilhava sob suas botas sujas. Ela olhou para a esquerda, para a direita e para cima. Excetuando os degraus, só via luz, uma luz branca e resplandecente que tudo banhava.

— Olhe para os degraus! — gritou Artur. — E vamos! Não podemos parar!

Capítulo 19

— Como é que isto funciona, hein? — perguntou Suzy ofegante. Ela havia obedientemente acompanhado Artur por pelo menos 200 degraus e ainda segurava a mão dele.

— Vamos subir até não agüentar mais para então cair e rolar escada abaixo?

— Não sei — respondeu Artur.

Ele estava cansado, mas estranhamente satisfeito. Em seu mundo, jamais conseguiria subir tantos degraus tão depressa, pelo menos não sem a Chave. Era boa a sensação provocada pelo ar que fluía com facilidade, entrando e saindo de seus pulmões. Apenas os músculos reclamavam do esforço contínuo.

— Mas temos de prosseguir. Há vários Patamares à frente cuja localização desconheço. Se cairmos em algum, precisamos encontrar logo a Escada novamente ou ficaremos presos. Para sempre, suponho.

— Só problema — resmungou Suzy. — Eu devia ter ficado com os meus potes de tinta. Meu velho pai costumava dizer: “Não se ofereça para nada.”

Ela quase parou, puxando Artur para trás.

— O que foi? — perguntou ele irritado, tentando arrastar Suzy pela mão.

— Lembrei! — exclamou a garota. — Eu me lembrei do meu pai por um segundo! Há anos não acontecia! Muita lavagem entre as orelhas. O que é isto?

Artur virou um pouco a cabeça, para olhar, e quase tropeçou. Havia alguma coisa à frente. Uma coisa colorida que se destacava em meio à luz branca que os rodeava. Ao mesmo tempo, teve a desagradável sensação de que os degraus se moviam sob seus pés, como se estivesse em uma escada rolante. Ele não sabia o que havia adiante, mas aproximava-se rapidamente do que quer que fosse.

— Cuidado! — gritou Suzy.

De repente, os degraus sumiram. Só ficou a luz branca. Eles estavam em uma espécie de pântano, com água na altura dos joelhos, em meio a plantas viçosas que pareciam repolhos gigantes. O sol brilhava acima deles, em um céu muito azul.

— Um Patamar! — exclamou Artur. — Rápido! Temos de encontrar a Escada novamente!

Um berro profundo foi a resposta. De trás dos repolhos gigantes, foi surgindo um animal enorme, parecido com um réptil, que esticava e encolhia o pescoço.

— Mais dinossauros! — resmungou Artur.

Aquele parecia herbívoro, felizmente, mas era grande como o reboque de um caminhão e facilmente esmagaria duas crianças, até mesmo sem querer. Tinha uma cor azulada, semelhante à das águas do pântano, com manchas arroxeadas. Artur teve vontade de dar uma gargalhada, tão estranha era a aparência do bicho. Mas não podia. Tinha de encontrar alguma coisa parecida com degraus...

O dinossauro berrou mais uma vez e avançou, esmagando com o peito um repolho gigante. O bicho representava um perigo, ainda que movido apenas pela curiosidade. Artur e Suzy precisavam sair do caminho dele e voltar à Escada.

O garoto olhou em volta freneticamente, quase torcendo o braço de Suzy ao virar-se. A garota relaxou um pouco a mão, mas ele a apertou com força.

— Não me largue, senão vai ficar para trás! Ah!

Artur acabava de ver uma coisa que poderia ser útil: uma moita de pés de junco bem altos. Então, correu em direção à moita, arrastando com ele Suzy, que levou um susto. Se conseguisse dobrar um dos pés de junco em forma de degraus, talvez desse certo. Sem mais pensar, guardou a Chave no cinto, o que fez seus pulmões pararem no meio da respiração, trazendo a familiar sensação de aperto no peito.

Ele tinha esquecido. Não estava mais na Casa. Estava nos Reinos Secundários — talvez no passado distante de seu próprio mundo — e precisava manter o contato com a Chave, para respirar normalmente.

Mas não havia tempo!

Artur rapidamente forçou o junco em 12 pontos a igual distância uns dos outros, formando ângulos, e segurou a Chave. Em seguida, olhou atentamente o que tinha feito. Lá estavam os degraus, do alto do junco para o céu. Ele, então, imaginou a silhueta esguia da planta transformando-se em uma escada de mármore em três dimensões.

Nesse momento, uma onda formada pelo avanço do dinossauro atingiu as costas de Artur. Ele não soube se Suzy engoliu em seco ou abafou um grito. Apenas saltou, fazendo baterem as asas da garota. Em um segundo, estavam de volta à Escada Improvável. Encharcados.

A respiração de Artur se normalizou aos poucos. Ele teve vontade de se deitar para descansar aliviado, mas sabia que era impossível. Apesar de exausto, pegou Suzy pela mão e recomeçou a subida.

— Quantos Patamares vamos ter de vencer? — perguntou Suzy.

A garota batia um pouco as asas, na tentativa de secá-las. Pelo menos boa parte do pó de carvão tinha caído, fazendo com que parecessem um pouco mais brancas. De um branco encardido, é verdade, mas não eram mais cinzentas.

— E, a propósito, aonde vamos?

— Não sei — respondeu Artur.

Quando acabou de falar, ele sentiu o degrau sob seus pés amolecer como manteiga fora da geladeira e, por um momento, teve medo de cair.

— Quer dizer, sei, sim, sei aonde vamos — disse depressa, aparentando o máximo possível de confiança.

Ao mesmo tempo, pensou cuidadosamente no desenho que Will tinha feito da Antecâmara de Segunda-Feira.

— Não sei quantos Patamares vamos encontrar. Vamos à Antecâmara de Segunda-Feira, ao encontro de Will, o Testamento.

Enquanto Artur falava, o degrau endureceu. Tinha deixado de parecer marshmallow. Era de mármore novamente.

— Ah, tudo bem — disse Suzy com ironia. — Meu amigo Will. Espero que você cumpra a promessa, Artie.

— Não me chame de Artie — corrigiu Artur. — Vou fazer tudo o que puder para mandar você e as outras crianças de volta para casa.

Os degraus trepidaram um pouco e fizeram uma leve curva. Mas foi por menos de um segundo, e Artur não descobriu se aquilo tinha algum significado. Talvez fizesse parte da esquisitice da coisa toda.

— Ali à frente! Outro... — avisou Suzy.

De novo, chegaram a um patamar, mais depressa do que esperavam. Em um momento levantavam o pé para subir no degrau, e no outro pisavam em terra firme.

Estava escuro e fazia frio. Artur levantou a Chave, mas só viu paredes de pedra. Paredes de pedra, molhadas, de uma caverna.

Um leve ruído fez o garoto se voltar, tentando ver melhor. Em um canto, havia um grupo de pessoas encolhidas, terrivelmente assustadas. Sobre o corpo, traziam apenas grossas peles de animais. Tinham a cabeça fina, comprida e ossuda.

“Homens de Neanderthal”, Artur pensou. “Ou de Cro-Magnon, ou seja lá o que for”. Ele queria dizer que não tivessem medo, mas não havia tempo. E, de todo modo, eles não entenderiam.

Artur se voltou para a parede e, com a ponta da Chave, rapidamente desenhou um ziguezague formando degraus. Antes, porém, que ele visualizasse a Escada, Suzy falou:

— Para mim, não parecem degraus.

— Shhh! — ralhou Artur.

Daquele jeito, ele não conseguiria visualizar a Escada e começou a entrar em pânico.

“Vamos ficar presos na Idade da Pedra para sempre! Não! Não!”

Artur respirou fundo e arranhou mais uns degraus, dessa vez devagar, formando linhas mais geométricas. Pareciam degraus. *Eram* degraus. Ia pular neles, carregando a ingrata Suzy...

Ele saltou de olhos abertos para o caso de bater na parede e cair no chão da caverna. Mas não foi isso que aconteceu. Uma luz branca explodiu em torno deles, parecendo dar boas-vindas. Estavam de volta à Escada Improvável.

Por algum tempo, subiram em silêncio. Então, Suzy falou:

— Desculpe pelo que eu disse. Vou ficar de boca fechada.

De início, Artur não respondeu. Depois de alguns segundos, porém, disse:

— Não foi culpa sua. Acho que o desenho não ia funcionar mesmo. Antes que você falasse, eu já estava em dúvida.

— Você não vai me abandonar, não é? — ela perguntou em um tom muito mais suave do que o normal. — Não vai me deixar para trás?

— Não! Claro que não! — respondeu Artur.

Ele ficou tão chocado com a idéia da garota que quase interrompeu a subida.

— É que eu estive lembrando umas coisas — disse ela baixinho. — Lembrei a primeira vez em que vi o Tocador de Gaita. A minha mãe me levando para o campo e... me deixando lá. Eu, uma garota da cidade, sem saber o que fazer. Então, veio o Tocador de Gaita, com todas as crianças dançando atrás...

Artur apertou com mais força a mão de Suzy. Ele sabia que nada havia a dizer.

— Engraçado como está tudo voltando — continuou Suzy.

Ela fungou um pouco, tirou do bolso um lenço não muito limpo e assoou o nariz.

— Deve ser o ar ou qualquer coisa assim — desculpou-se.

— Deve ser — confirmou Artur. — Espere. Vem um...

De repente, eles estavam no canto de uma estrada, sob sol quente e céu azul, com apenas algumas nuvenzinhas ao longe. A estrada era pouco mais que uma trilha, tendo de um lado árvores retorcidas, plantadas irregularmente. Sem pavimentação, tinha apenas algumas pedras jogadas de qualquer jeito. Do outro lado, que era onde Artur e Suzy estavam, havia um campo gramado que servia de pasto para as cabras, que os observavam da colina a uns 200 ou 300 metros de distância.

— Pedras! — disse Artur, apontando uma pilha sob as árvores. — Podemos fazer degraus com elas.

Ele puxou Suzy pela mão e juntos atravessaram a estrada.

Estavam perto da pilha de pedras quando viram um homem que se aproximava correndo. Ele vinha em um ritmo constante. Tudo indicava que manteria a passada por muito tempo. Era um homem magro, mas forte, vestido apenas com uma tanga e sandálias. O suor brilhava em seu peito nu.

O corredor olhou os dois por um momento, e olhou de novo quando Suzy distraidamente bateu as asas. Ele fez na direção da garota um gesto formal, como se saudasse e protegesse os olhos do sol, ao mesmo tempo.

— Vitória em Maratona! — ele gritou. — Os Persas foram derrotados! Agradecemos à deusa Niké pela vitória!

Por olhar e não parar, ele quase tropeçou em uma pedra do chão. Artur e Suzy também não pararam. Chegaram à pilha de pedras e, juntos, construíram uma escada com elas. Então, Artur pegou a Chave, imaginou a Escada e saltou sobre ela. Desta vez, foi fácil, e imediatamente Artur e Suzy pisavam os degraus de mármore, envolvidos pela luz branca.

— Acho que sei onde isso aconteceu — disse Artur. — Ou melhor: sei quando aconteceu. No nosso mundo. Na história. Fiz um projeto na escola sobre a origem dos nomes de marcas famosas. Ele pensou que você fosse Niké (ou Nike), a deusa alada da vitória, cultuada pelos gregos.

— Eu? — suspirou Suzy. — Se conseguisse arrancar a droga destas asas, não haveria confusão, eu suponho.

— Fico pensando se seria possível não parar nos Patamares — refletiu Artur. — Aposto que a Arquiteta só parava onde queria. Vamos!
E eles foram.

Capítulo 20

Artur começou a subir em ritmo forçado, pulando vários degraus de cada vez.

— Por que... Por que tão depressa? — perguntou Suzy.

— Talvez, se formos mais depressa, haja menos Patamares. Não sei.

Mas me parece a coisa certa a fazer.

— Mas, se não for, só vai servir para chegarmos ao Patamar mais depressa — disse Suzy.

Artur não respondeu. Ele acreditava que, se fossem mais rápidos, chegariam logo ao destino, eliminando alguns Patamares. Mas era apenas uma idéia. Ele não tinha certeza. Ninguém tinha ensinado isso: nem o Atlas, nem o Testamento, nem o Velho.

— Olhe! Lá adiante! — gritou Suzy.

Artur apertou os olhos para ver melhor. Então, a Chave tocou em alguma coisa sólida. Ele e Suzy foram de encontro a uma porta de madeira clara, que se abriu, mostrando uma rua estreita, pavimentada com pedras arredondadas. Por um breve momento, Artur pensou que estivesse de volta ao Pátio da Casa.

No entanto, quando um mau cheiro terrível invadiu seu nariz, ele soube que não estava.

Havia corpos empilhados ao longo da rua. Montes e montes de corpos, cobertos grosseiramente com cal. O pó branco escondia rostos e roupas, dando a impressão de serem estátuas ou bonecos arrumados em série. A não ser pelo cheiro, pela nuvem de moscas e pelos ratos que, correndo, entravam e saíam dos esgotos abertos, não havia sinal de vida.

Artur prendeu a respiração e tentou não vomitar. As casas eram estreitas; construções de três andares debruçadas sobre a rua, que se tornava sombria, apesar do sol a pino. Eram casas feitas de pedra até a altura de uns 2 metros e, a partir daí, a construção usava madeira com vigas aparentes e portas pintadas. Algumas casas eram cobertas de madeira ou ardósia, mas a maioria tinha cobertura de palha. Todas apresentavam janelas pintadas em cores brilhantes. Em relação ao tempo de Artur, seriam casas muito antigas, velhas demais para serem encontradas fora da Inglaterra ou da Europa. E ali estavam, se não novinhas, pelo menos não tão velhas.

“Deve ter sido uma rua bem agradável”, Artur pensou. “Mas não agora”.

Todas as casas tinham uma cruz branca pintada na porta da frente e nas paredes. Artur sabia o que aquilo significava e o que havia matado toda aquela gente.

— Peste bubônica — ele sussurrou.

Provavelmente estavam na Inglaterra, em algum momento do século 17. Houve lá uma terrível epidemia dessa peste entre 1660 e 1670. A não ser que

estivessem em um tempo equivalente àquele, mas em outro mundo. Mais uma vez, Artur não sabia o bastante sobre a Casa, a Escada Improvável ou os Reinos Secundários.

De repente, Suzy soltou a mão de Artur. Ele tentou agarrá-la, ainda tocou-lhe os dedos, mas tarde demais. Ela escapou.

— Suzy! Temos de continuar!

Ela não voltou. Ao vê-la atravessar a rua e empurrar uma porta, Artur correu atrás. A porta se abriu um pouquinho, porém encontrou resistência. Havia um corpo. Suzy tornou a empurrar. Então, recuou e começou a chorar. As lágrimas lhe desciam pelo rosto e chegavam à roupa, formando manchas escuras. As asas estavam caídas e murchas.

— O que foi? — perguntou Artur.

Suzy parecia sempre tão confiante! Mesmo ao enfrentar dinossauros e bárbaros armados com espadas. O que teria acontecido?

— Aquela era minha casa! — ela soluçou. — As lembranças estão voltando. Eu vivia aqui!

Ela se voltou para a pilha mais próxima de corpos e teria puxado o de cima para olhar, não fosse Artur pegá-la pelo braço.

— Você não pode fazer nada! — disse Artur com veemência. — E não pode ficar aqui. Temos de encontrar os degraus!

— Ora, se não é Suzy, a filha de Jack Dyer, que voltou como o Anjo da Morte! — murmurou uma voz.

Por um terrível instante, Artur e Suzy ficaram paralisados, pensando que um dos corpos tivesse falado. Então, viram sair de uma casa próxima o que parecia um monte de farrapos. Era uma mulher bem velha, vestida com um roupão forrado de pele, apesar do calor. Ela trazia no rosto um lenço molhado. Artur sentiu o cheiro forte da mistura de cravo e óleo de rosas aplicada ao pano, para disfarçar o fedor dos cadáveres.

— Então, de qualquer jeito, você morreu — resmungou a mulher. — Eu disse à sua mãe que era bobagem tirar você daqui. A morte não respeita limites. A morte vai a qualquer lugar, na cidade ou no campo.

— Ela morreu? — perguntou Suzy em voz baixa.

— Todo mundo morreu! — disse a velha com uma risada. — Todo mundo! Até eu morri, só não sei disso ainda!

Enquanto a mulher ria descontroladamente, Artur voltou a puxar Suzy pela mão. Dessa vez, ela não resistiu. Mas também não ajudou.

— Vamos! — insistiu Artur.

Na casa seguinte, a porta estava aberta. Devia haver uma escada lá dentro. Mesmo tão perto, porém, ele temia ter demorado muito tempo ali. Temia que Suzy ficasse.

— Pense na Antecâmara de Segunda-Feira! — gritou Artur.

Ele arrastou a garota pela porta aberta, por um corredor curto e estreito e por uma escada em caracol tão apertada que o fazia bater com a cabeça nos degraus de cima. Suzy passou a colaborar.

— Concentre-se em voltar à Casa! — disse Artur.

Ele mesmo tinha de fazer esforço para se concentrar. Não conseguia esquecer os corpos empilhados. Era a primeira vez que via uma pessoa morta. E sempre havia pensado que, se visse uma, seria em uma cama de hospital. Que visão terrível a daqueles cadáveres cobertos de cal pelos poucos sobreviventes, assustados demais para fazer outra coisa.

A Praga do Sono era o equivalente moderno da peste bubônica. Médicos e curandeiros da época não faziam idéia de como a doença se espalhava e de onde tinha vindo. Os médicos atuais estavam na mesma situação em relação à Praga do Sono. Artur era a única esperança. Se falhasse, a doença dos Buscadores poderia matar quase todos na cidade, inclusive aqueles que ele mais amava e com quem mais se preocupava. Exatamente como a última epidemia, que tinha levado seus pais.

O mal se espalharia e haveria pilhas de corpos pelas ruas...

“Tenho de chegar à Antecâmara de Segunda-Feira”, Artur pensou decidido. “Antecâmara de Segunda-Feira. Antecâmara de Segunda-Feira”.

O último degrau de madeira e reboco sumiu sob os pés do garoto, sendo substituído por outro de mármore. A luz perolada cobriu as paredes encardidas do século 17.

Artur estava de volta à Escada Improvável. Ele apertava tanto a mão esquerda que por um momento não sabia se segurava ou não a mão de Suzy. Teria ela conseguido escapar ou ficado presa em seu tempo e lugar originais, onde quase certamente havia morrido... ou morreria... da Peste Negra?

Artur olhou para trás... e encontrou o olhar de Suzy.

— Acho que você vai ter de me agüentar — choramingou a garota.

Ela tentou sorrir, mas seu sorriso se desfez.

— Não adianta eu voltar para casa agora.

Artur começou a subir em um ritmo constante, enquanto falava:

— Poderíamos encontrar e mudar os registros da sua família, de modo que eles sobrevivam à praga.

— Não — explicou Suzy devagar. — Eu já lhe disse. Foram centenas de anos à procura e nunca encontrei meu registro. Nenhum de nós encontrou o registro de qualquer pessoa conhecida. Acho que é assim mesmo. Depois disso, vou ter de voltar à recarga de tinta. Para sempre.

— Não vai, não — declarou Artur.

Ele tentava fazer com que sua voz demonstrasse mais esperança e confiança do que realmente sentia.

— Vamos vencer o Sr. Segunda-Feira e resolver tudo na Casa Inferior. Você vai ver.

A resposta de Suzy limitou-se a uma espécie de ronco. Ou talvez ela estivesse apenas assoando o nariz. Na manga do casaco, sem qualquer higiene, como costumava fazer.

— Agora vou me concentrar realmente na Antecâmara de Segunda-Feira — disse Artur. — Acho que, se me concentrar com bastante força, vamos chegar lá, sem parada alguma no caminho.

— Como aquela ali? — perguntou Suzy.

Artur praguejou e tentou subir mais depressa, como se de algum modo pudesse ultrapassar o turbilhão de cores que indicava outro Patamar. Mas não conseguiu. Mais uma vez, em um momento ele estava nos degraus e, um segundo depois, chegava a um lugar completamente diferente.

Daquela vez, porém, a situação era nova. Não se tratava do tempo dos dinossauros, de uma caverna, da Grécia antiga nem da Europa assolada pela peste. Artur arregalou os olhos ao ver o aparelho de televisão moderno de tela plana transmitindo um telejornal. Havia ainda um sofá de couro e uma mesa de centro sobre a qual estavam exemplares das revistas *Rolling Stone* e *Fortune*, além de uma garrafa vazia de Coca-Cola. Era uma típica sala de estar de seu tempo.

Ele ficou ainda mais surpreso ao ver Folha se levantar do sofá onde estava deitada de bruços. De olhos vermelhos, a garota trazia lágrimas no rosto marcado. Atônita, ela olhou para ele e então gritou:

— Artur! E... ah... você é um anjo?

— Folha!

— Não. Não sou anjo — respondeu Suzy.

Ela esfregou os olhos, respirou fundo e continuou:

— Simplesmente não consigo me livrar destas asas. Meu nome é Suzy Azul-Turquesa.

Com certa desconfiança, Folha fez que sim com a cabeça e acomodou-se na outra ponta do sofá.

— É você, *não é*, Artur?

— Sim, sou eu. Mas não podemos parar. A casa tem outro andar? Alguns degraus, uma escada?

— Tem... ali — respondeu Folha falando devagar.

Dava para perceber que ela estava em choque. Atrás dela, na televisão, a figura do apresentador do telejornal foi de repente substituída pela imagem de um prédio em chamas. A escola...

— O que...

— Não podemos perder tempo! — exclamou Artur.

Ele correu na direção indicada por Folha, puxando pela mão Suzy, que olhava para a televisão. Depois de uma ligeira hesitação, Folha foi atrás deles.

— Quando foi isso? — perguntou Artur, enquanto atravessava às pressas o corredor. — Quer dizer, quando foi que a escola pegou fogo? Ontem?

— O quê? Deu na televisão há 15 minutos — respondeu Folha. — A cidade está cercada! Quarentena. Mas o que *você* está fazendo? Este é o ponteiro de relógio que os caras de cachorro procuravam?

— Ed está bem? E a sua família? — perguntou Artur.

— Estão doentes — suspirou Folha. — Muito doentes. Inconscientes. Estão chamando a doença de Praga do Sono. Artur, você tem de...

Artur não ouviu mais nada, ao pular no primeiro degrau. Em seguida, ele saltou novamente, concentrando-se em visualizar o mármore branco e a luz da Escada Improvável.

— Aquela é sua irmã? — perguntou Suzy. — Ou sua namorada?

— Uma amiga — respondeu Artur ofegante. — O nome dela é Folha. Fique calada... por favor. Preciso me concentrar. Estamos chegando a algum lugar.

Ele reconheceu a estranha sensação sob seus pés. A sensação de uma escada rolante subindo acelerada. Outra indicação era o turbilhão de cores que se misturava à luz branca.

— Segure-se! — gritou Artur.

Capítulo 21

No momento seguinte, Artur e Suzy caíram desajeitadamente sobre uma pilha de almofadas. Em frente a eles, sobre uma bandeja prateada onde havia bombas de chocolate e biscoitinhos, descansava um pequeno sapo verde.

— Que chegada oportuna! — disse Will, com voz forte demais para sair da boca de um sapinho. — Bem-vindos à Antecâmara do Sr. Segunda-Feira.

Artur olhou em volta. Estavam em uma tenda redonda de seda que não tinha mais de 5 metros de diâmetro, com uma estaca de madeira no meio.

— Esta é a Antecâmara de Segunda-Feira?

Com um olho, o sapo seguiu o olhar de Artur, enquanto examinava Suzy com o outro.

— Não. Esta é uma tenda, uma entre as milhares armadas na Antecâmara de Segunda-Feira. Um excelente esconderijo. Procurei várias opções para disfarçar você e Suzy. Olhem naquele baú, escolham rapidamente roupas e perucas e vistam-se. O cabelo é auto-adesivo.

Ao falar, Will indicou com a língua um baú de bronze no canto da tenda. Artur e Suzy foram até lá e encontraram pelo menos uma dúzia de casacos, camisas, chapéus, perucas, além de barbas e bigodes postiços.

— Este cabelo auto-adesivo depois sai, não é? — perguntou Artur, ao experimentar animadamente uma peruca de longos cabelos brancos. — Mas, afinal, por que temos de nos disfarçar?

— Sai, sim. Basta dizer três vezes “Hoje com cabelo, amanhã sem cabelo”, e ele cai — ensinou Will.

O sapo parecia mais impaciente do que costumava ser.

— Você precisa se disfarçar porque vamos atravessar boa parte da Antecâmara. Sua fuga do Depósito de Carvão já foi notificada. Vai haver vigias e fiscais à nossa procura.

— Tudo bem — respondeu Artur.

Na dúvida, ele escolheu um casaco surrado feito com um feltro de 8 centímetros de espessura. Entre os três que havia experimentado, era o que ficava melhor. Além disso, tinha um bolsinho secreto na manga, ótimo para guardar a Chave. A roupa trazia uma espécie de etiqueta pendurada, que Artur ia arrancar, quando Will gritou:

— Não! Deixe a etiqueta. É o seu bilhete de espera.

Artur olhou para o bilhete. Era um pedaço de papel comum, no qual estava escrito, em brilhantes caracteres azuis, o número 98. 564. Conforme ele mudava a etiqueta de posição, o azul ficava alaranjado e depois retornava à cor original. Suzy observou seu bilhete e viu que era parecido com o de Artur.

-Todos na Antecâmara esperam um encontro com o Sr. Segunda-Feira em sua Sala de Estar — explicou Will. — Para esperar, você precisa ter um

bilhete ou será expulso. Quando o seu número é chamado, você pode entrar e discutir o que quiser com Segunda-Feira.

— É um número com muitos Algarismos — comentou Artur. — São só os dois últimos Algarismos que contam? Quantas pessoas ele recebe em um dia?

— Todos os Algarismos contam. O Sr. Segunda-Feira tem talvez uns dois encontros por ano com os Habitantes da Casa — disse Will. — Eu consegui esses bilhetes ontem, por outros meios, é claro.

— Você quer dizer que existem quase cem mil pessoas... Habitantes... aguardando para serem atendidos? — perguntou Artur.

— Isso mesmo — respondeu Will. — É a preguiça! Já lhe falei sobre esse assunto. Por isso são tantas as coisas erradas com a operação da Casa Inferior! Nada pode ser feito sem a aprovação de Segunda-Feira, e ele não recebe os funcionários que precisam falar com ele.

— Não podemos perder tempo na fila. Preciso da cura! — exclamou Artur com impaciência.

— Não vamos ficar na fila. Agora que você está disfarçado, podemos nos aventurar na Antecâmara propriamente dita — disse Will. — A certa distância daqui, um aliado virá ao nosso encontro. Ele conhece um caminho secreto para a Sala de Estar do Sr. Segunda-Feira. Vamos seguir o tal caminho, você vai conseguir a Chave Maior e tudo vai ficar bem.

Suzy fez um som que indicava descontentamento.

— Quem é esse aliado? — Artur perguntou com desconfiança.

— Humm... falando francamente, é Crepúsculo de Segunda-Feira — respondeu Will. — Assim que Suzy partiu para entregar a mensagem que mandei para você, ele me procurou. Depois de alguns contratempos, fiquei convencido de que ele é um servo leal da Arquiteta.

— Ou um inimigo especialmente esperto — disse Artur. — Já pensou nisso?

— Ele conhece o verdadeiro caminho — insistiu Will. — Fique quieto, vou pular no seu ombro.

Depois de hesitar um pouco, Artur atendeu. Ficou imóvel, para que o sapo pulasse em seu ombro e se ajeitasse em seu pescoço.

— Você não vai tentar entrar na minha garganta, vai?

— Não preciso ficar dentro de ninguém, obrigado. Feche o colarinho para me esconder.

Artur obedeceu. Era estranho sentir o sapo em contato com a pele: frio, mas não pegajoso, como um copo guardado na geladeira.

— Todo mundo pronto? — Artur perguntou, olhando para Suzy. Ele jamais a teria reconhecido. Nem suspeitaria se tratar de uma criança. Ela parecia mais um anão saído de um livro de histórias. A garota usava a mesma roupa, mas havia trocado o chapéu por uma estranha touca pontuda feita de tecido, com abas para proteger as orelhas, e colocado um longo bigode postiço, além de costeletas que vinham até o canto da boca.

— Você ainda tem asas — apontou Artur.

— Não sei tirá-las — explicou Suzy. — Já tentei de tudo.

“A não ser água e sabão”, Artur pensou, mas em seguida sentiu-se mal por aquele pensamento impiedoso. Além do mais, Suzy, apesar da sujeira, não cheirava mal. E ele de repente percebeu que estava bastante sujo também, depois da passagem por diversos Patamares da Escada Improvável.

— Deixe ficar — disse Will. — Aqui é comum usar asas. Muitos requerentes vêm voando das salas de espera inferiores até a Antecâmara. Vamos, Artur. Dobre à direita ao sair da tenda.

Artur desmanchou as laçadas que amarravam a porta da tenda e dobrou-as para trás. Estava claro do lado de fora por causa dos facho de luz dos elevadores. Ele piscou para acostumar os olhos à claridade, saiu da tenda e olhou em volta.

O garoto tinha aprendido a não esperar algo que se parecesse com um cômodo normal, mas a surpresa foi grande e fez com que, de boca aberta, esticasse o pescoço para ver melhor.

A Antecâmara de Segunda-Feira era uma varanda enorme, construída acima da metade da encosta de uma colina. Na verdade, tratava-se de um vulcão. Artur via a boca da cratera, centenas de metros acima. A construção se apoiava em colunas, vigas ou, quem sabe, em magia invisível. Difícil dizer do que era feita a varanda. Havia inúmeros requerentes à espera, todos com barracas, tendas, tapetes grandes e pequenos, capachos ou qualquer tipo de recurso que garantisse o conforto. O que era bastante razoável, já que poderiam esperar durante séculos.

Conversas, risadas e ruídos difusos enchiam o ambiente, inclusive sobre a cabeça de Artur, onde muitos Habitantes alados voavam de um lado para outro. Era uma visão estranha, a mistura de roupas da era vitoriana com amplas asas. Embora muitos voassem a grande altura, Artur observou que ninguém se aproximava da cratera do vulcão.

Em volta, parecia um carnaval. Ao contrário do que acontecia no Pátio, onde todo mundo pelo menos fingia estar ocupado, os Habitantes da Casa tinham naquele lugar uma boa desculpa para ficar à toa ou se divertir, desde que não perdessem seus bilhetes de espera. Assim, Artur via pessoas — ele achava que devia chamar aqueles seres de pessoas, embora não fossem — lendo, jogando cartas ou jogos de tabuleiro, praticando esgrima, treinando malabarismo, escrevendo, fazendo estranhos exercícios, bebendo chá, comendo bolinhos, olhando para ele...

Artur encarou um sujeito. Havia em sua postura algo de familiar, embora o garoto tivesse a impressão de ser a primeira vez que o via. Era um homem bem vestido, com traje completo: paletó, colete e calça, em tons de rosa e longos bigodes.

Quando seu olhar encontrou o de Artur, a figura vestida de rosa virou a cabeça e misturou-se à multidão. Foi aí que ele se entregou.

— Pravuill! — exclamou Artur. — Acho que era Pravuill! Do Depósito de Carvão!

— Um espião! — resmungou Will. — Depressa! Vire à direita e vá para a tenda vermelha com uma bola dourada em cima do mastro central. Está vendo?

Artur fez que sim e apressou o passo.

— Pravuil disse que estava trabalhando para Crepúsculo — explicou Artur, enquanto atravessava a multidão, seguido de perto por Suzy.

— Pode ser — voltou a resmungar Will. — Mas precisamos ter cuidado. Entre na tenda vermelha, vire à esquerda, procure a passagem pela porta dos fundos e saia. Vamos sair em um caminho apertado entre caixotes empilhados.

Estava escuro dentro da tenda entulhada de cortinas e divisórias. Artur seguiu as instruções de Will. De repente, viu uma faca brilhando na mão de Suzy. Onde teria ela encontrado aquilo?

— Espero que não precise usar — ele sussurrou por cima do ombro, sem interromper a caminhada.

A tenda era bem maior do que parecia, quando olhada de fora. Lembrava uma lona de circo.

Suzy olhou para a faca que trazia na mão.

— É para cortar a tenda, se precisarmos — explicou. — É a maneira mais rápida de sair. De nada adiantaria atacar um Habitante da Casa com ela. Só faria um pequeno corte.

— Calada! — avisou Will.

Mas ele falou ainda mais alto, levando Artur a pensar no porquê do aviso. Talvez o sapo de jade não ouvisse bem a própria voz.

Conforme Will tinha dito, havia um beco na porta traseira da tenda, entre duas enormes e precariamente equilibradas pilhas de caixotes de madeira. Todos tinham o tamanho de um baú antigo, daqueles que guardavam chá. Eram milhares, arrumados até uma altura de 6 a 9 metros. Examinando melhor, Artur percebeu que *eram* realmente baús de chá, com inscrições do tipo *BEST CEYLON* e *HIGH GROWN DIMBOLA*. Muitos apresentavam rótulos que ele só conseguiu ler depois de tocar a Chave que trazia escondida, quando os caracteres estranhos se transformaram em letras. Mas as inscrições do tipo *TERZIKON MARILOR BLACKWATER* e *OGGDRIGGLY N° 3* jamais existiram em seu mundo, disso tinha certeza. Pelo menos, não em baús de chá.

— Saqueado dos Reinos Secundários — Will comentou em tom de desaprovação. — Mais indícios da interferência do Sr. Segunda-Feira!

No fim da passagem entre as pilhas de baús de chá, estava a encosta do vulcão. Pedra cinzenta, lava solidificada. Artur tocou a superfície fria e lisa e perguntou:

— E agora?

— Agora você me entrega a Chave ou vou despejar todos os tormentos que puder sobre você e os seus amigos — declarou uma voz familiar vinda de cima.

E grandes asas abertas fizeram sombra no rosto de Artur.

Capítulo 22

Com Suzy grudada nele, Artur pegou a Chave no bolso interno da manga do casaco, e os dois recuaram até a encosta do vulcão.

Meio-Dia de Segunda-Feira abriu as asas e desceu ao chão, fazendo deslizar os caixotes que obstruíram a passagem. Dúzias de Comissionários de metal e Sargentos Comissionários abriram caminho entre caixotes e pedaços de madeira para formar uma proteção atrás dele.

Meio-Dia levantou o braço e apareceu em sua mão direita uma espada flamejante. As chamas jorraram. Ele sorriu seu sorriso branco e estendeu a mão esquerda.

— A Chave — disse. — Ou vou queimar a Recarregadora de Tinta.

— É uma armadilha! O que fazemos agora? — sussurrou Artur, abaixando o queixo ao falar para ser ouvido por Will.

— Vocês três precisam chegar um pouco para a frente — falou uma voz que não era a de Will.

Artur olhou por sobre o ombro e ficou surpreso com o que viu: uma porta aberta na parede de lava. Uma porta escura, sombria. E, dentro dela, via-se o rosto de Crepúsculo.

Artur e Suzy deram um passo à frente.

— E precisam confiar mais — acrescentou Crepúsculo, ao mesmo tempo em que saía pela porta, acompanhado de vários de seus Visitantes da Meia-Noite.

— Atravesse a porta, Artur. Você também, senhorita Azul.

O sorriso de Meio-Dia desapareceu no momento em que Crepúsculo surgiu diante de Artur. E ele ficou de cara ainda mais fechada ao ver que Crepúsculo também possuía uma espada, escura como a noite e salpicada de estrelas, que agitava no ar.

— O que é que há, Crepúsculo? — falou Meio-Dia, com uma voz que mais parecia um trovão. — Eu devo ficar com a Chave!

— Não, irmão — respondeu Crepúsculo gentilmente. — Devemos deixá-los seguir seu caminho.

— Traidor! — disse Meio-Dia, entre dentes. — Saia da frente!

— Não — insistiu Crepúsculo. — Sou leal à Arquiteta e ao Testamento.

Meio-Dia gritou e atirou sua espada flamejante na direção de Suzy. Arthur percebeu e levantou a Chave, em uma tentativa de interceptar o golpe. Mas não foi rápido o bastante. A ponta da espada já estava a poucos centímetros da garganta da garota, enquanto a Chave ainda ia a meio caminho. Felizmente, Crepúsculo usou sua lâmina para rebater o golpe. A espada ricocheteou na parede do vulcão e voltou à mão de Meio-Dia, desmontando uma pilha de baús de chá ao passar.

— Ao ataque! — comandou Meio-Dia.

Ao dizer isso, ele avançou, mais uma vez investindo contra Suzy. Crepúsculo se meteu no caminho, e os dois trocaram uma série de golpes tão rápidos que a vista dos outros mal conseguia acompanhar. Uma pequena fileira de Visitantes da Meia-Noite correu para enfrentar os Comissionários. As armas se encontravam com estrondo. Bastões e espadas soltavam faíscas. Baús de chá explodiam em chamas. A fumaça começou a se espalhar.

— Temos de ajudar! — gritou Artur, empunhando a Chave. Meio-Dia e Crepúsculo se equivaliam em matéria de força, mas os Comissionários eram muito mais numerosos do que os Visitantes da Meia-Noite.

— Não! — disse Will. — Devemos pegar a passagem secreta. Não há tempo a perder!

Artur hesitou. Naquele momento, Crepúsculo se desviou de um golpe e agarrou o braço do irmão, lançando-o ao ar com uma cambalhota.

— Vão! — gritou Crepúsculo ao mesmo tempo em que abria as asas negras e levantava vôo. — Pegaremos Meio-Dia quando for possível!

Artur ainda ficou em dúvida. Viu Meio-Dia subir como um foguete e tornar a descer para interceptar a subida de Crepúsculo.

Foi como se dia e noite se encontrassem com estrondo, quando os dois caíram trocando rápidos golpes de defesa e ataque.

— Entrem na... — gritou Will.

Meio-Dia e Crepúsculo chegaram ao chão como uma estrela cadente, sem interromper o corpo-a-corpo. A força do impacto abalou toda a varanda. Artur e Suzy foram lançados um contra o outro, ao mesmo tempo em que a maioria dos Comissionários e Visitantes da Meia-Noite era derrubada, bem como os baús de chá que ainda estavam empilhados.

Enquanto se esforçava para ficar em pé, Artur viu Meio-Dia sair dos escombros, com o rosto bonito desfigurado pela raiva, e saltar na direção dele. Mas o garoto não foi atingido. Meio-Dia tornou a cair ao ser agarrado pelo tornozelo por Crepúsculo. Então, os dois irmãos voltaram a se enfrentar.

— Matem a garota! — ordenou Meio-Dia a seus subordinados, que escalavam com dificuldade os baús de chá em chamas. — Fechem a passagem!

Quatro Sargentos Comissionários abriram caminho entre os poucos Visitantes da Meia-Noite e avançaram contra Artur e Suzy.

Dessa vez, Artur não hesitou. Virou-se e mergulhou na entrada escura, mais uma vez arrastando Suzy pela mão.

A luz avermelhada do fogo seguiu o garoto, acompanhada do forte estrondo de um golpe aplicado por um Visitante da Meia-Noite. Nesse momento, a porta se fechou, e tudo voltou a ficar silencioso e escuro, a não ser pelo brilho da Chave na mão de Artur, que revelava as paredes laterais e o teto de um túnel ascendente que não era feito de lava. Artur largou a mão de Suzy e tomou a frente, andando depressa, apesar de não gostar do tipo de solo que sentia sob os pés. O chão ondulava e se movia como uma cama elástica. As paredes também eram macias.

Ao ver o garoto correr os dedos pela parede pela terceira vez, Suzy sussurrou:

— Passagens secretas são assim. Esta é bem grande. Em algumas, você tem de rastejar. E, caso se fechem, você é esmagado, porque são feitas de Nada. Ou atravessam o Nada.

— Passagens secretas exploram as frestas do Nada na estrutura da Casa — explicou Will. — Quando bem feitas, oferecem pouco perigo. Agora, preste atenção, Artur. Quando sairmos, chegue o mais perto possível do Sr. Segunda-Feira e, com a Chave na mão, recite esta fórmula mágica: “Minuto a minuto, hora a hora, dois ponteiros como um só, juntos, têm a força”. O Ponteiro das Horas voará até você. Agarre-o e, imediatamente, fure com ele o seu polegar direito. Em seguida, fure o seu polegar esquerdo com o Ponteiro dos Minutos. Então, deixe cair uma gota de sangue da mão esquerda sobre o Ponteiro das Horas, e uma gota de sangue da mão direita no Ponteiro dos Minutos. Feito isso, junte os dois Ponteiros e recite esta outra fórmula mágica: “Eu, Artur, consagrado Herdeiro do Reino, reivindico o direito sobre esta Chave e o conseqüente Poder sobre a Casa Inferior. Reivindico conforme testamento e contra qualquer contestação”. Entendeu?

— Não — disse Artur, sacudindo a cabeça. — Que polegar? De que mão? E se o Ponteiro dos Minutos estiver na mão do Sr. Segunda-Feira?

— Ah, não vai estar, não — respondeu Will despreocupadamente. — Ele estará dormindo ou no banho de vapor. A Sala de Estar é cheia de piscinas de vapor. Vamos ver de novo o que você precisa fazer...

— Espere aí! — falou Artur. — E se o Sr. Segunda-Feira não estiver dormindo nem no banho de vapor? O que é que eu faço?

— Vamos improvisar — disse Will. — Eu lhe dou as instruções, se for preciso.

Fez-se silêncio. Mesmo Will parecia reconhecer que “Vamos improvisar” não era uma grande ajuda para Artur.

— Acredito que você possa vencer o Sr. Segunda-Feira — disse Suzy, cutucando o braço do garoto.

Ela, com certeza, tentava transmitir confiança e continuou:

— Ele provavelmente vai estar deitado, roncando.

— Não há escolha — reconheceu Artur.

Ele pensava mais uma vez na praga. Na cura. Em seus pais.

— Preciso enfrentar isso — concluiu.

“Vou improvisar”, pensou decidido. “Vou fazer o que for preciso. Vou lutar, pensar e tentar, aconteça o que acontecer”.

— Excelente! — saudou Will.

Em seguida, ele passou em revista as instruções e fez Artur repeti-las. Depois de quatro repetições, o garoto estava razoavelmente confiante de que lembraria o que fazer. Só não conseguia deixar de pensar no que poderia dar errado. A começar pela possibilidade de encontrar o Sr. Segunda-Feira do outro lado preparado para recebê-lo. Teria Meio-Dia prevenido o outro? Ou teria Crepúsculo evitado que isso acontecesse?

— Prontos? — perguntou Will. — A passagem secreta está cada vez mais estreita. Já vamos sair na Sala de Estar de Segunda-Feira.

— Podemos nos livrar primeiro dos cabelos? — pediu Suzy.

— Se preferirem... — suspirou Will.

Ele esperou que Artur e Suzy recitassem as palavras mágicas e que as barbas postiças e perucas caíssem no chão.

— Estão prontos *agora*?

— Estamos — respondeu Artur. Suzy fez que sim, concordando.

— Estamos prontos.

A passagem secreta estava mesmo ficando mais estreita. Primeiro, Artur teve de abaixar a cabeça e, nos últimos metros, rastejar. Ele não enxergava nada que parecesse uma saída, mas via à frente uma mancha circular escura que a Chave não iluminava. Quando Artur tocou a mancha escura, sua mão desapareceu. Era semelhante ao *Postem* de Segunda-Feira na parede externa da Casa, no mundo de Artur.

— Esta é a porta — disse Will. — Atravesse, mas vá devagar. A saída é estreita do outro lado.

Artur engatinhou com cuidado e parou tão de repente que Suzy tropeçou em seus pés.

A saída era muito estreita, pouco maior do que ele e estendia-se por uns 3 metros. O pior é que terminava na parede da cratera do vulcão. Artur olhou para baixo e, entre nuvens de vapor, viu um lago borbulhante, iluminado em vermelho e amarelo por colunas de fumaça que se desprendiam da lava derretida. Toda a cratera era um lago fervente. Não havia como sair dali, a não ser voando, e Suzy era a única que tinha asas.

No entanto, ele sabia que, na Casa, as aparências enganavam. Então, chegou um pouco para o lado e permitiu que Suzy saísse. Os dois ficaram ali, a olhar para as águas turbulentas e as ondas de vapor que subiam quando a lava era despejada.

Acima deles, a rede dourada que evitava visitantes alados brilhava, já que recolhia e refletia a luz dos elevadores que rodeavam o vulcão. Pela primeira vez, Artur se perguntou para onde iriam aqueles elevadores. Ele sempre pensou que a Sala de Estar de Segunda-Feira ficasse no ponto mais alto da Casa. Mas, claro, aquela era apenas a Casa Inferior. Havia, acima, regiões governadas pelos Dias Seguintes. Pelo menos, ele presumia que assim fosse.

Artur balançou a cabeça para espantar os pensamentos. Tinha de se concentrar no problema imediato. Ficava difícil raciocinar em meio a tanto calor. Estava muito, muito quente, e ele suava copiosamente debaixo do casaco pesado.

— Tem alguma coisa lá no meio — apontou Suzy. — Olhe só!

Ela mostrava as nuvens de vapor, que por um momento se separaram. Lá, bem no meio do lago borbulhante, havia uma ilha com um prédio espaçoso, uma construção ampla e baixa em forma de L coberta de telhas vermelhas. De alguma forma, o cenário pareceu familiar a Artur. Ele tinha certeza de haver visto coisa parecida em algum lugar. Em um livro. Uma vila romana.

— A Sala de Estar de Segunda-Feira — disse Will. — Do lado de lá há uma pequena ponte que vai dar na ilha. Mas temos de atravessar pela teia de aranha. De início, é meio difícil ver. Olhe para o seu pé esquerdo, Artur.

O garoto olhou para baixo. A princípio, não viu nada mesmo. Em seguida, porém, percebeu o levíssimo brilho de um fio de teia de aranha. Ele se abaixou e tocou o fio. Estava bem esticado e era mais ou menos da grossura de seu dedo, mas completamente transparente. Artur puxou o fio levemente, como se fosse a corda de um instrumento musical, fazendo soar uma nota harmônica.

— Ahnn... Como se usa isso?

— O fio gruda na sola dos seus pés — explicou Will. — Você simplesmente anda até a Sala de Estar de Segunda-Feira.

— Acho que eu vou voando — disse Suzy.

— Não — cortou Will. — Não. Perto da ilha, os voadores atraem erupções de vapor capazes de separar sua carne dos ossos. A única maneira de chegar lá é pela teia de aranha, e não há tempo a perder. Artur, vá em frente.

— O que acontece se eu perder o equilíbrio? — perguntou Artur.

— Quer dizer, as solas dos meus sapatos podem ficar grudadas, mas e se eu virar de cabeça para baixo?

— Então, você vai ter de fazer o caminho todo de cabeça para baixo — respondeu Will. — Vamos! É mais fácil do que parece.

— O que você sabe? Não passa de um sapo — resmungou Suzy.

— Nem tem sola!

— Shhh! — fez Artur.

Ele se levantou, ajeitou cuidadosamente a Chave no bolso da manga do casaco e amarrou um lenço logo abaixo, de modo que o objeto não escorregasse. Então, abriu os braços para aumentar o equilíbrio, respirou fundo aquele ar úmido e deslizou um pé ao longo da teia.

Capítulo 23

Acabou sendo mais fácil do que parecia. Artur foi deslizando um pé atrás do outro ao longo da teia. Era o mesmo que andar sobre o chão, e ele não teve problemas de equilíbrio. Pelo menos enquanto não olhou para baixo. No momento em que tentou observar os pés, começou a tremer, e a oscilação quase o fez virar de ponta-cabeça. Mas ele olhou para a frente e tudo se normalizou.

Suzy foi atrás, avançando devagar. Nem precisou abrir os braços, porque as asas lhe facilitavam o equilíbrio.

Logo a garota alcançou Artur, que estava muito consciente da lentidão de seu progresso.

Depois que o garoto tinha avançado uns 20 metros, Will perguntou:

— Seria este o momento adequado para revelar que a teia de aranha não é permanente?

— Não — respondeu Artur, tentando ir mais depressa sem olhar para baixo. — O que quer dizer com “não é permanente”?

— Quero dizer que vai desaparecer em poucos minutos.

Artur tentou ir mais depressa. Era estranho andar sem levantar os pés. Embora avançasse mais rapidamente, o balanço aumentava, dificultando o equilíbrio.

Quando estavam no meio do caminho, atravessando grossas nuvens de vapor relativamente fresco, Will recomendou:

— Mais depressa!

A temperatura não era nem de leve tão alta quanto Artur tinha pensado. Correspondia mais ou menos ao vapor que fica no banheiro depois de um banho quente de chuveiro.

— Muito mais depressa!

Artur tentou obedecer. A oscilação ficou ainda mais forte, e o garoto percebeu que era obrigado a dividir sua energia entre avançar e se equilibrar.

— Mais depressa! A teia vai se desmanchar! — insistiu Will. Nesse momento, Artur conseguiu enxergar a terra do outro lado, a menos de 200 metros de distância. As águas borbulhantes estavam entre 10 e 20 metros abaixo dele. O vapor era muito mais quente, e o brilho avermelhado da lava submersa parecia mais intenso. Artur teve a incômoda lembrança das palavras de Suzy quando lhe falou das poucas maneiras de morrer na Casa. *Fogo, se for quente o bastante.* Água superaquecida provavelmente se enquadrava na mesma categoria.

Artur interrompeu sua linha de pensamento e concentrou toda a energia em um esforço final, mas era difícil ganhar velocidade. Ele simplesmente não conseguia ir mais depressa sem levantar os pés.

Faltavam 45 metros... 35 metros... 25 metros... 15 metros... 10... 5...

— Vamos conseguir! — gritou Artur.

Seus pés finalmente chegaram ao fim da teia, e ele se jogou na grama verde e fresca que cercava a vila romana de Segunda-Feira.

Quando se virou para trás, porém, quase desmaiou. Suzy não apenas tinha caído, mas também estava de cabeça para baixo!

Artur se pôs de pé rapidamente e correu para a teia. Quando colocou o pé direito sobre ela, tentando deslizar, escorregou e quase caiu na água.

— Teia de mão única — avisou Will. — Deixe a garota. Devemos prosseguir.

— Pare com isso! — gritou Artur. — O que é que há com você? Ela é minha amiga!

— Até os amigos precisam ser sacrificados por causa de um objetivo... — começou a dizer Will.

Mas Artur não ouviu. Ele desamarrou o lenço que tinha amarrado na manga do casaco e pegou a Chave.

— Depressa! — gritou para Suzy. Em seguida, perguntou a Will:

— Quanto tempo falta para a teia sumir?

— Ela já está se soltando da outra ponta.

Artur olhou para baixo e viu o sapinho observando fixamente o lago entre nuvens de vapor.

— Se for mantido o mesmo ritmo, Suzy Azul vai cair na água em 10 segundos.

Artur encostou a Chave na teia e ordenou:

— Pare! Não desapareça!

Por um segundo, a Chave brilhou mais intensamente, mas Artur não percebeu diferença alguma.

— Bobagem — lamentou Will. — O uso da Chave pode alertar o Sr. Segunda-Feira...

— Eu disse para parar! — repetiu Artur. Então, em dúvida, perguntou a Will:

— Deu certo? A teia vai parar de desaparecer?

Por alguns segundos, Will não respondeu. Em seguida, porém, teve de reconhecer:

— Ficou mais lenta. A teia foi feita com a Chave Maior e obedece ao horário que lhe foi imposto. Mas ficou mais lenta.

Artur acenou freneticamente para Suzy, incentivando-a. A garota batia as asas com força e estava quase conseguindo ficar em pé outra vez.

— Depressa — ele gritou. — Mais depressa!

Suzy se esticou toda, com as asas batendo furiosamente. À medida que ela se aproximava, Artur via a tensão e o medo estampados em seu rosto. Ele apertou a Chave com tanta força que marcou a palma da mão.

Mais perto, mais perto...

A uns 5 metros da ilha a teia escapou bruscamente dos pés de Suzy. Ela gritou e agitou as asas com mais força. Nesse momento, formou-se uma bolha

no lago bem debaixo dela, fazendo Artur se lembrar de outro perigo: gotas de vapor especificamente destinadas a atingir voadores descuidados.

A bolha se expandiu em direção a Suzy, que voava. Artur prendeu a respiração. Três segundos. A bolha ainda não havia estourado. Suzy estava quase na ilha. De repente, ele lembrou que tinha a Chave na mão e apontou para a bolha...

Ela estourou, fazendo jorrar um fortíssimo jato de vapor, como um gêiser. Artur cambaleou.

“Tarde demais! Tarde demais!”, pensou. “Suzy foi feita em pedacinhos...”

Então, ela esbarrou nele, e os dois rolaram pela grama.

— Essa foi por pouco — disse Suzy, enquanto se desvencilhavam um do outro e se levantavam do chão. — Quase que meus ombros vão parar nas orelhas.

— O que aconteceu?! — gritou Artur.

— Desculpe. Achei que você estava andando muito devagar. Cansei de ir atrás e, para ir mais depressa, resolvi andar de cabeça para baixo. Só que as asas não foram fortes o bastante para me fazer avançar na contramão...

— Esqueça — disse Artur.

“Concentre-se no que tem de ser feito”, pensou. E continuou:

— Desculpe por ter gritado com você.

Ele observou a vila. As janelas estavam fechadas, mas via-se uma porta. Uma porta traseira simples, de madeira bruta.

— Acho que vamos entrar por ali — falou.

— Isso mesmo — confirmou Will. — Antes de entrarmos, devo prevenir vocês de que pode ser meio confuso lá dentro. Acredito que Segunda-Feira tenha transformado todo o interior em saunas e piscinas. E é muito maior por dentro do que por fora. Obviamente, Artur, você deve encontrar Segunda-Feira e dizer as palavras mágicas. Eu... bem... *nós* vamos ajudar no que for possível.

— Vamos conseguir — disse Artur.

Ele sentiu na mão o peso da Chave, recapitulou as palavras mágicas e o procedimento para juntar os dois ponteiros e rumou para a porta.

Dez passos adiante, Artur parou. Havia um fosso fundo em frente à porta. Um fosso seco, com cerca de 1, 80 metro de profundidade e o mesmo de largura. Seria um obstáculo fácil de transpor, não fossem as cobras que se contorciam, ondulavam e serpenteavam. E não eram cobras comuns. Da cabeça chata à cauda pontuda, soltavam faíscas amarelas e vermelhas e tinham olhos azuis, brilhantes como safiras.

— Bibliófagos! — exclamou Will com pânico na voz. — Para trás! Para trás!

Não foi preciso falar outra vez. Artur recuou, enquanto as cobras se lançavam para a borda, tentando sair. Ainda bem que não conseguiam.

— O que é um bibliófago? — perguntou Artur, nervosamente.

— São criaturas do Nada — respondeu Will falando devagar. — Comedores de livros. Parecidos com os Nadicas. Eles esguicham um veneno que transforma em Nada qualquer palavra escrita ou impressa. Não deveriam estar aqui. Segunda-Feira passou dos limites... de tudo!

— E se não tivermos nenhuma inscrição ou letra impressa? Eles vão nos atacar? — perguntou Artur.

— Não — respondeu Will. — Mas eu sou inteiramente composto de palavras! Não posso atravessar!

— Suponho que seja esta exatamente a idéia de Segunda-Feira — disse Suzy. — Qual é o plano, então?

— Continua como combinamos — falou Will reanimando-se. — Artur, você deve atravessar sem mim. Mas primeiro verifique se não carrega alguma inscrição ou palavra impressa. Etiquetas nas roupas. Anotações. Os bibliófagos identificam até mesmo uma única letra e esguicham veneno. O veneno dissolve, e você estará perdido.

— E vamos morrer — acrescentou Suzy.

Cinco minutos mais tarde, estavam prontos. Artur teve de arrancar todas as etiquetas das roupas. Em uma peça de roupa de Suzy havia letras feitas à mão pela lavanderia, mas a garota simplesmente se livrou dela, ficando ainda com três camisas, uma calça, dois pares de meias e botas.

Para Artur, não foi tão fácil. Todas as peças apresentavam etiquetas ou letras impressas. Ele teve até de arrancar o cós da cueca, mas não se importou. Ficou feliz por não ter tatuagens nem anotações a tinta nas mãos.

— Tem certeza de que não carrega nenhuma palavra, nenhuma inscrição? — perguntou Will.

O sapo estava acomodado sobre a pilha de roupas que Artur e Suzy haviam descartado.

— Nem uma letrinha? O que é isso no seu pulso? — insistiu. Artur olhou para o relógio de pulso e engoliu em seco ao ver a marca impressa. As letras com certeza atrairiam os bibliófagos.

— Nada mais? — tornou a perguntar Will.

Artur e Suzy examinaram os bolsos. Então, Artur olhou para sua calça jeans e disse:

— Uh-oh. Letras no meu zíper.

Muito sem graça, ele tentou quebrar o zíper. Mas viu que, por dentro, também havia algo escrito.

— Não vai adiantar — reconheceu. — Acho que... ahnn... vou ter de tirar toda a minha roupa e usar o que peguei na Antecâmara.

Artur virou de costas e, rapidamente, despiu-se. Em seguida, vestiu a roupa recebida do Tenente Guardião da Porta da Frente, que era longa como um camisolão, e colocou um casaco por cima. Mesmo com o traje abotoado de cima a baixo, ele se sentia estranhamente exposto e desejou que não houvesse nenhum vento encanado capaz de provocar uma cena como aquela, famosa, em que Marilyn Monroe tem o vestido levantado.

— Sucesso — desejou Will. — Que se cumpra o Testamento. Artur concordou. Equilibrado sobre as patas traseiras, o sapo fez uma reverência, que Suzy retribuiu. Artur inclinou a cabeça, mas achou pouco e fez uma espécie de saudação.

Então, tomou o caminho do fosso, sem tirar os olhos dos bibliófagos. Havia milhares deles. Cobras. De 1, 20 metro, no mínimo. Artur sentiu a boca seca ao observar como se enroscavam umas nas outras. Ele e Suzy teriam de atravessar a massa de cobras. Literalmente. E ele nem se lembrara de perguntar se, além de jorrar veneno, elas mordiam.

Além do mais, não levava roupa de baixo.

Por alguma razão, aquele pensamento lhe provocou um risinho quase histérico. Mal podia acreditar na situação em que se encontrava. Esperavam que ele fosse uma espécie de herói e enfrentasse o Sr. Segunda-Feira. No entanto, ali estava, sem calças, com medo de ser mordido em um lugar delicado pelas cobras Nadicas. Nenhum herói passaria por semelhantes apuros.

— Nada como o presente — disse.

E entrou no fosso.

Capítulo 24

Em contato com as pernas nuas e os pés descalços de Artur, as cobras eram desagradavelmente mornas, quase quentes. Ele se contraiu ao mergulhar na massa que se contorcia. Algumas logo subiram pela barriga da perna do garoto. As escamas, ou fosse lá o que as cobras tivessem sobre o corpo, eram ásperas como lixa, tornando a experiência ainda mais incômoda.

Tentando não pensar, Artur começou a atravessar o fosso a caminho da porta. Sentia os Bibliófagos se enrolando em sua cintura e na perna, a se meterem por baixo do casaco. Alguns se penduraram em seus braços, e um deslizou por seu pescoço. No entanto, eles não apertavam muito e, até então, nenhum o havia mordido. Artur desejou que a Chave fosse de alguma ajuda, se os bibliófagos tentassem mordê-lo.

O garoto chegou ao meio do caminho simplesmente coberto de cobras. Elas estavam em toda parte: na cabeça, caindo pelo rosto, dúzias em volta das pernas. Eram tantas que quase o impediam de andar, e ele acabou por tropeçar algumas vezes, dando a outras cobras a oportunidade de subir em seu corpo.

— Cuidado! Que cobras nojentas! — gritou Suzy atrás dele.

Artur não respondeu, com medo de que alguma entrasse por sua boca. Nem olhou para trás, pois com certeza perderia o equilíbrio e talvez não conseguisse se levantar, por causa do peso dos bibliófagos, ainda que não fosse mordido. Assim, preferiu se concentrar em avançar.

Afinal, Artur chegou à porta: uma porta simples de madeira ao lado do fosso, meio oculta pelos bibliófagos. Ele tentou girar a maçaneta prateada, mas não conseguiu. Estava trancada. Sacudindo o braço para se livrar das cobras, encostou a Chave na maçaneta e ordenou:

— Abra!

A maçaneta girou sozinha, e, depois de tremer, a porta se abriu para dentro, rangendo. De dentro, veio uma lufada de ar quente, acompanhada por um cheiro muito desagradável de ovos podres. Os bibliófagos amontoados na porta não caíram, como Artur esperava que fosse acontecer; continuaram suspensos, como se encostados em uma barreira invisível.

Se existia tal barreira, não impediu a passagem de Artur. Apertando o nariz para não sentir o cheiro, ele entrou. Nesse momento, os Bibliófagos que estavam pendurados nele caíram, como as folhas de uma árvore subitamente açoitada pelo vento.

O saguão em nada lembrava o interior de uma vila romana, nem a parte externa do prédio.

Artur se viu sobre uma plataforma de ferro fundido marrom-escuro: uma ilha em um mar de vapor. Através do brilhante chão trabalhado, era possível contemplar a lama fervente, uns 15 metros abaixo. Essa lama, de um

amarelo escurecido, borbulhava e saltava como um mingau durante a preparação, lançando sopros de vapor malcheiroso.

Uma ponte muito estreita, suficiente apenas para a passagem de uma pessoa, ligava a plataforma ao interior enevoadado. Era feita de ferro também e mostrava de tantos em tantos metros o monograma SF (Segunda-Feira). Artur não conseguia ver onde terminava a ponte, pois o vapor excessivo mergulhava em uma grossa camada de nuvens.

— O fedor da fábrica de fósforos — disse Suzy devagar. — Eu me lembro. Papai dizia que era cheiro de...

— Dióxido de enxofre — apressou-se Artur a completar. — Da lama quente. Como no Parque Nacional de Yellowstone, nos Estados Unidos. Provavelmente há gêiseres, aquelas fontes quentes também.

Mal Artur disse isso, um gêiser surgiu perto deles, espalhando gotículas de lama quentíssima. Suzy dobrou as asas sobre a cabeça, como se fossem um escudo, e Artur foi protegido pela Chave, que esfriava a lama antes que esta o atingisse.

— Venha — comandou o garoto.

Artur seguiu pelo caminho de ferro, mas Suzy não foi atrás. A princípio, ele não percebeu, mas, percorridos uns 20 metros, voltou-se e viu que a garota olhava fixamente as nuvens de vapor.

— Tem alguma coisa ali — apontou ela, pegando a faca.

Artur olhou na direção apontada e viu uma figura sombria sair das nuvens de vapor. Não era o Sr. Segunda-Feira, mas alguém mais baixo, vestido em cor-de-rosa, com asas amarelas que soltavam penas, enquanto seu corpo pairava no ar.

— Pravuil!

Artur soltou um grito de reconhecimento, mas a resposta que obteve foi uma seta disparada, zunindo em direção a ele. Sem qualquer esforço consciente de seu portador, a Chave aparou a seta no ar e cortou em duas, fazendo com que cada metade passasse de um lado do corpo de Artur.

— Nada pessoal, senhor! — gritou Pravuil oculto pelo vapor. — Simplesmente uma prioridade comercial. Agora, devo fazer soar o alarme. Passe... ai!

Suzy tinha aproveitado um afastamento momentâneo das nuvens para atirar sua faca em Pravuil, que foi atingido no pé esquerdo e ficou gemendo. O Habitante largou o pequeno arco, com o qual disparava setas e, sem parar um instante de bater as asas, abaixou-se para tentar retirar a faca.

Antes que Pravuil conseguisse alguma coisa, Suzy se lançou contra ele, gritando:

— Vá, Artur!

Como um pássaro pequeno que atacasse outro muito maior, a garota girou em volta da cabeça de Pravuil, chutando e arranhando-o. Ele revidou, desistindo de pegar a faca ainda fincada no pé. Sem parar de lutar, os dois subiram e desapareceram entre as nuvens.

Artur esticou o pescoço e ficou na ponta dos pés para ver melhor, pronto para usar a Chave. Mas só pôde perceber as nuvens de vapor e uma pena em branco perolado que caiu em espiral. Ao pegá-la, viu que estava suja de sangue. Sangue vermelho, e não o sangue azul de um Habitante da Casa.

Artur olhou atentamente a pena. Então, abriu a mão e deixou-a cair. Não havia mais Suzy. Mas seu sacrifício não seria em vão. Ainda que tivesse perdido a batalha aérea, a garota conseguira poupar o tempo de Artur. E ele não iria desperdiçá-lo.

O garoto sufocou o medo e correu pela ponte na direção das colunas de vapor, dos gêiseres e da chuva de lama. Artur correu como nunca havia corrido. Seus pés faziam a ponte estalar, até que ele apontou a Chave e ordenou:

— Silêncio!

A ponte era muito mais comprida do que ele poderia supor. De 100 em 100 metros, mais ou menos, havia plataformas. Além disso, nada se via, a não ser lama fervente e um ou outro gêiser mais próximo. Artur ouvia o som de outros gêiseres em erupção, e a lama quente caía sobre ele como chuva, cobrindo-o completamente. A Chave impedia qualquer desconforto, mas era preciso parar de vez em quando para limpar o rosto.

Enquanto corria, Artur ia repetindo mentalmente as instruções de Will. Ele não conseguia deixar de pensar que o plano do Testamento era muito bom, mas podia não dar certo. Precisava estar preparado para qualquer coisa.

Finalmente, houve mudanças na ponte, que se alargou um pouco e inclinou para baixo. Artur diminuiu o passo, tentando enxergar através do vapor, com a Chave apertada na mão, pronta para qualquer eventualidade.

À frente, havia outra plataforma: uma plataforma baixa e ampla, apenas meio metro, mais ou menos, acima da lama. Alguém estava lá, junto de uma mesa. Artur se abaixou e começou a se arrastar. O coração martelava em seu peito. Seria aquele o Sr. Segunda-Feira, acordado à espera dele?

Quando a figura se voltou, o coração do garoto quase parou. Ele respirou fundo e abriu a boca para começar a recitar as palavras mágicas. Mas não falou. As nuvens se abriram, e ele viu quem era.

Espirrador. O mordomo do Sr. Segunda-Feira. Tinha exatamente a mesma aparência de quando Artur o vira em seu mundo. Havia apenas uma mudança visível: o pulso esquerdo acorrentado ao pé da mesa, também de ferro fundido. Tratava-se de uma corrente muito comprida, que dava voltas. Sobre a mesa, estavam uma bandeja de prata, uma espiriteira para aquecer bebidas, duas garrafas de conhaque, uísque ou o que quer que fosse, uma panela com cabo e uma jarra grande com um líquido sem cor — provavelmente água.

Espirrador resmungou consigo mesmo e tamborilou na mesa com os dedos, que como sempre saíam das luvas rasgadas. Nesse momento, o mordomo se virou, deixando à mostra o casaco e a camisa em frangalhos e vergões vermelhos sobre a pele amarelada. Como todos os habitantes da Casa

eram curados rapidamente, Artur sabia que aqueles ferimentos não tinham sido causados por um chicote comum.

O garoto começou a pensar. Tinha de passar por Espirrador sem que este tocasse o alarme. O Sr. Segunda-Feira provavelmente não estava longe. Havia degraus que ligavam a ponte a outra, mais embaixo, ao nível da lama. Segunda-Feira podia estar a poucos metros de distância, escondido pelo vapor.

Artur continuou a observar. Distraidamente, Espirrador ajeitou as luvas e trocou de lugar a jarra e as garrafas. Depois de um minuto, Artur rastejou para mais perto, aproveitando-se de Espirrador estar de costas. Somente quando chegou mais perto, o garoto conseguiu entender o que o outro dizia:

— Não foi minha culpa. Só fui lá para jogar cartas. Como podia adivinhar que Will ia subir no meu nariz? Nunca pensei em olhar o lenço antes de assoar o nariz. Quem faria isso? Uso aquele lenço desde o início do Tempo e isso nunca aconteceu. Não foi minha culpa. Sempre me esforcei para prestar o melhor serviço. Nunca recebi treinamento. Não foi minha culpa. Um lenço? Não foi minha culpa. Opa...

Espirrador interrompeu o que dizia, quando Artur pressionou a ponta fina da Chave contra sua garganta e ordenou baixinho:

— Congele!

Artur não estava preparado para o que aconteceu em seguida. Espirrador congelou. *Literalmente*. O gelo fluíu devagar da Chave para o corpo de Espirrador, cobrindo-o até a cabeça. Em poucos segundos, o mordomo estava completamente enclausurado em uma pedra de gelo azulada e brilhante. Duro.

O garoto retirou a Chave com cuidado. Embora inesperado, era um bom resultado. Uma idéia, porém, cruzou sua mente: o gelo resistiria àquele calor terrível? Só para garantir, Artur tocou Espirrador com a Chave novamente e disse:

— Congelamento duplo!

Mais gelo esguichou da Chave, a ponto de Artur enxergar diante dele, em lugar de Espirrador, um bloco de gelo do tamanho de um homem, com uma forma indefinida no centro.

Artur examinou o bloco de gelo. Algumas gotas de água começavam a escorrer, mas ainda ia demorar algumas horas para derreter por completo. Ele esperava não precisar de tanto tempo.

Artur deixou a plataforma e, pisando o mais leve que pôde, desceu os degraus que levavam à ponte mais baixa. Esta ficava tão perto da lama que em alguns pontos era coberta por ela. Protegido pela Chave, ele não enfrentou problemas.

Perto da superfície, o vapor era ainda mais denso. Artur procurou andar bem devagarinho, sempre mantendo a Chave à frente, para que afastasse o vapor e lhe permitisse enxergar. O Sr. Segunda-Feira devia estar por perto.

E estava. O vapor se abriu, e Artur viu que tinha chegado ao fim da ponte. Adiante, havia um lago de lama borbulhante com vários postes de ferro fincados. Entre dois postes, havia uma rede. E nela estava o Sr. Segunda-Feira.

Artur parou. Trazia a boca seca, apesar do vapor. Segunda-Feira parecia adormecido. Vestia um roupão branco de banho e tinha alguma coisa sobre os olhos. Por um momento, o garoto pensou que fossem rodela de pepino, como sua mãe às vezes usava. Mas não. Eram moedas. Moedas de ouro.

Artur avançou um pouquinho. Os degraus de uma escada de ferro iam dar na lama. O olhar do garoto foi da escada para Segunda-Feira. O que seria aquele brilho em seu bolso direito? O Ponteiro das Horas, a Chave Maior?

A um ligeiro movimento de Segunda-Feira, Artur se sobressaltou, mas logo recuperou a calma. Tinha sido apenas uma espécie de tremor. O peito de Segunda-Feira continuava a subir e descer ritmadamente, como acontece com as pessoas adormecidas.

Recite a fórmula mágica. O Ponteiro das Horas voará até você. As palavras de Will, o Testamento, ecoavam na cabeça de Artur. *Recite a fórmula mágica.*

Artur levantou a Chave e apontou para Segunda-Feira. Então, limpou a garganta e, com voz suave, pouco mais que um sussurro, falou:

— Minuto a minuto, hora a hora, dois ponteiros como um só, juntos, têm a força.

Capítulo 25

As moedas de ouro saltaram no ar quando os olhos de Segunda-Feira se abriram. Ele apalpou o bolso, mas era tarde demais. O Ponteiro das Horas disparou, voando pela lama na direção de Artur: um raio de ouro e prata, tão rápido que quase não se via.

De algum modo, o garoto pegou o Ponteiro com a mão esquerda. Na mão direita, tinha o Ponteiro dos Minutos. A força da atração entre as Chaves fez seus braços tremerem, no esforço de mantê-las separadas. Tudo o que tinha a fazer era furar os polegares...

Antes que pudesse se mover, porém, uma rajada de vento o derrubou e arrastou aos trambolhões pela ponte. Ele quase foi parar na lama. Antes de conseguir se equilibrar novamente, o garoto viu o Sr. Segunda-Feira pairando acima dele, com uma expressão de intensa raiva. De seus ombros, saíam grandes asas douradas com pontinhos cor de ferrugem. Ele batia as asas com força e provocou outra rajada de vento que fez Artur mais uma vez rolar pela ponte.

— Mortal idiota! Venha cá, minha Chave!

Artur sentiu o Ponteiro das Horas fazer força para soltar-se de sua mão e retornar ao antigo dono. Contra sua vontade, sentiu os dedos se abrirem. O modo que encontrou para impedir que o Ponteiro das Horas se soltasse foi pressionar o Ponteiro dos Minutos contra ele e encostar os dois no próprio peito. Ao mesmo tempo, pôs-se de pé e começou a andar pela ponte.

— Venha cá, minha Chave! — tornou a gritar Segunda-Feira.

Ao dizer isso, ele voou sobre Artur, entrando na região tomada pelo vapor. O Ponteiro das Horas tremeu contra o peito do garoto e quase se soltou, mas no último instante ele conseguiu enfiar a ponta do Ponteiro dos Minutos no círculo da base do Ponteiro das Horas, enquanto dizia:

— Segure!

Artur fez isso tudo sem interromper a corrida. Se chegasse ao outro lado, poderia contar com a ajuda de Will, que distrairia o Sr. Segunda-Feira para que ele pudesse furar os polegares. Mas a Chave Maior continuava a fazer força, e Artur começou a desprender-se da ponte. O Ponteiro das Horas levantava vôo na direção de Segunda-Feira e levava o garoto com ele!

— Chave, me torne pesado! — gritou Artur, quando somente as pontas de seus pés estavam em contato com o chão.

Ele ainda ouviu Segunda-Feira gritar qualquer coisa, mas não entendeu. Percebeu somente que caía, voltando à ponte com tanta força que chegou a amassar o piso. Artur sentiu o abalo. Em outra situação, com certeza teria quebrado alguns ossos.

O aumento de peso durou alguns minutos: o suficiente para o garoto correr a toda velocidade, sem largar as duas Chaves. A das Horas tentou

escapar, mas ele não permitiu.

Pelo menos até que ela subitamente o arrastou para a esquerda. Apanhado de surpresa, ele foi de encontro à grade da ponte e perdeu o equilíbrio. Ao cair, agarrou as duas Chaves e gritou:

— Chave, faça-me voar!

Ao pronunciar a última palavra, Artur chegou à lama. Estava tão pesado que o impacto foi semelhante ao de um carro ao cair em um rio. Ele afundou. A lama cobriu seus olhos, entrou pela boca e pelo nariz. Mas não aspirou lama. Nem parecia ter necessidade de respirar. Apenas sentia uma estranhacoceira nas costas. Então, os músculos de seu peito retesaram-se e os ombros começaram a formigar. Ele imediatamente soube do que se tratava. Lembrou-se das asas de papel que Meio-Dia tinha feito para ele.

As asas se expandiram na lama e bateram com incrível força. Artur subiu como um foguete, deslocando Segunda-Feira, que pairava no ar. Suas asas eram de um branco perolado puríssimo. A lama se soltou instantaneamente quando ele voou para cima, para cima, para cima, em direção às colunas de vapor.

Um grito de raiva acompanhou a subida de Artur, e Segunda-Feira foi atrás, batendo sem parar as asas douradas, como um míssil vingador.

Artur não esperou Segunda-Feira. Depois de alcançar o ponto mais alto da subida, dobrou as asas para ganhar maior velocidade e mergulhou. Embora não visse a porta, sabia exatamente onde ela estava. E rumou diretamente para lá, em meio ao vapor que se abria, como que para facilitar sua descida.

Segunda-Feira foi encontrar Artur na metade do caminho, levando na mão uma espada de fogo, fina como um florete e muito mais rápida. O garoto tentou escapar, mas foi atingido na perna. Os dois se embolaram, Artur tentando escapar, e Segunda-Feira tentando atingi-lo.

Chegaram juntos à plataforma, aos gritos, fazendo ranger a estrutura de ferro. O sangue jorrou do ferimento na perna de Artur, mas coagulou em seguida, pelo poder da Chave.

O garoto foi o primeiro a se recuperar. Ele correu para a porta, que estava fechada novamente. Antes que pudesse abri-la, Segunda-Feira saltou sobre ele. A espada desceu...

Para ser aparada pela Chave dos Minutos, que se movia por si. As duas lâminas se encontraram, e gotas de ouro derretido espirraram em todas as direções, muitas delas caindo sobre o roupão de Segunda-Feira. Ele gemeu, atacou de novo e tornou a errar.

— Dê as Chaves para mim! — ordenou Segunda-Feira.

Ele investiu mais uma vez, mas não conseguiu acertar o golpe e jogou a espada longe, com raiva. Em seguida, deu um passo para trás, levantou os braços e gritou alguma coisa. Suas asas desapareceram imediatamente, e ele começou a emitir um fraco brilho avermelhado, como o de metal aquecido na forja. Então, foi derretendo. A cabeça desceu pelo pescoço e entrou pelos ombros.

Ele estava se transformando em algo diferente.

Enquanto isso, Artur tentava freneticamente furar o polegar direito com o Ponteiro das Horas, mas este sempre resistia e dava pinotes. O garoto precisou usar de toda a sua força para trazê-lo de volta ao peito.

Em pânico, Artur olhou para Segunda-Feira, que esticava e encolhia, derretendo, mas sempre com a mesma cara horrível. Ele rosnou para Artur, mostrando a língua bifurcada em movimento.

— Chave, reconheça o seu Mestre!

O Ponteiro das Horas vibrou em contato com o garoto, cortando-lhe a mão. Ao contrário do que aconteceu com a lama quente ou com a espada negra, este machucado doeu. Artur gemeu e apertou ainda mais o Ponteiro das Horas de encontro ao corpo. Este vibrou novamente e furou seu peito, bem acima do coração.

— Você acha que um minuto pode ser mais que uma hora? — zombou Segunda-Feira. — Ataque, minha Chave, ataque!

O Ponteiro das Horas fugiu ao controle de Artur e espetou-o bem entre as costelas, penetrando cerca de 1 centímetro, antes que ele conseguisse interromper o ataque. A dor foi tanta que o garoto quase desmaiou.

Em desespero, Artur estendeu a mão direita e, com o Ponteiro dos Minutos, tocou a porta, gritando:

— Abra!

A porta se abriu. Artur tentou usar o Ponteiro dos Minutos como alavanca para retirar do peito o Ponteiro das Horas. Mas o Ponteiro Maior aproveitou-se da ausência momentânea de sua metade inferior para enfiar ainda mais a ponta, caminhando implacavelmente para o coração do garoto. Ele tentou usar o polegar, mas o ângulo era desfavorável e não podia largar o Ponteiro dos Minutos ou perderia a ação da alavanca e seria espetado.

Segunda-Feira riu. Artur suspirou e virou a cabeça para olhar. A transformação tinha sido completa. Segunda-Feira era uma cobra enorme, dourada e vermelha. Sobre a cabeça achatada, aparecia o mesmo rosto de antes, embora houvesse outra boca na parte de baixo, como têm as cobras.

Segunda-Feira riu outra vez. Então, deslizou para a frente, enfiou a cabeça sob as pernas de Artur, ignorando seus chutes violentos, e começou a se enrolar em seu corpo.

— Socorro! — gritou Artur.

Mas não havia ninguém para responder.

Segunda-Feira tornou a deslizar sob o garoto, dando duas voltas em torno de suas pernas. Artur não tinha como investir contra a cobra, porque não podia mover as Chaves. Ele ia morrer. Estava perdido. Seria esmagado pela cobra ou espetado pela Chave das Horas. A Chave dos Minutos conseguiria mantê-lo vivo por alguns minutos, mas era menos poderosa do que o Ponteiro das Horas.

Tudo acabado. Ele havia falhado. Ele morreria, e todos os outros também, de praga ou sofreriam terrivelmente...

Alguma coisa atingiu com força a plataforma, fazendo-a soar como um sino. Penas brancas e amarelas caíam aos montes e, no meio daquela

verdadeira tempestade, surgiu Suzy. Ferida, mas triunfante, com Pravuil choramingando e reclamando atrás dela.

— Agüente firme, Artur!

Suzy puxou a faca que ainda estava espetada no pé de Pravuil e apontou para a pele escamosa de Segunda-Feira.

O Ponteiro das Horas deu um puxão e escapou momentaneamente de Artur. Ao mesmo tempo, centelhas de eletricidade saíram estalando do corpo da cobra, atingiram a faca que descia e lançaram Suzy contra a grade. Ela gritou e largou a faca. Pravuil parou de reclamar e aproveitou para atacá-la outra vez.

Segunda-Feira se enrolou na cintura de Artur e o apertou, com um risinho maligno.

Artur fechou os olhos. Nada atingia Segunda-Feira. Era o fim.

Nada atingia Segunda-Feira?

Os olhos do garoto se abriram, e ele avançou, arrastando-se com incrível esforço, como uma minhoca, em direção à porta.

— Suzy! Tinta! Você tem tinta?

Em lugar da resposta, ele ouviu um grito de Pravuil, que tinha levado uma rasteira da garota, sendo lançado à lama. Por um instante, pareceu que ela cairia também, mas conseguiu se equilibrar e, no mesmo movimento, tirou do bolso do casaco um vidro de tinta.

— Ótimo! — gritou Artur. — Agora, arraste-me, para eu passar pela porta!

— Idiota! — xingou Segunda-Feira. — Tanto faz aqui como lá, você vai morrer!

Suzy correu e pegou Artur por baixo dos ombros. Segunda-Feira deu um bote nela, mas não podia alcançá-la sem largar o garoto. E, com um suspiro de frustração, enfiou a cabeça sob o corpo de Artur, para dar mais uma volta em torno dele. A garota aproveitou para arrastar Artur, fazendo-o passar pela porta, onde imediatamente a massa de bibliófagos caiu em cima deles.

— Escreva alguma coisa em Segunda-Feira! — gritou Artur.

Ele sentia o Ponteiro das Horas entrando mais em sua carne à medida que o aperto de Segunda-Feira se intensificava.

Mas a força do aperto diminuiu de repente, depois do grito de Artur. A enorme cobra desesperadamente tentava recuar para escapar dos bibliófagos, que a cercavam.

Suzy passou tinta no dedo e começou a escrever na cauda de Segunda-Feira. À primeira letra, os bibliófagos ficaram imóveis. Dava para perceber seu foco e concentração. Então, quando a garota completou uma letra, todos os milhares de bibliófagos avançaram, em uma enorme onda de cobras a atacar o Mestre da Casa Inferior.

— Chave! Mate-o! — gritou Segunda-Feira, antes que sua voz se transformasse em um lamento de dor.

A Chave das Horas atacou Artur ferozmente, mas ele conseguiu desviar o golpe para baixo e para a esquerda, protegendo o coração. Não pôde, porém, evitar um ferimento no pulmão. Artur gritou de dor e cambaleou. Felizmente, foi liberado do aperto de Segunda-Feira, que tinha, aos poucos, os nervos e os músculos transformados em Nada.

Suzy continuou a escrever febrilmente, embora não visse o que fazia, tantos eram os bibliófagos a atacar a grande cobra, que tentava voltar pela porta.

Quando não tinha mais como escrever, Suzy saltou e ajudou Artur a se levantar. Ela ficou horrorizada ao ver o Ponteiro das Horas enfiado no corpo do garoto, com o Ponteiro dos Minutos usado como calço, para que os estrago não fosse maior.

— Saiu pelas costas? — sussurrou Artur.

O garoto tinha a impressão de que o fosso girava em volta dele.

Apenas o poder do Ponteiro dos Minutos o impedia de desmaiar. Por mais que ele fizesse, porém, o Ponteiro das Horas ainda entrava e saía, aumentando o corte.

— Saiu, sim! — confirmou Suzy.

Artur suspirou e, com muito esforço, conseguiu dizer baixinho:

— Chave... segure o Ponteiro das Horas por... um minuto... um minuto...

Ele largou o Ponteiro das Horas, esticou a mão direita até as costas e espetou o polegar com a ponta da Chave Maior, que já estava suja de sangue. Então, pegou a Chave dos Minutos com a mão direita e furou o polegar esquerdo com a Chave Menor. Em seguida, deixou pingar uma gota de sangue do polegar esquerdo na Chave das Horas e uma gota de sangue do polegar direito sobre a Chave dos Minutos.

Atrás dele, Segunda-Feira conseguiu lançar-se e atravessar a porta, deixando para trás a garota Suzy e centenas de bibliófagos.

Artur juntou as extremidades ensangüentadas das Chaves e, suspirando, falou:

— Eu, Artur, consagrado Herdeiro do Reino... reivindico o direito sobre esta Chave e, com ela, o Poder sobre a Casa Inferior... reivindico pelo sangue...

A Chave das Horas afundou mais um pouco, uns 2 centímetros, pelo menos. Artur gritou e viu o mundo escurecer. Mas só faltavam algumas palavras. Poucas. Ele podia. Ele devia.

— ...conforme testamento e...

Capítulo 26

— ...e contra qualquer contestação!

O Ponteiro das Horas saiu espontaneamente do peito de Artur e juntou-se ao Ponteiro dos Minutos. Um raio brilhou, fazendo crescer o Ponteiro dos Minutos e encolher o Ponteiro das Horas. No momento seguinte, Artur não segurava dois ponteiros, mas uma espada que lembrava sua natureza anterior em alguns aspectos: o punho circular, os círculos na extremidade do cabo e a proteção dourada sob a lâmina de prata.

O ferimento no peito de Artur se fechou de repente, e a dor começou a diminuir. O garoto se endireitou e respirou fundo. Suzy olhou para ele, as mãos e as asas trêmulas.

— Acho — disse Artur, levantando a espada. — Acho que vencemos.

Ele olhou para baixo e apontou a espada para o rio de bibliófagos no qual estavam.

— Voltem ao Nada! — ordenou Artur.

A espada brilhou e de sua ponta jorraram delicados fios de ouro derretido que se dividiram, formando uma fina rede que se espalhou por todo o fosso. Com isso, os bibliófagos foram ficando menos nítidos até desaparecerem por completo, levando com eles a rede dourada.

— Suba! — comandou Artur, tocando o fundo do fosso.

O chão fez um barulho surdo e tremeu sob seus pés. Então, começou lentamente a subir, ocultando a porta. Rapidamente Artur tocou a porta com a espada, ordenando que subisse também. Em poucos segundos, não havia mais fosso, e a porta estava em seu lugar, na parede da vila.

— Não me sinto muito bem — disse Suzy.

Ela parecia pálida e apalpava o lado esquerdo do corpo. Com certeza, havia sido ferida por Pravuil, e o esforço para arrastar Artur tinha piorado a situação. Ela começou a cambalear e desmaiou.

Artur chegou bem a tempo de pegar a cabeça de Suzy, impedindo que batesse na grama. Em seguida, tocou em seu estômago com a espada e disse:

— Cure. Fique bem.

Uma nuvem de luz emanou da Chave e rodeou o corpo da garota. Com isso, cessaram os tremores das mãos e das asas. Ela abriu os olhos e, quando a luz se apagou, levantou-se lentamente, apalpou um lado do corpo e flexionou dedos e asas.

— Pensei que estivéssemos liquidados — disse calmamente.

E em seguida continuou, sorrindo, aos pulos, agitando as asas, que mandavam lufadas de ar fresco no rosto de Artur:

— Mas conseguimos, Artur! Você acabou com o Sr. Segunda-Feira!

O garoto olhou para ela. Sabia que deveria comemorar, mas não tinha vontade de pular de alegria. Apesar de não sentir dor, estava cansadíssimo.

— Você possui a Chave, a primeira das Sete Chaves do Reino! Muito bem, Artur! Muito, muito bem! — exclamou Will, que vinha saltando animadamente pela grama. — Onde existe Will, o Testamento, tudo é possível, se eu disser assim. Onde está o ex-Segunda-Feira?

Artur apontou com a espada na direção da porta.

— Convoque-o — disse Will. — Que se cumpra a justiça. Há muito a fazer, você sabe, Artur.

— Bem que podíamos primeiro tomar um chá e comer uns biscoitinhos — resmungou Suzy.

Ela parou de pular e olhou para Will de cara feia, mas foi ignorada por ele.

— Segunda-Feira! — chamou Artur sem muito entusiasmo. Ele levantou a espada, a Primeira Chave, e continuou:

— Saia!

A porta se abriu e saiu por ela uma figura lamentável. Com algum esforço, dava para reconhecer que se tratava de Segunda-Feira. O veneno do Nada dos bibliófagos tinha corroído parte de seu rosto e feito vários buracos estranhos em seu corpo. As roupas estavam em frangalhos: pouco mais que farrapos, com que ele tentava se cobrir.

— Execução — disse Will com certo ar de satisfação. — Um toque no ombro e as palavras “Do Nada para o Nada”. Pronto.

Segunda-Feira caiu de joelhos e inclinou a cabeça diante de Artur, que estendeu a Chave e tocou em seu ombro. Mas não disse as palavras ensinadas por Will. Ele se lembrava do que Crepúsculo havia dito a respeito de Segunda-Feira, enquanto desciam ao Depósito de Carvão. *Segunda-Feira não foi sempre como é agora.*

— Seja curado — falou Artur calmamente. — De corpo e alma.

Segunda-Feira levantou os olhos, surpreso, enquanto Will saltava, furioso, dizendo alguma coisa que Artur ignorou. O garoto viu os buracos do corpo de Segunda-Feira encolherem, conforme a carne se regenerava. Até suas roupas se recuperaram, voltando a ficar inteiras. Mas não eram tão finas quanto as que usava antes, nem seu rosto era tão bonito. Artur, porém, percebeu que os olhos eram mais bondosos e havia linhas de sorriso em torno deles. Segunda-Feira olhou para Artur, inclinou a cabeça mais uma vez e falou:

— Perdão, Mestre. Não sei por que fiz o que fiz. Mas agradeço pela minha nova vida.

— A caridade é uma virtude muito trabalhosa — disse Will aborrecido. — E nunca se sabe como vai acabar. Mas suponho que tenha de ser assim.

— De fato — falou alguém. — Com certeza, vai acabar mal para todo mundo.

Todos se voltaram a tempo de ver fechar-se a porta de um elevador muito pequeno e estreito, do tamanho de uma cabine telefônica. Ao soar de um sino, o elevador disparou e sumiu dentro de um fecho de luz que atravessou facilmente a rede dourada que havia acima.

— Pravuill! — exclamou Suzy. — Pensei que tivesse acabado com aquele nojento.

— Infelizmente, parece que não — opinou Will. — Ele deve ser mais do que diz. Talvez um espião dos Dias Seguintes, maldição de seus corações traiçoeiros. Aqui e agora, porém, não podem agir. Fizeram um acordo com o antigo Mestre da Casa Inferior. Não podem interferir aqui nem em segunda-feira alguma nos Reinos Secundários. Eles são domínios seus agora, Artur. Em todo caso, conversaremos com os Dias Seguintes no momento oportuno. Primeiro, devemos estabelecer um início sólido. Ah, aí vem Crepúsculo, nosso aliado. E Meio-Dia e Aurora vêm também, para pedir por suas miseráveis existências.

Os três principais servos do Sr. Segunda-Feira vinham rodeando a vila: Crepúsculo à frente e Meio-Dia, envergonhado, atrás. Nenhum dos dois apresentava sinais físicos da batalha travada. Eram seguidos por um bando de Inspetores, Comissionários e outros Habitantes da Casa, todos desarmados, a não ser os Visitantes da Meia-Noite, que orgulhosamente faziam saudações com seus chicotes. Aurora vinha atrás de todos.

Quando o grupo estava a cerca de 5 metros, com o medo e a apreensão claramente estampados em seus rostos, Artur levantou a Chave, fazendo com que todos parassem. E ficou sério, observando.

— Sugiro que você mantenha Crepúsculo na mesma posição — disse Will. — Quanto a Meio-Dia, acho que seria melhor eu tomar conta, por enquanto...

Artur balançou a cabeça.

— Não vou ficar como Mestre da Casa Inferior.

Surpresos, todos suspiraram ao mesmo tempo: todos menos Segunda-Feira, que permaneceu de joelhos e de cabeça baixa.

— Mas tem de ficar! — discordou Will. — Não pode desistir.

— Você quer dizer que não devo ou que é impossível? — perguntou Artur.

— É impossível! — respondeu Will. — Você é o Herdeiro! Escolhido por mim, confirmado pela superação do desafio. E há muito a fazer aqui!

— Eu já tinha dito — insistiu Artur. — Vim buscar a cura para a praga no meu mundo. É tudo o que quero! Conseguir a cura e voltar para casa.

— Você não pode voltar aos Reinos Secundários — argumentou Will com firmeza. — Nem curar a praga. Lembre-se da Lei Original. Não pode haver interferência, nem que seja para corrigir outra.

Artur olhou com raiva para o sapo verde, pronto para descer a Chave sobre ele...

“Não. Não é assim que se faz”, pensou. “Tenho de manter a calma. Will é um manipulador. Tenho de contornar a situação”.

— Você disse que eu poderia. Explique.

— Não. Eu disse que, quando você se tornasse mestre, muitas coisas seriam possíveis. Além do mais, se voltar ao seu tempo e lugar sem a Chave, provavelmente morrerá.

— Mas eu posso mudar os meus registros, não posso? — perguntou Artur sério. — E, já que ninguém por aqui parece seguir a Lei Original, por que eu deveria?

— Ainda que esteja certo quanto aos registros e tudo o mais, você não pode desistir da Chave e, como Mestre, deve seguir a Lei Original — protestou Will.

Artur olhou para Suzy.

— Não sei. Pergunte a ele — disse a garota, apontando para Crepúsculo, que mais parecia um agente funerário.

Artur olhou para Crepúsculo, que tirou o chapéu, fez uma reverência exagerada e falou:

— É verdade que possuo algum conhecimento, mas é muito pouco, comparado ao de Will. Segunda-Feira tinha direito à Chave, como Curador, até que fosse reclamada pelo Herdeiro Legítimo. É possível que agora ninguém mais tenha direito à posse dela.

— Não acredito que eu tenha passado por tudo aquilo para nada! — gritou Artur. — Quero a cura da praga. E quero agora!

— A Lei Original...

Will começou a falar, mas calou-se ao ver Artur com a Chave posicionada para o ataque.

— A praga é resultado da contaminação dos Buscadores, não é? — perguntou Crepúsculo.

Vendo Artur fazer que sim, ele continuou:

— Então, é simples. Com a sua permissão, posso fazer aparecer do Nada, por magia, um Limpador Noturno. Levado ao Reino onde você viveu, ele pode recolher em uma única noite os vestígios da contaminação e trazê-los de volta para o Nada. Isso anula o efeito sobre pessoas e lugares.

— Muito bem. Já é um começo — concordou Artur. Crepúsculo fez outra reverência, pegou uma pena e um livro de capa preta, mergulhou a pena em um vidro de tinta oferecido por um Visitante da Meia-Noite e escreveu alguma coisa rapidamente. Então, rasgou a folha, caminhou até o lugar onde havia o fosso, fez um funil com a folha e mergulhou-a na poeira.

Durante alguns segundos, nada aconteceu. Em seguida, porém, ouviu-se um relincho vindo do funil de papel. Então, apareceu uma cabeça de cavalo bem pequena, seguida por dois cascos e duas pernas e logo estava formado um cavalinho completo, com menos de 8 centímetros de altura. O bicho relinchou mais uma vez, bateu as patas e ficou completamente imóvel. Crepúsculo pegou o Limpador Noturno e o entregou a Artur, que o apanhou e guardou no bolso do casaco.

— Ele deve ser colocado no parapeito da janela pouco antes da meia-noite. E deixe a janela aberta — ensinou Crepúsculo. — Ele sairá cavalcando e, pela manhã, tudo estará resolvido.

Artur fez que sim e soltou um suspiro de alívio. Era tudo o que queria. Agora precisava descobrir como ir embora com o cavalinho. Ele sentia que Will não dizia toda a verdade. Tinha de haver um meio.

Um ruído na porta chamou a atenção de Artur. Era o mordomo Espirrador que entrava, ainda com gelo pingando do nariz. Ele carregava uma bandeja de prata onde havia uma garrafa comprida e fina e um pedaço de papel. Espirrador avançou calmamente e ofereceu:

— Aceita uma bebida, meu senhor? Acho que é uma bebida de seu Reino natal. Suco de laranja. Conhece? E um documento que acredito que esteja procurando.

Capítulo 27

Artur olhou firme e procurou enfiar a espada no cinto. Somente então percebeu que não tinha cinto. Estava diante de toda aquela gente coberto de lama e vestindo apenas um casaco e o que poderia se chamar de camisola. Mas não se importou. Em vez disso, enfiou na grama a Chave, que vibrou no momento em que ele pegou o suco de laranja e o papel.

Quando Artur tocou o papel, um nome apareceu nele em letras douradas.

Artur Penhaligon.

— Meu registro — ele disse. — Posso mudar para não morrer? O que está escrito agora?

— Não sei, senhor — respondeu Espirrador. — Não posso ler. Somente o senhor, que é o Mestre.

— Posso ler, então?

Espirrador não respondeu. Will também não. Artur olhou para Crepúsculo, que deu de ombros. O garoto balançou a cabeça. Por que nada era simples? Ele bebeu o suco, devolveu o copo a Espirrador e examinou o papel. Mas, a não ser pelo nome, parecia estar em branco.

— Bom, não me interessa o que tem aqui nem se posso mudar — Artur falou finalmente. — Vou embora de qualquer jeito. Tenho de usar o Limpador Noturno. Ainda que morra.

— Você não vai morrer — disse o ex Segunda-Feira.

E, ainda de joelhos e com a cabeça inclinada, continuou:

— Ninguém na Casa pode ler ou mudar os próprios registros. No entanto, como você sobreviveu à sua morte, o registro mudou automaticamente, para ficar de acordo. O contato com a Chave Menor por certo tempo fortaleceu o seu corpo. Ainda que volte, você não vai morrer. Pelo menos, não de problemas respiratórios.

— Então, eu posso voltar — confirmou Artur. — E vou voltar.

Ele olhou para Will, amuado, a seus pés.

— Quero que me ajude, Will. Esqueça a Lei Original. Como posso voltar para casa?

— Você não deve ir — disse Will.

O sapo inchou até ficar com o dobro do tamanho para demonstrar a gravidade do que tinha a dizer e continuou:

— Você possui a Primeira Chave. É o Mestre da Casa Inferior. Ainda restam seis seções do Testamento a serem libertadas e seis Chaves a serem reclamadas...

— Eu sou um garoto! — interrompeu Artur. — Quero ir para casa e crescer normalmente para ser um homem, e não um Senhor do Universo ou o que quer que seja. Não quero ser imortal, como o Velho disse que eu seria se

ficasse com a Chave. Talvez eu possa... não sei... deixar alguém tomando conta de tudo, enquanto eu cresço...

Will resmungou alguma coisa que ninguém entendeu.

— Não posso deixar alguém tomando conta de tudo, enquanto cresço?
— repetiu Artur com firmeza.

— Sim, sim, está no seu direito pedir um adiamento para assumir o poder — respondeu Will irritado. — Suponho que possa ficar uns 5 ou 6 anos longe daqui. Depois de 10 milênios, isso é muito pouco. Além do mais, existem algumas tarefas preliminares que não exigem a sua presença. Mas, quem sabe, o que os Dias Seguintes vão fazer caso você delegue poderes e volte aos Reinos Secundários, ainda que temporariamente? Não conheço os termos exatos do acordo, mas acredito que o Horrível Terça-Feira, pelo menos, represente perigo, pois tem poderes equivalentes aos seus.

— Não me importo! — exclamou Artur. — Tenho de arriscar. Talvez, ao saberem que abri mão dos meus poderes, os Dias Seguintes me deixem em paz. E vocês podem muito bem arrumar outro Herdeiro, se precisarem.

— Quem vai ser o seu Procurador? — perguntou Will. — Você não sabe que todos os problemas começaram com os Curadores? É muito difícil encontrar alguém confiável para assumir o poder.

— Você é, com certeza — disse Artur. — Mas vai ter de achar uma figura mais imponente do que um sapo.

— Eu sou um facilitador, não um executivo — protestou Will. — Um simples funcionário!

— Você ia ser o meu Meio-Dia, não ia?

— Ia — respondeu Will agitado, aos pulos. — Esse era o meu plano!

— Bem, azar o seu — disse Artur. — Vai ser o Procurador ou não?

Will não respondeu. Todos ficaram em suspenso, olhando para ele, que passou um minuto a pular na grama, para trás e para a frente. Finalmente parou, ajoelhou-se aos pés de Artur e falou em voz baixa e áspera:

— Serei o seu Procurador na Casa Inferior.

Uma letra preta escorreu da pele do sapo, seguida por outra e outra... até formar uma frase inteira na grama. Depois vieram mais palavras e mais frases, como se uma faixa fosse desenrolada. As palavras subiram e giraram no ar. Mais letras se juntaram a elas com sons de harpa e clarins, mudando constantemente de posição.

Então, as letras pararam no ar, tomando a forma de uma figura humana. Os clarins soaram e um clarão de luz branca surgiu, deixando todos cegos por um segundo.

Artur piscou duas vezes. Com o clarão, as palavras do Testamento tinham formado uma mulher: uma mulher alada, alta, com um vestido azul-claro que parecia simples demais em comparação com as brilhantes asas prateadas. Não era jovem nem velha, mais imponente que bonita, de sobranceiras escuras, nariz razoavelmente grande e cabelo louríssimo preso atrás. Tinha a testa marcada pela preocupação ou pelo aborrecimento. Ela se

curvou, pegou o sapo de jade e guardou na bolsinha de renda que carregava na mão esquerda.

— Vou fazer um broche. Vai ficar ótimo.

A voz de Will começava clara e melodiosa, mas mudava estranhamente para o tom grave que ele... ela usava quando sapo.

Will fez uma reverência para Artur. Este retribuiu, subitamente nervoso. Era mais fácil relacionar-se com o Testamento em forma de sapo.

— Serei a sua Procuradora — confirmou Will. — Mas quem serão os seus... os nossos Crepúsculo, Meio-Dia e Aurora?

— Crepúsculo — disse Artur lentamente —, quer manter o seu posto?

— Não, senhor — disse Crepúsculo.

Ele sorriu, fez uma reverência e continuou:

— Eu gostaria de sair das sombras para o sol, de servir ao senhor e ao seu Procurador como Aurora ou Meio-Dia. Muitos dos meus Visitantes da Meia-Noite também gostariam de mudar de função, se for conveniente. Eles estão cansados de usar roupas pretas.

— Você será Meio-Dia, então — disse Artur.

Ele olhou para Will e acrescentou nervosamente:

— E, se estiver bem para você, Will, o antigo Meio-Dia será o novo Crepúsculo.

— Hummm! — exclamou a imponente senhora.

Artur reparou que ela mantinha a língua verde. O verde-claro do mais fino jade.

— Em período de experiência! Vou ficar de olho em todos! E quanto a Aurora?

— Acho que pode manter o posto, por enquanto — disse Artur lentamente.

Aurora sorriu agradecida e fez uma reverência exagerada, lançando na grama pequenos raios de sol.

— Mas eu gostaria de criar outra função — continuou Artur. — Meio-Dia pode ter um assistente?

— Claro que pode — respondeu o Antigo Crepúsculo, que se tornara o Novo Meio-Dia.

Artur se voltou para Suzy.

— Sei que não pode voltar — ele falou hesitante. — Lamento... Sinto muito não poder mudar isso. Mas você não precisa continuar como Recarregadora de Tinta. Gostaria de ser assistente de Meio-Dia? Assim, poderá ajudar as outras crianças trazidas pelo Tocador de Gaita e, ao mesmo tempo, dar uma olhada nas coisas para mim. Uma olhada de mortal.

Suzy olhou para baixo e esfregou o pé no chão, para a frente e para trás.

— Isso me tornaria Chá da Manhã de Segunda-Feira ou qualquer coisa tola desse tipo, não? — perguntou ela asperamente. — Acho que posso tentar.

— O posto fica entre a Aurora e o Meio-Dia — explicou Will. —

Corresponde à terceira hora depois do nascer do sol. Nove horas. É mesmo o Chá da Manhã de Segunda-Feira!

— Nove Horas de Segunda-Feira — repetiu Suzy docemente.

Ela fungou e passou a mão enluvada no nariz e no rosto, antes de olhar para Artur e falar:

— Espero que a sua família... espero que todos... você sabe... estejam bem.

Ela se precipitou para a frente e deu no garoto um abraço meio sem jeito. E, antes que ele pudesse retribuir o gesto, ela se afastou, voltando para junto de Aurora, Meio-Dia e Crepúsculo.

— Preciso fazer mais alguma coisa? — Artur perguntou calmamente a Will. — Posso ir agora?

— Você deve transferir para mim o uso da Chave — disse Will. — É muito simples. Entregue-me a Chave com o cabo virado para mim e diga umas palavrinhas.

Artur pegou a Chave, que estava enfiada na grama. Ela veio suavemente para sua mão, como se lhe pertencesse. Ele podia sentir o poder e a força que emanavam dela. Seria muito fácil mantê-la... ser o Mestre e deixar de lado as ninharias dos Reinos Secundários...

Artur estremeceu e virou a Chave, pegando-a pela lâmina e virando o cabo para Will, que a pegou.

— Agora, diga: “Eu, Artur, Mestre da Casa Inferior e Possuidor da Primeira e Menor das Sete Chaves do Reino...”

Artur repetiu as palavras bem devagar. Sentia-se exausto, cansado da batalha com Segunda-Feira, de tudo.

— “...transfiro para minha fiel serva, a Primeira Parte do Grande Testamento da Arquiteta, todos os meus poderes, haveres e direitos para que atue em meu nome como Procuradora, até que eu os solicite de volta”.

Artur pronunciou as palavras o mais depressa que pôde, lutando contra a vontade de desistir e pegar a Chave de volta. Então, finalmente a largou e teria caído no chão, não fosse o braço forte de Will.

— Minha casa — sussurrou Artur. — Quero ir para casa.

Capítulo 28

— Ainda não sei se estou de acordo — disse Will. — Espirrador, os Sete Relógios continuam na Sala de Estar ou mudaram de lugar?

— Acredito que estejam lá, minha senhora — respondeu Espirrador.

O mordomo tinha passado por uma rápida transformação e estava muito mais limpo e bem arrumado. As luvas, antes esburacadas e sem dedos, pareciam impecáveis: inteiras e branquinhas, os dentes não eram mais curvos e amarelados, e o nariz não tinha mais as veias aparentes.

— São duas as principais maneiras de entrar nos Reinos Secundários a partir da Casa Inferior — explicou Will. — Os Sete Relógios são a mais fácil, com certeza, se você souber acertá-los. A outra é a Porta.

— Não quero passar naquele vazio escuro outra vez — disse Artur, pensando no *Postem* de Segunda-Feira.

— Ah, não seria preciso — disse Will com a voz que ia de tons melódiosos e femininos a outros graves, como se ela tivesse um sapo na garganta. — Você sairia pela Porta da Frente. O problema é que quase certamente os Dias Seguintes estarão de vigia. É melhor evitá-los ao máximo. Portanto acho melhor usar os Sete Relógios. Venha.

Artur fez que sim e bocejou. Ao virar-se para dizer adeus, em especial a Suzy, teve uma surpresa: estavam todos ajoelhados.

— Adeus! — gritou Artur.

Depois de hesitar um pouco, o garoto fez uma reverência, que foi retribuída pelos outros, ainda com um joelho no chão. O coração de Artur se apertou. Ele não queria uma despedida como aquela. Então, Suzy levantou a cabeça, sorriu e revirou os olhos significativamente.

— Adeus, Nove Horas de Segunda-Feira — disse Artur baixinho.

— Até mais — respondeu Suzy. — Cuidado com os Dias Seguintes.

— Adeus a todos!

— Adeus, senhor! — disseram em coro Aurora, Meio-Dia e Crepúsculo, acompanhados por todos os Habitantes atrás deles.

Artur acenou mais uma vez. Então, voltou-se e seguiu Will em direção à sala de estar de Segunda-Feira. A lama fervente tinha desaparecido, dando lugar ao interior de uma casa antiga, um museu talvez.

— Por aqui, por favor — disse Espirrador.

O mordomo guiou Artur e Will pela subida de uma escada e por um longo corredor, chegando a uma biblioteca muito confortável, mais ou menos do tamanho da que Artur tinha visto no colégio. A diferença eram as antigas estantes de madeira e as poltronas.

— Tomei a liberdade de deixar as suas roupas atrás daquela estante, senhor — disse Espirrador, enquanto passava um pano e uma escova em Artur, removendo magicamente os restos de lama.

— Ah, sim, obrigado — respondeu Artur.

Ele olhou para baixo e deu um meio-sorriso. Não queria de maneira alguma voltar para casa tão estranhamente vestido: de camisolão, sem roupa de baixo.

Em um minuto, Artur estava pronto. Embora seu uniforme escolar estivesse limpo e passado, faltavam as etiquetas e o cóis da cueca. Seria difícil explicar a situação para sua mãe.

Ele teve o especial cuidado de pegar o Limpador Noturno, que trazia no casaco, e guardar no bolso da camisa, prendendo-o bem, para que não corresse o risco de cair. O cavaleiro relinhou, mas pareceu confortável.

Quando Artur apareceu, encontrou Espirrador à espera.

— Acredito que isto lhe pertença, senhor — disse Espirrador.

Em seguida, o mordomo pegou um livro em uma prateleira de marfim próxima a uma das poltronas e entregou ao garoto. Depois, foi até um canto e puxou uma corda, fazendo soar um sino ao longe. Em poucos segundos, o soar do sino foi respondido por um forte estrondo. O chão tremeu sob os pés de Artur, e uma parede coberta de estantes de livros se afastou, revelando um estranho cômodo de sete lados. No centro do cômodo, havia sete relógios de pé dispostos em círculo, voltados para o centro. Os pêndulos faziam um *tum-tum* coletivo que parecia o som das batidas do coração quando tapamos os ouvidos com as mãos.

Distraído por um momento, Artur não olhou para o livro. Somente depois de alguns segundos percebeu que se tratava do *Atlas Completo da Casa*.

— Mas isto não é meu — protestou. — Deve ficar com você — continuou, dirigindo-se a Will. — Nem consigo abrir isto sem a Chave!

— É seu — confirmou Will. — Você ficou de posse da Chave durante tanto tempo que as páginas se abrirão. E vai precisar disto também.

Em seguida, ela enfiou a mão na manga e tirou não um lenço, mas um estojo laqueado de vermelho, mais ou menos do tamanho de uma caixa de sapatos, que Artur pegou e acomodou embaixo do braço.

— O que é isto?

— Um telefone — respondeu Will. — Você pode precisar se comunicar comigo, caso os Dias Seguintes se mostrem menos bondosos do que esperamos. Ou se eu precisar dos seus conselhos.

— Não quero isto! — disse Artur teimosamente. — Você disse que eu teria 5 ou 6 anos!

— O telefone não será usado, a não ser que haja uma grande emergência. É uma segurança contra qualquer eventualidade, nada mais.

— Ah, bem — disse Artur.

Em seguida, de posse do estojo com o telefone, ele se dirigiu impaciente a Will:

— E, agora, posso finalmente ir para casa?

— Perdão, senhor — disse Espirrador.

Ele estava dentro do cômodo, mexendo nos ponteiros dos relógios.

— Isso é um tanto complicado, mas vai levar só um momento. Artur parou de andar de um lado para outro e verificou mais uma vez se o cavalinho continuava em seu bolso.

— Pronto! — anunciou Espirrador. — Depressa, depressa! Entre, antes que o relógio toque!

— Adeus, Mestre — saudou Will. — Você demonstrou grande coragem e provou ter sido uma excelente escolha.

Dizendo isso, ela deu em Artur o que pretendia ser um empurrãozinho, mas quase o lançou do outro lado do cômodo. Espirrador aparou o garoto, posicionou-o no centro, entre os relógios, e saiu do círculo.

Os relógios começaram a tocar. O cômodo balançou em volta de Artur, como que sob pressão. Ele ainda viu indistintamente Will acenando com um lenço e Espirrador fazendo uma reverência. Os relógios continuaram a bater, enquanto uma familiar luz branca se espalhava.

“Como aconteceu com a Escada Improvável”, pensou Artur.

Ele permaneceu de pé, pensando no que aconteceria em seguida e aonde... e quando iria chegar.

“Acho que deveria ter explicado exatamente a Espirrador o que eu queria. Não que isso tenha importância. Desde que o Limpador Noturno faça o que for preciso...”

A luz branca pulsou e começou a se fechar em três lados em volta de Artur. O quarto lado formou um corredor estreito. Artur hesitou, mas foi como se a luz o empurrasse, e ele entrou.

O garoto teve a impressão de andar por longo tempo e começou a se preocupar. Chegou a pensar em abrir o estojo e chamar Will. E se alguma coisa tivesse saído errada com os Sete Relógios? E se Espirrador fosse um traidor, como Pravuil, a serviço dos Dias Seguintes?

Artur lutou contra seus medos e seguiu em frente. Aos poucos, a luz branca foi enfraquecendo, e ele pôde ver alguma coisa: uma luz diferente, amarela. Conseguiu ouvir alguma coisa também: sons distantes. Parecia o motor de um helicóptero. E sirenes. E sentiu certa dificuldade em respirar, não muita.

A luz branca desapareceu completamente. Surgiram os sons da cidade em quarentena e a luz do sol. Artur apertou os olhos e protegeu o rosto com a mão. Estava em uma rua de um bairro residencial, em frente a uma casa cuja porta de garagem tinha sido pintada recentemente.

Ele abaixou a mão e observou melhor. A Casa tinha desaparecido. Em seu lugar, viam-se os prédios que estavam lá antes. Ao longe, uma coluna de fumaça preta subia ao céu, com helicópteros voando em torno. Por todo lado, sirenes tocavam em sinfonia.

Ao ver um carro se aproximar, Artur se agachou atrás de uma árvore, que mal o escondia. Mas o carro vinha velozmente e não havia tempo para procurar outro esconderijo. Enfim, se fosse a polícia, ele esperava ser levado ao East Area Hospital, na zona leste, de onde poderia enviar o Limpador Noturno para cumprir sua missão.

Foi então que Artur reconheceu o carro. Era o automóvel azul de seu irmão Eric, que se dirigia apressado para casa.

Artur se levantou e fez sinal. Por um segundo, pareceu-lhe que não tinha sido visto, mas então o motorista pisou no freio com força, fazendo sair fumaça dos pneus traseiros. Eric normalmente não dirigia assim, mas aquela não era uma situação normal.

— Artur! O que está fazendo aqui? — perguntou Eric, colocando a bela cabeça loura para fora da janela do carro. — Entre!

— Indo para casa — respondeu Artur, entrando rapidamente no carro. — E você?

— Tive uma aula extraordinária no ginásio da cidade — disse Eric, arrancando com o carro. — Ouvimos falar de um incêndio na escola. Fui até lá, mas me mandaram ir para casa em, no máximo, 30 minutos. Depois das 14 horas, eles vão atirar em todos os pedestres e veículos não autorizados! É quarentena total!

— Mamãe está bem? — perguntou Artur. — E os outros? Que horas são?

— Não sei — disse Eric, balançando a cabeça.

Artur percebeu que o irmão estava em choque. Nem se lembrou de perguntar como ele tinha saído da escola.

— Horas? Ah, 13h35. Vamos conseguir chegar a tempo. Fácil. Artur se ajeitou no assento e colocou o cinto de segurança, enquanto Eric passava pela penúltima esquina antes de chegar em casa. O garoto apalpou mais uma vez o bolso para conferir se o Limpador Noturno continuava no mesmo lugar. Precisaria esperar pelo menos 10 horas para usá-lo.

Muitas coisas podiam acontecer até lá. Pessoas podiam morrer, e o Limpador Noturno não as traria de volta. Em seu desejo de voltar para casa, Artur nem tinha se lembrado disso. Pensou que tudo estivesse resolvido. Mas a derrota de Segunda-Feira não era o fim. Ainda havia muito o que fazer.

Com dificuldade para respirar, Artur instintivamente procurou o inalador, mas não encontrou. Quando começava a entrar em pânico, porém, percebeu que não precisava dele. Não respirava com a mesma facilidade que tinha quando estava na Casa, mas também não era tão difícil como antes. Sentia somente um certo desequilíbrio, como se entrasse mais ar no pulmão esquerdo do que no direito. Mas estava bem.

Eric nem estacionou direito o carro. Apenas parou perto da porta da frente, e os dois desceram depressa. Bob e Michaeli correram para ver quem era e ficaram esperando na porta. Depois de abraços rápidos, recolheram-se todos ao estúdio de Bob. Cada um tinha seu cantinho, mas, no caso de eventos importantes e conferências familiares, era ali que se reuniam.

— Emily está bem — foi a primeira coisa que Bob disse. — Mas as coisas estão difíceis. É uma verdadeira epidemia. Não se sabe o que é, de onde veio, nem quais podem ser as conseqüências.

— Mamãe vai descobrir — disse Michaeli. Eric fez que sim com a cabeça, concordando.

Bob reparou que Artur não se manifestou. Então, deu um tapinha no ombro do filho mais novo e disse:

— Ela vai ficar bem. Todos vamos ficar bem.

— Vamos, sim — concordou Artur.

Ele tocou o bolso mais uma vez. Por que, por que ele não tinha pedido alguma coisa que acabasse com a praga imediatamente? Tudo podia acontecer nas 10 horas seguintes. Ele mesmo podia pegar a doença e adormecer.

Capítulo 29

As 10 horas seguintes foram as mais longas da vida de Artur. Por algum tempo, permaneceu no estúdio, ouvindo Bob tocar a mesma melodia inúmeras vezes no piano. Tentou assistir ao noticiário da televisão ao lado de Michaeli, mas não suportou ouvir falar dos novos casos da doença e das tentativas de furar a quarentena. A cada hora morriam alguns dos infectados: até então, os muito idosos, mas isso não confortava Artur. Ele se sentia responsável pelas mortes.

Finalmente se recolheu ao quarto e se deitou. A caixa laqueada de vermelho ficou sobre a mesinha, perto do Atlas. Artur nem olhou para os objetos. Em vez disso, pegou o Limpador Noturno na palma da mão. O bichinho permaneceu imóvel, a não ser pelos momentos em que dava alguns passos, abaixava a cabeça e lhe mordiscava os dedos.

Até que, sem querer, Artur pegou no sono. Em um momento, estava acordado; no momento seguinte, tinha adormecido.

Adormecido! Os alarmes em seu cérebro soaram, enquanto ele se esforçava para abrir os olhos.

“E se já tiver passado da meia-noite? E se tiver de esperar um dia inteiro, até amanhã à noite? Mais gente vai morrer! Mamãe pode morrer!”

Artur acordou agitado, aos gritos. A escuridão era completa, a não ser pelo mostrador luminoso do relógio digital. Ele procurou ver as horas, ainda sem enxergar direito.

“São 23h56! Ainda dá tempo!”

Então, o garoto levou outro susto. Estava debaixo de uma colcha. Bob provavelmente o havia encontrado adormecido e o cobrira para evitar que sentisse frio. O Limpador Noturno tinha escapado de sua mão!

Artur pulou da cama, acendeu todas as luzes e sacudiu a colcha. O Limpador Noturno tinha de estar em algum lugar.

“E se Bob tivesse levado o cavalinho? E se Michaeli tivesse entrado no quarto?”

Então, Artur o viu, sobre a caixa do telefone. O Limpador Noturno também viu Artur e empinou-se, ansioso por lançar-se ao trabalho.

Artur soltou o suspiro mais longo de sua vida e pegou o cavalinho, que deu um passo atrás e relinchou animado.

Artur levou o Limpador Noturno para a janela. O bichinho ficou ainda mais inquieto ao ver o menino abrir a vidraça.

— Vá — comandou Artur suavemente, abrindo a palma da mão. O cavalo negro saltou na noite. Artur viu sua silhueta crescer contra o céu: crescer, crescer, crescer até seus cascos ficarem maiores do que a casa. Quando ele relinchou, o som foi de um trovão, que fez tremerem as janelas e vibrarem

as paredes. Ele descreveu um círculo no ar e mergulhou, provocando fortes lufadas de vento com o ar que saía de suas enormes narinas.

O vento jogou Artur de volta na cama. Fazia frio, mas um frio gostoso, revigorante. Ele se sentiu completamente acordado, cheio de disposição. Era a essência da vida, da energia pura, da alegria simples do movimento.

Artur voltou à janela a tempo de ver o Limpador Noturno galopar sobre a cidade; viu sua respiração renovadora agitar as folhas das árvores, balançar placas e fazer voar o que quer que estivesse solto pelas ruas. Por onde ele passava, os alarmes dos carros disparavam e as luzes piscavam.

O Limpador Noturno acordava tudo... e todos.

Artur ouviu o telefone tocar no andar de baixo. Quando correu para atender, encontrou Michaeli e Eric no corredor. Os três desceram as escadas aos pulos e rumaram para a sala de estar. Bob já estava lá, completamente vestido. O ar de preocupação que trazia se desfez quando ele pousou o fone no gancho, sorriu e falou para os filhos:

— Era Emily. Conseguiram identificar a estrutura genética.

O alívio era evidente em seus gestos e palavras.

— A vacina vai ficar pronta em alguns dias. Mas parece que o vírus é menos agressivo do que se pensou a princípio. Muitos doentes estão acordando.

Artur sorriu tranqüilo. Finalmente. Tudo acabado.

Então, ele ouviu outro toque de telefone. Como não houve reação alguma dos outros que estavam na sala, ele pensou que tivesse imaginado. Mas o som foi ficando mais alto, embora Bob, Michaeli e Eric não dessem mostras de escutar. Era um toque antigo, não um bip eletrônico, parecido com um som que Artur tinha ouvido na Casa...

O telefone na caixa laqueada de vermelho! Artur olhou para o relógio de parede. Com um estalo o ponteiro dos minutos se moveu um pouquinho. Passava um minuto da meia-noite.

Começava a terça-feira.

Sobre o Autor

Garth Nix nasceu em Melbourne, Austrália, num sábado. Foi também num sábado que ele se casou com sua editora, Anna. Portanto, sábado é um dia legal.

Garth costumava dedicar as tardes de domingo para a escrita, devido aos inúmeros afazeres que tinha a partir de segunda-feira. Entre suas ocupações, incluem-se: vendedor de livros, editor, consultor de relações públicas e agente literário.

Terça-feira sempre foi um dia de sorte para Garth. Foi numa terça-feira que ele recebeu um telegrama (no tempo em que ainda se usavam telegramas) avisando que seu primeiro conto tinha sido vendido; foi também nesse dia da semana que, mais recentemente, ele soube que seu romance *Abhorsen* (*Abhorsen e os Hemisférios de Prata*) estava na lista dos mais vendidos do *The New York Times*.

Quarta-feira pode ser sem graça em comparação com o dia anterior, mas tem sua importância: era nessas noites que Garth treinava como reservista do exército australiano. Quinta-feira é um dia especialmente memorável, porque Thomas, o filho de Garth e Anna, nasceu em uma tarde de quinta-feira. A sexta-feira é o dia preferido da maioria das pessoas, mas, desde que Garth se tornou escritor em tempo integral, esse dia deixou de marcar o fim da semana de trabalho.

Em qualquer dia da semana, Garth pode ser encontrado perto de Coogee Beach, em Sydney, onde vive com a família.

E no primeiro dia, havia mistério.